from the author of The Unearthly *and* The Vanishing Girl

THE **BARGAINER** SERIES **BOOK TWO**



a strange hymn

LAURA THALASSA

all

your

debts

must

be

repaid

@BOOKSUNFLOWERS



TRADUÇÃO: IASMIN
REVISÃO: BIANCA

Astrid, Pra você, o universo

“Somos todos igual ao sol brilhante, nós ainda temos nosso lado mais escuro.”

— Kahlil Gibran

Nyx poderosa veio, Nyx poderosa procurou, Tudo que ele pôde, Do seu lote escuro.

Na noite profunda, Seu reino ascendeu, Tenha cuidado, grande rei, Daquilo que cresce.

Fácil de conquistar, Fácil de coroar, Mas mesmo o mais forte, Pode ser derrubado.

Criado nas sombras, Criado na noite, Sua criança vai vim, E ascender por poder.

E você, o morto, Deve esperar e ver, Que outras coisas, Uma alma poder ser.

Um corpo para amaldiçoar, Um corpo para culpar, Um corpo a terra, Ainda não reivindicará.

Tenha cuidado o mortal, Abaixo do seu céu, Esmague o humano, Quem verá você morrer.

Duas vezes você ascenderá, Duas vezes você cairá, Para que você não possa, Mudar tudo.

Ou perecerá pela manhã, Perecerá ao amanhecer, O mundo acredita, Que você já se foi.

Então escureça seu coração, Meu rei das sombras, E veremos, O que a guerra trata.

— A Profecia da Nyx Galleghar

Capitulo 1

ASAS.

Eu tenho asas.

As penas negras iridescentes brilham sob as luzes escuras dos aposentos reais de Des, agora preto, agora verde, agora azul.

Asas.

Eu estou na frente de um dos espelhos dourados de Des, ambo horrorizada e paralisada pela visão. Mesmo dobrada, o topo das minhas asas está bem acima da minha cabeça e as pontas escovam a parte de trás das minhas panturrilhas nuas.

Claro, as asas não são a única coisa diferente em mim. Depois de um confronto particularmente desagradável com Karnon, o louco Rei da Fauna, agora também tenho antebraços escamosos e dedos com garras.

E essas são apenas as mudanças que você pode ver. Não há nada — exceto talvez o olhar ferido em meus olhos — que tenho que mostrar para todas aquelas partes de mim que foram alteradas de maneiras diferentes e mais fundamentais.

Passei a maior parte de uma década lutando contra a ideia de que eu era uma vítima. Eu fiz um ótimo trabalho antes de vir para o Outromundo. E então veio Karnon. Um pequeno arrepio passa por mim agora, enquanto eu me lembro.

Todas aquelas camadas de armadura que eu usei foram retiradas em uma semana de prisão, e eu não sei como lidar com isso.

Para ser sincera, eu realmente não *quero* lidar com isso.

Mas, por tão ruim quanto eu estava, o Mestre dos Animais piorou. Des vaporizou o cara tão completamente que tudo o que restou dele foi uma mancha de sangue nos restos de sua sala do trono.

Aparentemente, ninguém fode com a parceira do Rei da Noite.

Parceira.

Essa foi outra coisa que eu adquiri recentemente — uma *alma gêmea*. Estou ligada a Desmond Flynn, o Negociador, um dos criminosos mais procurados do mundo, e um dos feéricos mais poderosos aqui no Outromundo.

Mas mesmo isso — a parceria — é mais complicada do que parece.

Eu ainda tenho muitas perguntas sobre o nosso vínculo, como o fato de

que eu nunca soube que era sua alma gêmea até algumas semanas atrás. Outros sobrenaturais encontram esse tipo de coisa quando são adolescentes e suas magias Despertam.

Então, por que não aconteceu comigo?

Há também o fato de que a maioria das almas gêmeas podem sentir o vínculo que as conecta ao parceiro como se fosse uma coisa física.

Eu coloco a mão sobre o meu coração.

Eu não senti nada disso.

Tudo o que tenho é a palavra de Des de que somos almas gêmeas — isso e a dor doce em meus ossos que chama por ele e só por ele.

Eu solto minha mão do meu peito.

Por trás do meu reflexo, as estrelas brilham logo além das janelas arqueadas da suíte de Des no Outromundo. As lanternas penduradas oscilam e a luz cintilante capturada ao longo dos candelabros da parede diminuiu há um bom tempo.

Estou presa aqui no Reino da Noite.

Duvido que existam tantos sobrenaturais que se queixariam da minha situação — parceira de um rei, forçada a viver em um palácio — mas a verdade simples é que uma garota como eu não pode voltar à Terra com asas gigantescas projetando-se das costas dela.

Esse tipo de coisa não cairia bem.

Então, estou presa aqui, longe de meus amigos — tudo bem, *amiga* (mas, com toda justiça, a Temper tem o poder e a atitude de *pelo menos* duas pessoas) — em um lugar onde minha capacidade de encantar, conhecido como, seduzir, outros com minha a voz é essencialmente inútil. Fadas, como aprendi, não podem ser encantadas; minha magia é muito incompatível com as delas.

Para ser clara, isso não é uma via de mão dupla. Eles ainda podem usar seus poderes em mim; a pulseira no meu pulso é prova suficiente disso.

Meus olhos voltam para minhas asas, minhas asas estranhas e sobrenaturais.

— Você sabe, encara-las não vai fazê-las irem embora.

Eu sacudo com o som da voz sedosa de Desmond.

Ele se inclina contra a parede em um canto sombrio de seu quarto escuro, sua expressão irreverente, como de costume. Seu cabelo loiro branco emoldura seu rosto, e mesmo agora, mesmo quando estou tímida e exposta e estranhamente envergonhada de minha própria pele, meus dedos doem para passar por seus cabelos macios e puxá-lo para perto.

Ele não usa nada além de calças baixas, o torso musculoso e a manga de tatuagens em exibição. Meu coração acelera com a visão. Nós dois nos encaramos por um momento. Ele não faz um movimento para chegar mais perto, embora eu juro que ele quer. Eu posso ver isso em seus olhos prateados.

— Eu não pretendia te acordar — eu digo baixinho.

— Eu não me importo de ser acordado — diz ele, com os olhos

brilhando. Ele não se move do lugar.

— Há quanto tempo você está aí? — Pergunto.

Ele cruza os braços sobre o torso nu, cortando minha visão de seus peitorais.

— Pergunta melhor: há quanto tempo *você* está *aí*?

Tão típico de Des responder uma pergunta com uma pergunta.

Eu volto para o espelho. — Eu não consigo dormir.

Eu realmente não consigo. Não é a cama, e definitivamente não é o homem que a aquece. Toda vez que eu tento virar de bruços ou de costas, eu inevitavelmente rolo sobre uma asa e acordo.

Há também a pequena questão de o sol nunca nascer neste lugar. O Reino da Noite é perpetuamente lançado na escuridão enquanto atrai a noite através do céu. Nunca haverá um tempo em que o sol olhe para esta sala, então nunca poderei saber exatamente quando acordar.

Des desaparece de seu lugar contra a parede. Uma fração de segundo depois, ele aparece nas minhas costas.

Seus lábios escovam a ponta da minha orelha. — Há maneiras melhores de passar longas noites sem dormir — Des diz suavemente, uma das mãos dele descendo pelo meu braço.

Minha sirene se agita com suas palavras, minha pele assumindo um leve brilho.

Seus lábios roçam o lado do meu pescoço, e até mesmo o mais leve dos toques faz minha respiração engatar.

Mas então vejo meu reflexo e vejo as asas. O brilho deixa minha pele em um instante.

Des percebe o momento em que meu interesse diminui, afastando-se de mim como se ele nunca estivesse lá. E eu *odeio* isso. Eu posso sentir a distância entre nós. Eu não quero que ele me dê espaço, eu quero que ele me aproxime mais, me beije mais profundamente, me faça extinguir essa nova insegurança que eu tenho.

— Essas asas… — Eu começo a explicar, mas depois eu paro.

Des vem para a minha frente. — O que tem elas? — Ele pergunta, bloqueando minha visão do espelho.

Eu levanto meu queixo. — Elas ficariam no caminho.

Ele levanta uma sobrancelha. —No caminho de quê?

Como se ele não soubesse exatamente do que estamos dançando em volta.

— De jogar xadrez — eu digo sarcasticamente. — *Da*... *intimidade*.

Des olha para mim por alguns segundos, e em seguida, sua boca se enrola lentamente em um sorriso. É um sorriso cheio de truques e coisas maliciosas.

Ele se aproxima, apenas a largura de um fio de cabelo entre nossos rostos. — Querubim, te *asseguro*, suas asas não serão um problema. — Seu olhar mergulha em meus lábios. — Mas talvez sua mente ficaria mais tranquila com uma demonstração?

Com sua sugestão, chamas de luz sobem por minha pele, minha sirene imediatamente pronta para ir. Quaisquer que sejam as minhas inseguranças, ela não as compartilha.

Eu olho por cima do meu ombro, minhas asas e minhas preocupações voltam rugindo.

— Elas não são um grande empecilho?

No momento em que as palavras saem dos meus lábios, eu gostaria de poder pegá-las e empurrá-las de volta pela minha garganta.

A única coisa que eu odeio mais do que me sentir como uma vítima é arejar minhas inseguranças. Normalmente, toda aquela armadura emocional as esconde — às vezes tão profundamente que eu esqueço que elas estão lá — mas depois do que aconteceu com Karnon, essa armadura está destruída em pedaços sobre meus pés, e eu ainda não tive tempo ou vontade de remodelar um novo conjunto para mim. Estou horrivelmente crua e dolorosamente vulnerável.

Des levanta uma sobrancelha. Em suas costas, suas próprias asas, que eu não notei até agora, se expandem. A pele prateada e de couro delas se estica ao se estenderem para os lados dele, bloqueando a maior parte da sala.

— Você percebe que quase todas os faes têm asas?

Eu sei que elas têm. Mas *eu* nunca tive.

Eu seguro um antebraço. Na penumbra, as escamas douradas que cobrem meu braço do pulso ao cotovelo brilham como joias. Nas pontas de cada um dos meus dedos, minhas unhas negras brilham. Elas não estão afiadas no momento (graças ao tempo que passei as lixando meticulosamente), mas no segundo em que a minha sirene fica um pouco irritada, eles crescem novamente.

— Que tal isso? — Eu pergunto. — A maioria dos faes tem isso?

Ele aperta minha mão na sua. — Não importa, de um jeito ou de outro. Você é minha. — Des beija a palma da minha mão, e de alguma forma ele consegue fazer minhas inseguranças parecerem pequenas e mesquinhas.

Ele não solta minha mão e eu olho para as escamas.

— Elas nunca vão embora? — Eu pergunto.

Seu aperto aperta. — Você quer que elas vão embora?

Eu deveria saber essa voz dele agora. Eu deveria ouvir as notas de aviso nela, a cadência perigosa. Mas eu não ouço, estou muito consumida com minha própria auto piedade.

Eu encontro seus olhos. — *Sim*.

Eu entendo que estou sendo uma estraga-prazeres. Em vez de fazer limonada com limões, estou cortando os limões e os espremendo nos meus olhos.

Meu coração começa a acelerar enquanto ele pega uma das centenas de miçangas que ainda circulam meu pulso, cada uma com uma com um favor que eu ganhei há muito tempo.

Seus olhos se movem para os meus. — Verdade ou desafio?

O OLHAR DE DES CINTILA enquanto ele brinca com a miçanga no meu pulso, esperando pela minha resposta.

Verdade ou desafio?

Este é o joguinho que ele adora fazer como meu plano de pagamento. Para mim, parece menos o jogo que as meninas de dez anos jogam em festas de pijama e muito mais como a roleta russa com uma arma totalmente carregada.

Eu encaro o Negociador, seus olhos prateados tão estranhos e tão familiares.

Eu não respondo rápido o suficiente.

Ele dá no meu pulso o mais leve dos apertos. — *Desafio*, — ele diz por mim.

A parte de mim que gosta de sexo e violência treme de excitação, querendo o que for que Des tem para oferecer. O resto de mim está começando a pensar que eu deveria estar com medo pra caramba. Este é o mesmo homem que é conhecido por aqui como o Rei do Caos. Só porque somos parceiros não significa que ele vai pegar leve comigo. Ele ainda é o mesmo homem malvado que conheci a oito anos atrás.

Des sorri, a visão quase sinistra. Um momento depois, uma pilha de couros cai no chão ao meu lado. Eu olho para elas em silêncio, sem entender o que é que ele me desafiou.

Por tudo que eu sei, eu acabei de me foder.

Na verdade, estou quase certa de que me fodi.

— Vista-se, — diz Des, liberando meu pulso. — É hora de começar seu treinamento.

Capítulo 2

QUÃO DIFÍCIL é lutar contra um rei guerreiro sem o uso do meu encanto?

Realmente muito difícil.

O bastardo me desafiou a treinar com ele. E se isso parece vago, é porque ele queria que fosse.

Eu não sei o que estou fazendo, por que estou fazendo ou por quanto tempo estarei fazendo isso. Tudo o que sei é que horas atrás Des me deu roupa de couro e uma espada, e desde então, ele tem sistematicamente cutucado as roupas de couro de treinamento e tirado minha espada da minha mão.

Acima de nós, pequenos orbes de luz — fadas de luzes — brilham nas árvores que se arqueiam sobre o pátio real que está sendo usado como campo de treinamento. Elas pairam sobre a fonte gorgolejante e pontilham as sebes que nos rodeiam. Atrás delas, as estrelas brilham como diamantes, mais brilhantes e mais densas do que as que vi na Terra.

— Levante seu cotovelo, — Des diz pela milionésima vez, chamando minha atenção. Esta é apenas uma das suas muitas instruções...

— O ataque deve começar do seu ombro. O braço é meramente o seguidor.

— Mantenha seu centro de gravidade firme. Nada além de um golpe mortal deve fazer você perder o equilíbrio.

— Rápido, Callie. O que você não tem em circunferência você deve compensar em velocidade.

— Suas asas são uma vantagem, não uma desvantagem. Não deixe que elas te atrasem.

Des vem até mim de novo, e se eu já não estivesse intimidada por sua experiência, eu ficaria com o brilho predatório em seus olhos. Esse olhar só fica bom nele quando ele está prestes a fazer coisas sujas comigo. Caso contrário, é simplesmente aterrorizante.

Eu fracamente bloqueio um dos seus golpes, em seguida, luto de volta. O Negociador segue, um leve sorriso nos lábios — como se isso fosse realmente agradável.

Grr, treinar é uma merda.

Uma merda grande.

— Por que... por que estamos fazendo isso mesmo? — Eu suspiro.

— Você sabe porquê. — Ele rola seu pulso, balançando sua espada ao redor.

Enquanto isso, estou aqui, ainda ofegante como um cachorro. — Isso... não é uma resposta.

— Sua única arma - seu encanto - não funciona aqui no Outromundo, — diz ele, continuando a avançar. — Nenhuma parceira minha ficara indefesa.

Finalmente, uma resposta e, porra, é uma *boa* resposta. Eu não quero ficar indefesa também. Se ao menos o treinamento não fosse tão contundente, tanto para o meu corpo quanto para o meu ego.

— Quanto tempo... esta... tarefa vai durar? — Eu pergunto, ofegante enquanto eu me afasto para longe dele. Parece que faz dias desde que começamos.

— Você me disse que queria ser o pesadelo de alguém. — Des diz. — Eu vou parar de treiná-la quando sentir que você é.

Me ensina novamente como ser o pesadelo de alguém. Eu me lembro das palavras que eu disse há poucos dias atrás. Eu não imaginei que elas me levariam a isso.

... E então registro o resto do que ele está dizendo.

— Espere. — Eu paro de recuar. — Você quer me dizer que essa tarefa não acaba quando pararmos hoje?

Des corre até mim, sua espada golpeando a minha com a força de uma bigorna. Pela centésima vez, minha espada bate no chão.

E mais uma vez, eu sou trucidada.

A borda da lâmina do Negociador encontra minha garganta um momento depois. Nós dois olhamos um para o outro.

— Não, querubim, — diz ele. — Este é apenas o primeiro dia da tarefa.

Dane-se tudo para o inferno.

— Eu odeio treinar. — A pele do meu pescoço roça a borda da espada de Des enquanto eu falo.

— Se fosse divertido, mais pessoas fariam isso, — ele responde.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — O celibato não é tão divertido também, mas talvez faria algum bem pra *você,* — eu digo asperamente.

Sua expressão se ilumina com entusiasmo. Só esse fada louco acharia a ameaça emocionante. — Isso é...?

Alguém atrás de mim limpa a garganta. — Agora é um mau momento para me apresentar?

Eu dou um pulo com a nova voz, e apenas os movimentos rápidos de Des me impedem de cortar meu pescoço em sua arma. Ele deixa cair a espada e, relutantemente, tira os olhos dos meus.

Eu giro ao redor, observando o contorno de um homem a poucos metros de nós, seu corpo quase todo em volto de sombras.

Ao meu lado, o Negociador coloca a espada na bainha.

— Seu timing foi adequado como sempre, Malaki.

A fada sai das sombras.

A primeira coisa que noto é a estrutura cambaleante do homem. Ele e Des são quase da mesma altura e, como Des, ele parece ser feito inteiramente de músculo.

Sério, do que esses caras se alimentam? Eu pensei que fadas deveriam ser magras.

A segunda coisa que noto é o tapa-olho que cobre o olho esquerdo. Isso não é algo que você vê na terra. Espreitando das bordas do tapa-olho há uma cicatriz fina e profunda que corta sua sobrancelha e vai até sua bochecha. Sua pele é uma cor verde-oliva profunda tornando ainda mais impressionante o cabelo castanho-escuro.

— Eu pensei que poderia estar interrompendo alguma coisa - pelo menos, até que a senhorita mencionou o celibato. — O homem, Malaki, ri enquanto se aproxima, algo que faz com que a boca de Des se levante um pouco. —O poderoso rei finalmente está sendo levado a seus joelhos.

O olhar de Malaki se move de Des para mim, e eu vejo seu passo vacilar quando seus olhos passam por mim.

— Não admira que você esteja a escondendo, — diz ele, parando na frente de nós.

Eu olho entre os dois homens, sem saber se devo ficar ofendida ou não. De repente, estou dolorosamente ciente das minhas asas. Os couros de treinamento que estou suando dentro não ajudam.

— Ele não tem me escondido, — eu digo.

Autoconsciente ou não, não cheguei até aqui para permitir que alguém me faça sentir mal comigo mesma.

Mas, com base na maneira como Malaki continua a me encarar - não como se eu fosse uma aberração, mas como se eu fosse uma fascinante pintura a óleo - percebo que talvez eu deixe minhas próprias inseguranças tirarem o melhor de mim. Talvez um homem com um tapa-olho não pense imediatamente em degradar a aparência de outra pessoa.

Talvez suas palavras fossem realmente um elogio. Que chocante.

— Callie, — diz o Negociador, — este é Malaki, Senhor dos Sonhos, meu amigo mais antigo.

Amigo? Minha atenção se volta para Des, cuja expressão é guardada. Como eu não percebi que Des tinha amigos? Todo mundo tem amigos. Eu apenas nunca ouvi falar dele.

Não pela primeira vez, sinto que o homem ao meu lado é uma miragem. Eu tinha tanta certeza de que o vi claramente esse tempo todo, mas quanto mais me aproximo, menos aparente isso se torna.

— Malaki, — Des continua, seus olhos se demorando em mim por um segundo extra, como se ele pudesse ouvir exatamente o que eu estou pensando, — esta é Callypso, minha parceira.

Eu tenho a impressão de que Malaki quer me abraçar, mas ele pega minha mão. — Eu tenho esperado séculos para conhecê-la, — diz ele, se

inclinando o suficiente para pressionar a testa nas costas da minha mão.

Suas palavras cortaram todos os meus pensamentos confusos.

Eu lhe dou um olhar confuso quando ele se endireita.

— *Séculos?*

Ele olha para o Negociador. — Você não disse a ela...?

— Malaki, — Des corta, — o que é tão urgente que você teve que interromper nosso treinamento?

— Ele não me disse o quê? — Pergunto a Malaki.

Malaki lança um sorriso feroz para Des. — Oh, isso vai ser divertido, eu já posso dizer. — A fada começa a recuar.

— Desmond, você tem negócios urgentes a tratar na sala do trono.

O Rei da Noite acena, sua atenção se movendo para mim.

— Eu estarei lá em cinco minutos, — diz ele, com os olhos fixos nos meus. — Traga uma cadeira para Callypso. Ela vai se juntar a nós.

Me juntar a Des? Na sala do trono dele? Na frente de outras fadas?

Oh, *inferno,* não.

Eu levanto minhas mãos em protesto. — Uou, uou, uou...

Sinto a magia me dominar pela segunda vez hoje, e sei, sem nem verificar, que o Negociador pegou outra miçanga.

— A hora de se esconder acabou.

Capítulo 3

EU ESTRALO MEUS dedos nervosamente enquanto o Negociador me leva pelos corredores do palácio, com a mão na parte inferior das minhas costas. Acima de nós, os tetos são revestidos com azulejos pintados, e explosões de luz brilham nos candelabros que revestem as paredes.

A simples argola de bronze que Des usa como uma coroa atualmente adorna sua cabeça, e suas faixas de guerra agora são visíveis em seu braço, as três algemas são provas de seu valor na guerra. Como eu, ele usa roupas de couro e eu tento não olhar muito para o quão bom ele parece nelas.

Em vez disso, olho por cima do ombro para as asas de Des. Ele não as guardou o dia todo. Na verdade, desde que ele me recuperou da sala do trono de Karnon, eles estão quase sempre presentes. Mais de uma semana atrás, Temper me disse que as fadas do sexo masculino gostam de exibir suas asas em torno de suas parceiras.

Ele me pega olhando para elas e seus olhos brilham.

Apenas esse olhar está provocando todo tipo de respostas inadequadas, e tenho que me lembrar que esse cara forçou meu coração covarde a encarar não um, mas dois desafios desagradáveis hoje — treinamento e agora isso.

À nossa frente, Malaki e uma equipe de ajudantes reais e guardas vestidos de preto estão diante de uma porta inócua, claramente esperando por nós.

— Qual é a situação? — Des pergunta quando nós chegamos ao grupo.

— O último dos líderes da Fauna enviou um mensageiro, — diz um dos assessores.

— Ele está se recusando a dar sua mensagem para alguém além de você.

Só de ouvir uma menção do Fae da Fauna, o meu sangue gela. Eu sei que é injusto julgar um grupo inteiro de Faes com base nas ações de seu líder distorcido, mas a verdade é que eu não sofri apenas nas mãos de Karnon. Cada Fae da Fauna que me arrastou para e do seu rei, cada um deles que andou pela minha cela e não parou para ajudar, cada um deles que ajudou o louco — todos eles são culpados.

— Muito bem, — o Negociador diz ao meu lado, sua voz tão sedosa como sempre é, — vamos conhecer o mensageiro.

Começo a recuar porque não estou preparada para enfrentar um Fae da fauna agora, mas a mão firme de Des nas minhas costas me mantém no lugar.

Uma das fadas desliza pela porta e eu o ouço anunciar Des, e então, para meu crescente horror, ouço meu nome ser anunciado também.

Não tenho certeza se Des queria fazer isso, mas suas asas se abrem, curvando-se em volta de mim por vários segundos antes de voltarem.

Eu me sinto mais do que um pouco doente quando nós dois entramos na sala do trono.

Se eu não estivesse tão distraída com as minhas emoções, eu poderia me sentir intimidada pelo cômodo em si. O teto que se eleva acima de nós foi encantado para parecer o céu noturno. A câmara é iluminada por dois grandes candelabros de bronze e vários castiçais de parede, pequenas estrelas de luz brilhando de cada uma delas. Os pálidos muros de pedra são primorosamente esculpidos, e pequenos pedaços de azulejos coloridos cobrem a maioria deles, fazendo a sala parecer um grande mosaico.

A sala do trono de Desmond está atualmente repleta de dezenas e dezenas de fadas que cobrem as paredes ou espreitam de uma sacada no nível superior. Assim que elas nos veem, elas começam a bater palmas, o som me deixando mais no limite. Minhas asas se elevam com meus nervos, e eu tenho que respirar profundamente para me acalmar.

O trono de Des é feito de bronze martelado e equipado com almofadas de veludo azul profundo. Ao lado, alguém colocou um trono menor feito dos mesmos materiais.

Meu assento, percebo a princípio.

Mecanicamente, eu sento, minhas asas arqueando nas costas dele.

Esta sala está muito distante da sala do trono do Rei da Fauna, e ainda olhando para baixo a longa extensão ainda traz memórias indesejadas. Sem mencionar que este está cheio de público.

Apenas quando Des e eu estamos estabelecidos, o aplauso cessa. No silêncio que se segue, uma das fadas em atendimento pisa na frente do trono, curvando-se profundamente.

— Meu rei, um mensageiro da fauna está aqui para vê-lo. — A fada basicamente repete o que já ouvimos.

— Traga-os, — diz Des, sua voz crescendo.

Eu deslizo um olhar para o meu parceiro. De volta ao ensino médio, eu costumava imaginar todas as vidas que ele deve ter vivido quando ele não estava perto de mim, mas nunca imaginei isso. Mesmo depois de saber que ele era um rei, era muito difícil imaginar o astuto negociador como um governante benevolente. Mas agora ele usa o papel como uma segunda pele.

Uma estranha combinação de admiração e medo me atravessa. Admire

que pela primeira vez em oito longos anos, estou sendo deixada no mundo de Des. Ele está me mostrando coisas sobre ele mesmo que eu implorei para ele compartilhar no passado.

Mas então, há o medo que acompanha a maravilha. A única coisa verdadeiramente concreta que eu sei sobre o meu parceiro é que ele é um homem feito de segredos. E talvez pela primeira vez, eu esteja tendo uma certa ansiedade quando se trata exatamente do que são esses segredos.

No outro extremo da sala, as portas duplas arqueadas se abrem, arrastando minha atenção para longe de Des. Um homem com rabo de leão e juba é escoltado para o quarto.

Só de ver o Fae da Fauna me faz apertar o encosto de braços do meu trono. Um dos carcereiros que cuidavam da minha cela parecia semelhante, e está arrastando minha mente de volta para aquela prisão cavernosa com todos os seus horrores.

Eu sinto uma mão quente tomar a minha. Quando eu olho para o Negociador, ele está olhando para o nosso convidado, seu rosto em ângulos intransigentes, mesmo quando ele aperta minha mão. Eu não gostaria de estar recebendo esse olhar.

Eu relaxo apenas um pouco. O que quer que aconteça aqui, Des não deixará que o Fae da Fauna me toque. Eu posso sentir a ferocidade da devoção do Negociador até mesmo através do espaço que nos divide.

O Fae da Fauna avança pelo corredor carregando uma grande bolsa de couro. Ele não parece intimidado por Des. Se qualquer coisa, ele parece estar com toda agressão reprimida, sua cauda balançando para frente e para trás agitadamente.

— O Reino da Fauna tem uma mensagem para o Rei da Noite, — ele anuncia.

Até a voz dele é agressiva.

Eu pensei que isso me assustaria. Tudo sobre esse momento causou medo em meu coração. Mas ver este Fae da Fauna andar em direção a Des — em direção a *mim* — cheio de raiva ao invés de arrependimento...

Minhas unhas começam a se curvar de volta em garras.

Eu posso sentir minha sede de sangue subindo, a sirene sussurrando todos os tipos de pensamentos sombrios no fundo da minha mente.

Lembre-se do que o tipo dele fez conosco. Com aquelas mulheres.

Ele merece morrer.

Um corte rápido em sua garganta seria suficiente...

Eu empurro esses pensamentos para bem longe.

O Fae da Fauna chega ao final do corredor, a vários metros do palanque em que Des e eu nos sentamos. Em um movimento suave, ele joga a bolsa que ele carrega no chão na frente dele. Ela cai com um baque pesado e úmido, e quatro cabeças sangrentas e cortadas rolam para fora.

Eu quase caio do meu lugar. — Puta *merda*! — Minhas asas saem para fora, acidentalmente derrubando o soldado que está muito perto.

Sério, o que diabos tem de errado com esse mundo?

Ao meu redor, os súditos de Des ofegam, seus olhos fixos na visão de todas aquelas cabeças decapitadas.

E os mortos... os mortos parecem estar gritando, os olhos arregalados e as bocas escancaradas.

Os suspiros se transformam em gritos de vingança, e os soldados estão pegando suas armas. Estou ciente de que esta sala está a um minuto de distância de *acabar* com esse cara da Fauna.

O único que não está reagindo é Des, e isso deve me preocupar profundamente. Ele parece quase entediado enquanto olha para as cabeças decepadas.

Des levanta a mão e a sala cai em silêncio. Ele se senta contra seu trono, seu olhar se movendo para o Fae da Fauna que parece desafiador.

— Quem são eles? — Ele pergunta, sua voz ecoando por toda a sala.

— Os últimos diplomatas do Reino da Noite que estavam em nosso território, — responde o mensageiro com cauda de leão. — Nosso povo exige justiça pelo assassinato de nosso rei, pela destruição de nosso palácio e pela morte de todos os faes da Fauna que estavam presos dentro do castelo quando você o destruiu.

O Negociador sorri para isso.

Puta merda, se eu fosse aquele mensageiro, eu teria me molhado totalmente.

— Recuse-nos, e os Faes da Fauna não vão descansar até que todas os Faes do Reino da Noite em nosso reino tenham sido eliminados, — diz o mensageiro.

A multidão assobia seu descontentamento, e algo ondula através da sala, algo mais sombrio e mais insidioso do que a noite.

— Que tipo de justiça você exige? — Des pergunta, se inclinando para frente e colocando o queixo em seu punho.

— Exigimos que o Reino da Noite pague pela construção de um novo palácio e que o atual rei abdique de seu trono.

Certo, esse cara tem alguns sérios *colhões*, entrando neste lugar e afirmando na cara do Rei da Noite que ele se demita de sua posição.

Esse cara sabe que suas demandas certamente não serão levadas a sério?

Des fica parado, e você pode ouvir um alfinete cair, a sala está tão quieta. Ele desce as escadas, suas botas pesadas ecoando pelo corredor.

Eu achava que ele parecia majestoso há um momento?

Eu estava muito enganada.

Com o cabelo branco penteado para trás do rosto, os couros pretos de batalha curvando-se em torno de seus músculos definidos, e suas asas com ponta de garra dobradas nas costas, ele parece um príncipe sombrio do inferno.

Seus passos sinistros só param quando ele fica bem no meio da carnificina. Ele toca uma cabeça sangrenta com o pé.

Por alguns segundos, enquanto a sala espera com ansiedade, tudo o que ouvimos é o som escorregadio da carne morta quando a cabeça cortada rola sob a bota do Negociador.

— Você faz uma oferta impressionante, — Des finalmente diz, ainda olhando para os restos de seus diplomatas.

O mensageiro parece resoluto, só que agora sua cauda parou de sacudir para frente e para trás. Eu não posso imaginar o que está acontecendo em sua cabeça.

— Mas eu vou ter que recusar.

A voz de Des é como um gole de Johnny Walker depois de um longo dia. Tão suave que você mal sente o ardor.

O Fae da Fauna flexiona sua mandíbula. — Então espere por...

— Não. — O poder se agita para fora de Des. Instantaneamente, ele deixa o mensageiro de joelhos.

— Você vem aqui e coloca as cabeças decepadas dos meus diplomatas aos meus pés, — diz Des. Seu cabelo ondula um pouco com a força de suas palavras. — Então *você* exige justiça por um rei louco que sequestrou, torturou e aprisionou soldados - um homem que sequestrou, torturou e aprisionou *minha parceira*.

De repente, todos os olhares estão em mim. Minha pele queima com a atenção.

— E finalmente, — Des continua, olhando para a fada,
— você ameaça matar meu povo se eu não atender às suas exigências.

O mensageiro tenta falar, mas a magia de Des mantém seus lábios fechados.

O Negociador começa a circular o Fae da Fauna. — Você pelo menos *sabe* quem está sobre o meu comando? Eu domino os monstros da sua imaginação mais selvagem, criaturas feitas dos medos mais profundos das fadas. E eu tenho o respeito deles. — Des faz uma pausa nas costas do homem, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido. — Você sabe como eu ganhei o respeito deles?

O mensageiro olha por cima do ombro para o Negociador, com os lábios ainda fechados.

Meu coração começa a bater mais e mais rápido. Algo ruim está prestes a acontecer.

— Eu deixo que eles se deliciem com meus inimigos.

O mensageiro parece agitado, mas ele não está em pânico.

Des se endireita. — Traga o *pântano*.

Sua ordem é recebida com sussurros de medo. Fadas na plateia se mexem nervosamente.

Um minuto depois, uma porta lateral se abre na sala do trono.

No começo, nada acontece. Então, da porta, uma sombra desliza sobre a parede. As fadas mais próximas a ela gritam e se dispersam. Parece se expandir, crescendo cada vez mais, a forma de uma massa enorme e com chifres.

Céus me ajude, pelo jeito, parece o primo mutante de Karnon.

Eu continuo esperando para ver o monstro que o acompanha quando percebo que é *isso*. É só uma sombra, nada mais. Só que, quanto mais eu olho para ele, mais terrível parece. Pode não ter nenhum tipo de presença física, mas em algum nível profundo e primordial me apavora.

Ele desliza pela parede, perdendo sua forma enquanto se acumula no chão. O público mais próximo está praticamente atropelando um ao outro para se afastar, mas ele não lhes dá atenção. Em vez disso, ele se arrasta para o mensageiro.

O Fae da Fauna luta para se levantar quando o pântano se aproxima, mas seja qual for a mágica que Desmond tenha sobre ele, o deixa no lugar.

Agora o mensageiro está começando a mostrar os primeiros sinais de pânico. Meu palpite é que, o que quer que seja esse *pântano*, sua reputação o precede.

Des se afasta da fada.

— Espere, espere, — O mensageiro diz quando a criatura se aproxima dele. — Não vá.

Isso faz com que os lábios de Des se levantem, embora seus olhos estejam mais cruéis do que nunca.

Des cruel. Des sombrio. Eu estou pegando um vislumbre indescritível da fera atrás do homem.

O Fae da Fauna ainda está tentando se mover, mas é como se suas pernas estivessem coladas ao chão. — Eu faço um acordo, — diz ele, com os olhos presos a sombria criatura se dirigindo a seu caminho.

Eu faço um acordo.

Os ombros de Des endurecem diante da tentação, mas ele ignora a fada.

A criatura está a poucos metros de distância.

— Por favor*, qualquer coisa!*

Para uma fada que teve coragem suficiente para ameaçar um rei Fae em sua própria corte, ele com certeza é rápido a desmoronar. Eu não sei o que ele estava esperando que acontecesse. Des não se curva aos desejos de outras pessoas. Ele é a força que os contorce e esmaga. Eu já vi isso acontecer uma e outra vez com seus clientes.

O Negociador começa a andar em direção ao seu trono, com o rosto duro. Seus olhos encontram os meus, e eles piscam quando eles me estudam. Isso pode ser o mais próximo de arrependimento que ele deixa mostrar neste momento. E então o olhar se foi, e ele é feito de pedra mais uma vez.

Há uma escuridão neste homem e eu ainda tenho que me aprofundar em suas profundezas.

A sombra fecha a última distância do Fae da Fauna, movendo-se sobre seus pés. Os tornozelos do mensageiro começam a desaparecer, depois as pernas.

É quando os gritos começam.

Des sobe os degraus do seu trono e senta-se ao meu lado, enquanto o pântano continua a engolir o Fae.

Eu cavo minhas unhas no meu lugar enquanto ouço os gritos do homem. Eu tenho todos os motivos para apreciar a justiça deste momento, mas agora que o Fae da Fauna se parece menos com um vilão e mais com uma vítima, eu acho que não posso.

Eu não quero sentar aqui e assistir isso. É muito desumano, muito Fae, muito perverso. Tudo de uma vez, isso se torna demais.

Me levanto e, entre os gritos e os olhares, saio da sala.

Ninguém me para.

Capítulo 4

EU ESTOU DE PÉ na varanda conectada à suíte real de Des, o céu noturno brilhando acima de mim. Depois de deixar sua sala do trono, eu vaguei pelo terreno do palácio um pouco antes de finalmente encontrar meu caminho de volta para cá.

Muito abaixo de mim, posso distinguir fadas indo e vindo pelos jardins do palácio. Além deles está a cidade de Somnia.

Eu não sei há quanto tempo eu estou debruçada sobre o corrimão, vendo esse mundo terrivelmente estranho passar por mim. Tempo suficiente para eu questionar quase todas as decisões da minha vida que me levaram até aqui.

— Me diga querubim, eu te assusto?

Eu olho por cima do meu ombro. Des está no limiar da varanda, seus olhos predatórios reluzindo. Ele olha para mim como se eu fosse a perigosa aqui.

Eu não respondo de imediato, em vez disso, escolho simplesmente observá-lo. Ele sai para a varanda, ainda vestindo — como eu — seus couros de treinamento de antes.

Ele parece meio selvagem, o luar esculpindo seu rosto em formas sinistras. Parece que ele quer devorar minha alma.

Ele me assusta?

— Sim, — eu digo baixinho.

Apesar das minhas palavras, ele se aproxima. E eu estou feliz que ele fez isso. Me assustar não me impediu de querer ele. Nosso relacionamento foi forjado em derramamento de sangue e solidificado através de enganações. Eu sou a criatura das trevas que anseia por sexo e destruição, e ele é o rei disso.

Quando ele chega perto o suficiente, ele coloca uma mão na parte de trás do meu pescoço e puxa minha testa para a dele, não me beijando, mas simplesmente me segurando para ele.

— Verdade, — diz ele, — isso muda as coisas para você?

Eu sinto sua magia delicadamente se envolver em torno da minha traqueia. Sua pergunta é vaga, o que é tão diferente dele, mas mesmo assim eu entendo o que ele está perguntando.

— Não, — eu digo, minha voz rouca.

Talvez isso devesse mudar as coisas para mim. Parece que eu acabei de conceder um pouco da minha alma. Mas Des vem colecionando pedaços da minha alma desde a noite em que tirei a vida do meu pai. Eu não me importo, ele pode ter ela; eu sei que ele cuidará bem.

A postura de Des não muda, mas juro que sinto ele relaxar. Ele cheira a suor e a noite doce. Meu rei terrível. Meu misterioso parceiro.

Seu polegar acaricia minha bochecha e por vários segundos nenhum de nós fala.

Des cruel. Des sombrio. *Meu* Des.

— O que foi aquilo? — Eu finalmente pergunto.

— O pântano?

Eu aceno com a cabeça contra ele.

Ele se endireita, se afastando sem me soltar. — É um pesadelo consciente. Come fadas vivas, submetendo-as aos seus piores medos enquanto as digere.

Um estremecimento me percorre com o pensamento. — Isso é horrível.

É a sua vez de acenar com a cabeça, o rosto sombrio.

— É.

E, no entanto, isso não impediu que ele desencadeasse ele em um de seus inimigos.

Mesmo agora ele não parece arrependido.

Ele é uma fada. No que você achou que estava se metendo quando decidiu ficar com ele?

Eu corro meus dedos pelo meu cabelo, emocionalmente e fisicamente exausta.

Os couros de treino que eu tenho usado o dia todo estão pegajosos e irritantes em lugares que eles realmente não deveriam estar.

— Eu quero ir para casa, — eu digo.

Estou cansada das minhas asas e da noite perpétua. Estou cansada de estar cercada por monstros e me sentindo impotente contra eles. Acima de tudo, estou cansado de viver em um mundo que não tem Netflix.

Os olhos de Des se suavizam. — Eu sei.

— Você não ofereceu para me levar para casa. — Isso vem mais acusador do que eu quis dizer.

— Você não pediu, — ele responde tão bem como sempre.

— Se eu pedisse para você me levar para casa, você levaria?

A mandíbula do Negociador se aperta e, por um segundo, vejo algo estranho em seus olhos. Algo predatório e muito semelhante a Fae.

E então desaparece.

Ele concorda. — Eu levaria.

Nós dois ficamos em silêncio, e eu sei que ele está esperando por mim para pedir exatamente isso a ele — para me levar para casa. Se apenas querer pudesse fazer algo verdadeiro. Mas eu não posso sair, não como

eu estou agora. Se Des obedientemente me levasse de volta à terra, eu ainda seria um ser humano com asas, escamas e garras.

— Para onde vamos a partir daqui? — Pergunto, sem esperança.

A boca de Des se curva. — Você parece estar sob a impressão de que você ainda não me deve uma grande quantidade de favores...

É, tem isso.

— ...ou que você não seja minha parceira.

Tem isso também.

Ele pega minha mão e me leva de volta para dentro de seu quarto.

— Mas, não importa para onde vamos a partir daqui**,** eu diria que para começar você tome um banho.

Eu quebro meu primeiro sorriso da noite. — Olha quem está falando. — Eu juro que suor de homem é pelo menos duas vezes mais fedorento do que suor de mulher. Tenho certeza de que é um fato científico. Des libera minha mão. — Isso é um convite? — Ele pergunta, levantando uma sobrancelha.

— Você é o Senhor dos Segredos - acho que você pode descobrir isso por si mesmo, — eu digo.

Seus olhos brilham com malícia.

Enquanto ele olha para mim como se eu fosse o macaron mais delicioso que ele já colocou os olhos, eu levo uma mão até as minhas costas e patino inutilmente nos couros de treinamento que uso. Pelo que parece uma eternidade, eu tenho tentado soltar os laços que cruzam minhas costas e seguram o corpete de couro no lugar, mas eu não consigo alcançá-lo...

As mãos quentes de Des escovam as minhas, me virando e desamarrando os laços. Cada movimento dos dedos parece um beijo. De repente, meu coração está trovejando de novo, e o momento bem-humorado que estávamos tendo é substituído por algo que queima como brasas em um incêndio.

Meu corpete se solta, caindo no chão na minha frente, o ar acariciando meu torso exposto.

Des me vira de volta e coloca a mão sobre o meu coração, como se ele estivesse tentando capturar a batida dele por si mesmo.

Seu olhar se move para o meu. — Querubim, temos muito para colocar em dia.

Eu sinto suas palavras todo o caminho até a boca do meu estômago. Amor, romance - a coisa toda parece um buraco de coelho, e eu sou Alice, prestes a mergulhar nele.

Sua mão desliza para o meu pulso, e eu tensiono quando seus dedos rolam sobre o meu bracelete. O que ele vai pedir a mim agora? Mais treinamento? Algum ato sexual bizarro? Não vou mentir, tenho certeza que posso aceitar o último.

— Me diga algo sobre o seu passado, algo que eu não sei.

É claro que, no momento em que estou realmente ansiosa para

participar de um dos desafios de Des, ele me surpreende fazendo uma pergunta simples.

Um segundo depois, percebo que a magia do Negociador não me prende como costuma acontecer. Ele não pegou uma miçanga. Ele só quer saber um pouco mais sobre mim... enquanto eu estou aqui, exposta em seus aposentos.

— Hmmm, o que você quer saber?

Eu levanto minhas mãos, escondendo meus seios dele. Eu aspiro um dia não ter a vergonha de ter conversas topless com Des... mas esse dia não é hoje.

— Como você e Temper se conheceram? — Ele pergunta.

Isso é o que ele quer saber? Agora?

Ele me lê como um livro. — Você acha que eu estou preocupado em perder uma oportunidade de fazer amor com você?

Essas palavras vão direto ao meu núcleo.

Seus olhos mergulham para onde eu cubro meus seios, e ele abaixa a voz. — Eu não estou.

Eu estreito meus olhos com sua arrogância.

Ele dá um passo para frente, para o meu espaço, e é tudo que posso fazer para não recuar. Des ainda é esmagador, ainda uma força a ser reconhecida. — Eu sabia quem você era na noite em que deixei você, Callie, e estou aprendendo sobre quem você é agora, mas eu quero saber sobre tudo o que aconteceu durante aqueles sete anos que eu perdi você.

Isso faz a minha respiração falhar enquanto olho para ele. Somos amantes e velhos amigos e estranhos de uma só vez.

Ele está absolutamente certo, há muito o que temos que pôr em dia. Coisas que nenhuma quantidade de intimidade física compensará. E é isso que ele quer de mim.

— Eu conheci Temper no último ano na Academia Peel, — eu digo, minha mente correndo de volta para o último ano no meu internato sobrenatural. Esse foi um período difícil. Eu tinha perdido Des apenas meses antes, e eu me encontrei sem amigos e sem família. A única coisa que tive em abundância era o coração partido.

— Era o primeiro dia de volta, e eu não estava sentada ao lado de ninguém na minha aula de moralidade da magia quando ela se sentou ao meu lado. E então ela começou a falar comigo. — Ela falou comigo como se já fôssemos amigas, e eu ainda não tinha recebido o memorando. — Foi a primeira vez desde que você se foi que outro estudante tentou fazer amizade comigo.

Não dói tanto, admitir para Des que eu já fui uma pária social.

Isso, ele já sabia.

Quanto à minha amizade com Temper, foi só mais tarde que descobri o quanto tinha sido difícil para ela se sentar ao meu lado e se colocar lá fora.

Ela sabia o suficiente sobre mim para saber que eu não tinha amigos,

algo que nós duas tínhamos em comum.

Demorei semanas para aprender que as pessoas evitavam Temper ainda mais do que me evitavam, em grande parte por causa do tipo de sobrenatural que ela era. Claro, considerando meu próprio passado conturbado, a infâmia de Temper só me fez gostar mais dela.

— Desde então, — digo — somos inseparáveis.

Falar sobre Temper só me faz sentir mais falta dela. Os últimos sete anos podem ter sido um abismo quando se tratava da minha vida amorosa, mas não quando se tratava de todo o resto, e isso foi em grande parte graças a Temper. Ela tem que estar ficando louca agora, imaginando onde eu estou.

Eu empurro minhas preocupações para longe. — Como você conheceu Malaki? — Eu pergunto, girando o assunto de mim para ele.

Eu não tenho certeza se Des irá responder. Ele nunca responde a essas coisas.

Ele olha para mim, parado tão perto que eu posso sentir o calor do seu corpo.

— Você pode soltar meus couros? — Pergunta ele, em vez de responder.

Eu murcho com sua resposta. Eu não deveria estar desapontada. Des já me mostrou muito mais de si mesmo do que jamais pensei que faria.

Pressionando meus lábios juntos, eu aceno.

Ele se vira, suas asas de aparência perversa ainda estão de fora.

Minhas mãos encontram os laços que seguram a armadura de couro em suas costas. Um por um, começo a soltá-los.

— Eu conheci Malaki quando eu era adolescente, — ele começa hesitante.

Meus dedos param por um segundo.

— Naquela época eu tinha… me perdido, — continua ele. — Eu me encontrei em Barbos, a Cidade dos Ladrões, sem um centavo em meu nome.

Eu inclino minha cabeça, deixando um pequeno sorriso sair antes de retomar a abertura das amarras.

— Isso foi na época em que me juntei aos Anjos da Pequena Morte, — diz ele.

— A gangue, — eu digo, lembrando a explicação que ele me deu para sua manga de tatuagens.

— *Irmandade*, — ele corrige por cima do ombro. Ele respira fundo. — Malaki era outro membro. Ele era vários anos mais velho que eu, mas ainda era a fada mais próxima da minha idade.

Eu posso dizer que trazer essas memórias de volta é difícil para ele. Sua mente é uma armadilha de aço. As coisas entram e elas não saem.

— Viver no limite como nós vivíamos, — continua Des, — nos aproximou um do outro. Ele salvou minha vida antes e eu salvei a dele.

Eu solto o último dos laços nas costas de Des, e o couro desliza para

fora dele. Assim como eu, ele está nu da cintura para cima. Eu acho que essa é a nossa estranha versão de Mostre e Conte — mostre um pouco de pele, conte um segredo.

Ele se vira para me encarar, seu peito nu. — Ele é meu irmão em todos os aspectos, menos em sangue.

Eu encontro seus olhos. É raro eu ver Des desnudado assim. Como eu, ele passou anos construindo armaduras em torno de si... e agora está saindo. Ele não é mais o rei aterrorizante, ou o escorregadio Negociador.

Agora, ele é apenas meu Des.

— Há quanto tempo você o conhece? — Eu pergunto.

Ele faz uma pausa.

— Tempo suficiente, — ele finalmente diz.

Eu sei o suficiente sobre fadas para saber que *tempo suficiente* pode significar tanto séculos quanto décadas. E o comentário que Malaki fez antes...

Eu tenho esperado séculos para te conhecer.

Eu inclino minha cabeça para o lado. — Você é realmente muito velho, não é?

Um sorriso astuto se arrasta ao longo do rosto de Des.

— Eu posso responder isso, mas vai lhe custar.

Eu não preciso comprar um favor para saber que o cara deve ser velho.

Eu começo a me afastar dele, indo em direção ao banheiro.

— Deixa para próxima... vovô.

Eu só tenho tempo para ver o seu sorriso aumentar, e então ele está me pegando, me jogando por cima do ombro.

— Coisa impertinente, — diz ele, batendo na minha bunda.

Eu grito, então começo a rir. — Não admira que o seu cabelo seja tão branco. Há quantos séculos atrás ele perdeu a cor?

Eu posso sentir o riso ríspido de Des sacudindo seus ombros.

— Vou deixar você saber que manteve a cor até o dia em que te conheci, — diz ele.

Ele nos leva ao banheiro. Quando ele faz isso, sinto minhas botas se soltarem dos meus pés, batendo no chão. Minha calça e calcinha vão em seguida.

— *Des!* — Agora, quase toda polegada da minha pele nua está pressionada firmemente contra a dele.

— *Callie*. — Ele imita meu tom.

— O que você está fazendo?

Sua mão acaricia minha coxa. — Despindo minha rainha.

Isso me para completamente.

Oh Deus, *sua rainha.*

— Des, você não quis dizer isso, não é? — Porque - não. Não, não, não.

Eu estou apenas me acostumando com a ideia sermos um *nós*. Qualquer coisa mais está além do que eu posso suportar.

— Foi uma mudança de frase, — diz ele suavemente. — Se você

preferir, eu te chamo de copeira...

Eu bato nas costas dele, o que só faz ele rir de novo. O som de sua risada me faz relaxar novamente. Apenas uma mudança de frase.

Enquanto ele me carrega, suas próprias calças deslizam para fora de seus quadris e para baixo em seus tornozelos.

Graciosamente, ele sai delas.

E agora estamos ambos nus.

À nossa frente, a grande torneira da banheira liga.

Ele pisa na banheira gigante, me colocando cuidadosamente de pé. Por um momento, eu olho para minha alma gêmea, seu rosto tão dolorosamente adorável quanto a primeira vez que eu coloquei os olhos nele, seu cabelo branco solto. Sua coroa e faixas de guerra sumiram, e o único adorno que ele usa é a tinta que percorre seu braço.

Sem roupas, Des é ainda mais atraente, seu torso largo, grandes cordas de músculos em torno dele.

Enquanto eu estudo ele, ele me absorve, seus olhos se movem para os meus seios, depois para baixo, para a minha cintura e quadris.

Ele chega perto, inclinando meu queixo para cima. — Eu quero ser bom nisso, querubim. Em nós.

Eu estendo a mão e passo a mão por sua manga de tatuagens, meu dedo se demorando sobre as lágrimas cobertas em sua pele. — Eu também.

Por alguns segundos, o único som é o borrifo de água que enche a banheira em que estamos. Então, fora do silêncio próximo, "Stairway to Heaven" de Led Zeppelin vem, a música enchendo o banheiro.

Assim que eu olho em volta para os alto-falantes fantasmas que devem estar tocando a música, eu vejo uma bandeja de madeira polida descansando ao lado da banheira, nela uma caneca fumegante de café, um expresso (em uma xícara incrivelmente pequena) e um prato de macarons. É o nosso pedido habitual no Douglas Café.

E por qualquer motivo, isso me afeta.

Eu tomo uma respiração instável e rio, embora saia mais como um soluço. — Pare com isso, — eu digo, minha voz suave e áspera, tudo ao mesmo tempo.

Mas ao invés de parar, Des me puxa para perto, seus bonitos, bonitos músculos pressionados contra minhas curvas suaves.

Ele se inclina, seus lábios a distância de um fio de cabelo dos meus lábios. — Nunca.

Capítulo 5

DES É UM ROMÂNTICO.

Ugh.

Isso não é o que meu coração precisava. Não há como voltar atrás neste momento, mas mesmo assim. Fere um pouco o meu ego saber com que facilidade posso me desfazer por alguns gestos pensativos.

Perto de uma hora depois que nós dois entramos na banheira, eu saí dela, meu estômago cheio de macarons e café enquanto eu me seco. Eu assisto Des - com asas e tudo - quando ele sai do banheiro, com uma toalha enrolada na cintura.

Uma vez que ele chega ao lado mais distante da cama, sua toalha cai no chão, e virgens e santos sagrados, esse traseiro é *tudo*.

Eu enrolo minha própria toalha o melhor que posso em torno de mim, acidentalmente arrancando algumas das minhas penas no processo, meus olhos fixos no Negociador. Eu estou totalmente checando este homem agora e eu tenho zero arrependimentos.

Ele olha por cima do ombro para mim, seu cabelo pálido penteado para trás. Eu deveria estar com vergonha que ele me pegou o cobiçando descaradamente, mas sua própria expressão se aquece com o que ele vê na minha.

Nós ainda não fizemos nada juntos — fora beber café expresso nu e comer macarons — e a necessidade de corrigir essa situação está começando a crescer.

Eu seco meu cabelo enquanto entro em seu quarto, as lanternas penduradas acima de nós brilhando suavemente.

Estou prestes a ir para o armário de luxo já abastecido com um milhão de roupas de fadas para mim, quando Des vai até uma gaveta perto da cama e me joga uma peça de roupa preta. Eu pego, o material macio sob as pontas dos meus dedos.

— O que é isso? — Eu pergunto.

— Um prêmio de concessão. É a próxima melhor coisa na terra que posso te dar.

Eu franzo minhas sobrancelhas.

Ele acena para a peça de roupa na minha mão, e relutantemente eu tiro

meu olhar dele para abrir o material desbotado.

Um enorme sorriso se espalha pelo meu rosto quando vejo os lábios gigantes e a língua impressa na camiseta desbotada. É uma das camisas antigas do Rolling Stone do Des.

— Estou emprestando isso para você, — diz ele.

— *Emprestando*? — Eu digo, levantando as sobrancelhas.

Des coloca calças soltas. — Só porque eu amo você não significa que vou dar a você um dos meus bens mais valiosos.

Ele acabou de oficializar: agora pretendo manter essa camisa.

Tomando a sugestão de Des, deixei minha toalha cair no chão e arrastei a camisa sobre meus ombros. Meu humor leve desaparece no momento em que a bainha da camisa entra em contato com minhas asas.

Eu esqueci tudo sobre elas. Agora que eu tenho asas, eu não posso simplesmente puxar roupas sobre meus ombros.

Antes que eu possa pensar em me dar uma festa de pena, o material macio da camiseta, que estava amontoado logo acima das minhas articulações, agora escorrega pelas minhas costas como se não houvesse nenhum obstáculo no caminho, a bainha da camisa caindo para o meio da minha coxa.

Minha cabeça dispara para Des, que está sorrindo um pouco. — Como você...?

— Mágica, amor.

Eu levo uma mão as minhas costas, sentindo onde minhas asas se conectam às minhas costas. As bordas da camisa se dividiram em volta dos meus ossos das asas.

Estou tão focada na logística da camisa do Des que não vejo como ele me encara. Não é até que ele desapareça, reaparecendo ao meu lado, que eu tomo conhecimento.

Ele passa os dedos na bainha da camisa. — Isso fica bem em você.

Eu congelo.

Des está cheio de segundas intenções. Seus olhos se movem para os meus. Nós somos apenas mariposas circulando uma chama.

E é bem agora que um bocejo me escapa.

Pior - momento - do mundo.

Eu não estou cansada - quer dizer, eu estou - tem sido um longo dia, desde acordar cedo até a sessão de treinamento de uma hora, até assistir a um homem ser comido por um pesadelo vivo - mas eu não estou cansada o suficiente para perder isso.

Os olhos de Des caem para minha boca. Seja qual for a paixão que tomou conta dele a mais de um momento atrás, ele o esconde.

Eu quero chorar quando o vejo escorregar a máscara respeitosa que ele costumava usar quando eu estava no ensino médio. Apesar de todas as suas tendências perversas, ele pode ser surpreendentemente cavalheiresco.

Ele puxa a borda da minha camisa. — Ainda não terminamos com isso,

— ele diz, sua voz ainda rouca com promessas de sexo.

Ele me arrasta para a cama, e eu quase acho que o homem não foi detido pelo meu bocejo.

As asas de Des desaparecem para que ele possa rolar de costas. Um momento depois, ele me puxa, metade em seu peito. O jeito que ele me segura... o cara definitivamente deixou de ficar excitado no momento.

Eu provavelmente poderia fazê-lo reconsiderar, mas, maldição, literalmente, pode não haver nada mais confortável do que estar enrolada contra Des.

— Me conte um segredo, — eu sussurro.

— Outro? — Ele parece tão legitimamente confuso que eu rio.

Eu nem me lembro do último segredo que ele me contou - era sobre sua amizade com Malaki?

— Sim, outro, — eu digo.

Ele geme e me puxa com mais força. — Tudo bem, mas só porque gosto de você.

Eu sorrio um pouco contra ele.

Não posso acreditar que pedi a ele realmente funcionou.

Des alisa as minhas penas. — A única coisa que eu não gosto em suas asas é que elas escondem sua bunda - e eu *realmente* gosto da sua bunda.

O quarto fica em silêncio por três segundos e eu não consigo conter minha risada.

— *Des*, isso *não* é o que eu quis dizer quando pedi um segredo.

— E mesmo assim você recebeu um segredo. Considere-se favorecida.

Ele aperta meu traseiro para dar ênfase, e eu solto um pequeno grito, o que faz ele rir. E essa risada ríspida leva ao beijo... muitos e muitos beijos lânguidos e deliciosos.

Quando finalmente me solto, coloco minha cabeça contra o peito dele. O quarto cai em silêncio, o único som do baque do coração de Des embaixo do meu ouvido. Eu fecho meus olhos.

Eu posso me acostumar com isso.

Que pensamento aterrorizante.

— Por dois séculos você tem sido nada além de um sussurro de uma possibilidade, — Des diz, quebrando o silêncio. — E então eu conheci você. — Ele faz uma pausa, como se uma história inteira começasse e terminasse com essa frase. Como se a vida fosse uma coisa antes de ele me conhecer, e se tornou outra coisa depois.

É o suficiente para me fazer ignorar o fato de que ele admitiu ter mais de dois séculos de idade.

— Você era tudo que eu nunca soube que queria. Você era o caos. Você era o desespero. Você era o segredo mais misterioso que eu já encontrei. Tudo sobre você me atraiu - sua inocência, sua vulnerabilidade, inferno, até mesmo sua vida trágica. Você foi a criatura mais cativante que eu já encontrei.

Minha garganta trabalha com suas palavras. Há uma gravidade não

apenas no *que* ele está dizendo, mas no fato de que ele está dizendo tudo. Eu pedi um segredo e ele me deu uma revelação, algo que eu posso segurar perto do meu coração tarde da noite.

— Sete anos separados, — continua ele, — e a mulher que você se tornou está um mundo distante da garota que conheci. — Ele inclina minha cabeça para que ele possa me olhar nos olhos. — Isso só me fez querer você mais. Você é era o velho e novo ao mesmo tempo, familiar e exótico, ao alcance e proibido. E eu te queria tanto por tanto tempo que tinha certeza que iria me matar.

— E quando eu olho para você, até mesmo agora - *especialmente agora* - vejo uma simples verdade.

Ele para de falar.

Eu sento um pouco. — Qual é a verdade?

Na escuridão, posso vê-lo olhando para mim. — Você é mágica, amor.

Capítulo 6

HÁ SANGUE EM TODOS OS LUGARES. No meu cabelo, na minha pele, salpicado em torno de onde eu estava. Eu empurro meu tronco para cima do chão, olhando ao meu redor.

Não.

Não este lugar.

De novo não.

Eu pego as folhas apodrecidas que cobrem o chão, as videiras mortas que sobem as paredes da sala comprida e a cadeira de ossos que se destaca entre todos.

A sala do trono de Karnon.

— *Lindo, lindo pássaro.*

Meu sangue corre frio com a voz nas minhas costas.

Não pode ser.

O rei da fauna está *morto*.

— Você gosta de suas asas?

Mas essa voz...

Um arrepio percorre minha espinha.

A voz de Karnon é profunda e áspera, assim como eu me lembro.

Folhas rangem sob seus pés quando ele vem para a minha frente.

Primeiro vejo seus chifres tortuosos, depois seus estranhos olhos loucos e cabelos selvagens.

Deus, *é* ele.

— Agora você é uma fera como o resto de nós.

Eu aperto meus olhos fechados. Ele está *morto*.

— Você nunca será livre, — diz ele... só que, a voz de Karnon não é mais sua. É outra voz que conheço muito bem.

Meus olhos se abrem e eu olho para o meu padrasto. O mesmo homem que matei acidentalmente oito anos atrás. Por que esses fantasmas voltam para me assombrar?

Eu só tenho segundos para olhar para ele antes que o quarto escureça.

O ar se desloca para a minha esquerda, mexendo no meu cabelo. Eu olho para cima, mas eu posso muito bem estar cega, a escuridão é completa.

Na nuca, sinto a respiração de alguém tão perto que eles devem estar debruçados sobre mim, mas quando giro e estendo a mão, minha mão apenas agarra o ar.

No escuro, ouço o eco da risada, levantando o arrepio ao longo do meu braço.

Em resposta ao meu medo, minha sirene sai, fazendo minha pele brilhar suavemente.

— Quem está aí? — Eu grito.

— Segredos são destinados para uma alma manter, — a voz de uma mulher soa, vindo de todos os lugares e de nenhum lugar de uma vez.

— Quem é você?

— Ele está vindo para você. — Desta vez, é uma voz de criança que fala da escuridão.

— Quem? — Eu digo.

Karnon está *morto*.

O riso ecoa ao meu redor, ficando cada vez mais alto. Nele eu posso ouvir a voz da mulher, da criança, do rei da Fauna e do meu padrasto. Eu posso ouvir eles e tantos outros rindo de mim.

De uma vez, tudo cessa.

— *Quem*? — Eu repito.

O ar ressoa como um trovão, se espessando à medida que alguma magia forte se constrói e constrói, reunindo poder. Com uma rachadura, uma voz estrondosa rompe a magia — Eu.

EU ENGASGO, ME ACORDANDO. Meus olhos arregalados olham para os apertados de Des. Suas mãos seguram meu rosto, seu olhar preocupado procura minha expressão.

Esse sonho parecia muito real. Meu padrasto e Karnon estão mortos e se foram, e ainda em noites como esta, é como se nunca tivessem morrido.

Eu sugo o ar, meu peito subindo e descendo rápido demais.

É claro que aqueles homens maus apenas estrelaram uma parte do sonho. Havia outras presenças igualmente arrepiantes me chamando da escuridão. Intuitivamente, eu sei a quem eles pertencem — as mulheres adormecidas e seus filhos antinaturais.

E então havia aquela voz final... eu não sei o que fazer com isso.

Sua testa se franze, e Des me beija ferozmente. Tão rápido quanto começa, acaba.

—Você não acordava, — diz ele.

Eu tremo. Pode ter sido apenas um sonho, mas a verdade é que as mulheres guerreiras ainda dormem e os soldados masculinos ainda estão desaparecidos. Karnon pode estar morto, mas seu trabalho não.

Eu olho nos olhos de Des. — Eu quero ver as crianças do caixão novamente.

PELA SEGUNDA VEZ NA MINHA VIDA, de boa vontade, vou visitar os monstrinhos que as soldadas adormecidas deram à luz. Eu poderia muito bem ser a mulher mais estúpida por procurá-los novamente. Mas há algo que tenho que ver.

— Me lembre novamente por que eu concordei com isso? — Des diz ao meu lado, ecoando meus pensamentos.

Hoje, Des veste a camiseta e a calça preta combinando que estou tão acostumado a vê-lo, com o cabelo preso com uma tanga de couro e a manga de tatuagens em exibição. Ele parece de mau humor como o inferno, provavelmente porque ele não está exatamente feliz por estar me trazendo de volta para a creche real.

— Eu estou ajudando você a resolver este mistério, — eu digo, indo pelo corredor.

Ele não diz nada quanto a isso, mas um músculo em sua mandíbula se aperta. Eu posso sentir isso, baixo na minha barriga, o medo de que o que aconteceu comigo e com aquelas mulheres não foi o fim disso. A morte deveria acabar com a magia — até mesmo a magia Fae. Essa é uma regra que é a mesma aqui e na terra.

Quando entramos no berçário, uma onda de déjà vu passa sobre mim. Muitas das crianças mais novas jazem em berços ou camas, estranhamente imóveis, e as mais velhas ficam do outro lado da sala, olhando para as grandes janelas. É quase idêntico a como as encontrei antes.

A única coisa diferente no berçário é que mais camas e berços foram trazidos, tudo para acomodar o fluxo de crianças que vieram da prisão de Karnon.

Eu tento não estremecer quando olho para as crianças. Elas eram assustadoras antes, quando eles eram simplesmente crianças estranhas que bebiam sangue e profetizavam, mas agora sabendo como elas foram concebidas... O horror toma conta de mim novamente.

Mesmo depois que a enfermeira nos anuncia para as crianças, nenhuma delas se mexe.

O cabelo ao longo dos meus braços começa a subir.

Há algo profundamente inquietante nessas crianças, neste lugar.

Respirando fundo, eu vou em direção à janela. Des está bem ao meu lado, suas botas pesadas tinindo a cada passo, sua mandíbula apertada.

— Você voltou, — diz uma das crianças, de costas para mim Eu hesito por um momento antes de me recompor. — Eu voltei.

— Você não deveria, — diz outra.

Eu esqueci que essas crianças agem como uma única unidade.

Como uma, elas se viram, me observando com olhos cautelosos quando me aproximo delas.

Des caminha na minha frente e ouço vários deles assobiando para ele.

— Qualquer um de vocês que tocar na minha parceira como da última vez, — diz ele, falando sobre seus assobios,

— vai ser banido.

Surpreendentemente, a ameaça funciona e seus assobios morrem.

Eu pego o olhar de Des enquanto ele se afasta, e eu dou a ele uma olhada. Ameaçar crianças, mesmo as assustadoras, não é aceitável.

Ele desafia o meu olhar com um de seus próprios.

Tudo bem. Banimento será.

As crianças dividem sua atenção entre assistir Des cegamente e astutamente me estudar.

Eu me agacho em frente à criança mais próxima, uma garota com cabelo vermelho flamejante, meus olhos vasculhando suas feições. Sem chifres, sem garras, sem pupilas dilatadas. Ela não se parece nada com Karnon, exceto pelas presas que ela deve ter para beber sangue.

— Escravos vivem vidas tão pequenas, — ela me diz enquanto a avalio.

Escravos, a classificação oficial da maioria dos humanos que vivem no Outromundo.

Já ouviu falar dessas histórias de bebês humanos sendo trocados por changelings Fae? Você já se perguntou o que aconteceu com todos aqueles bebês humanos? *Escravidão* é o que acontece com eles.

O Reino da Noite acabou com a prática ilegal há algum tempo, mas os outros reinos ainda permitem isso.

— Por que você diz isso? — Pergunto à garota, tentando esconder o fato de que estou muito assustada.

— Eles são sujos e fracos e feios, — diz o garoto ao lado dela.

Estou bem ciente do fato de que, aos olhos das crianças, eu sou uma das *escravas* que elas estão degradando.

Com o canto do olho, vejo sombras finas e onduladas se formando nas bordas da sala, uma indicação clara da crescente raiva de Des.

Eu me concentro no garoto. — Quem te disse isso?

— Meu pai, — ele responde. Sua boca se curva em um pequeno sorriso secreto. — Ele está vindo para você.

Eu me endireito, dando um passo para trás, meus olhos colados no rosto dele. Eu posso ouvir o sangue correndo entre as minhas orelhas.

Isso são apenas palavras. Elas não significam nada.

Mas meus ossos acreditam que eles significam alguma coisa. Assim como meus instintos. Como essa pequena voz na parte de trás da minha cabeça. Eles estão todos me dizendo o que eu temia no momento em que acordei daquele pesadelo: não acabou.

Sinto a mão de Des no meu estômago, gentilmente me afastando das crianças. Atordoadamente, deixo que ele faça isso, o tempo todo eu olho para o menino. Ele e o resto das crianças nos seguem com os olhos, e eu tenho a nítida impressão de que eles estão me olhando da mesma maneira que os predadores olham para as presas. Finalmente, eu me afasto do garoto, indo direto para a saída.

Eu posso me sentir tremendo. Que absurdo, uma criança me assustando tanto.

Des e eu estamos prestes a chegar à porta quando ouço a voz do garoto nas minhas costas. — Esses são tempos sombrios.

Minhas asas ficam tensas, indo para cima, e graças a Deus o castelo é cheio de grandes portas, do contrário eu estaria lutando com minhas asas desajeitadas para sair daquele quarto.

Assim que a porta se fecha atrás de mim, eu solto uma respiração trêmula.

Como esse menino sabia que era para dizer essa frase? É a mesma frase que ouvi sussurrada no ar quando visitei as mulheres adormecidas semanas atrás.

— Karnon está morto, — diz Des.

Eu concordo. — Eu sei. — Eu corro a mão sobre a minha boca.

Meu medo não diminui. Na verdade, cresce. O problema é que eu não vim ver essas crianças porque eu temia que Karnon estivesse vivo.

Eu vim aqui por outro motivo.

— Todas os Faes da Fauna têm características de animais? — Eu pergunto quando saímos do berçário.

Meus carcereiros tinham características de animais. Assim como Karnon. Assim como o infeliz mensageiro da Fauna que vi ontem.

Des para. — A maioria tem.

— E os filhos de Karnon? — Eu digo. — Eles compartilham suas características?

A boca do Negociador se aperta. — Pelo menos alguns deles, sim.

— Essas crianças não compartilhavam nenhum de suas características, — eu digo.

Pela expressão de Des, vejo que ele já chegou à mesma conclusão que acabei de ter -

Karnon não é o pai delas.

Capítulo 7

KARNON NÃO É o pai delas.

Karnon não é o pai delas.

Mas como?

Ele foi o único aprisionando as mulheres. Ele foi o único a abusa-las sexualmente.

Ao meu lado, Des começa a andar de novo, como se essa revelação não mudasse nada.

É quando percebo...

— Você sabia, — eu o acuso enquanto descemos seus corredores do palácio.

Ao invés de parecer surpreso, culpado ou envergonhado pela minha acusação - em vez de qualquer uma dessas respostas normais - Des me avalia com uma de seus típicos olhares de demônio.

Ele levanta um ombro. — E se eu soubesse?

E se eu...?

Eu bato uma palma em seu peito esculpido e o detenho no meio do corredor.

— Ah não, amigo, nosso relacionamento não funciona assim.

Ele olha para a minha mão, e eu posso dizer que estou chegando perto de irritar o Rei da Noite.

— Nosso relacionamento não funciona *como* exatamente, querubim? — Ele pergunta, seu olhar astuto.

— Você não pode apenas manter segredos assim de mim.

Ele tem a audácia de parecer divertido com a situação, embora não alcance os olhos. — Eu garanto a você, eu *posso*.

Meus olhos cerram. — *Des*, — eu aviso.

Ele remove minha mão do seu peito. — Isso deveria ser um tom ameaçador? — Pergunta ele, levantando uma sobrancelha. Ele faz um barulho com a língua e leva minha mão até a sua boca. — Porque se for, — ele continua, — então você tem que trabalhar em seu jogo de intimidação, — continua ele. — Quero dizer, você tentou, mas estou mais excitado do que qualquer outra coisa.

Des continua a beijar as pontas dos meus dedos, o que me distrai

totalmente.
Quem diria que beijos na ponta dos dedos eram mesmo uma coisa? Porque eles são. Eu estou declarando isso aqui e agora.

Concentre-se, Callie.

— Me deixe te mostrar uma coisa, — ele diz suavemente.

E eu tentando me concentrar. Em vez de continuar nossa conversa de onde paramos, eu deixo Des me conduzir através de seu palácio. Finalmente entramos no que parece uma grande biblioteca, com os arcos incrustados de azulejos decorativos. Entre vários candelabros de bronze se penduram uma miríade de lâmpadas coloridas. E isso sem mencionar os livros.

Prateleiras e prateleiras deles se alinham nas paredes e ocupam os corredores da sala, cada um atado em tecido ou couro. Há também pilhas de pergaminhos empilhados ao longo das prateleiras, as alças que são enroladas em volta são feitas de madeira entalhada e osso, alguns até embutidos com madrepérola e pedras semipreciosas.

Eu passo um minuto sólido girando em um círculo e estudando todo o lugar.

— *Uau*, — eu finalmente digo.

Cheira a couro e papel e outra coisa que eu diria ser cedro, mas quem sabe. Eu tenho o desejo de caminhar até cada prateleira e puxar os livros e rolar um por um, deixando minhas mãos trilharem a tinta seca e o papel macio. Este lugar parece magia e sabedoria, e eu posso estar tendo uma experiência espiritual agora.

Eu posso sentir os olhos de Des no meu rosto. Eventualmente, ele move o olhar para o local também.

— Esta é a biblioteca real? — Eu pergunto.

O canto da boca de Des se curva para cima. — Uma delas.

— Uma delas? — Eu repito, sem acreditar.

— Este é o lugar onde muitos dos documentos oficiais do reino são mantidos. A biblioteca principal fica nos terrenos orientais do palácio.

Eu não consigo envolver minha mente em torno da magnitude disso.

Ele me leva a uma mesa e uma das cadeiras desliza magicamente para mim.

Des se senta à minha frente e, por um segundo, ele apenas me avalia. Quando ele me olha assim, me sinto profundamente exposta.

— O que? — Eu finalmente digo, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Ele me dá um sorriso suave. — Minha mãe teria amado você.

Apenas dizendo essas palavras, ele convidou fantasmas para este lugar. Eu mal me lembro da minha mãe, e não tenho lembranças dela sendo especialmente amorosa comigo. É um belo presente imaginar que a mãe de Des me amaria.

— Você acha? — Eu finalmente digo.

— Eu sei que sim. — Ele diz com tanta firmeza que minha única

objeção - que sou humana - morre antes que saia dos meus lábios.

Antes que eu possa perguntar mais sobre o assunto, Des ergue a mão e sacode o pulso. À distância, ouço o som de papel deslizando contra papel.

Um pergaminho se levanta acima dos corredores e flutua em nossa direção. A mão do Negociador ainda está no ar e o pergaminho pousa suavemente na palma da mão aberta.

— Este é o relatório das vítimas que se recuperaram da prisão, — diz Des, mudando de assunto. Ele coloca o pergaminho na mesa.

Me levanto e arrasto minha cadeira para perto dele.

— Esses foram feitos dos sobreviventes da prisão de Karnon? — Eu pergunto.

— Apenas os sobreviventes Faes da Noite, — diz Des. — Os outros reinos estão gravando as entrevistas de suas vítimas. Na próxima reunião dos nossos reinos, vamos comparar as notas, mas até lá só temos testemunhos dos meus súditos.

Eu sei, sem olhar, que sou um desses testemunhos. Era opcional (vantagens de ser amiga de um rei), mas eu fiz isso de qualquer maneira. Já trabalhei em casos suficientes para saber como os testemunhos podem ser úteis.

— Por que você quer que eu veja isso? — Eu pergunto, levantando a borda do pergaminho entre nós. Eu pego um vislumbre do meu nome, e meu estômago se afunda um pouco.

Des estava no quarto quando dei meu testemunho, então ele sabe o que aconteceu comigo, mas vê-lo escrito ao lado de todas as outras vítimas ainda me faz me contorcer.

— Você foi ao berçário para determinar se Karnon era o pai dessas crianças.

Des desliza o pergaminho para mim. — Eu pensei que você gostaria de ler o que os outros prisioneiros tinham a dizer sobre a experiência dele.

Suas palavras soam quase como um desafio, e eu olho para ele um pouco suspeita antes de olhar para o pergaminho.

Meus olhos percorrem os parágrafos escritos em elegantes rabiscos. Eu pulo o meu próprio testemunho, me concentrando nas outras mulheres que escaparam.

Uma a uma, li de nove soldadas Fae diferentes, todas sequestradas durante o sono. Cada uma tinha permanecido na prisão de Karnon entre um e oito dias.

Aparentemente, elas, como eu, conseguiram se recuperar de uma semana de magia negra do rei da Fauna. Aquelas que foram cativas por mais de oito dias... elas agora viviam muito abaixo de nós em caixões de vidro.

Quanto mais eu leio, mais sinto Callie, a detetive particular, voltar à vida. Eu senti falta disso - investigar casos, resolver problemas.

Demoro um pouco para chegar no que Des queria que eu visse.

Eu tiro meu olhar do pergaminho. — Todas, exceto por duas, foram

abusadas sexualmente por Karnon, — eu digo.

As duas que escaparam desse destino não foram abusadas sexualmente. Isso não foi devido ao fato de o rei da fauna ter uma mudança de coração; elas apenas eram as duas mulheres mais recentemente sequestradas. Karnon não teve tempo suficiente para incapacitá-las com sua magia. Ele gostava de violar as mulheres quando elas não podiam revidar.

Des acena com a cabeça. —E? — Ele sonda.

Volto minha atenção para o pergaminho. Leva apenas alguns segundos para o resto das peças se encaixarem.

— E todas, exceto duas, confirmaram que estavam grávidas, — eu digo.

Sete mulheres abusadas apenas por Karnon, sete mulheres acabam grávidas.

Eu encontro o olhar de Des. — Então Karnon é o pai das crianças do caixão?

Des se inclina para trás em seu assento, as pernas abertas. Uma perna balança sem parar.

— Parece que sim.

Eu quero puxar meu cabelo para fora.

Nada disso faz sentido.

— Mas eu pensei… — Eu pensei que Des acreditasse que Karnon *não era* o pai.

Antes que eu possa terminar o meu pensamento, alguém bate nas portas da biblioteca.

Des afasta o pergaminho, e ele flutua de volta para as prateleiras. Outro movimento de sua mão e as portas da biblioteca se abrem.

Malaki entra, parecendo tão ousado como de costume. Ele se inclina para nós dois, depois se endireita, concentrando sua atenção em Des.

— Desculpe interromper, — ele diz, cumprimentando, — mas o dever chama.

Des endireita em seu assento. — O que está em pauta?

— Há problemas com a Fronteira para lidar, duas fadas que você vai honrar com faixas de guerra e almoço - ah, e um convite para o Solstício que você precisa responder.

Eu já estou começando a ficar de pé. Eu realmente preciso descobrir o que devo fazer com o meu tempo livre agora que estou abandonada no Outromundo.

— Espere, — Des diz para mim.

Eu me viro para olhar para ele.

— Você gostaria de se juntar a mim?

Depois do que eu vi ontem em sua sala do trono?

Eu sacudo minha cabeça. — Divirta-se.

Saio do quarto, deixando o Rei da Noite e seu amigo mais antigo para administrar o reino sem mim.

Capítulo 8

EU QUASE ME CLAUSURO nos cômodos de Des. *Quase*. Mas a perspectiva de horas e horas de tédio me impede de ficar muito confortável no quarto de Des.

Então, mudando para a roupa mais foda que eu posso encontrar (calça de couro, botas de cano alto e um corpete asa-amigável que eu fico enrolada por causa das *tiras*), eu decido realmente explorar o palácio. Eu posso não ter minha armadura emocional de volta no lugar, mas droga, uma boa roupa faz metade do trabalho.

A parada de hoje: a biblioteca principal do Reino da Noite. Depois de andar por aí pedindo direções, eu finalmente encontro. Como o resto de Somnia, é feita da mesma pedra branca característica, seu telhado é verde azulado de cobre oxidado.

Subo as grandes escadas que levam a ela, a pedra pálida brilhando ao luar. As lâmpadas que cobrem as escadas brilham com estrelinhas quentes de luz.

E por dentro... oh, por dentro. Os tetos arqueados são forrados com azulejos pintados, lustres de cobre pendurados entre eles. Em todos os lugares que eu olho na sala cavernosa, belos objetos Faes estão em exibição, de uma enorme tapeçaria que parece brilhar com cores diferentes na luz, para uma escultura de mármore de duas fadas aladas travadas em batalha.

Correção: uma escultura de mármore em *movimento*. As estátuas fazem ruídos enquanto seus músculos de pedra se movem.

Eu ando até a escultura e olho para ela. Vários segundos depois, uma das estátuas vira a cabeça, franzindo a testa para mim.

— Elas não gostam de ser encaradas.

Eu quase pulo com a voz. Um homem está ao meu lado, olhando para mim em vez da escultura.

— Se elas não gostam de ser encaradas, por que eles estão em exibição? — Pergunto.

Ele aperta os lábios e, pela minha vida, não sei dizer se o irritei ou o diverti.

— Você precisa de ajuda? — Pergunta ele.

— Uh, não, apenas olhando.

Ele se curva rapidamente. — Por favor, me procure se precisar de ajuda, minha senhora, e seja bem-vinda à Biblioteca do Reino da Noite.

Eu vejo a fada ir embora.

Aquilo foi... legal. Ele me chamou de senhora e não olhou para as minhas asas do jeito que eu temia que ele olhasse.

Tentativamente, passo a escultura e me aprofundo na biblioteca. Aqui há quartos em cima de quartos e andares em cima de andares de livros. Homens e mulheres se sentam em mesas entre eles, folheando volumes.

Como a biblioteca em que eu estava antes, essa cheira a pergaminho velho, couro e cedro.

Escolhendo um quarto ao acaso, começo a andar pelos corredores. Por pura curiosidade, puxo um livro amarrado em seda azul-claro das prateleiras, o abrindo.

Eu não sei o que eu esperava encontrar, mas outra língua não era. Eu folheio várias páginas, mas elas estão todas escritas no mesmo jeito arcaico.

— É a Língua Fae Antiga**.**

Eu solto um grito, quase largando o livro.

A fada que me recebeu mais cedo está de volta, espreitando por cima do meu ombro.

— Você está me espionando? —Eu acuso, minha voz um sussurro.

Ele me dá um olhar astuto, ficando ainda mais alto. — O Rei da Noite me pediu para me tornar indispensável para sua parceira.

Oh-oh.

— Ele nem sabe que estou aqui.

Muito bem, Callie. Diga ao seu suposto perseguidor que ninguém sabe onde você está.

Ele inclina a cabeça. — Ele não sabe mesmo?

Fadas têm esse estranho discurso duplo que eu estou começando a entender. Este é bem claro.

Tradução: Melhor verificar seus fatos, vadia, porque ele totalmente sabe onde você está.

Então, Des está me vigiando, e ele enviou um suposto perseguidor para me ajudar.

Eu reavalio a fada ao meu lado. — Callie, — eu finalmente digo, estendendo a mão.

Ele olha para ela por um instante antes de apertá-la delicadamente. — Jerome.

Seu olhar se move para o livro na minha outra mão. — Você está procurando alguma coisa em particular para ler? — Pergunta ele.

— Apenas folheando, — eu digo. Eu nem saberia por onde começar.

— Talvez você goste de uma seção diferente da nossa biblioteca, a menos que você esteja preocupada com maldições.

— Maldições? — Eu repito.

Estoicamente, ele diz, — O livro que você está vendo lida com doenças causadas por maldições - particularmente aquelas que causam hemorroidas, evacuações inesperadas...

Jesus.

Eu fecho o livro e o coloco na prateleira.

Um pensamento vem para mim. — Você tem algum livro sobre o rei?

VÁRIAS HORAS DEPOIS estou sentada em uma das mesas de leitura, uma pilha de biografias e histórias do reino ao meu lado.

Alguns dos livros foram originalmente escritos na minha língua, a linguagem coloquial do Outromundo, mas o livro que tenho atualmente em aberto foi originalmente escrito na Língua Fae Antiga**.** Quando ele tirou das prateleiras, Jerome enfeitiçou que eu pudesse ler. É uma visão estranha; toda vez que viro a página, as letras Fae dançam e se transformam em letras normais.

Quanto ao conteúdo do livro... é igualmente intrigante. Eu me sinto como um ladrão na noite, aprendendo a história da família de Des sem o conhecimento dele.

Ele teria feito a mesma coisa se os papéis fossem invertidos.

Meu dedo se move sobre o texto. Descreve outra batalha em que lutou. Como a maioria dos outros, este foi realizado nas Fronteiras, a área onde, de acordo com este livro, "o dia encontra a noite."

E como todas as outras batalhas mencionadas, o livro discute quão rapidamente Des derrubou seus oponentes e como ele lutou com coragem.

Eu começo a folhear as batalhas. Não é que eu não esteja impressionada, mas depois de ler sobre a enésima pessoa ficando sem cérebro, a glória da luta está um pouco perdida para mim.

Várias páginas depois, fecho o livro. Eu não tenho certeza do que eu esperava encontrar - talvez alguma introspecção sobre quem Des, o Rei da Noite realmente é - mas eu deveria saber melhor. Até agora, todos os livros parecem ter apagado toda informação interessante e relevante.

Tudo o que eu realmente aprendi é que Des tem sido um rei revolucionário, arrastando o Reino da Noite da idade das trevas (trocadilho não intencional) para não apenas um dos reinos líderes, mas também um dos mais esclarecidos, um título que tradicionalmente pertencia ao Reino do Dia.

Eu também aprendi que, antes de Des ser um rei, ele era um soldado, como o último livro descreveu de maneira tão eloquente (ou melhor, *graficamente*).

Fora isso, há muito pouco sobre o meu parceiro.

Eu pego o próximo livro da pilha, um volume pequeno e gasto que se encaixa perfeitamente na palma da minha mão.

Há algo nesse livro, entre a capa de couro macio e desbotada e seu tamanho modesto que me faz pensar que esse será diferente.

Assim que eu o abro, posso dizer que estou certa.

Capítulo 1: Desmond Flynn, a Criança Esquecida da Noite.

A próxima linha que me deparo, tenho que ler duas vezes.

Como a maioria dos reis Fae, Desmond Flynn nasceu do harém real.

Harém?

Aquela pequena palavra me faz ficar toda quente e fria ao mesmo tempo. Reis têm *haréns*?

Des nunca me disse isso. Eu acho que me importo menos que Des veio de um, e mais que isso é uma prática normal no Outromundo.

É estranhamente difícil me concentrar depois disso, e acho que meus olhos vagam pela maior parte do texto.

Em algum momento, a atmosfera da biblioteca muda. Onde estava quieto antes, agora o lugar está mortalmente parado. É como se o próprio silêncio se tornasse mudo.

Os pelos ao longo dos meus antebraços se elevam.

E então, do silêncio, o som de passos pesados.

Eu olho para cima a tempo de ver Des entrando na sala, seu corpo sinuoso enquanto se move. Ele só tem olhos para mim, e é nesse cenário que percebo o quanto Des comanda o espaço ao seu redor. Estou acostumada com ele se movendo entre as sombras. O ver atravessar esse enorme e cavernoso cômodo como ele se ele fosse o dono (tecnicamente, ele é), é meio que quente.

E com meio que quente, quero dizer realmente quente.

Harém.

A palavra desliza em minha mente, azedando meus pensamentos sensuais.

Des desaparece um momento depois, reaparecendo na mesa em que me sento. Ele se encosta na beirada, inclinando a cabeça para ler as lombadas dos livros ao meu lado.

— Fazendo algumas leituras leves, querubim?

— Algumas.

Harém, minha mente sussurra. *Harém. Harém. Harém*.

Ele levanta a capa do livro de cima e ergue as sobrancelhas. — Você quer saber sobre a história do meu reino? — Seus olhos ficam suaves quando ele olha para mim.

Ele está fazendo minhas intenções parecerem nobres *demais*. Ele deveria saber melhor - ele *deve* saber melhor. Mas ele parece sincero, e isso é o suficiente para me deixar confusa.

— Você tem um harém? — A pergunta apenas escapa, minha voz rouca de emoção.

A expressão de Des se congela no lugar. — Desculpa, o que?

— Você tem um harém? —Eu repito.

Um vinco se forma entre as sobrancelhas. — Por que você está perguntando isso?

Isso não é um não.

Meu coração está na minha garganta, meu pulso trovejando em meus ouvidos.

— Um dos livros menciona que você nasceu em um.

Seus olhos se movem para o livro aberto.

— Eu não nasci em um, — diz ele suavemente.

Ele levanta o pequeno volume. — 'Desmond Flynn, a Criança Esquecida da Noite', — ele lê. Seu olhar se move para mim. — Então, minha sirene inquisitiva não estava lendo *só* sobre o meu reino, afinal.

— Você tem um harém? — Eu pressiono.

À nossa volta, outras fadas voltaram para seus livros, ou não mais interessadas em nosso espetáculo, ou - mais provavelmente - Des está usando sua magia para encobrir nossas palavras.

Ele se inclina para frente, uma mecha de seu cabelo branco caindo solto do amarrador de couro que o segura. — E se eu tivesse? O que você faria?

Eu sou fraca em muitas maneiras, mas não nesta.

— Eu iria deixar você. — Mesmo que isso fosse me arruinar, eu iria.

As sombras começam a se enrolar e girar nas bordas da sala. Alguém não gostou da minha resposta.

Des passa os nós dos dedos contra a mesa. — Como você deveria.

Eu não sei o que eu esperava que ele dissesse, mas não é isso.

Ele se endireita, deslizando para fora da mesa. — Venha. — Ele estende a mão.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta, — eu digo, olhando para a palma da sua mão.

Ele suspira. — Não, Callie. Eu não tenho um harém - nunca tive.

Meu corpo relaxa e eu pego sua mão.

— Por que não? — Eu pergunto enquanto ele me leva para fora.

Ele olha para mim, uma sobrancelha levantada.

— É uma pergunta honesta.

— E uma que tem muitas respostas, — ele responde suavemente quando saímos.

— ...Respostas que você quer me contar, — eu cutuco.

Ele sorri um pouco. — Eu quero… — ele admite, — mas em algum outro momento.

Saímos da biblioteca e atravessamos o terreno do palácio. Antes que possamos entrar no castelo, Des solta minha mão e para.

Paro alguns passos à frente dele, me virando para olhar por cima do ombro.

O olhar que ele usa... Des não está mais brincalhão ou apaixonado. Ele parece muito *Fae*. Com fome de coisas que ele deseja possuir. Eu conheço aquele olhar astuto e calculista. É o mesmo que ele usa quando há algo em mente que eu posso não gostar muito.

— O quê? — Eu pergunto.

— Você tem lido sobre mim e meu reino. — Isso não explica nada sua

expressão.

Seu olhar vai para o meu bracelete.

Eu dou um passo para trás, a pele do meu pulso formigando. Agora eu conheço *esse* olhar.

É o olhar que ele tem antes de me fazer pagar uma dívida.

— Não. — Eu lhe dou um olhar de aviso. Não tenho ideia de onde está sua mente e, isso, mais do que tudo, me assusta.

Ele caminha para a frente, suas botas pesadas batendo contra a pedra. — Engraçado que depois de tudo que eu exigi de você, querubim, você ainda acha que pode me influenciar com seus protestos. — Des se aproxima mais. — Você ainda me deve muitos, muitos favores.

Centenas deles, eu sei.

— Me forçar a fazer coisas contra a minha vontade não vai me fazer gostar mais de você, — eu digo.

Ele se inclina para perto. — Eu enganei, magoei e matei homens na sua frente. Estou confiante de que algumas dívidas que *você me deve* não prejudicam minhas chances.

Eu cerro meus olhos para ele. O que eu devo falar? Eu lhe devo favores, favores que comprei de forma justa. E eu *sou* a idiota que ama Des mesmo em seu pior.

— Deixe-me ver esse pulso bonito, — Des persuade.

Eu não tenho tempo para reagir antes de sua magia envolver meu braço, o levantando. Ele se aproxima, inspecionando as fileiras restantes de miçangas.

Seus olhos se movem do meu bracelete para o meu rosto. — Várias semanas atrás, você mencionou que queria ver meu reino, — diz ele. — Você estava falando sério?

Primeiro ele comenta sobre eu estar lendo sobre o seu reino, agora isso?

Eu mordo o interior do meu lábio, não tenho certeza de onde ele está indo com essa linha de questionamento. Eventualmente, eu aceno. Eu quis dizer isso; eu quero saber tudo o que há para saber sobre esse homem, incluindo o reino que ele governa.

— Bom. — Ele parece muito satisfeito. — Então você e eu estamos indo em uma pequena viagem...

Eu deveria estar preocupada? Uma viagem não parece tão ruim.

— ...e nós vamos voando até lá. Juntos.

Capítulo 9

EU OLHO PARA DES pela milionésima vez enquanto saímos para a varanda mais alta de seu castelo, esfregando meus braços contra o frio leve. Neste momento, estamos fora na hora da bruxaria, roubando a noite como criminosos.

Eu não posso acreditar que estou prestes a fazer isso.

Voar.

De volta à terra, voar significa embarcar em um avião. Aqui, significa literalmente bater suas asas, o que - chocante - eu não estou muito entusiasmada. Quero dizer, até os pássaros podem estragar este negócio de voo, e eu não sou nenhum pássaro.

Eu olho para o meu bracelete, onde faltam duas miçangas, o custo de fazer uma viagem com Des.

Duas. Miçangas.

Ele me pega olhando para o meu bracelete e, capturando meu queixo, rouba um beijo que definitivamente não era dele. — Anime-se, amor, — diz ele. — Isto vai ser divertido.

Divertido minha bunda. A única coisa remotamente agradável em relação a essa experiência é que Des está usando uma camisa do Iron Maiden, suas tatuagens estão em exibição, e suas calças de couro estão abraçando a merda do seu traseiro.

Quer dizer, eu posso ficar com raiva dele e ainda curtir a vista.

Sobre seus ombros, suas asas se expandem, ocupando uma extensão desconcertante da varanda em ambos os lados dele. Elas brilham ao luar, suas garras curvas brilhando ao longo de suas bordas.

— Estique suas asas, — ele comanda.

— Eu ainda estou irritada com você, — eu digo, mesmo enquanto eu estendo minhas asas.

A sensação delas se desdobrando é desconfortavelmente estranha e inexplicavelmente satisfatória - como tirar um sutiã no final do dia. Desde que minhas asas apareceram, eu as mantive de perto, pressionadas nas minhas costas. Eu não tinha percebido até agora como é bom as alongá-las.

— Eu estou ciente disso, — diz Des, sua voz uma carícia de seda.

Ele desaparece. Antes que eu possa me virar para procurar por ele, sinto sua mão quente correr sobre a parte superior das minhas asas. Ele as acaricia do mesmo jeito que ele acaricia o resto do meu corpo, o toque estranhamente erótico.

— Elas são de tirar o fôlego, você sabe, — diz ele, seus dedos deslizando sobre minhas penas. — Só mais uma coisa tentadora na minha encantadora.

— Encantadora? — A pergunta escapa antes que eu me lembre de que ele deveria estar recebendo minha ira agora.

— É disso que as fadas começaram a chamar você - uma Encantadora.

Não consigo decidir se estou mais lisonjeada ou confusa com esse detalhe específico.

— Não temos sirenes aqui no Outromundo, — continua Des, — mas, de vez em quando, temos seres mágicos - Feiticeiros - que podem cativar os outros com sua magia. É um poder muito cobiçado.

Ele circula de volta para minha frente, seu olhar se movendo para as minhas asas. — Tente bater suas asas.

Eu gemo. Eu esqueci por um instante que eu estava aqui aprendendo a voar.

Eu faço o que ele diz, a ação mexendo o meu cabelo. Des observa as minhas batidas de asa astutamente, assentindo como um instrutor.

— Agora tente pular, — diz ele. — Veja se você consegue se manter no ar por qualquer período de tempo.

— Quer que eu faça malabarismo enquanto eu estou nisso? — Eu me sinto como um espetáculo de circo.

Ele cruza os braços e apenas espera.

Eu suspiro. — *Tudo bem.*

Eu pulo, batendo minhas asas. Nada impressionante acontece.

— Novamente.

Eu tento de novo e, como da primeira vez, minhas asas são inúteis.

— Novamente.

Eu tento de novo. E de novo. E de novo. Depois de fazer isso algumas dúzias de vezes, começo a entender que há um tempo para isso. E então, depois de mais algumas dúzias de tentativas, minhas asas combatem com sucesso a gravidade, mesmo que por um segundo a mais.

Des acena, seu rosto sério. — Bom o suficiente.

Ele pega meu braço, levando-me para a beira da varanda.

— Bo-bom o suficiente? — Eu olho para ele com ceticismo. — Bom o suficiente para *o quê*?

O Negociador pisa no muro da varanda.

— *O que você está fazendo?*

Ele passa da borda e se vira para mim, prendendo os pés entre a balaustrada de pedra.

— Querubim, está tudo bem. — Ele diz isso como se ele fosse o cara mais razoável do mundo, e não de fato o cara se equilibrando

precariamente na beira da varanda mais alta de Somnia.

Ele bate no topo do muro de mármore entre nós. — Suba aqui.

Uma risada incrédula me escapa. — De jeito nenhum.

— Callie, — diz ele, parecendo desapontado, — estou ferido. Eu nunca te levaria ao *mau caminho*.

Diz o homem que me ensinou a beber e jogar. Eu acho que ele precisa definir melhor sua definição de *mau caminho*.

Quando fico enraizada no lugar, ele diz, — Podemos fazer isso do jeito mais fácil ou do mais difícil.

Eu cruzo meus braços sobre o peito, sem me mexer.

Seus olhos brilham de excitação. Há poucas coisas que Des gosta mais do que meus desafios. Infelizmente para mim, nunca me leva muito longe com ele.

Eu sinto a respiração de sua magia nas minhas costas, me forçando para frente e, em seguida, me impulsionando para a borda da varanda na frente dele.

— Você é um bastardo, — eu digo enquanto subo. Aqui em cima o vento é tempestuoso o suficiente para sacudir meu corpo e chicotear meu cabelo.

Do outro lado do muro, Des pega minha cintura, me apoiando. Ele sorri para mim como um pirata. — Paus e pedras, Callie. Agora, — ele aperta meus lados, — abra essas asas para mim novamente.

Ignorando todo o meu melhor julgamento, faço o que ele pede. Uma rajada de vento sopra contra mim, levantando minhas asas.

— Você sente isso? — O Negociador pergunta, estudando cada reação minha. — Isso é uma corrente de ar. Nós vamos usá-las para viajar.

— Posso descer agora?

Os lábios de Des se levantam maliciosamente. — Querubim, a próxima superfície que seus pés tocarem será em uma cidade diferente.

Eu sinto meu rosto empalidecer. Eu sacudo minha cabeça. — Eu não estou preparada.

— Sim, você está.

As asas de Des se espalham atrás dele, e o vento puxa sua camiseta e cabelo.

Neste exato momento, tenho certeza que estou em um sonho. Ele é muito selvagem, lindo demais, fantástico demais para ser meu, e o que ele está me pedindo é muito estranho e inacreditável para ser real.

— *Voe*, — diz ele, liberando minha cintura. Poder se monta em suas palavras, colocando minhas asas em posição.

Antes que eu possa objetar, ele abre os braços para os lados dele. Acontece em câmera lenta, seu corpo se inclinando para longe de mim e da varanda, a noite pronta para engoli-lo inteiro. Seus pés deslizam para fora da borda, e então ele está caindo.

— *Des*! — Eu estico o braço para ele reflexivamente.

Meu corpo se inclina para a frente e perco meu equilíbrio. De repente,

não há mais o muro da varanda para pousar. Não há nada além de ar vazio embaixo de mim.

Des sorri enquanto ele olha para mim, completamente em paz com o fato de que estamos *caindo*. E então, bem no meio da nossa descida, ele desaparece.

Desaparece.

Fico olhando para os terrenos do palácio a trinta metros de profundidade e Des não está em lugar nenhum.

Oh Deus, estou fodida. Tão, tão fodida. Isso não é voar, isso é a arte de morrer, e a única pessoa que me meteu nessa bagunça se foi.

Eu acho que agora tenho a minha resposta para essa pergunta "retórica" estúpida: se um amigo te pedisse para pular, você pularia?

Aparentemente, sendo a imbecil que sou, eu pularia.

A magia de Des ainda envolve minhas asas, as puxando. Eu cerro os dentes e começo a seguir sua liderança, as inclinando para pegar um pouco do vento. A força da minha descida torna difícil controlar meus movimentos.

Andar após andar do palácio passa borrado por mim, o chão rapidamente se aproximando.

Eu continuo a lutar contra o vento que está tentando dobrar minhas asas, a magia de Des me ajudando. Assim que começo a pensar que é impossível, minha queda começa a diminuir.

Eu deixei o instinto assumir, continuando a inclinar minhas asas para me nivelar. Eu vou de caindo para cortando o vento, meu corpo começando a deslizar para o chão, em vez de despencar em direção a ele.

Tenho certeza que não vou mais cair na minha morte, mas ainda não estou exatamente voando. Eu estou mais parecida com aquela folha de outono que é atingida por uma rajada de vento.

Do nada, Des se manifesta abaixo de mim, suas mãos se movendo para a minha cintura. — *Bata suas asas, amor.*

Eu mal posso ouvi-lo sobre o apito do vento em meu ouvido, mas começo a forçar minhas asas para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Eu tremo e, por alguns segundos, me preocupo que vou perder quaisquer ganhos que tenha feito e vou mergulhar o resto do caminho até o chão. Mas agora Des está abaixo de mim, se certificando de que eu não faça exatamente isso.

Lentamente, de forma constante, minhas asas me impulsionam. Des me libera enquanto eu me afasto dele, subindo cada vez mais alto no ar.

Caramba, eu estou voando.

Uma risada chocada me escapa. É mais emocionante do que eu poderia imaginar. Eu acerto uma corrente de ar quente, e então estou planando, a térmica me carregando sozinha.

Uma sombra com asas de aparência perversa se aproxima de mim. Eu olho para o Negociador, seu cabelo branco ondulando no ar. Ele sorri

para mim e ilumina todo o seu rosto.

— *Me siga!* — O vento arrebata suas palavras, mas eu leio seus lábios.

Ele vai na frente, em seguida, vira para a direita, seu corpo arqueando no céu, aquelas asas gigantes dele brilhando perigosamente ao luar. Se eu achava que ele era fantástico antes, não tem nada sobre ele agora. Des é pura mágica, e de alguma forma, através de uma estranha reviravolta do destino, eu faço parte dessa mágica.

Eu sigo a sua liderança, ajustando as minhas asas para se curvarem pelo ar como ele faz. Eu dou risada novamente, meu coração muito mais leve agora que eu estou oficialmente voando.

Des ainda está na minha lista por me assustar quase literalmente até a morte, mas isso pode valer a pena; pode até valer o medo e a repugnância que sofri nos dias depois que recebi minhas asas.

Eu sigo Des até ele cair de volta, e então nós dois estamos deslizando um ao lado do outro. Não há nada como o silêncio aqui no céu. O vento é muito alto para nós falarmos, e ainda assim tudo tem um palpitar silencioso.

De vez em quando, Des aponta para uma coisa ou outra. Uma vez, era uma tropa de pixies, outra vez ero o mais fraco padrão de luzes longe, muito abaixo de nós, onde imagino que um dos outros reinos do Outromundo - reinos que não flutuam no céu - estão localizados.

Ele até aponta para um casal de faes que eu vislumbrei à distância, seus corpos em grande parte escondidos nas nuvens. Eu só posso ver apenas um par de asas brilhantes e duas pernas entrelaçadas, e então as nuvens se movem, obscurecendo-as de vista.

Eu noto um ou dois desses casais enquanto voamos. A julgar pelos seus abraços, eles são amantes que escaparam para ficar juntos sob a luz das estrelas e as nuvens.

Depois do que deve ser uma ou duas horas, vejo uma massa gigante à nossa frente, bloqueando um segmento do céu noturno.

Outra ilha flutuante! Assim como Somnia.

À medida que nos aproximamos, começo a notar as luzes da cidade, que brilham em tons pastéis pálidos.

Ao meu lado, Des começa a descer, inclinando-se para a ilha flutuante.

É só quando estamos sobrevoando que eu realmente entendo o lugar. É uma terra de torretas e motes, torres e pontes. Elas passam por baixo de mim enquanto deslizamos pela paisagem. Intercaladas entre os edifícios há enormes faixas de folhagem. Não sei dizer se elas são campos ou florestas, selvas ou parques bem cuidados.

À medida que nos aproximamos, começo a notar as características peculiares desta ilha. Os edifícios parecem mudar de tamanho e forma no momento em que você tira o seu olhar deles, as ruas levam a lugar nenhum. Até as cores deste lugar são de alguma forma mais brilhantes e mais maçantes do que deveriam ser. Parece um conto de fadas e um carnaval, tudo em um, e ainda assim... é como se tudo não fosse

exatamente como deveria ser.

Ninguém olha para nós quando começamos a pousar. Somos apenas mais duas fadas nesta terra estranha.

Des desliza até parar, graciosamente se abaixando até o chão.

Não há nada de gracioso no meu pouso. Eu bato no Negociador, quase jogando nos dois no chão.

Ele me pega pela cintura, com os olhos arregalados, e então ele começa a rir. Provavelmente de mim.

A alegria que o voo me trouxe está borbulhando no meu estômago e na minha garganta, e eu não posso deixar de me juntar a ele.

Eu acabei de *voar*. Com o Des. Todos aqueles anos de esperança de fazer parte do mundo dele, desesperada que isso nunca aconteceria - eles me levaram até esse momento. A ironia é que precisou de um homem louco para fazer um dos meus desejos mais profundos se tornar realidade.

Eventualmente nosso riso morre, mas eu ainda posso ver ele brilhando nos olhos de Des.

— Eu gosto do seu cabelo quando é varrido pelo vento, — ele murmura, tocando uma mecha dele.

O mesmo pode ser dito para o cabelo dele. Eu sempre tive uma estranha obsessão com cabelos na altura dos ombros, e agora elas parecem especialmente sexy.

— Voar é tudo o que você esperava que fosse? — Pergunta ele.

Este seria o momento perfeito para lhe arrancar uma nova bunda por me enganar e me empurrar da borda. Mas acho que não quero estragar o momento. Não quando eu me diverti tanto no céu, e não quando ele está me segurando como se ele não tivesse certeza se quer me deixar ir.

— Foi incrível, — eu digo sem fôlego.

Seus olhos brilham de excitação, e Des deixa meu torso escorregar por suas mãos até ficarmos cara a cara.

Ele pressiona um beijo forte nos meus lábios, sua boca exigente. E então eu deslizo o resto do caminho através de seus braços até minhas botas tocarem o chão.

Des se afasta para me dar uma visão melhor do nosso redor.

— Bem-vindo a Phyllia, a Terra dos Sonhos, — diz ele.

Meus olhos devoram a rua repleta de lojas diante de nós. Cada loja é mais espetacular que a anterior.

Pendurado na janela da loja de roupas mais próxima de mim está um vestido que parece feito de espuma de mar. Ao lado está o terno de um homem, feito em um tom de azul que eu juro que não sabia que existia. Há um manto que parece ser feito do céu noturno, pequenos pontos de luz piscando no tecido escuro e uma pulseira que parece ser feita de nuvens.

Ao lado da loja de roupas está uma loja de curiosidades cheias de móveis e decorações tão incomuns quanto atraentes. Uma mesa feita

inteiramente de quartzo rosa parece brilhar por dentro. Ao lado está um frasco de vidro cheio de uma névoa rodopiante; a placa nele diz que é um Sonho-Se-Tornando-Realidade.

Mais adiante, na rua, encontram-se restaurantes cujas mesas se espalham pelas ruas, os aromas saindo deles são estranhos e apetitosos.

Eu posso sentir a atenção de Des em mim. Ele coloca a mão na parte inferior das minhas costas, me levando para a frente.

— Aqui em Phyllia, — ele explica, — você encontrará portas que levam a lugar nenhum, pessoas que você reconhece em um momento e no próximo não, lugares que você tem certeza que já visitou antes, mas não pode dizer quando ou como. Phyllia é o lugar onde todos os seus pensamentos fantásticos podem se tornar realidade.

A Terra dos Sonhos. É uma criação estranha do Outromundo e o que imaginei que o País das Maravilhas poderia parecer. Tudo tem aquele toque elegante e Fae, mas nada é exatamente o que parece.

Passamos por uma fonte borbulhante que as pessoas estão reunidas em volta, frascos em suas mãos.

— As águas aqui podem realizar desejos humildes, — diz Des perto de mim.

Eu assisto fascinada como uma mulher Fae com cabelo dourado mergulha seu recipiente de vidro na água. Estou tentada a experimentar a água, só para ver que pequeno desejo pode se tornar realidade Passamos por várias cafeterias e minha atenção permanece na iluminação fraca e nas conversas suaves que vêm de dentro.

— Vocês têm restaurantes aqui no Outromundo, — eu digo.

— Você está surpresa? — Des parece divertido.

Eu estou. Eu presumi que o Outromundo fosse essencialmente campos floridos e arquitetura impossível. Os restaurantes parecem tão... *humanos*.

De repente, Des está me levando para um deles.

— O que você está fazendo?

— Levando você para comer - a menos, claro, que você não esteja com fome.

Meu estômago escolhe esse exato momento para roncar. Não sei quantas calorias queimei voando, mas o número deve ser impressionante.

— Eu poderia comer.

Seus lábios se contraem. — Que bom. Eu também poderia.

O restaurante em que entramos é feito em tons de prata e pervinca - desde as mesas até os espelhos montados nas paredes. Perto do topo dos tetos altos, plumas de nuvens estão penduradas e no centro de cada mesa há um vaso cheio de delicadas flores brancas que vi em toda a Somnia.

Assim que Des e eu nos sentamos, furtivamente escaneio o lugar.

Mesmo à primeira vista, os homens e mulheres ao nosso redor não

parecem normais. Para a maioria, são simplesmente pequenos detalhes - a cor dos olhos que é um pouco brilhante demais para um ser humano, ou cabelo muito longo para ser cultivado por uma cabeça mortal. Mas então, entre eles, há alguns Faes que especialmente se destacam. Como o homem de pele cinza-lavanda e uma boca cheia de dentes afiados e pontiagudos. Ou a mulher cujos membros são longos e esguios, a pele da cor de sombras profundas.

Em contraste ao meu espanto, os clientes do restaurante nos ignoram completamente.

— Essas pessoas sabem quem você é?

— Elas sabem, — diz ele.

— Por que nenhum deles estão… — Eu paro, procurando as palavras certas.

— Me bajulando? — Diz ele, terminando minha frase por mim.

— Sim.

Ele levanta um ombro. — Eu encobri nossas aparências.

— Encobriu nossas…?

— É uma pequena ilusão destinada a alterar sutilmente nossas características - para evitar o reconhecimento. — Ele se inclina para frente. — Eu percebi que nenhum de nós queria a atenção extra.

Porra, isso foi atencioso da parte dele.

Minha atenção volta em torno de nós novamente. Não são apenas as pessoas aqui que são incomuns. Na metade do restaurante, o prédio se transforma em uma catedral gótica, com os bancos e o púlpito vazios.

— Lógica do sonho, — explica Des.

Eu olho de volta para ele apenas para perceber que alguém já nos serviu bebidas e pão.

Eu pisco com a visão. — Este lugar é realmente… — *enervante* — mágico.

Des se inclina para trás em seu assento, um sorriso malicioso se espalhando por seus lábios. — O que você quer comer? — Ele pergunta.

Eu franzo minhas sobrancelhas. — Ainda não recebemos os menus...

Eu nem terminei de falar quando um prato de ravióli cai na mesa na minha frente.

Agora, como *diabos* isso aconteceu?

Des ri dos meus olhos arregalados.

— Isso é seguro para comer? — Eu pergunto.

Ele se inclina para a frente, seus antebraços esculpidos repousando sobre a mesa. — Eu a levaria ao mau caminho, querubim?

Eu dou a ele um olhar cerrado. — Da última vez que você disse isso, você me enganou para cair de um prédio.

— *Voar* de um prédio.

Eu reviro meus olhos. — Semântica, Des — Semântica é tudo, Callie, ou você não aprendeu nada comigo?

Eu pego meu garfo, olhando para o meu macarrão, que está coberto

por um molho cremoso misterioso. — Não, você está certo. Você me ensinou exatamente o que significa ser um bastardo enganador.

Des descansa as costas em sua cadeira, uma expressão presunçosa em seu rosto. — Estou aceitando isso como um elogio.

Eu corto um dos raviólis e dou uma mordida. De alguma forma, é tudo que eu não sabia que queria.

— Bom?

Eu fecho meus olhos e aceno, saboreando o gosto um pouco mais.

— E olha, nem sequer te matou.

Des só tinha que ir e ser Des.

— *Ainda*, — acrescento, porque também posso ser sarcástica.

Eu abro meus olhos e - eu não acredito - na frente de Des um *churros* brilha em existência, caindo sobre a mesa um momento depois. Tem até aquele papel de cera barato em volta da base, igual ao que você encontra em uma feira. Eu levanto minhas sobrancelhas.

Des pega o churros e chuta um pé e depois o outro para cima da mesa. Sem vergonha, ele morde a sobremesa.

Eu vou dar isso a ele, ele é dono deste momento.

Cruzando os tornozelos, ele diz, — Me diga amor, qual é um sonho seu?

— Um sonho? — Repito, outro pedaço de ravióli no meio do caminho para a minha boca.

— Algo que você quer da vida?

Eu como meu pedaço de ravióli, mastigando devagar.

Depois que eu engulo, dou de ombros. — Ser feliz, eu acho.

— Vamos lá, querubim, — diz ele, apontando o churros para mim, — Não me faça pegar uma miçanga. Eu sei que você tem algo mais específico do que isso.

Eu olho para o meu macarrão, mordendo o interior da minha bochecha. — Eu não sei, — eu eventualmente digo. — Dois meses atrás, eu lhe diria que queria um marido e uma família. — Estou surpresa que a confissão saia tão livre quanto parece. Des pode não ser a única pessoa aprendendo a ser vulnerável.

A verdade é que, antes de Des voltar rugindo para minha vida, eu estava sozinha - dolorosamente solitária, o tipo de solidão que faz você sentir que sua vida está passando por você e não há ninguém lá para testemunhar isso.

O Negociador olha para mim, seu rosto inescrutável. — Você não quer mais isso?

Eu encontro seus olhos. É tão difícil lê-lo quando ele está assim.

Eu respiro fundo. — Não, eu ainda quero isso, mas… — Leva apenas alguns segundos a mais para soltar as palavras. — Mas agora eu não tenho medo que isso não vá acontecer mais.

Isso é o que acontece quando você descobre que tem uma alma gêmea. O medo de uma vida inteira de solidão evapora.

Os olhos de Des se esquentam com a minha admissão, e eu juro que se

não estivéssemos em um restaurante cheio de pessoas, ele varreria os talheres da mesa e faria amor comigo aqui.

Eu limpo minha garganta. — Qual é um sonho seu? — Eu pergunto, sentindo que minha pele está acesa.

Ele me observa, seu corpo tão quieto que sinto que ele está esperando por um momento para atacar.

Finalmente, ele diz, — Compartilhamos sonhos semelhantes.

— Você quer um marido também? — Eu não posso deixar de provocá-lo.

Ele me lança um sorriso feroz, escolhendo aquele momento para dar outra - muito sugestiva - mordida em seu churros.

— Talvez… — ele diz, — mas você serve.

Eu quase reviro meus olhos. — Estou muito *feliz* de ser o seu prêmio de consolação.

Seus lábios se curvam. Ele olha para mim por um instante, depois, chegando a algum tipo de decisão, ele chuta os pés para fora da mesa. Jogando algumas moedas ao lado do meu prato, ele pega minha mão.

— Mas eu não terminei... — Eu reclamo. Eu mal toquei no meu ravióli, e pretendo comer ele. Eu sou uma garota que pode comer tudo em um piscar de olhos.

— Quer algo para levar? — Pergunta ele.

Meus lábios se separam, mas antes que eu possa responder, outro churros cai na mesa, quase caindo no meu ravióli.

Agora é a vez de Des levantar as sobrancelhas. — Parece que alguém tem um pequeno caso de inveja alimentar.

Eu totalmente tenho. Ele fez o churros dele parecer *bom*.

Eu pego o meu e deixo Des me levar para fora do restaurante. Lá fora, o céu ainda está escuro como sempre. Eu olho para ele enquanto dou uma mordida em meu churros, me sentindo estranhamente alegre.

Nossas botas ecoam pela rua enquanto andamos. Eu não sei para onde estamos indo, mas eu não ligo muito. Noites como essa são familiares para nós dois.

Inúmeras vezes, Des me levou a uma metrópole estrangeira e, juntos, vagamos pelas ruas. Às vezes ele comprava bebidas alcoólicas para nós, outras vezes café e doces.

— Isso me lembra do nosso passado, — murmuro.

Des pega minha mão, levando-a aos lábios e dando-lhe um beijo.

Eu sinto meu coração se expandir. Eu tenho esse homem para sempre. Uma vida inteira de Des ao meu lado. É um pensamento tão selvagem que eu não tenho certeza se vou me acostumar com isso.

Chegamos ao final do bloco de lojas. Aqui a rua se abre em uma grande praça. Bem no centro dela está uma escultura de um casal alado abraçado em um abraço apertado. Só que essa escultura flutua vários metros no ar.

Eu paro na frente dela.

— Quem são eles? — Eu pergunto, olhando para o casal. A mulher parece ser feita da mesma pedra escura que minhas miçangas são, sua pele desenhando na luz. O homem que ela abraça é feito de algum arenito cintilante, sua pele parece brilhar de dentro.

— Os Amantes, — responde Des. — Dois de nossos antigos deuses. — Ele aponta para o homem. — Ele é Fierion, Deus da Luz, e ela é Nyxos, Deusa das Trevas.

Nyxos… por que esse nome soa familiar?

— Nos mitos, — Des continua, — Fierion era casado com Gaya, Deusa da Natureza, mas seu verdadeiro amor era Nyxos, a mulher com quem ele estava proibido de estar. Seu amor um pelo outro é o que faz com que o dia persiga noite e noite presiga o dia.

— Aqui na Terra dos Sonhos eles finalmente são autorizados a ficar um com o outro.

Eu olho para a escultura por muito tempo, terminando meu churros. Mesmo que seja apenas um mito, a tragédia ainda me atinge. Eu odeio histórias de amor condenadas. A vida já está cheia de corações partidos.

Meus olhos passam pela estátua, para uma enorme ponte de pedra do tamanho de pelo menos dois campos de futebol que se ramificam da grande praça. No meio do caminho, as lâmpadas que o iluminam desaparecem na escuridão enevoada.

Além da ponte, posso apenas ver outra ilha flutuante.

— O que tem lá? — Eu pergunto, acenando para a massa de terra. Há algo sobre ela, algo insidioso e convincente que chama a minha natureza mais sombria.

Des franze a testa. — Memnos, a Terra dos Pesadelos.

— Memnos, — repito, olhando para ela. Eu me lembro de Des listando os nomes de todas essas ilhas flutuantes semanas atrás. — Vamos visitar ela? — Pergunto.

O Negociador hesita. — Você se lembra do pântano?

Como eu poderia esquecer?

Eu aceno.

— Essa é apenas uma das muitas criaturas que chamam Memnos de lar.

Eu tremo um pouco. Entendido.

— Eventualmente, eu vou te mostrar a ilha, mas agora… — ele pega minha mão, me dando um olhar profundo, — agora, essa viagem é para nós.

Capítulo 10

NA MANHÃ SEGUINTE, acordo dentro da nossa suíte em Phyllia, com as cócegas que o cabelo de Des faz nas minhas costas e na pressão de beijos suaves na minha espinha.

Eu me alongo languidamente, um pequeno sorriso se espalhando pelo meu rosto.

Depois de uma noite mágica explorando Phyllia ontem à noite, nós dois nos hospedamos em um hotel do lado da praça principal que ostenta quartos que mudam de cores e temas.

Nenhum de nós mencionou o fato de que Des certamente ainda deve estar camuflando nossas características. Ficar em um hotel como um casal normal não é algo que os reis geralmente conseguem fazer.

Os beijos nas minhas costas agora param. Um momento depois, Des dá uma mordida leve no meu ouvido. — Eu mencionei o quão bonito seu cabelo fica quando você acorda? — Ele diz, sua voz baixa e rouca.

Eu rio no meu travesseiro, estendo a mão e empurro seu corpo carnudo. Ele rola, me puxando com ele, roubando beijos dos meus lábios. Eu pisco meus olhos sonolentos abertos.

— Essa é a minha coisa favorita, — diz ele, olhando para mim.

Eu ainda estou tentando me acordar.

— O que? — Eu pergunto.

— Acordar com você todas as manhãs. — Ele bate um dedo no meu nariz. — Especialmente quando você está toda sonolenta e adorável.

Eu suprimo um bocejo. — Como você está tão... *acordado*?

Em vez de responder, ele desliza de debaixo de mim. Eu me jogo contra o colchão, meus olhos já começando a fechar.

Mais uma vez eu sou despertada pelo seu toque, sua mão quente nas minhas costas. E então eu sinto o cheiro.

Salvação - também conhecido como café.

Eu abro meus olhos e lá está; a caneca fumegante de café está a centímetros do meu rosto.

Eu estico a mão para pega-la.

— Ah, ah, — Des diz, a movendo um pouco, apenas para fora do meu alcance. — Se você quiser, você vai ter que sair da cama.

Como se para me encorajar ainda mais, minha coberta escorrega dos meus ombros por vontade própria, escorregando até meus tornozelos.

Eu agarro as bordas dela e a puxo de volta.

Ela escorrega novamente.

Mais vigorosamente desta vez, eu puxo a coberta de volta.

Você quer saber? Foda-se Des e seu café.

Assim que coloco o cobertor debaixo do braço, ele começa a escorregar mais uma vez. Eu luto com ele, jogando um jogo ridículo de cabo-de-guerra com um objeto inanimado.

— Oh meu Deus, Des, *sério*?

Ele está inclinado no pé da cama, tomando um gole do que deveria ser meu café. — Eu não tenho idéia do que você está falando.

Esse bastardo mentiroso.

— *Tudo bem,* — eu rosno, rolando para fora da cama. — Estou de pé.

Eu vou até ele. Estudiosamente ignorando o fato de que ele está gloriosamente sem camisa e seu cabelo está amarrado em um rabo de cavalo estupidamente sexy, eu pego a caneca de café de sua mão e vou para a varanda que se ramifica do nosso quarto.

— Um obrigado seria bom, — diz ele, me seguindo para fora.

— Assim como um pedido de desculpas, — eu respondo por cima do meu ombro.

Grande surpresa, ele não tem nada a dizer sobre isso.

Café da manhã já está posto na pequena mesa de mosaico que ocupa uma boa parte da varanda, e cheira tão bem.

Me sento, encostada na cadeira para tomar meu café. Senhor, tem um gosto bom. Quase vale a pena perder o sono.

Na minha frente, Des se senta, sua grande estrutura dominando a pequena cadeira de bistrô. Ele pega a xícara de café expresso, bebendo delicadamente.

Normalmente, a visão daquele pequeno copo em suas mãos me faria rir. Agora, no entanto, eu apenas olho para ele por cima da borda da minha caneca. Não ajuda que ele tenha um rosto dolorosamente bonito. Ou que o seu enorme peito e braços estão em exibição.

Por que ele sempre parece tão bom? Especialmente quando tenho certeza que pareço como um animal atropelado.

Essa é apenas mais uma razão pela qual o mundo não é justo.

Des olha fixamente para o meu prato, onde está um burrito fumegante de café da manhã. — Você não vai comer?

— Por que você me fez o café da manhã? — Eu pergunto desconfiada.

Ele coloca o expresso na mesa, com os olhos me estudando. — Essa pergunta é uma pegadinha?

— Parece extraordinariamente legal, — eu digo.

— Agora você está apenas tentando ser malvada.

Talvez eu esteja. No passado, Des me levava para tomar café, e nunca havia nenhuma ligação.

Então, por que sinto que desta vez *há*, de fato, ligação?

Eu tomo outro gole do meu café antes de colocá-lo na mesa. — Você me acordou cedo só para me alimentar?

— Não é tão cedo, — diz Des, evitando a pergunta.

Ele pode estar certo. As estrelas cintilam acima de nós como faziam na noite passada quando adormecemos.

— Por que você me fez o café da manhã? — Eu repito.

— Porque eu te amo, — diz ele. — Tudo tem que vir com um preço?

Meu coração de gelatina se derrete um pouco com sua admissão, mas eu o conheço bem demais e um pouco profundo demais para confiar nos seus grandes olhos prateados.

Eu olho para ele com ceticismo. — Com pessoas normais, não. Com você? Absolutamente.

Ele sorri por cima do café expresso, o primeiro sinal de que estou certa. Ele tem algo na manga.

— Então o que é?

— Você vai descobrir em breve.

Eu descubro em breve. No momento em que entramos em nossa suíte, meus couros de treinamento aparecem em nossa cama.

Eu gemo. — Mas eu pensei que estávamos de férias?

— Seus inimigos não se importam com suas férias.

Ele tem um ponto.

Não adianta lutar contra ele nisso; eu já posso sentir a magia de Des me obrigando. Resmungando, eu visto as roupas, e nós dois saímos do quarto.

Nós dois saímos do hotel e seguimos em direção a floresta escura que margeia o centro da cidade. E *é* selvagem, embora seja bonito. Eu tropeço em raízes soltas e tenho que empurrar as samambaias e plantas exóticas e floridas para fora do caminho, enquanto nós caminhamos em uma trilha com gramas crescendo.

Quanto mais caminhamos, mais lentos meus movimentos se tornam. Eu acho que é apenas um simples esgotamento da noite passada até a sensação se tornar tão extrema que parece que estou em uma sequência de ação em câmera lenta. Des, entretanto, parece estar se movendo muito bem.

A floresta se abre para uma clareira e Des para, virando-se para mim. Ele me joga uma espada, e é preciso um esforço ridículo para levantar meu braço e pega-la do ar.

A alegria dança em seus olhos. — Espada para cima, Callie.

Eu seguro a arma pelo seu cabo, meus membros pesados.

Leva uma eternidade para eu levantar minha espada e, quando a levanto, ele já vem para cima de mim. Tudo que posso fazer é me esquivar dos golpes dele. E ele está pegando leve comigo. Tão pateticamente leve.

— Mais rápido, Callie.

Não há como, no céu ou na terra, eu me mover mais rápido. Eu mal consigo me *mexer*. É como tentar nadar através do mel. Nem mesmo a roupa de couro fodona que eu uso compensa a tortura especial do treinamento hoje.

Des, enquanto isso, não parece estar aflito com o mesmo problema que estou tendo. Seja porque o lugar não o afeta, ou ele está usando magia para neutralizar seus efeitos, ele se move rapidamente, vindo até mim muito mais rápido do que eu posso me defender.

Eu não sei como ele faz isso com tanta precisão, mas cada vez que Des me corta com a espada, ele divide estrategicamente a minha roupa, fazendo pequenos recortes no couro. Agora tenho dúzias de minúsculos triângulos salpicando meu peito e minhas coxas externas. E nem uma vez eu o acertei com um golpe.

Nem uma vez.

Finalmente, depois do que parece uma eternidade, Des anuncia que o treinamento acabou durante o dia.

Eu me jogo no chão, a espada batendo no chão ao meu lado.

Das pontas do meu cabelo até as pontas dos dedos dos pés, estou cansada, minha roupa parece um floco de neve recortado e, no momento, eu não dou a mínima para praticamente nada.

Dia: 1, Callie: 0

— Você fez bem, — diz Des, vindo até mim. — Este lugar é encantado para se mover mais devagar do que o resto do mundo - dizem que ele imita um sonho em câmera lenta.

Seria útil saber isso de antemão.

Claro, eu percebi que isso não afetou Des da mesma forma que me afetou.

Fada sorrateira.

Eu encosto minha bochecha nos meus joelhos, exausta com o treinamento.

Ele se agacha ao meu lado, os nós dos dedos acariciando meu rosto. — Ainda não podemos descansar. Temos que ir para a próxima ilha. — Sua voz soa meio apologética.

Não tem como eu tirar minha bunda dessa grama.

Des deve ver isso porque em vez de tentar me persuadir para ficar de pé, seus braços deslizam sob minhas asas e a parte de trás dos meus joelhos.

Ele me levanta contra o peito dele, me embalando nele. Suas asas com garras na ponta se espalham ao nosso redor, e então ele salta no ar, nós dois subindo para o céu noturno.

Enquanto o ar frio chicoteia meu cabelo, Des vira meu rosto para o seu peito, me protegendo do pior do vento.

Eu inclino minha cabeça para ele, respirando seu perfume masculino. Eu não entendo como, mesmo aqui fora, no meio do céu noturno de um mundo estrangeiro, eu ainda posso me sentir em casa pressionada contra

esse homem. Mas eu me sinto.

Meus olhos se fecham e eu deixo as batidas de suas asas me colocarem para dormir.

MEU ESTÔMAGO SE REVIRA, e eu acordo. Mil estrelas brilham ao meu redor enquanto eu pisco meus olhos abertos.

Quando tento me sentar, sinto os braços de Des apertarem em volta de mim. Demoro um pouco mais para perceber que, um, ainda estamos no céu, e dois, Des faz uma cama surpreendentemente boa.

Olho para baixo e percebo que estamos começando a descer em outra ilha flutuante que não é Somnia.

Agora, as primeiras perguntas misteriosas de Des sobre o meu interesse em seu reino tornam-se mais claras. *Ele está me levando em uma turnê de seu reino.*

Eu tento lembrar quantas ilhas flutuantes ele governa, mas no momento estou totalmente desenhando um espaço em branco. Tudo o que consigo juntar é que vamos visitar vários deles.

Esse parece divertido. Mesmo de longe, já posso ver isso. Onde quer que eu olhe, há cordões de luzes coloridas iluminando os prédios - não como as luzes que você pode ver no Natal, mas os tipos que você pode encontrar fora de uma cantina.

As plantas e árvores brilhantes e floridas que crescem aqui têm uma sensação tropical - assim como o ar balsâmico da noite.

Não é até nos aproximarmos que eu percebo uma série de brigas de bar acontecendo nas ruas. As fadas que não estão brigando estão bêbadas e cambaleando de um lado pro outro no asfalto - exceto, é claro, pelo belo casal que pode ou não estar fazendo *aquilo* do lado de um dos prédios.

Tuuuuudo bem.

Nós aterrissamos do lado de fora do que parece ser um salão de apostas, as fadas do lado de dentro se agrupam em torno de várias mesas onde mais faes estão jogando dados.

Eu escorrego dos braços de Des, olhando em volta de mim. — Que lugar é esse?

— Barbos, a Cidade dos Ladrões.

Claro que Des governa uma ilha conhecida como Cidade dos Ladrões.

Nós começamos a andar e, oh Deus, tudo dói. Sério, *tudo*.

Qualquer que fosse o lugar horrível em Phyllia, onde treinamos, me maltratou bem.

Eu gemo enquanto andamos, esfregando meu traseiro. — Des, eu acho que você quebrou minha bunda.

Ele enfia as mãos nos bolsos das calças de couro. — Querubim, você vai fazer gemidos diferentes quando eu quebrar sua bunda.

Doce Senhor do céu e da terra. O sangue corre para o meu rosto. Para meu horror, minha pele começa a brilhar.

Sirene má. Má.

Eu gargalho. — Isso só acontecerá em seus sonhos.

Des para e pega meu queixo na mão, me forçando a olhar em seus olhos.

— Você sabe, a coisa mais maravilhosa sobre você é que você ainda diz coisas assim, mesmo que você me deva um pulso cheio de miçangas. — Seu polegar acaricia o lado do meu rosto.

Eu engulo, não tenho certeza se a excitação que sinto é de pavor ou antecipação.

Ele me puxa para perto. — Cuidado com suas palavras, parceira, — diz ele, sua voz mais séria do que antes. — Eu as aceito de bom grado como um desafio.

Ele solta meu rosto, caminhando mais uma vez.

Eu permaneço no lugar por vários segundos antes de me recompor.

— Eu quero o divórcio, — eu finalmente declaro.

— Desculpe, querubim, — ele diz por cima do ombro, — mas essa sua bunda dolorida é minha, quer você goste ou não.

Eu faço uma careta para as costas dele.

— Eu vi isso.

— Que bom, — eu digo, e então eu continuo a ignorá-lo.

Eu não sei se Des ainda está usando sua mágica ilusória porque as pessoas não estão o adulando, mas eu... eu eles estão checando.

Seus olhos permanecem nas minhas asas e antebraços, mas eu não vejo medo ou pena em seus olhos. Na verdade, eles parecem... *intrigados*.

Conscientemente, eu estico minha mão para minhas costas e passo ela por uma das minhas asas.

— Eles não veem suas características como você vê, — diz Des, ainda não se virando de onde ele passeia à minha frente.

Eu franzo minhas sobrancelhas.

Ele para, esperando por mim para alcançá-lo. — Existem Faes de todas as formas e tamanhos, — explica ele. — Ver alguém que se parece com você não é estranho para nós. Para nós, você é um ser humano lindo com asas, e isso é exótico e atraente.

Eu olho para o que eu posso ver das minhas asas escuras, as penas iridescentes brilhando verdes sob a luz. É difícil envolver minha mente em torno do que ele está dizendo, e ainda mais difícil de tentar reformular como eu me vejo.

Exótica. Atraente. Essas palavras estão muito longe daquelas que me vêm à mente quando me olho no espelho.

Monstruosa. Mutada.

Tenho vergonha de admitir que aqueles olhares apreciativos acalmam uma parte da minha autoconfiança quebrada.

— Você deveria se lembrar disso, querubim, — diz Des, — especialmente quando você encontrar algumas das elites de outros reinos. Eles vão te achar tão atraente quanto todas essas fadas acham -

talvez até mais, porque você é minha - mas eles tentarão mascarar o que sentirem com desgosto ou alguma outra emoção feita para fazer você se sentir pequena.

Esses Fae soam como pessoas encantadoras...

Espera.

Eu olho para o Des. — *Quando* eu encontrar as outras elites?

Capítulo 11

NÃO, EU NÃO estou prestes a conhecer outras elites.

Sim, eu provavelmente vou em algum momento.

Não, não essa noite.

Sim, Des se preocupa com meus sentimentos.

Não, se preocupar com os meus sentimentos não me tirará de conhecer as ditas elites quando chegar a hora.

Aparentemente, conhecer Faes importantes é parte de todo esse pacote de almas gêmeas que eu assinei.

Blé.

Se eu pudesse viver minha vida sem conhecer outro Fae poderoso, eu consideraria isso uma vitória. Des é mais que suficiente.

Des me deixa na frente de uma taverna e dou uma boa olhada. Parece com as outras. A mesma fachada de madeira esculpida, as mesmas luzes brilhantes penduradas sobre o toldo, o mesmo visual pegajoso que sugere que o local passou por décadas de vazamentos de cerveja.

Honestamente, esse é o meu tipo de bar. Diversão, sem frescura, bom álcool. As únicas coisas negativas nessa situação são que um, nós estamos no Outromundo, não na terra, e dois, eu não posso beber, graças a um reembolso que Des pegou semanas atrás - ah, e três, eu estou andando em um bar ainda usando minhas roupas de couro. Nesse ponto, a roupa é mais recortes de couro do que couro real.

O Negociador abre a porta para mim e nós dois entramos no pub. Um por um os patronos barulhentos nos notam. Dentro de segundos, o lugar fica mortalmente silencioso.

— Hum, isso deveria acontecer? — Eu sussurro para Des. Ele não se incomoda em responder.

Na outra extremidade do bar, uma cadeira recua, e uma enorme e pesada *fada* avança, embora seja um pouco difícil chamá-lo de fada, pelo menos pela minha própria definição da palavra.

O rosto marcado do homem, os couros rasgados e o cabelo ruivo selvagem me fazem pensar que ele é menos uma fada e mais um pirata.

Seus olhos castanho-dourados são duros enquanto ele se aproxima de mim e de Des. Ninguém mais no estabelecimento se move, todos os olhos

voltados para nós.

— Que diabos você está fazendo aqui, Bastardo? — Ele pergunta, sua voz grave.

Minhas sobrancelhas se levantam. Eu não acho que, além de mim, eu ouvi alguém insultar o Negociador na frente dele.

Um tipo diferente de silêncio inquietante agora encobre a sala, como se alguém acendesse um fósforo por cima de uma pilha de pólvora, e todos estivessem se preparando para a explosão que estava por vir.

E então, como algo de um filme, os dois homens riem e se abraçam em um abraço de esmagar os ossos.

O queeee?

Eu fico olhando para eles, incrédula.

Juro pela minha vida, eu nunca vou entender os homens, não importa de que mundo eles são.

A fada malandra se afasta para olhar meu parceiro. — Como diabos você está, Desmond?

Desmond. Não é de se admirar que o lugar inteiro tenha parado. Essas pessoas reconhecem seu rei. Ele deve ter tirado qualquer encantamento que ele colocou em si mesmo antes de entrarmos no bar.

Des acena com a cabeça, um sorriso malicioso se espalhando por seu rosto. — Muito bem, meu irmão. Muito bem.

— Ha! Eu conheço esse sorriso — diz a fada ruiva, batendo nas costas dele. — De quem é a fortuna que você pegou desta vez? Ou, — os olhos dele giram para mim, — é uma esposa que você roubou? Já faz algum tempo desde a última vez que você trouxe uma garota aqui, seu canalha.

Aaaah, credo. Eu poderia ter vivido sem saber disso.

Para mim, o homem ruivo diz: — Cuidado com esse aqui, — ele balança o ombro de Des. — Ele gosta de arruinar as mulheres dele antes de soltá-las.

Arruinar as mulheres dele?

Uma onda quente de ciúmes surge em mim.

A expressão de Des fica sóbria. — Não é desse jeito. Nem um pouco. — Seus olhos pousam pesadamente nos meus, e acho que ele está tentando me enviar um pedido de desculpas.

Eu suponho que essa situação seja justa. Afinal, Des teve que suportar silenciosamente os sete anos que eu me envolvi com outros homens enquanto esperava que eu, sem saber, retribuísse meu último desejo de volta. Eu posso ranger os dentes com um pouco do histórico de namoro do próprio Des.

A fada ruiva me reavalia. Desta vez, ele deve perceber algo que ele não tinha percebido antes, porque ele diz: — Ela não é apenas uma garota qualquer, não é?

— Não. — Des ainda está me mostrando um olhar intenso e aquecido.

Ele olha para o negociador por mais um momento e depois sobe as sobrancelhas. —Ah-a*h,* — ele diz, — essa é a garota que você estava

procurando?

Des acena com a cabeça.

A fada se vira para mim de novo, e ele me envolve em um abraço que praticamente sufoca a minha respiração. — Bem-vinda à família então, — diz ele, com a voz embargada. — Minhas sinceras desculpas vão para você por ficar presa a um Bastardo como um parceiro.

Ele finalmente me deixa ir, olhando de mim para Des como um pai orgulhoso.

Isso é *tão* estranho.

— Ah, eu, — diz ele, respirando fundo através de suas narinas. — Isso muda as coisas para melhor. — Ele bate em Des no lado de seu braço. Então, parecendo se lembrar de que nós dois estamos lá na porta do bar, ele diz: — Bem, deixe-me levar o Bastardo e sua noiva para tomarem uma bebida. É o mínimo que posso fazer.

Não sou noiva de ninguém, mas não me incomodo em corrigir o ruivo. Eu estou morando com Des, fazendo amor com Des, e estou ligada a Des. Um anel e um pedaço de papel parecem detalhes supérfluos a esse ponto.

— Por que ele continua chamando você de 'Bastardo'? — Eu pergunto a Des quando seu amigo malandro nos leva em direção a uma das mesas sujas.

O barulho da taverna aumenta mais uma vez.

— Porque eu sou um, — diz Des.

— Eu pensei que você tivesse conhecido seu pai, — eu digo. No livro que eu li, não havia declarado que o Rei da Noite havia nascido no harém real? Ele não teria conhecido seu pai se esse fosse o caso?

— Eu descobri quem ele era quando eu era adolescente, — diz ele. — Antes disso, — continua Des, — eu era chamado de 'o Bastardo'.

Eu sinto o sangue escorrer do meu rosto. — Eu chamei você disso, — eu digo, mortificada. Eu nunca tinha considerado o termo como um rótulo de verdade.

O amigo de Des para em uma mesa, e Des e eu sentamos.

— Querubim, —diz ele, com a voz baixa, — lhe garanto, está tudo bem.

Eu não me sinto bem com isso…

O amigo ruivo do Negociador se senta à nossa frente, batendo na mesa. — Três hidroméis, — ele fala para o barman no fundo do bar.

Quando sua atenção retorna para nós, seus olhos brilham. — Desmond, meu velho amigo, você não me apresentou oficialmente a sua parceira.

Des apoia um braço sobre a superfície de madeira gomosa. Ele olha para mim. — Callie, — ele aponta para o ruivo, — esse filho da puta malvado é Phaedron. Phaedron, esta é minha parceira, Callypso.

Phaedron pega minha mão. — É realmente um prazer, — diz ele, sua voz se tornando séria.

Não sabendo mais o que fazer, eu aceno, apertando a mão dele. — Prazer em conhecê-lo.

Phaedron é claramente outro dos velhos amigos de Des, o que é

desconcertante para mim. Ainda estou me acostumando com o fato de que alguém como o Negociador *ter* amigos. E tecnicamente, mais do que eu.

Isso, de uma maneira, é realmente deprimente.

Um novo grupo de fadas entra no bar. A maioria são mulheres, embora haja dois homens entre elas. Elas caminham pela sala, com roupas curtas e largamente transparentes. Todas elas se movem de mesa em mesa, suas mãos deslizando sobre os ombros e braços de muitos dos clientes.

Phaedron me vê encarando. — Prostitutas, — diz ele.

Eu dou a ele uma olhada. — Eu não nasci ontem.

Eu juro que tenho um filtro, eu só não o uso sempre.

Phaedron começa a sorrir, me olhando de cima a baixo. — E o Bastardo encontrou o seu par. — Ele se inclina para frente. — Diga-me, Desmond, todas as mulheres humanas são tão ferozes assim na terra?

Des lhe dá um sorriso despreocupado. — Apenas as melhores.

— Aeeee! — Phaedron ri. — E elas são quentes na cama!

Eu levanto minhas sobrancelhas para isso.

A conversa é interrompida pelo barman, que coloca nossas bebidas na mesa.

Eu faço uma cara de decepção enquanto olho para o copo de líquido âmbar colocado na minha frente.

Ainda não consigo beber.

Do outro lado do bar, um dos clientes assobia. — Meu rei! — Ele grita, inclinando-se para trás em seu assento. — Quando você vai vir e cumprimentar seu velho amigo?

Um sorriso lento e preguiçoso serpenteia pelo rosto de Des. — Eu estava esperando evitar esse destino, — ele grita de volta Eu assisto tudo isso maravilhada. Eu estou vendo outro lado de Des, um que é bruto e cru e áspero em torno das bordas. Eu não digo isso, mas agora ele me lembra de todos os policiais da Politia e caçadores de recompensas com quem trabalhei como detetive particular. Eu não estou surpresa em descobrir que gosto muito desse lado dele apesar de sua grosseria.

A fada solta uma gargalhada. — Ah, você ainda pode. Minha bunda é antiga demais para deixar esse lugar.

— Mas não é muita antiga para você vir até o bar, — Des nota.

A fada ri novamente, seus amigos se juntando.

Eu posso dizer que Des quer falar com o que parece ser outro amigo.

Eu bato nele com meu ombro. — Vá. — Eu aceno para seu amigo.

Des hesita, e então, tomando uma decisão, ele fica de pé, pegando sua bebida.

— Eu vou demorar apenas um minuto, — ele promete.

Eu o observo enquanto ele se afasta, chutando uma cadeira sobressalente ao lado da fada e a virando, sentando com o peito encostado nas costas da cadeira.

— O que você fez com meu amigo? — Phaedron pergunta.

Eu lhe dou um olhar interrogativo. — Eu não tenho idéia do que você está falando.

Phaedron balança a cabeça. — Ele esperou até que você lhe desse permissão antes de se levantar para conversar. E desde que vocês entraram, houve pelo menos duas oportunidades diferentes que Desmond poderia - teria - negociado algo longe de você, se ele quisesse.

Eu franzo minhas sobrancelhas. —Ele faz negociações aqui? No Outromundo?

— Oh, sim. O tempo todo. Agora um pouco menos, claro, porque ele é rei. Mas quando ele ainda morava aqui, ele poderia roubar o verde da grama, ele era tão bom.

Eu sei o quão bom Des pode ser.

— Eu acho que ele já tinha muita influência sobre mim. — Eu levanto o meu pulso, mostrando a Phaedron as linhas e fileiras de minhas miçangas pretas. — Cada uma delas representa um favor que eu devo a Des.

Ele fixa os olhos no bracelete. — Então é *assim* que ele te pegou. Diabo astuto.

Eu me inclino para frente, colocando minhas mãos na mesa. — É assim que *eu* peguei *ele*, — eu corrijo.

Phaedron solta uma risada. — Desmond é mais canalha do que eu lhe dou crédito se ele deixa você acreditar nisso. De jeito nenhum ele deixaria tantos favores não serem pagos, a menos que ele planejasse manter você - seja com o seu consentimento ou contra a sua vontade.

Contra minha vontade?

Meus pensamentos devem estar escritos no meu rosto porque Phaedron explica. — Você não deve saber muito sobre fadas, — diz ele. — Nenhuma fada deixaria sua parceira fugir só porque ela faz um pequeno protesto.

Isso é mais do que um pouco assustador.

— Des não é assim.

Phaedron bufa. — O Rei da Noite? — Nossos olhos se movem para onde Des senta, rindo e batendo nas costas de alguns faes com várias tatuagens no rosto. — Ele é o pior de todos.

— Eu não acredito nisso, — eu digo. Houve algumas vezes em que o lado Fae de Des levou a melhor sobre ele, mas ele sempre conseguiu sair por cima, e sempre por minha causa.

Phaedron me olha de cima a baixo. —Talvez você não tenha resistido a ele o suficiente para empurrá-lo até o limite.

Isso me cala. Eu nunca dei uma de difícil quando se trata do Negociador. Sempre foi Des para mim, ele e eu sabíamos disso.

— Confie em mim, — continua Phaedron, — o homem está desesperado por você. Ele pode não dizer isso, mas... — Seus olhos retornam para Des, cujo próprio olhar inadvertidamente encontrou o meu. O Negociador me dá uma piscadela quando ele percebe que estou

olhando. — Coloque um pouco de resistência, — diz Phaedron, — e você verá. Ele não vai deixar você.

Como é que uma frase pode preencher você tanto com grande satisfação e ao mesmo tempo, pavor? Mais do que tudo, eu adoro a ideia de que Des queira ser meu tanto quanto eu quero ser dele. Mas pensar que ele me forçaria a ficar ao seu lado - que há uma parte dele que deixaria de lado meus próprios desejos e necessidades - isso é assustador.

Isso *não* é Des. Não é. Mas eu decido que não quero argumentar com Phaedron sobre isso a noite toda.

— Como você e Des se conheceram? — Eu pergunto, mudando de assunto.

Phaedron toma um gole de seu hidromel antes de responder. — Ele se juntou aos Anjos da Pequena Morte quando eu era o líder.

Minhas sobrancelhas se erguem. Não é como se eu estivesse surpresa que Phaedron era o líder de uma gangue, ou que Des se aproximou dele. Acho que estou mais surpresa com o fato de que Des, um rei fae e eu estamos aqui neste bar em Barbos, passando um tempo com Phaedron, que provavelmente é um criminoso de carreira.

Inferno, eu provavelmente estou sentada em uma sala cheia de criminosos. E o Rei da Noite não está os punindo, ele está botando o papo em dia com eles.

Phaedron se inclina para frente. — Agora me diga: você tem uma irmã...?

Alguém grita, felizmente nos interrompendo. A mesa no canto desmorona, o hidromel salpica por toda parte, e as fadas sentadas anteriormente se lançam umas nas outras.

Todo mundo que não está na briga more seus olhares para o Des.

Em resposta aos olhos crescentes sobre ele, Des levanta o copo em um brinde silencioso para o bar.

Um grito triunfante é dado, e de repente, não é apenas a mesa das fadas que estão brigando. Fae de mesas próximas se envolvem. Vidros se quebrando, mesas também e punhos voando.

Os envolvidos no comércio de pele de Barbos gritam, saindo dos bancos para se moverem para os cantos do bar.

— Não é uma noite verdadeiramente bem-sucedida até que pelo menos uma briga aconteça, — observa Phaedron, pegando sua bebida enquanto está de pé.

Des vem. — Hora de ir, querubim.

— Vocês dois são bem-vindos para vir para a minha casa. Eu vou para lá em mais ou menos uma hora, — diz Phaedron.

— Temos planos, mas obrigado, meu irmão.

— Você cuide de sua pequena parceira, — Phaedron diz para Des, piscando para mim. — Não me dê uma razão para ir atrás de você. Eu ainda posso chutar sua bunda. E, pelo amor dos Deuses, homem, da

próxima vez fique um pouco mais. Eu mal tive tempo para começar a corromper sua garota.

— É justo, — diz Des, apertando a mão dele. — Se cuida.

Nós nos separamos da fada ruiva ao som de vidros quebrando e gritos.

As ruas de Barbos estão igualmente barulhentas. Mais fadas sensuais estão do lado de fora, flertando com homens e mulheres de má reputação. Há mais algumas brigas na rua, um grupo de fadas assobia para uma mulher que lhes manda um beijo, e outro que está parado em um telhado, soltando fogo de seus lábios, o inferno tomando a forma de um dragão. E depois há todos os outros - fadas dançando nas sacadas, voando bêbadas de prédio em prédio ou desmaiadas nas ruas da cidade.

Passamos por tochas tiki - a coisa mais próxima que esta cidade tem de lâmpadas a gás - e a luz oscilante da fogueira dança ao longo do rosto de Des, me fazendo sentir como se eu estivesse em outra época, assim como em outro lugar.

Des respira fundo. — Não há nada como Barbos, — diz ele, soando revigorado.

O que Phaedron disse antes? Que Des morava aqui? Eu podia facilmente imaginar o Negociador assombrando essas ruas, fazendo acordos com bêbados, prosperando à noite. Se Des fosse uma cidade, ele *seria* Barbos. As luzes, o caos, a criminalidade, a *sexualidade*, a excitação. É tudo parte de quem ele é.

A maioria das lojas que passamos são bares, bordéis ou salões de apostas. Nas calçadas em frente a eles, vendedores ambulantes vendem suas mercadorias. Des nos para na frente de um deles.

Eu olho para os itens dispostos.

— Facas? — Eu pergunto, levantando minha sobrancelha.

— Adagas, espadas, bastões, machados, — ele corrige, apontando para cada arma diferente. Como se houvesse algum tipo de diferença. — Eu acho que agora que eu estou te ensinando a lutar, você deve carregar sua própria arma.

Meus olhos deslizam dele de volta para as lâminas. Eu nunca fui exatamente um tipo de mulher que usa armas - isso é mais a coisa de Temper - e olhando para todos esses objetos afiados agora, eu acho que ainda não sou realmente uma.

A mulher que vende as armas começa a explicar os prós e contras de diferentes cabos e comprimentos de lâmina. Tudo se transforma em ruído de fundo. Quando olho para elas, vejo sangue, violência e memórias das quais tenho fugido.

Des se aproxima. — Você não é uma vítima, querubim, — ele me lembra. — Nem mesmo aqui no Outromundo. Escolha uma arma. Faça a próxima pessoa que cruzar você se arrepender.

Essas são as palavras do diabo, palavras perversas, mas a sirene em mim se anima com elas. Inferno, a garota quebrada em mim se anima com elas.

Eu não sou a vítima de ninguém.

Começo a estudar as armas a sério, comparando as alças de couro às de metal, as lâminas curvas às de arestas irregulares.

— Mova sua mão sobre elas, — a fada atrás da mesa sugere. — A certa vai chamar por você.

Balanço a cabeça, pronta para dizer a ela que não sou uma fada e que a magia deles será inútil para mim, mas Des pega minha mão e a coloca sobre a mesa, minha palma virada para as armas.

Seu significado é claro: *experimente*.

Quando ele solta meu pulso, eu respiro fundo.

Isto não vai funcionar.

Começo a mexer o braço de qualquer maneira, a varrendo sobre a mesa de produtos.

— Mais devagar, — instrui a vendedora.

Deixando meu ceticismo de lado, eu diminuo meus movimentos.

No começo, nada acontece.

Surpresa, surpresa.

Assim que estou prestes a me voltar para Des para contar a ele, eu sinto. É apenas um pequeno puxão, mas chama minha atenção de volta para a mesa.

Tudo bem, então essa marca magia Fae em particular pode funcionar em mim, afinal.

Como um ímã, minha mão se move para o lado direito da mesa. Diminui e depois para.

Eu movo minha mão para ver qual arma eu inconscientemente escolhi.

A adaga não tem mais de trinta centímetros de comprimento, do punho à ponta. O cabo é feito de pedra de labradorite e esculpido na lâmina em si estão as fases da lua.

Para uma arma, é muito bonita.

— Uma escolha sábia, — comenta a vendedora. — A lâmina é feita das minas mais próximas do Reino da Morte, e seu metal é infundido com o sangue dos titãs. O punho é trabalhado com a Pedra de Muitas Faces. Uma arma poderosa feita para um indivíduo digno.

Bem legal. Estou feliz que minha mão não tenha caído no enorme machado de batalha do outro lado da mesa.

— Vamos levar o conjunto e um coldre com cinto, — diz Des, indo para o meu lado.

De trás do balcão, a vendedora puxa outra lâmina - a gêmea da que eu escolhi - assim como o coldre.

Eu hesito. — Eu não tenho dinheiro para isso.

Des olha para mim como se eu fosse preciosa antes de entregar moedas para a mulher. — É um presente.

Estou acostumado a receber presentes de Des. Quando eu era adolescente, ele me comprava todo tipo de bugiganga. Mas eu não sou mais uma adolescente, e essas lâminas não são bugigangas.

Ainda assim, eu as aceito.

Eu pego os punhais e o coldre da mulher, passando minhas mãos por eles.

—Coloque-o, — ele insiste.

Eu não preciso de muito mais incentivo. Eu ainda posso ter minhas reservas sobre possuir uma arma, mas eu não vou mentir, prendendo o coldre com cinto na minha cintura e arrumando esses punhais em cada lado dos meus quadris me faz sentir poderosa, perigosa. Pela primeira vez desde que cheguei ao Outromundo, me sinto como eu novamente.

Só foi preciso um par de armas.

Capítulo 12

DES NÃO FALOU muito sobre Arestys quando deixamos Barbos para a menor das ilhas flutuantes do Reino da Noite, então não tenho nenhuma expectativa.

Eu voo ao lado de Des, sem se importar com seu humor. O ar da noite bagunça meu cabelo como um amante, a corrente de ar quente me carregando e Des através de seu reino.

Voar ainda é tão emocionante quanto a primeira vez que eu fui para o céu, e brevemente me pergunto como voltarei à Terra. Antes de Des me ensinar a voar, tudo que eu queria era que meus traços animalescos desaparecessem. Agora eu não sei se vou estar disposta a desistir deles para ser normal. Claro, as asas fazem coisas como passar por portas estreitas e dormir de costas quase impossíveis, mas elas também me apresentaram a um outro lado de mim mesma, que é mais selvagem e mais livre que Callypso Lillis, a solitária Detetive Particular.

É um voo razoavelmente longo para Arestys, e quando finalmente vejo a ilha, fico surpresa com o quão escuro é. A maioria dos lugares que visitamos até agora eram bem iluminados. Só Memnos, a Terra dos Pesadelos, era próxima em escuridão daqui, e isso envia uma onda de trepidação através de mim.

Eu pego um breve vislumbre da parte de baixo da ilha, onde centenas, se não milhares, de cavernas pontilham a superfície rochosa. Poucos minutos depois, Arestys está abaixo de nós, e eu dou minha primeira boa olhada na ilha mais pequena e mais pobre do Reino Noturno.

Eu vejo uma série de casas agrupadas ao longo de um riacho raso, a água cintilando sob a luz das estrelas. Plantas estranhas crescem dentro e ao redor das margens do leito do rio, mas fora isso, o lugar é um deserto.

Des está quieto enquanto nós dois pousamos na areia brilhante que cobre muito do que eu posso ver. A ilha é pequena, provavelmente apenas quinze quilômetros de largura. Algumas das outras ilhas flutuantes pareciam enormes, mas este lugar... este lugar parece uma reflexão tardia, esquecida pela maioria do Outromundo.

Talvez seja por isso que eu gostei daqui. Há algo sobre o quão solitário

e esquecido é que me atrai. E aqui fora, tão longe de qualquer cidade, parece que sou só eu, Des e um interminável oceano de estrelas.

— É aqui que eu cresci, — ele diz, tão suavemente que quase perco.

Minha atenção vai da paisagem árida para ele.

— Sério?

Parece impossível que alguém tão maravilhosamente complexo como Des tenha vindo deste lugar tenso e desolado.

Seus olhos têm um olhar distante neles, como se ele estivesse perdido em uma memória. — Minha mãe trabalhava como escrivã da cidade. — Ele aponta para um aglomerado de edifícios à distância. — Ela costumava chegar em casa com cheiro de pergaminho, os dedos manchados de tinta.

Eu mal respiro, com medo de que qualquer coisa que eu disser pare com essa história.

— Nós éramos tão pobres que não morávamos em uma casa apropriada. — Des parece tanto triste quanto feliz quando se lembra disso. — Nós morávamos nas cavernas de Arestys.

— Posso ver onde você morava? — Eu pergunto.

Todas as expressões são limpas do rosto de Des.

— Não existe mais. — Seus olhos encontram os meus. — Mas eu posso te mostrar as cavernas.

EU ABAIXO MINHA CABEÇA enquanto me movo pelas cavernas abaixo da superfície de Arestys. A rocha aqui formou um labirinto de estruturas semelhantes a favos de mel. Há uma beleza triste neste lugar, como um arco-íris em uma mancha de óleo.

Os túneis são gélidos e esfriados, claustrofóbicos e molhados.

Des *morou* aqui.

Meu parceiro, o Rei da Noite, passou dias - anos - nessas cavernas. Parece uma existência extraordinariamente cruel em um lugar tão mágico quanto o Outromundo.

— Então sua mãe te criou aqui? — Eu pergunto.

Sua mãe, a escrivã. A mesma mulher que Des alegou que teria gostado de mim.

A mesma mulher que deve ter sido parte do harém real.

Des acena, sua mandíbula dura enquanto nós abrimos caminho através dos túneis.

Eu olho em volta para as cavernas sombrias. Há um tipo de magia negra aqui, no fundo da rocha. É feito de desespero e desejos, de desejos não realizados e sonhos que são mantidos trancados.

Como é que um filho nascido em um harém real acaba aqui? E como é que um menino que cresceu aqui se torna rei?

— E o seu pai? — Eu pressiono, me desviando de uma poça.

— Engraçado você perguntar isso… — A maneira como ele diz isso me faz pensar que não é nada engraçado.

Ele deixa suas palavras desaparecerem no nada, e eu não o pressiono por mais.

À nossa frente, o túnel se abre para uma cratera do tamanho de um campo de futebol. Até agora estávamos embaixo do solo, mas aqui as estrelas brilham no céu, brilhando na depressão em forma de tigela.

Des anda na minha frente, suas botas enormes levantando poeira enquanto ele se dirige para o outro lado.

Perto do centro da cratera, ele se ajoelha.

É tudo que posso fazer para não o encarar. Seu cabelo branco, suas costas largas e musculosas, suas tatuagens e aquelas asas que ele teimosamente se recusa a esconder, tudo parece muito atraente - muito atraente e muito trágico.

Ele é minha marca pessoal da salvação, mas agora eu tenho a impressão de que ele é quem precisa ser salvo.

Eu vou para atrás dele, colocando minha mão em seu ombro.

— Esse é o lugar onde minha mãe morreu, — diz ele em voz baixa.

Eu sinto meu estômago cair com sua confissão.

Não há palavras.

Os olhos de Des se movem para os meus. É raro ele usar suas emoções em seu rosto, mas agora ele não se importa em mostrar tudo, e eu tenho um vislumbre agudo de toda aquela dor engarrafada dentro dele. — Eu a vi morrer.

Minha garganta se fecha.

Eu não posso nem começar a imaginar. Uma coisa é testemunhar seu monstro de padrasto sangrando no chão da sua cozinha, outra é ver alguém que você ama morrer.

Eu dou a volta e fico na frente de Des, e seus braços vêm ao redor da minha cintura. Ele levanta a bainha da minha camisa para pressionar um beijo contra a pele macia do meu estômago, esfregando os polegares para trás e para frente sobre a minha pele.

Eu corro minhas mãos pelos cabelos dele, soltando as madeixas do amarrador de couro as segurando para trás.

Essa tragédia pode ter acontecido anos e anos atrás, mas agora parece que tudo está acontecendo na memória de meu parceiro, como se os eventos fossem novos.

— O que aconteceu? — Eu pergunto baixinho.

Eu quase não pergunto nada. Deus sabe que existem tantas lembranças que eu odeio compartilhar.

Ele olha para mim, seu cabelo branco solto. — Meu pai aconteceu.

Capítulo 13

MEU PAI ACONTECEU.

Se isso não é presságio, não sei o que é.

Des se levanta, suas asas se expandindo atrás dele. Ele limpa a garganta. — Chega disso. — Ele pega minha mão. — Há mais um lugar que eu quero levar você antes de retornarmos a Somnia.

Ainda estou ardendo para perguntar a Des sobre os pais dele, mas fica claro pela linguagem corporal dele que ele compartilhou segredos o suficiente por essa noite. Talvez por muitas noites.

Relutantemente, vou para o céu ao lado dele. Eu não tenho ideia para onde ele está me levando, mas quando a Arestys passa embaixo de nós, percebo que será a extensão da nossa visita. Não haverá passeio pelos destaques remanescentes da ilha, nenhuma exploração adicional de sua topografia, sem mais conversas sobre a vida de Des aqui.

É a última coisa que eu mais quero saber mais sobre. Continuo a recolher partes do passado de Des de várias fontes, mas levantou mais questões do que respostas.

O que eu sei: Des nasceu no harém real do Reino da Noite, mas foi criado em Arestys. Ele se mudou para Barbos e se juntou a uma "irmandade", e em algum momento ele se tornou um soldado medalhista e um rei. Ele assistiu sua mãe morrer e ele culpa seu pai.

Ah, e durante todo esse tempo ele estava construindo uma carreira para si mesmo na Terra como o Negociador.

O que eu não sei: praticamente todo o resto.

O vento agita seu cabelo e roupas enquanto voamos. Aqui no meio do céu noturno, ele parece completamente à vontade. Não sei dizer se é uma máscara cuidadosamente colocada, ou se ele realmente deixou sua agonia em Arestys. Posso, no entanto, finalmente ver que o enigmático Negociador tem seus próprios demônios.

Este voo é um pouco mais longo do que os outros e, quando descemos, meu corpo está exausto.

A ilha flutuante em que nos deparamos parece ser composta por piscinas brilhantes e prados iluminados pelo luar. Espalhadas aqui e ali, há mansões elaboradas e alguns templos, cada um distante um do outro.

À distância, há uma cidade reluzente, suas paredes brancas iluminadas por luzes. Des se dirige diretamente para ela.

Ao nos aproximarmos, as casas dispersas começam a se agrupar cada vez mais juntas, mudando gradualmente de rurais para urbanas. A cidade fica na beira da ilha, os edifícios brancos construídos ao longo do penhasco.

Percorrendo a ilha está um rio brilhante, suas águas uma cor aquamarine luminescente. Quando atinge a borda da ilha, ele se espalha pela lateral, a cachoeira se transformando em neblina a centenas de metros abaixo.

Passamos pelo centro da cidade e seguimos o rio, voltando ao interior da ilha.

Nós voamos sobre colinas, o rio uma fita brilhante bem abaixo de nós. Logo os morros se tornaram montanhas, seus lados cobertos de folhagem densa e florida.

Nós só começamos a descer quando chegamos a um pico de montanha particularmente grande. Aqui fica uma casa de pedra branca palaciana, adornada com todos os apetrechos marroquinos que o palácio de Des tem.

Des e eu circulamos em volta, aterrissando no pátio da frente. Os únicos sons ao nosso redor são os chamados suaves das cigarras e o chiado da água correndo.

Eu me viro, observando o impressionante edifício e a montanha além dele.

— Bem-vinda a Lephys, — diz Des, — a Cidade dos Amantes.

Ele pega minha mão, me conduzindo pela casa com seus tetos de catedral e chão de ladrilhos, a única luz vindo das dezenas de lanternas coloridas penduradas no teto acima de nós.

As bordas das portas em arco são incrustadas com mais azulejos pintados, as cores esmeralda, índigo e caqui. Colunas grossas e pintadas sustentam os tetos, tornando o local ainda mais vasto do que já é.

Por mais que eu queira observar mais esse lugar, nós não ficamos aqui por muito tempo. Nós dois saímos para os fundos da casa.

Lá fora, um enorme gazebo repousa, suas cortinas transparentes soprando no ar da noite. Além do gazebo, o rio que seguimos aqui brilha com um verde azul pálido.

O rio luminescente deságua na piscina rasa à nossa frente. No extremo oposto, a água escorre, descendo a montanha mais abaixo.

Des solta minha mão, e leva a sua mão para as costas para puxar sua camisa sobre a cabeça. Sua mágica divide o material enquanto ela passa em torno das articulações das suas asas, a camisa voltando ao normal uma vez que está acima delas.

Ele tira a camisa, atravessando o gazebo e indo em direção à água. Ele levanta um pé, tirando uma daquelas botas enormes e depois a outra.

Des olha por cima do ombro. — Precisa de ajuda, querubim? —

Pergunta ele.

Antes que eu possa responder, sinto minhas próprias roupas se soltarem, magicamente se afastando do meu corpo como a casca de uma banana.

Eu solto um pequeno grito quando eles escorregam da minha carne, caindo em uma pilha de trapos aos meus pés, me deixando perfeitamente nua.

Des vem até mim, a última de suas roupas deslizando para fora dele. Algum dia vou superar a visão dele em toda a sua glória, ou a maneira como ele olha para mim?

Ele faz uma pausa quando chega na minha frente. Então, tomando meu rosto em suas mãos, ele me beija profundamente.

— Eu imaginei ter você aqui por anos, — ele admite quando se separa.

— Você imaginou? — Eu pergunto.

Ele pega minha mão, caminhando de volta pelo gazebo e em direção ao rio. — Muitas vezes.

Eu estudo o cenário com novos olhos. É estonteante pensar que ele me imaginou aqui quando eu não imaginava nem que um lugar como esse existisse.

Sua voz fica mais baixa. — Ao longo do nosso tempo separados, eu me tornei *muito* imaginativo quando se trata de você.

Jesus. Apenas ele dizendo isso envia um raio de calor através de mim. O jeito que ele está olhando para mim também não ajuda. Ele olha para mim como se eu fosse a luz das estrelas, e ele é a escuridão se preparando para me devorar.

— Talvez, — ele sente a água, seu pé mergulhando na água primeiro — se você jogar suas cartas certas hoje à noite, vou até compartilhar algumas das minhas ideias mais criativas, por um preço, é claro.

Tenho certeza de que, independentemente do preço que ele pedir, eu estarei mais do que disposta a pagar.

Primeiro meus dedos do pé mergulham na água, depois as pontas das minhas asas. Centímetro a centímetro, meu corpo nu se submerge na água.

Há algo nesse lugar, com o forte cheiro de jasmim e terra úmida no ar, e a sensação inebriante da total atenção de Des em mim, que faz minha respiração falhar e minhas pálpebras se abaixarem. Meus seios estão pesados e meu núcleo está pulsando. Talvez seja esta ilha - a Cidade dos Amantes - ou talvez seja apenas a estranha magia entre nós, mas ele me tem totalmente sob seu domínio.

Eu quero que ele me afogue na loucura disso. Em nós.

Des me observa o tempo todo, o brilho da água refletido em seus olhos. É uma sensação estranha, deixar alguém que você confia te ver nua. É assustador e emocionante, tudo de uma vez.

Minhas pálpebras vibram. A sirene está falando para eu mergulhar profundamente na piscina e me perder em suas águas. Meus olhos

passam rapidamente para a lua acima de nós. Aqui, nesta pequena piscina brilhante, ambas as nossas naturezas primordiais estão satisfeitas. Eu estou supondo que não foi um erro da parte dele.

Eu vou até Des, nossos peitos úmidos se tocando. Eu começo a traçar as tatuagens que cobrem seu braço, a ação enviando um pequeno arrepio através dele.

— Continue fazendo isso, amor, e essa noite não vai sair como eu planejei, — diz ele, sua voz rouca.

Um olhar para o rosto dele e sei que ele está falando sério. Eu também sei que isso não está ajudando minha própria força de vontade. Talvez eu não queira que isso acabe. Talvez eu queira que o Rei da Noite seja rápido e feroz ao invés de lento e cruel.

Des envolve um braço em volta da minha cintura e me puxa para o peito dele. Ele se inclina e dá a cada lado do meu pescoço um beijo, seu cabelo deliciosamente úmido pingando contra a minha pele.

— Eu poderia me perder em você, — ele murmura.

Ele envolve minhas pernas em torno de sua cintura, e eu sinto o roçar de seu pênis, já duro e pronto. A sensação disso faz meu rosto ficar vermelho.

— O que é isso? — Ele sussurra, beijando minhas bochechas avermelhadas. — A minha sirene está... tímida?

Eu solto uma risada rouca. Ele é um canalha, até mesmo quando está sendo carinhoso.

Ele passa a bochecha na minha. — Eu roubaria as estrelas do céu para você, — ele sussurra em meu ouvido. — Qualquer coisa para ouvir você rir assim.

— Você não teria que roubá-las Des, — eu digo. — Eu aposto que você poderia fazer um acordo com elas e elas viriam até você.

Seus olhos se enrugam com diversão. — Você me dá muito crédito.

Em vez de responder, minha boca encontra a dele, o beijando com força, minha mão espalmada ao longo de sua bochecha. Espero que isso seja resposta suficiente.

Seu abraço se aperta em mim, puxando minha pélvis para mais perto, mesmo quando seus lábios combinam com minha paixão. Ele geme em minha boca, seus braços apertando em volta das minhas costas. Eu me movo contra ele, meu corpo impaciente por ele, minha pele começando a se iluminar.

Faz tanto tempo. Tempo demais. De repente, eu não tenho uma razão decente para isso. Nossos corpos têm muita coisa para colocar em dia.

Ele quebra o nosso beijo tempo suficiente para encostar a testa na minha. Seus olhos procuram os meus, procurando por permissão. Eu me movo contra ele mais uma vez, silenciosamente o encorajando.

Ele desloca meu corpo um pouco, nos alinhando, e então ele desliza para dentro de mim, sua cabeça descansando contra a minha, seus olhos devorando minha expressão.

Tenho que me controlar para não gemer quando o sinto entrar em mim. E, no entanto, isso é muito mais do que apenas sexo. É ele e eu e este lugar.

Se eu pudesse estudar cada parte dele, eu estudaria. Ele é minha consciência culpada, meu pesadelo, meu parceiro. O homem que bebe expresso de xícaras minúsculas e às vezes usa o cabelo em coques ridículos. O mesmo homem que gosta das minhas partes selvagens e perversas com as quais eu nem sempre me sinto confortável.

Eu rolo minha cabeça para trás, olhando para as estrelas. Há milhares e milhares delas, e sua luz beija minha pele. Entre cada uma delas está uma escuridão insondável. Está tudo ao meu redor, dentro de mim, fazendo amor comigo.

Des se balança para dentro e fora do meu núcleo, seu pau me alongando da maneira mais extraordinária. Eu envolvo meus braços ao redor dele, me pressionando mais perto.

Não é apenas a água que está brilhando. Minha pele está iluminada, a sirene apreciando a água ao nosso redor e o homem dentro de nós.

Bem no meio do ato, ele nos move para perto da cachoeira, onde a encosta rochosa cria uma espécie de muralha. Pressionando minhas costas contra ela, o Negociador pega meus pulsos e os força contra a superfície rochosa.

— Verdade ou desafio? — Ele diz, ainda se empurrando para dentro e fora de mim.

Espere, ele está brincando?

Quando eu não respondo imediatamente - porque meu cérebro parou há alguns minutos atrás - ele desliza para fora de mim.

Eu solto um som de dor, me sentindo vazia sem Des entre minhas pernas.

Eu deveria conhecer melhor minha fada astuta agora.

Ele mergulha debaixo d'água, movendo minhas pernas sobre seus ombros. E então, bem no meio da piscina, sinto a pressão de seus lábios contra o meu núcleo.

Agora deixo escapar o gemido que contive antes. E graças a Deus Des está embaixo da agua; é um inferno de um som embaraçoso.

Quando me inclino para trás contra a parede de pedra, ofegante, reconheço que *este* é o desafio de Des. Pela primeira vez, não estou reclamando dos métodos de pagamento do Negociador.

Deus, eu não estou.

Ele suga primeiro um lábio em sua boca, depois o outro. Eu me empurro contra ele, suas ministrações me deixando louca.

Sua língua encontra meu clitóris, e um orgasmo inesperado arranca das profundezas de mim. Eu grito enquanto me movo contra ele, meus dedos enterrados em seu cabelo.

Como o homem inteligente sabe que eu gozei está além de mim - como eu disse, meu cérebro desligou há muito tempo - mas minhas pernas

deslizam dos ombros dele enquanto ele se levanta. E então, em um impulso suave, seu pau está de volta dentro de mim, trabalhando de dentro para fora.

— Pronta para o round número dois? — Ele pergunta. Ele nem sequer parece sem fôlego.

Orgasmos múltiplos? Quem é esse homem?

Ele começa a se mover mais forte, mais profundo e como um mestre de marionetes, ele está puxando as cordas do meu corpo, me arrastando de volta para o meu limite.

Eu me aperto nele. É forte e é doce, implacável e persuasivo. Estou quase lamentando que eu queria que isso fosse rápido e feroz. Com Des, eu poderia ficar assim para sempre.

Hipoteticamente.

Realisticamente, no momento em que ele me beija, eu estou acabada.

Como uma represa se quebrando, eu encontro minha segunda liberação. Estou ofegando em sua boca, o segurando como se ele fosse a única coisa que me impede de flutuar. E então ele goza também, seus lábios ainda se movendo firmemente contra os meus, seus impulsos se tornando ainda mais profundos e fortes.

Parece que passamos uma eternidade naquele momento, trancados juntos, e não há começo nem fim para nós.

Mas o momento acaba. Nós quebramos o beijo e Des sai de mim. Nenhum de nós solta o outro, nossa respiração pesada, nossos corpos juntos — Nunca quero ir embora, — Des fala contra mim.

Eu aperto mais ele em mim. — Nem eu.

Eu não sei quanto tempo ficamos assim. Tempo suficiente para minha pele escurecer e nossa respiração ficar quieta.

— Querubim, — diz Des, — há algo que eu queria mostrar para você.

Com uma boa quantidade de relutância, deslizo para fora de seu aperto.

Tomando minha mão, ele me puxa para a cachoeira, meus pés deslizando sobre as pedras lisas do rio enquanto nos movemos. Nós nos movemos sob as águas em cascata, o rio batendo contra a minha cabeça e ombros enquanto Des me guia através dele.

Do outro lado, o brilho da água ilumina os contornos de uma caverna. Des estala os dedos e de repente há luz.

Centenas de velas cintilantes estão empilhadas em quase todas as superfícies da caverna, brilhando suavemente na escuridão. A luz da água e das chamas dançam ao longo do teto, o brilho delas hipnotizando.

— *Uau*, — eu respiro.

O lugar é como algo saído de um sonho.

Bem no meio de toda a luz de velas, há um palett com um colchão macio cheio de cobertores, uma bandeja de comida ao lado.

Des nada até a borda do rio e se empurra para cima sobre o lábio rochoso da caverna, passando as mãos pelos cabelos enquanto ele o puxa

para trás. Ele se vira e estica a mão para mim, cada centímetro daquele corpo glorioso dele brilhando.

Eu pego a mão de Des e o sigo para fora da água, minhas asas pesadas. Antes que eu possa procurar por uma toalha, ele envolve um braço ao meu redor e passa a mão sobre minhas penas.

Um toque quente de magia faz cócegas nas minhas costas e, num instante, minhas asas, pele e cabelos estão secos. Quando olho para ele de novo, percebo que ele também se enxugou.

É esse o momento em que percebo que Des e eu ainda estamos nus. É tanto estranho quanto estranhamente agradável ficar exposto assim um na frente do outro. Há tantos primeiros que só agora estou experimentando com esse homem.

Eu ando até o palett e me sento, dobrando meus joelhos embaixo de mim, esticando minhas asas atrás das costas. Aqui, o som da cascata ecoa. Isso parece um templo primitivo, e Des é o Deus que é homenageado.

O Negociador se senta do meu lado, as pontas de suas asas se levantando para descansar em uma pedra próxima. Ele observa os nossos arredores. — Depois de todo esse tempo, eu me encontro de volta em uma caverna, — diz ele ironicamente. Suas palavras me lembram daquelas cavernas em Arestys.

Há uma vulnerabilidade nele neste momento.

Mesmo agora ele tem dificuldade em abaixar sua guarda.

Eu quero dizer a ele que este lugar é perfeito, que *ele* é perfeito. Que eu aprecio cada pedaço quebrado dele.

Mas eu não digo nada disso. Ele está, afinal, em seu núcleo, tão desconfortável com a intimidade emocional quanto eu.

Em vez disso, estendo a mão e a passo por suas asas.

Ele fecha os olhos, como se estivesse saboreando a sensação. Me levantando, eu vou para atrás dele, estudando a pele prateada delas enquanto minha mão passa sobre cada garra e junta.

Por baixo do meu toque, o sinto estremecer. Suas asas esticam em resposta, as finas veias delas claramente visíveis mesmo aqui na pouca iluminação.

— Eu sempre assumi que as fadas tinham asas de borboleta, — eu admito.

— Você não está errada, — diz Des, de costas para mim. — As minhas são particularmente raras.

Ele se vira o suficiente para envolver seus braços em volta da minha cintura e me puxar de volta para o palett macio, suas mãos descendo até a minha bunda. Isso, naturalmente, faz minha pele ganhar vida assim que a sirene acorda.

A expressão de Des, claro, é de completa inocência.

Eu dou a ele um olhar que diz, *eu estou de olho em você*.

Seus olhos se enrugam e ele ri. — Tão suspeita dos meus motivos. É como se você pensasse que eu estou apenas tentando entrar em suas

calças.

Como se ele não estivesse. Ele é um filho da mãe traiçoeiro.

— Você diz isso como se literalmente não tivesse tirado minhas calças a cinco minutos atrás, — eu digo.

— Eu acho que foi a *um pouco* mais de cinco minutos atrás.

Eu mal consigo não revirar os olhos. Aparentemente, humanos ou fadas, os egos masculinos ainda são muito parecidos.

Des espalha seu corpo ao lado do meu, sua mão demorando na minha cintura. O ar quente e úmido do lugar acaricia minha pele e enrola meu cabelo.

Me levantando, eu estico minha mão e continuo a estudar o que posso das asas de Des.

— Então, todas as fadas têm asas de insetos, menos você? — Eu pergunto.

Ele sacode a cabeça. — A maioria tem, mas não todas, — diz ele, passando a mão na minha cintura e sobre as minhas costelas. — Existem outros tipos de asas também. Algumas fadas têm asas de aves como a sua.

— Por que as suas são diferentes? — Eu pergunto.

Ele olha para longe, o polegar distraidamente acariciando minha pele, causando arrepios. — Alguns dizem que minha linhagem é descendente de dragões, — ele murmura, a luz das velas dançando sobre seu corpo. — Outros dizem que nós viemos de demônios.

Dragões? Demônios?

Droga.

Eu não vou fingir que entendo como as linhagens de fadas funcionam.

— Eu sempre achei que elas pareciam asas de morcego, — eu admito.

— Asas de *morcego*? — Des levanta as sobrancelhas, seu olhar voltando para mim.

Tenho certeza que mais uma vez eu o ofendi, mas ele joga a cabeça para trás e solta uma risada.

— Então o que é? Dragão ou demônio? — Eu pergunto.

Des levanta um ombro, sua expressão ainda brincalhona. — A história da família vai tão longe que ninguém se lembra.

Penso na mãe de Des, a escrivã, contando a um menino de cabelos brancos todos os tipos de histórias - e, entre elas, histórias da sua origem.

Eu sorrio um pouco com o pensamento. Eu não posso imaginar alguém me contando que os dragões existiam... e que eu poderia ser descendente de um deles.

— O que foi? — Des pergunta, tocando um dedo no meu lábio inferior como se ele quisesse roubar meu sorriso para si mesmo.

Eu sacudo minha cabeça. — Estou imaginando você como um garoto ouvindo histórias de sua mãe sobre seus antepassados.

Imediatamente, a expressão de Des se fecha.

Eu disse a coisa errada, eu sei disso.

Espero que ele se afaste e corra como todas as vezes que ele fez isso. Estou fortalecendo meu coração contra a possibilidade.

Mas ele não corre, ele não sai.

Ele simplesmente diz, — As histórias são do lado da família de meu pai.

O mesmo pai que teve algo a ver com a morte da mãe.

Credo.

Eu reavalio as asas de Des. Eu não percebi que elas poderiam representar algo terrível sobre o passado dele - da mesma forma que as minhas representam. É estranho olhar para as asas dele e ver algo muito diferente do que ele vê.

Eu pergunto baixinho. — O que você acha: que você é descendente de demônios ou dragões?

— Conhecendo meu pai? Demônios.

Eu engulo em seco. Eu *realmente* quero perguntar a ele sobre o pai dele, mas não consigo formular as palavras. Há claramente um oceano de amargura e raiva enterrado sob esse relacionamento.

— Bem, — eu digo, passando a mão sobre os ossos da asa mais próxima de mim, — qualquer que seja a origem, eu acho que elas são perfeitas.

Abaixo do meu toque, um tremor percorre o corpo de Des.

— Isso não te assusta? — ele pergunta. — Que eu possa ter um pouco de sangue demoníaco correndo em mim?

Eu dou de ombros. — Você me conheceu no dia que matei meu padrasto. — Eu passo os dedos em uma de suas garras. — E eu vi você executar homens. Acho que já passamos disso.

Com minhas palavras, os olhos de Des se aprofundam. Ele me puxa para perto, uma de suas asas me cobrindo como um cobertor. Ele beija a ponta do meu nariz, depois descansa o queixo contra o topo da minha cabeça.

— Obrigado, querubim, — ele diz suavemente.

Eu não tenho certeza do que ele está me agradecendo, mas eu aceno contra ele de qualquer maneira, acariciando seu rosto. Eventualmente, meus olhos se fecham, meu corpo aquecido por Des.

E é assim que passamos nossa primeira noite em Lephys. Não na casa palaciana além da piscina, mas nesta humilde caverna, nossos corpos nus emaranhados juntos.

Capítulo 14

QUANDO DES E EU finalmente voltamos para a cidade de Somnia, algo em mim está visivelmente diferente.

Eu não odeio mais minhas asas... ou minhas escamas ou garras. De alguma forma, durante o curso de uma semana, eu descobri que as mesmas coisas que me assustavam, agora... me *empoderam.*

Eu posso voar. Eu posso cortar uma vadia com minhas próprias mãos.

Há força nisso, quer Karnon pretendesse que isso acontecesse ou não.

Meu treinamento com Des também reforçou minha coragem. Eu juro que meus braços e pernas estão mais definidos, e mesmo que eu ainda não tenha conseguido dar um golpe em Des, eu estou começando a lutar com mais confiança.

Eu não vou admitir isso para Des, mas fico feliz que ele tenha me forçado a treinar com ele. Eu posso odiar o processo, mas eu meio que estou gostando dos resultados. Eu também estou amando o doce par de lâminas amarradas aos meus quadris. Eles tilintam contra a minha roupa agora enquanto Des e eu andamos pelos corredores familiares de seu palácio.

A sala da torre que Des me leva é um dos lugares mais legais do palácio.

Feita de janelas de vidro do chão ao teto, a sala da torre me dá uma visão panorâmica de toda a cidade de Somnia, dos terrenos do castelo até cidade espalhada além dele.

Além das lanternas penduradas no teto, a única peça de mobília na sala é uma enorme mesa atualmente posta para duas pessoas. Espalhada sobre ela é o que parece e cheira suspeitamente como comida indiana, minha favorita.

Des vai até a mesa, usando as mesmas calças escuras e botas de couro que ele usava na terra, o cabelo amarrado para trás com um cordão de couro.

Eu olho para as grossas faixas de músculos e a pele coberta por tatuagens de seus braços enquanto ele puxa uma cadeira para mim. A única adição Fae ao seu traje no momento são as três faixas de guerra que tocam um bíceps, e isso praticamente só aumenta seu sex appeal

nesse momento.

Eu deslizo no assento que ele oferece, observando-o tomar o seu.

Antes que eu possa me levantar para pegar a comida, ele faz isso por mim. Um prato de aloo gobi e outro de arroz se erguem no ar e serpenteiam até mim.

Enquanto eu começo me servir, um bule se move para a caneca na frente do meu prato, e me serve uma xícara de chai.

— Como você conseguiu essas coisas? — Eu pergunto enquanto termino de servir a mim mesma.

Des se recosta em seu assento, parecendo muito orgulhoso de si mesmo. — Há vantagens em ser um rei.

Ele passa uns bons cinco minutos me vendo comer antes de se juntar a mim. Sei que o homem gosta de uma boa comida indiana - foi ele quem me apresentou a culinária - mas parece mais interessado no meu prazer do que no dele.

— Se importa de misturar um pouco de negócio com o jantar? — Des pergunta eventualmente.

Eu dou de ombros. Agora que estamos de volta a Somnia, é voltar ao trabalho para Des e eu voltar a encontrar coisas para fazer. Não há nada pior do que o tédio, então vou misturar um pouco os negócios com o jantar, se isso me der alguma coisa para fazer.

Eu uso meu guardanapo para limpar minha boca. — O que houve?

Des estala os dedos e uma folha de pergaminho aparece no ar, flutuando na minha frente. Eu não a alcanço antes que ela caia no prato de tikka masala de frango, o molho laranja oleoso da comida manchando o papel.

Me inclinando para a frente, pego a folha de pergaminho e uso meu guardanapo para tirar o molho.

— Isso foi realmente necessário? — Eu pergunto, franzindo a testa quando os meus esforços para limpar o papel só acabam o manchando mais.

No pergaminho, há um tipo de gráfico, uma coluna contendo uma lista de nomes, outra contendo gênero, outra contendo datas e horas, outra contendo local e, finalmente, uma coluna contendo o que parece ser anotações.

O Negociador acena para o papel. — Essa é uma lista de todos os soldados que desapareceram nos últimos três meses, — diz ele, tomando um gole de seu chai.

Eu levanto as sobrancelhas, olhando para o gráfico novamente. A visão de tantos nomes é desconcertante, e essa lista inclui não apenas as mulheres desaparecidas, mas também os homens desaparecidos.

Até agora, Des e eu não falamos muito sobre os homens que desapareceram do Reino da Noite, principalmente porque, ao contrário das mulheres, os homens que desapareceram não reapareceram, não nos dando pistas sobre o que poderia ter acontecido com eles.

— Notou alguma coisa incomum? — Des pergunta, me observando da borda de sua xícara.

Eu continuo a estudar o gráfico. — Você sabe, se há algo que você quer que eu note, você pode apenas dizer… — Minhas palavras morrem quando eu chego às datas.

Desde que Des matou Karnon, nenhuma mulher desapareceu..., mas cinco homens desapareceram.

Eu olho para o Negociador. — Os homens ainda estão desaparecendo.

Des olha pela janela para a cidade cintilante abaixo. — Muitos homens desaparecem no Reino da Noite, — diz ele conversando. — Pode ser nada.

Eu praticamente posso ouvir o *mas* que segue sua declaração.

— O que é? — Eu pergunto, abaixando o pergaminho.

Ele toma outro gole de chá. — Quatro dos cinco homens que desapareceram são soldados.

Desaparecimentos demais para ser uma coincidência, o que significa…

Não acabou.

O papel farfalha um pouco quando minha mão começa a tremer.

— Mas você o matou, — eu digo baixinho.

Os olhos de Des suavizam quando ele olha para mim. — Eu matei *Karnon*.

Demoro mais alguns segundos para juntar o que Des não está dizendo.

Quando eu junto, meus olhos se arregalam. — Outra pessoa está levando os homens.

Capítulo 15

KARNON SÓ pegou as mulheres. Agora que Des o matou, esses desaparecimentos pararam. O papel na minha mão diz isso.

Mas os homens...

— Então você acha que há mais de uma pessoa por trás disso. — Eu olho para Des do outro lado da mesa, estupefata. — Mas por que? E como?

Des passa a mão pelo cabelo loiro branco, os músculos do braço ondulando.

— Estou trabalhando nisso.

Nesse momento, Malaki entra na sala, seus passos longos e poderosos, parecendo cada centímetro com um pirata, com o tapa-olho e a barba malfeita.

Ele deixa cair uma grande folha de cera na mesa. — Convite para o Solstício - o terceiro que eles enviaram, só para constar. — Ele enruga o nariz. — Ugh, que cheiro é esse? — diz ele, fazendo uma careta para os pratos de comida indiana espalhados pela mesa.

Ele acabou de desprezar meu jantar?

Des se inclina para trás em seu assento, cruzando os braços sobre o peito. — Não vamos ao Solstício este ano.

Malaki se senta, um prato e um lugar aparecem na frente dele. Um momento depois, ele alcança a bandeja de chamuças.

— Sério? — Eu digo ironicamente para ele, levantando as sobrancelhas. Um momento atrás ele estava odiando meu jantar, e agora ele está prestes a comer. — É assim que você vai jogar isso?

Ele me dá um olhar confuso enquanto acrescenta as chamuças ao seu prato. Voltando sua atenção para Des, ele diz, — Essa é uma ideia muito ruim.

Des levanta um ombro. — Da última vez que Callie visitou outro reino, ela era a prisioneira de alguém.

— E então você matou o rei daquele reino, — Malaki diz suavemente. — Eu acho que todo mundo sabe que não se fode com sua parceira.

— Nós não vamos, — repete.

— Ser um parceiro não significa que você deixa de ser um rei.

— *Cuidado*. — As palavras de Des atravessaram a sala como um chicote, o poder dele cavalgando.

Malaki se recosta em seu assento, inclinando a cabeça. — Desculpas, meu rei.

O corpo do Negociador parece diminuir, e o poder que engrossou o ar momentos atrás agora recua.

— *Loi du royaume*, — Des diz baixinho.

A boca de Malaki fica sombria. — Eu sei.

Eu olho entre os dois homens. Até agora eu fui um pouco capaz de acompanhar a conversa, mas agora eles me perderam.

— O que foi isso? — Eu pergunto. — Essa frase que você acabou de dizer.

Des acena para seu amigo. — Diga a ela, Malaki. Se ela for se submeter ao Solstício porque você acha que é uma boa ideia, então diga a ela o que ela terá que sacrificar.

Malaki suspira, depois volta sua atenção para mim. — Você conhece o ditado humano: 'Quando em Roma, faça como os romanos'?

Eu olho para ele. — Você realmente conhece essa frase? — Ele não me parece o tipo de fada que fica na terra.

— Você conhece? — Ele pressiona.

Olhando dele para Des, eu aceno hesitante.

— Essa é a lei aqui no Outromundo.

Ainda não estou entendendo.

— Quando estiver no Reino da Noite, — explica Malaki, — uma fada deve seguir as leis deles. Des não quer que você saia do Reino da Noite porque ambos estarão sujeitos às leis de outro reino Fae.

— Isso é como funciona na terra, — eu digo, confusa sobre o porquê isso é um problema.

— O Reino da Flora escraviza os humanos, — Des o corta.

Ah. E aí está o verdadeiro probl...

BOOM!

A sala balança quando uma onda de magia nos lava, me jogando para trás na minha cadeira. Nossos pratos e utensílios tremem sobre a mesa, alguns caindo da borda e no chão. À distância, ouço suspiros abafados.

Nós três nos olhamos.

O que diabos...?

De repente, estamos nos movendo, minha cadeira caindo atrás de mim na pressa de descobrir o que está acontecendo. Malaki, Des e eu saímos correndo do quarto, jantar, homens desaparecidos e reinos escravos esquecidos.

Nos corredores, fadas estão correndo ao redor, tentando encontrar abrigo. Um dos oficiais do palácio corre até nós, curvando-se apressadamente para Des.

— Houve uma violação de segurança, — explica ele, sua voz sem fôlego. — Um dos portais foi a baixo - alguma coisa o cruzou e o

derrubou.

— Reúna uma centena dos meus melhores soldados e mande eles nos encontrarem no ar.

Assim que Des dá a ordem, o oficial sai, correndo de volta pelo caminho que ele veio.

Nós começamos a nos mover novamente. Ao invés de seguir para o andar principal do palácio, sigo Des e Malaki para uma das sacadas do castelo.

Meus olhos vasculham o horizonte, procurando por algo, qualquer coisa para explicar essa violenta onda de magia. Era tão familiar...

Des tira seu olhar do horizonte para olhar para mim. Seus lábios se separam, e tenho certeza que é aqui que ele me diz para voltar para dentro.

Em vez disso, ele fecha a boca e flexiona a mandíbula. Andando até mim, ele aperta a parte de trás do meu pescoço. — Você gostaria de se juntar a mim? — Ele pergunta.

— Sempre. — É menos um pensamento e mais um instinto. Onde meu parceiro vai, eu vou.

— Desmond, — protesta Malaki.

— Isso vai ser perigoso, — ele me avisa, ignorando seu amigo. — Qualquer um de nós poderia morrer. Você ainda tem certeza?

Meu coração bate como um louco. Algum dia eu já pensei que o amor de Des seria sufocante? Que isso iria me mimar como um cobertor de segurança? Porque isso não é sufocante ou mimado. É perigoso e consumidor, e agora deixa um gosto na minha boca como sangue e fumaça.

— Tenho certeza.

Atrás de nós, Malaki ergue as mãos.

Des acena para mim, seu rosto pressagiando. — Me siga e se mantenha segura. Isso é uma ordem.

Suas asas se desenrolam atrás dele, desabrochando como uma flor retorcida e espinhosa.

Em resposta, minhas próprias asas se esticam.

Com uma explosão de magia, ele pula no ar da noite, suas asas o impulsionando. Minha própria decolagem não é tão graciosa, mas alguns segundos depois, eu também estou no ar, atrás do Rei da Noite, Malaki às minhas costas.

Eu não vejo o que causou a comoção até bem depois que Malaki, Des e eu nos juntamos aos soldados de Des.

Muito abaixo da ilha flutuante de Somnia, na massa de terra principal que compõe o Outromundo, uma enorme bola de fogo se desdobra, plumas grossas de fumaça já saindo dela.

Flocos de cinzas ardentes flutuam ao nosso redor quanto mais nos aproximamos. Eu olho para as chamas enquanto a fumaça queima meus olhos.

Minhas sobrancelhas franzem.

Bem no centro do inferno, exatamente onde eu supus que o calor seria o mais quente e o fogo queimaria mais forte, há um caminho enegrecido que as chamas não se atrevem a tocar.

Um dos guardas aponta para algo ao longo da trilha chamuscada e eu sigo seu dedo. Lá, em meio à terra carbonizada, estão o que parecem ser duas figuras.

Não é até que estamos a cerca de trinta metros de distância do chão que eu reconheço uma delas.

Bem, me foda.

Temperance "Temper" Darling, minha melhor amiga e colega, está marchando entre as chamas enquanto ela a controla, arrastando uma fada que parece muito assustada junto com ela. Seus olhos escuros brilham como brasas, raios de eletricidade saindo dela.

Oh-oh.

Ela oficialmente perdeu o controle de seu poder. Eu só a vi assim duas outras vezes e não terminou bem.

Ao meu redor eu posso sentir a magia Fae crescendo no ar. Eu não sei se tudo está vindo de Des, ou se os soldados dele também estão adicionando a essa magia, mas jogar poder em Temper quando ela está assim só leva a uma coisa - destruição.

Eu olho para Des, que está estudando Temper. Não há reconhecimento em seu rosto e por que deveria haver? Eu só falei a ele sobre ela, ele não conheceu Temper em carne e osso.

Às vezes, assumo que meu parceiro é onipotente e infalível, que ele conhece tudo e todos em todos os momentos do tempo. Que nada pode realmente surpreender ele.

Mas pode e obviamente surpreendeu.

Ele começa a sinalizar para seus homens, que ajustam suas posições, seus corpos tensos e prontos.

Se eu não fizer algo agora, eles estarão indo para cima da minha amiga, e isso vai acabar mal para todos.

Chegando a uma decisão precipitada, eu aproximo minhas asas das minhas costas. Meu corpo mergulha, começando a descer para a terra.

— Pare! — Alguém grita atrás de mim.

Não tem como eu parar.

Eu olho por cima do meu ombro. Meus olhos encontram os de Des e, por um momento, tudo o que fazemos é trancar os olhos. No momento, não estou seguindo o exemplo dele nem me mantendo segura como ele instruiu. Ele tem todos os motivos para usar sua magia para me impedir, mas ele não usa.

Essa pequena demonstração de fé reforça minha própria coragem.

Não há como eu comunicar a ele que essa mulher é minha melhor amiga, ou que eu posso ser a única pessoa que pode salvar a situação antes que alguém se machuque. A única coisa que posso fazer é acenar

para o Des.

Eu sei o que estou fazendo, quero que ele entenda.

Mesmo que ele não consiga ler meus pensamentos, acho que ele deve ler eles do meu rosto. Ele olha para mim por mais um momento e depois ergue o punho. Em resposta, seus soldados se mantêm firmes, seus corpos ainda posicionados.

É tudo o que tenho tempo para perceber antes de voltar a olhar para frente.

Abaixo de mim, Temper olha para o nosso grupo, seus olhos normalmente quentes, estão estranhos e escaldantes quando eles pousam nos meus.

Essa é a Temper que as pessoas temiam no nosso internato, e aqui está o poder que a marginalizou.

A aterrorizante realidade de sua existência, aquela que ela olha todas as manhãs quando acorda e quando fecha os olhos a cada noite, é que ela é capaz dessa carnificina. Ela é capaz disso, e uma parte dela anseia por isso.

Há um poder sedutor que ela pode influenciar e a atrai sempre que pode. Na maioria dos dias, ela diz para ir se foder.

Hoje ela cedeu.

Eu sei o que os soldados olhando para Temper estão se perguntando. É a mesma questão que atormentou muitos de nossos clientes.

O que ela é?

Eu olho para a minha amiga através da neblina, as ondas de calor a fazendo brilhar e se dobrar. Há apenas um tipo de sobrenatural cuja magia é tão poderosa, tão assustadora, tão intoxicante...

Uma feiticeira.

Capítulo 16

TEMPER E EU nos encaramos através da extensão do espaço, sua pele brilhando enquanto a magia dança ao longo dela. Seus olhos sombrios e sua pele elétrica estão a um mundo distante de seu eu normal e expressivo.

Minha amiga é uma raça rara de sobrenatural, e uma que a maioria das pessoas deve esperar nunca encontrar. Feiticeiros e feiticeiras empunham magia como bruxas, mas ao contrário de bruxas, eles têm uma quantidade quase ilimitada de poder que podem aproveitar à vontade. O único problema é que, toda vez que usam sua magia, ela corrói a consciência deles até não sobrar nada.

Usando pequenas quantidades aqui e ali não faz diferença. Mas poder assim? Pode separar grandes pedaços da moralidade de Temper.

A pior parte da coisa toda é que o poder de Temper a persuade a usá-lo da mesma maneira que minha sirene me persuade a ceder à minha própria escuridão interior. Está sempre lá, esperando por um momento de fraqueza.

Minha amiga veio para mim. Eu desapareci e ela me perseguiu, se deixando em um frenesi até que seu poder a engolisse. Ela desistiu de um pouco de sua moralidade para mim.

É uma demonstração de amizade totalmente confusa, mas que me emociona mesmo assim.

Começo a me abaixar até o chão, o calor e a fumaça do inferno sufocando.

Callie. Eu sinto mais do que ouço a voz de Des no céu acima de mim.

Eu olho para ele de onde ele e seus homens permanecem no céu a várias dezenas de metros de mim.

Sua expressão diz tudo. Ele não está bem comigo chegando perto dela. Nem um pouco, e ele está se preparando para intervir.

Eu me viro dele. Temper é minha maior preocupação.

Ela me observa o tempo todo em que eu desço, a fada que ela mantém em seu aperto, lutando para fugir, apesar do fato de que ele definitivamente não vai a lugar nenhum.

Eu aterrisso no chão fumegante, o calor como um forno ao nosso redor.

— Você cresceu asas, — diz ela, sua voz sem tom.

Nenhum *oi*, nem *como você está*, ou *porque você não ligou?* Apenas *você cresceu asas.* Temper está tão longe de si quanto eu já a vi.

— Esse filho da puta fez você crescer asas, — diz ela, o calor em torno de mim subindo com sua voz. Seu olhar se move de mim para Des.

Ela empurra a fada que ela está segurando longe dela, quase conseguindo jogá-lo no fogo. Ele cambaleia para longe do incêndio bem a tempo, e então ele está fugindo, indo para o céu, murmurando todo tipo de obscenidades que Temper não escuta. Sua ira está focada no meu parceiro.

— Seja o que for o que você está pensando, Temper, *pare*, — eu digo, minha voz baixa.

Se ela tocar um cabelo na cabeça de Des, então amiga ou não, eu vou derrubá-la.

A atenção de Temper volta para mim, seus olhos se diluindo ameaçadoramente. Ela inclina a cabeça, tentando me entender. — O que ele fez com você?

É óbvio que ela pensa que eu sou a louca.

Por impulso, dou um passo à frente. — Apague as chamas, liberte sua magia e eu explicarei tudo.

Seus olhos ainda parecem estranhos como antes e aqueles pequenos raios ainda estão saltando de sua pele, mas eu juro que estou chegando até ela.

Mas então ela sorri para mim e é positivamente sinistra. — E se eu não quiser?

Lá está, o monstro que consome Temper.

Minha sirene emerge, iluminando minha pele. — Não me faça encantar você, — afirmo, minha voz ameaçadora.

— Você não *ousaria*, — diz ela.

Ela está certa. Em qualquer outra situação, eu não faria. Por um lado, tenho certeza que ela pode dominar meu encanto. Por outro lado, eu nunca quis estar na ponta da sua fúria.

Mas agora as coisas são diferentes.

— Ele não é meu noivo, Temper. Ele é minha alma gêmea. — Eu nunca tive a chance de contar a ela.

É uma espécie de explicação - que não estou sendo mantida aqui contra a minha vontade e que vou impedi-la se ela tentar ferir meu parceiro.

Por um longo momento, Temper não reage. Então, lentamente, os olhos dela vão para o Negociador, o rosto inexpressivo.

No céu, mais fadas se juntaram a ele, nem todas do reino dele pela aparência delas. Temper está reunindo uma multidão, e se isso não acabar logo, minha amiga vai se machucar ou um bando de inocentes vão se machucar.

O olhar de Temper retorna para mim. — Ele é sua alma gêmea, — diz ela, sua voz quase em um transe.

Eu aceno, minha pele ainda está brilhando.

Proteja nosso parceiro, minha sirene sussurra, me persuadindo a encantar minha amiga.

Eu mantenho minha boca firmemente fechada.

Temper fecha os olhos e eu fico tensa. Pelo que sei, ela está prestes a inflamar os céus e todas as fadas que estão nele.

Eu poderia pará-la agora. Tudo o que seria necessário é um pouco da minha própria magia. Eu tenho todos os motivos para fazer isso, e minha sirene quer muito.

Mas eu não faço.

Des me deu o benefício da dúvida apenas alguns minutos atrás. Eu posso fazer o mesmo para Temper. Então eu seguro minha língua e espero ela agir.

Os olhos da minha amiga se abrem e, de repente, as chamas da explosão se apagam, como se fossem nada mais que velas de aniversário sendo apagadas.

As írises de Temper escurecem e as linhas vermelhas brilhantes que passam por elas começam a recuar. Sua pele para de faiscar, e esse poder quente e autoritário dela finalmente vai diminuindo.

Em um momento ela é uma feiticeira selvagem, e no próximo ela é apenas minha amiga.

Ela solta um suspiro vacilante. — Garota, — ela exala, — é bom ver você.

É tudo que preciso ouvir. Eu fecho o último espaço entre nós, envolvendo Temper em um abraço. Sua pele parece areia queimada pelo sol sob o meu toque.

— Você vai me falar sobre as asas, — ela diz enquanto nos abraçamos, — e que você é uma alma gêmea, e como diabos você acabou aqui. Então, e só então, posso prometer que não vou fritar a bunda do seu namorado.

Agora que o perigo iminente se foi, posso ouvir a batida do meu pulso. O que teria acontecido se eu não tivesse vindo com Des? O que teria acontecido se Temper não tivesse escutado meus pedidos?

Eu a aperto mais forte. — Justo, — eu digo em seu ombro.

Ao nosso redor, as fadas estão começando a cair na terra, cautelosamente se aproximando. Não sei quantos segundos nos resta.

Eu me afasto dela. — Eu não posso acreditar que você explodiu um portal para o Outromundo.

— Vadia, isso se chama fazer uma entrada.

Capítulo 17

VÁRIAS HORAS MAIS TARDE, depois de muitas ameaças de morte (tanto *de* quanto *para* Temper), um quase encarceramento, e um monte de explicações, Temper e eu estamos com Des e Malaki em uma das salas privadas do Negociador.

Temper cruza os calcanhares sobre o braço da poltrona na qual ela está, as costas apoiadas no outro braço. — Então, deixe-me ver se entendi: vocês dois... — ela aponta para mim e Des — ...são almas gêmeas, mas vocês não podiam ficar juntos por um tempo estupidamente longo, porque essa aqui... — agora ela aponta para mim, — ...fez algum desejo louco. E logo depois que vocês dois finalmente ficaram juntos, ela... — eu de novo — ...foi jogada em uma prisão Fae, e algum psicopata decidiu dar asas a ela... — e escalas e garras — ...e então você... — ela aponta para Des, — ...matou aquele filho da puta, mas agora você... — eu de novo — ...está presa aqui.

— Ela não está presa aqui, — Des diz sombriamente. Ele está sentado em outra cadeira, seus antebraços apoiados pesadamente em suas coxas.

Temper limpa a garganta. — Como se ela pudesse apenas rebolar a bunda dela por Los Angeles.

Malaki dá um passo para frente. — Por que não falamos sobre a questão mais urgente no momento: você destruiu um dos portais do Reino da Fauna e fez uma fada como refém.

Temper cruza os braços, olhando para a fada de cima a baixo. — Se você quer um pedido de desculpas, você está olhando para a garota errada, compadre.

Uma batida na porta interrompe a conversa. Des agita seu pulso e a porta se abre.

A fada do outro lado se curva. — Meu rei, — diz ele. — Senhor, senhoras. — Ele abaixa a cabeça para cada um de nós antes de voltar sua atenção para Des. — Há soldados Fae da Fauna nos portões do palácio. Eles estão exigindo a prisão da feiticeira.

E isso marca outra tentativa de encarceramento.

Des esfrega o queixo. — Eu me recuso a entregá-la, — diz ele.

— Meu rei... — a fada começa.

— A feiticeira é uma convidada de honra e, portanto, tem a minha proteção e a do meu reino, — diz ele. Seus olhos se movem para os meus. — Qualquer dano que a sua chegada tenha causado será pago integralmente pelos meus cofres pessoais.

Minha respiração para. Ele está obviamente fazendo isso por mim.

Apenas quando eu pensei que era impossível amá-lo mais…

As sobrancelhas de Malaki se erguem. Ele avalia Temper, que está dando a ele uma olhada como se ela não se importasse de provar um pouco dele no jantar.

A fada parada na porta hesita, então se curva. — Muito bem. Eu vou avisá-los.

Depois que a porta se fecha, a sala fica em silêncio.

Finalmente, Temper limpa a garganta. — Eu suponho que você quer que eu diga obrigada, — ela diz, puxando um pedaço de fio da cadeira.

O fato de que Des ofereceu a Temper sua proteção... Eu não tenho certeza se ele percebe que isso é uma grande coisa para ela. Temper está acostumada a ser julgada e condenada, não tendo o benefício da dúvida.

— Agora você *deve* fazer uma aparição no Solstício, — Malaki interrompe. — Você vai precisar provar para os outros reinos que você ainda é um aliado fiel. Caso contrário, isso poderia marcar o início de uma guerra.

Des esfrega seu rosto. Pela primeira, vez ele parece um rei cansado.

Sentindo que ele domina Des, o Senhor dos Sonhos dá um passo à frente. — Se você assistir ao Solstício e mostrar a eles que você é o mesmo governante que sempre foi, será um longo passo para resfriar as tensões.

Des não diz nada por um minuto, apenas pondera as palavras de Malaki.

Aqueles olhos hipnóticos e prateados dele encontram os meus. Eu posso dizer que ele está dividido entre me proteger e proteger o seu reino. Isso mexe comigo no meu interior, ser tão importante para alguém.

— Eu não preciso de proteção, — eu digo.

— Dessas fadas você precisa, — Des murmura. Finalmente, com relutância, ele concorda. — Tudo bem, eu vou - *todos* nós vamos. — Seus olhos varreram a sala, passando em Malaki, então eu, então - de forma chocante - em Temper.

Ela vai também?

Temper parece satisfeita. — Parece bom para mim. Me considere a costela dessa daqui, — diz ela, sacudindo o queixo na minha direção.

Então me atinge, realmente me atinge: Des quer me levar e levar uma feiticeira de cabeça quente para um lugar onde os mortais são escravos. Teremos que respeitar suas leis arcaicas, leis que subjugam os humanos.

Eu suprimo uma engolida. No que nos metemos?

Capítulo 18

— GAROTA, FALE LOGO, o que diabos está acontecendo? — Temper pergunta.

Nós duas estamos dentro de sua suíte de hóspedes. Como o resto do palácio do Reino da Noite, este quarto tem uma vibe marroquina, com portas em arco, colunas de azulejos e lanternas suspensas.

Eu me inclino contra a porta. — O que você quer dizer? — Eu digo.

Ela começa a bisbilhotar o quarto. — Parece que você estava se sentindo muito confortável aqui enquanto testava seu príncipe das fadas.

Estou me sentindo confortável com esse reino e com meu parceiro, algo com que a velha Callie não ficaria confortável. Nos olhos dela, o Outromundo era muito assustador e Des muito fugaz.

— O que você quer que eu faça, Temper? Você mesma disse antes - não posso simplesmente voltar para a terra. — Gesticulo para minhas asas. — Eu sou uma aberração.

Aberração. A palavra tem gosto de mentira quando sai dos meus lábios. Talvez seja todas as coisas que descobri poder fazer, talvez seja que todos neste reino se pareçam um pouco comigo, ou talvez seja que o Rei da Noite parece achar que sou perfeita mesmo com todos esses acréscimos. Em algum lugar ao longo do caminho eu decidi que *diferente* já não se igualava a *mal*.

— Há maneiras de desfazer o que aconteceu com você, — diz Temper.

Algo desconfortável desliza pelo meu estômago. Desfazer a magia de Karnon... quantas vezes desejei que essas escamas nos meus antebraços desaparecessem? Que minhas unhas pretas voltarem a sua cor normal e carnuda? Que minhas asas desaparecerem?

É um sentimento familiar. Houve um tempo em que eu queria arrancar minha pele e viver na pele de outra pessoa.

Eu só estou aceitando agora que eu quero *essa* pele, com imperfeições e tudo. E Temper está sugerindo que eu posso me livrar dessas imperfeições. Que eu deveria.

Eu não espero ficar ofendida com a oferta, mas eu fico um pouco. Eu quero que ela aceite tudo de mim do jeito que Des aceitou.

— Eu não quero desfazer isso, — eu digo.

Temper para de bisbilhotar o quarto para arquear uma sobrancelha esculpida na minha direção.

— Sério?

Conscientemente, eu estico uma mão para minhas costas e a arrasto pela borda de uma das minhas asas, as penas escuras e iridescentes brilhando.

Liberando minha asa, eu suspiro. — É tão difícil para você acreditar?

— Garota, você e eu sabemos que você não pode voltar à Terra do jeito que você está. Você não quer vir para casa? Você tem uma vida inteira esperando por você.

Uma vida solitária e vazia. Isso não quer dizer que eu queira abandoná-la, mas eu também não quero ter que me mudar para voltar a essa vida.

Eu abro minha boca para dizer isso a ela, mas depois me detenho. Eu não vou me defender dela. Ela deveria me apoiar do jeito que eu a apoie no passado. É assim que nossa amizade sempre funcionou.

Eu sacudo minha cabeça. — Esqueça isso.

Eu me viro para sair.

— Espere. — Ela vem para mim e pega meu pulso. — Callie, você sabe que eu só me importo se você se importar. — Seus olhos castanhos quentes procuram os meus. — É só que eu sei o quanto você não queria ser um lobisomem quando estava com Eli, e agora, depois de ficar com outro cara por três ponto cinco segundos, você parece uma fada.

Eu lhe dou um olhar exasperado. — Eu não estive com ele por 'três ponto cinco segundos'.

Ela aperta minha mão um pouco mais, lendo minhas feições. — Tudo bem, — ela diz, fazendo algum tipo de julgamento, — você tem uma história longa e sórdida com ele. Eu só não gosto de compartilhar minha melhor amiga, mesmo que o cara seja seu parceiro.

E aí está a verdade por trás da trepidação de Temper. Minha amiga se sente ameaçada.

Desde que viramos amigas, ninguém mais se interpôs entre nós. E, até onde ela sabe, Des é o mesmo cara que fez eu me fechar para os homens, então ela também é antiDes porque é leal. E aqui estou eu, lhe pedindo para deixar sua raiva e ciúmes para trás.

É pedir muito, e ela está disposta a trabalhar nisso por mim.

Eu puxo minha mão para fora de seu aperto para que eu possa lhe dar um abraço.

— Eu te amo, sua garota maluca, — eu digo Seus braços vêm em volta de mim um segundo depois. — Eu sei. Como você poderia não amar? Eu explodi um portal por você.

Bem ali, no meio do abraço, começo a rir. — Eu ainda não consigo acreditar que você fez isso. E o olhar no rosto daquela fada… — eu digo, me referindo a fada que ela manteve como refém. Esse cara provavelmente precisou mudar de calça após a experiência.

— Você quer dizer meu guia? — Ela diz. — Isso é o que ele recebe por

cobrar caro demais.

Agora nós duas começamos a rir, e é tão fodido, mas nós duas estamos um pouco doentes da cabeça.

Temper se afasta, o riso dela some. — Ok, agora onde essas fadas mantêm a bebida? — Ela pergunta, olhando ao redor do quarto. — Eu vou precisar me embebedar se eu vou ficar aqui na porra do Outromundo.

— Eu pensei que você gostasse de tudo sobre fadas, — eu digo, indo para a parte de trás do seu quarto.

— Sim, quando eu tinha *dezessete* anos. Eu também gostava de batom laranja. — Ela estremece com a lembrança, se ajoelhando na frente de uma estante pressionada em uma parede no lado do quarto.

— Aha! — Diz ela, abrindo as portas. — Aqui vamos nós. — Ela pega uma garrafa com letras brilhantes. Depois de a abrir, ela dá uma cheirada.

Ela estremeceu um pouco. —Ugh, cheira a mijo de duende, mas serve.

Nem vou perguntar sobre o comentário do duende.

Ela toma um gole direto da garrafa antes de me oferecer.

Eu balanço minha cabeça.

— Então, — ela cai em uma cadeira lateral ornamentada, — Mal-a-ki. — Ela estende o nome dele, balançando as sobrancelhas.

Eu gemo, caindo em sua cama. — *Nãããão*.

— Não, *o que*? — Ela diz, uma certa ousadia em sua voz.

Eu pego um dos travesseiros dela, colocando-o debaixo do meu peito. — Eu já sei como isso vai acontecer: você vai foder ele, depois foder com a vida ele, e então ele vai ficar aborrecido, e ele vai descontar em mim, porque eu sou sua melhor amiga.

Ela me olha de lado, tomando um gole de sua garrafa. — Isso te serviria bem, sua merdinha magra. Eu tive que lidar com Eli desde que você terminou com ele, e esse filho da puta peludo teve um osso para pegar comigo - trocadilho não intencional.

Oops. Temper tem um ponto. Nosso negócio, West Coast Investigations, contratou Eli para alguns dos nossos trabalhos, que era um caçador de recompensas sobrenatural. Presumi que nosso relacionamento - ou a falta dele - não afetaria nosso trabalho.

Claramente eu assumi errado.

— Então, — Temper continua, — ele tem namorada?

— Eli? — Eu levanto um ombro. — Eu não saberia.

— Vadia, você e eu sabemos que não estou falando do Eli. *Malaki*.

Pobre fada. Parece que ele vai ter mais a ver com Temper nos próximos dias, quer ele queira ou não. Ela é uma força da natureza quando quer ser.

— Não tenho ideia, — eu digo.

Eu nem sei se fadas *têm* namoradas ou namorados. Eles parecem o tipo de criaturas que cortejam ao invés de terem encontros, e tem prometidas

ao invés de namoradas. E aparentemente, se você é um governante, *haréns*.

Eu suprimo meu tremor.

— Hmmm… — Temper toma outro gole da garrafa, completamente alheia de onde minha mente está.

O desejo de beber aumenta em mim. Maldito seja Des por me forçar a ficar sóbria. Eu poderia usar um pouco de bebida para essa conversa.

— O tapa-olho é real? — Ela pergunta.

Eu apenas dou uma olhada para Temper.

— É, não é? — Ela diz isso como se fosse algum tipo de grande revelação. — Eu quero ver o que está por baixo.

— Alguém já te disse que você é seriamente perturbada?

— Diz a garota que gosta de foder homens maus. Como o Negociador é na cama? Aposto que o cara é desagradável em nível A.

Eu *definitivamente* poderia usar um pouco de bebida para esta conversa.

— Temper, eu não quero beijar e contar.

— O que? Você *sempre* beija e conta.

Isso era quando eu não me importava com os homens e era divertido rir de algumas das situações sexuais em que me meti. Mas a intimidade com Des... é diferente, *sagrada*.

— É o melhor que já tive, — confesso, — e é tudo o que vou dizer.

Temper me olha sobre a garrafa. — Mer-da, e eu aqui pensando que esse cara era uma má influência.

— Oh, ele ainda é uma má influência, — eu digo, meus olhos ficando distantes.

Des pode ser minha alma gêmea, mas ele ainda é o homem que me faz pular de prédios, que mata sem remorso, que usa sexo para cobrar seu pagamento.

— Como quiser.

Nós duas conversamos um pouco mais. É só quando o álcool atinge o sistema de Temper e a deixa sonolenta que eu a coloco na cama e saio do quarto dela.

Eu passo alguns segundos extras em silêncio fechando a porta dela.

— Você tem umas explicações para dar.

Eu cubro minha boca para abafar meu grito.

Encostado na parede do corredor está Des.

Ele caminha na minha direção e, como uma tola, começo a recuar. Quando seus olhos brilham como agora, posso dizer que ele está no limite que separa a sanidade e a loucura, a humanidade e sua fada cruel.

Ele está em cima de mim em um instante, me prendendo na parede.

— Vamos tentar de novo, — diz ele, dando uma mordida de leve na minha orelha. — Você tem umas explicações para dar. — Ele pressiona uma perna entre as minhas, o movimento esfregando contra o meu núcleo. — Agora, você quer começar com o fato de que você não ouviu

minhas instruções quando estávamos na varanda mais cedo, ou o fato de que você quase se matou ao enfrentar uma feiticeira irritada?

Eu engulo delicadamente. Eu sabia que isso estava chegando.

— Eu poderia… — Sua voz se quebra. — Eu poderia ter perdido você, — diz ele duramente. — Se você tivesse se machucado... eu nem teria tido tempo para administrar vinho lilás.

É aqui que peço desculpas por assustá-lo, e é onde agradeço a ele por sua fé em mim.

Só que eu nunca tenho a chance.

O rosto de Des se ergue até que o suave e astuto Negociador me encare de volta. — Ou talvez, — continua Des, — devemos apenas ignorar as explicações e passar para o reembolso.

Reembolso?

De repente, o Negociador não me prende mais na parede. Ele levanta primeiro uma das minhas pernas, depois a outra, envolvendo-as firmemente em torno de sua cintura.

— Des, — eu digo, agora começando a ficar nervosa.

O que exatamente ele tem em mente?

Ele começa a andar, me segurando nele. — Vamos tentar ouvir as instruções novamente: desta vez, quando eu falar elas para você, você as seguirá.

Eu estreito meus olhos para ele. — O que você está planejando?

Ele me lança um olhar escuro e ardente. — Você vai ver em breve, querubim.

Ele anda pelo corredor e depois desce outro, o tempo todo, eu estou presa em seus braços. Eu não me incomodo tentando me esquivar, principalmente porque sei que ele quer que eu faça isso, e também porque da última vez que tentei sair dessa posição, ele usou sua magia em mim.

Então, em vez disso, deixo que ele me carregue. Eu não sou peso pena. Se ele quer se exaustar me carregando por aí, ele é meu convidado.

Eventualmente, ele abre um conjunto de portas duplas, levando a uma das muitas varandas do palácio.

O ar fresco da noite sopra nas minhas costas, agitando minhas penas e mexendo meu cabelo.

— Se você me jogar para fora da varanda… — Eu aviso.

Ele não espera que eu termine minha ameaça. Um momento ele está em terra firme, no seguinte, nós dois estamos subindo em espiral no ar, eu ainda em seus braços.

Ok, então Des não está planejando me jogar de uma varanda... ele está planejando me jogar do céu.

Só que ele não me deixa ir.

Eu o olho nos olhos, nós dois com os olhares trancados.

— E agora? — Eu pergunto.

Seus olhos brilham.

É quando eu sinto minhas roupas se soltarem, assim como elas fizeram em Lephys.

O que diabos...?

Meu traje fae essencialmente se derrete do meu corpo. Eu solto um grito, tentando agarrar os restos das minhas roupas. Não tem necessidade; elas escorregam pelos meus dedos como grãos de areia.

Ainda bem que eu já tinha guardado minhas adagas; caso contrário, o pequeno presente de Des teria desaparecido há muito tempo.

Eu olho para baixo, observando os tecidos brilhantes cair em Somnia. Já estamos muito alto para ver onde eles caem.

O ar da noite acaricia minha pele nua. Parece como mergulhar pelada, a sensação estranha e nova e não totalmente desagradável. Eu ficaria envergonhada com a exposição, exceto que estamos muito alto no céu e a noite está muito escura para que alguém nos veja.

Eu volto para Des, minha pele nua. Como eu, as roupas dele sumiram há muito tempo. Eu corro a mão sobre seu bíceps, meu polegar traçando uma de suas faixas de guerra.

Nós deslizamos através de uma camada de nuvens finas, a névoa formigando minha pele. São as nuvens que me lembram da primeira vez que voei. Des tinha apontado para os casais escondidos na escuridão, cada um preso no abraço de um amante.

Eu respiro fundo, percebendo o que Des pretende fazer. O que *nós* pretendemos fazer.

É claro que o Rei da Noite, o homem que domina o sexo e o sono, a violência e o caos, queria me levar até aqui, onde apenas as estrelas e a grande vastidão do universo são nossa audiência.

— Eu te disse que tinha muitas, muitas exigências, — diz ele, lendo meus pensamentos. Sua voz é suave enquanto nós dois pairamos no céu, nossos cabelos farfalhando na brisa suave.

Enquanto ele fala, posso sentir sua magia se estabelecendo ao nosso redor. Não é agressiva ou desconfortável como às vezes pode ser. Em vez disso, sinto como se estivesse tomando banho na essência de Des - sombras e raios de luar.

Lentamente, suas mãos deslizam pelas minhas costas. Elas parecem com o toque de um escultor, me moldando de uma forma agradável. Elas escorregam por baixo das minhas coxas.

Minhas mãos estão ao redor do pescoço de Des, e eu brinco com as pontas macias do cabelo dele.

— Eu pensei que você queria que eu seguisse suas instruções, — eu digo, minha respiração um sussurro.

Ele levanta o meu corpo apenas alguns centímetros e, em seguida, desliza para dentro de mim. Meus lábios se separam enquanto olho para ele, minha pele começando a brilhar. Eu pareço apenas mais uma estrela no céu enquanto nosso corpo se encontra.

— Eu quero, — ele diz, acariciando minha bochecha, — mas eu acho

que eu prefiro você um pouco indomável também.

Com isso, nós dois começamos a nos mover, nossos corpos rapidamente ficando febris. E passamos a noite apenas como dois amantes escondidos entre as nuvens.

Capítulo 19

NO DIA SEGUINTE, Des e eu estamos de volta ao pátio de treinamento, eu um pouco esfarrapada por causa da minha noite, Des parecendo tão afiado como sempre.

Se alguma vez eu pensei que depois da proximidade da noite passada, o Negociador iria facilitar pra mim hoje, então eu pensei errado.

Eu agarro minhas adagas novas em minhas mãos, sentindo cada centímetro quando Des vem para mim.

— Bloqueio-*Bloqueio*, — ele grita quando ele começa seu ataque.

Meus braços sobem tardiamente, mal o segurando.

— Meu lado está aberto, Callie, —diz ele.

— Como eu...?

Ele gira para fora do meu aperto, e então eu sinto a pressão de sua lâmina contra o meu pescoço.

— Quantas vezes eu te matei hoje? — Ele pergunta, sua respiração quente contra a minha bochecha.

— Vinte e três. — Ele fez com que eu contasse. Como se eu já não me sentisse merda o suficiente sobre minhas habilidades de combate.

Ele faz um barulho com sua língua. — Você pode fazer melhor.

Eu não *quero* fazer melhor. Eu quero voltar para dentro do palácio, encontrar as cozinhas reais, aproveitar de seus bolos e, em seguida, tirar uma boa soneca.

Mas os desejos, eu decidi, são pequenos bastardos que sempre te mordem de bunda - pelo menos, se você os pegar com o Negociador.

Des ataca, derrubando uma das minhas lâminas do meu aperto, o metal batendo no chão.

Ok, sério, minha falta de habilidade está começando a me irritar.

— Sua lâmina é uma extensão do seu braço, — diz Des, começando a me circular. — Você não deixaria alguém cortar a sua mão - não deixe alguém despir você da sua arma.

Eu vou para pegar a minha adaga caída, apenas desviando por pouco de outro golpe da arma do meu parceiro enquanto eu rolo para fora do caminho.

— Finalmente, minha sirene mostra potencial.

— O que eu *daria* para você ficar quieto, — murmuro. Por mais que eu ame sua voz, há algo particularmente desagradável em receber instruções de alguém com quem você está dormindo.

— Você me daria alguma coisa? — Des diz, parecendo intrigado. — Querubim, estou *sempre* aberto a esse tipo de barganha.

Atrás de Des, Malaki e Temper saem do palácio, indo direto para os campos de treinamento. Nunca estive tão feliz em vê-los. Certamente isso me tirará do treinamento durante o dia.

A ponta da lâmina de Des está de repente cutucando logo acima do meu coração, seus olhos prateados intensos. — Não tire os olhos do seu inimigo nem por um segundo.

— Temper e Malaki estão aqui, —eu digo, acenando para eles.

— Que bom, — diz ele, não se virando de mim. — Talvez você possa impressioná-los com sua habilidade.

— Nós não estamos parando? — De repente, a presença de Temper está sendo muito menos bem-vinda. Eu não quero que todos vejam minha bunda apanhando. Eu meio que tenho uma reputação para manter. Há também os farrapos da minha dignidade a considerar. Eu gostaria de mantê-los.

Por cima do ombro de Des, só consigo distinguir minha amiga dando olhares de *me foda* para Malaki.

Des bate nas minhas pernas. Eu caio no meu quadril, minhas armas saem das minhas mãos.

— Concentre-se, — ele rosna.

Você pensaria que para um cara que transou repetidamente ontem à noite, ele estaria com um humor um pouco melhor.

Eu me arrasto para minhas adagas assim que ele chuta uma para fora do caminho.

Foda-se isso. Sério.

— Vadia, — Temper chama, — Eu sei que você pode fazer melhor do que isso.

Eu lhe dou um olhar desagradável, mas é um desperdício. Ela já se virou, se inclinando para Malaki e sussurrando algo para ele que o faz rir. Tenho certeza de que às minhas custas.

O Negociador bate na minha bunda com sua arma, me deixando instantaneamente lívida. — Se você não gosta do jeito que eu falo com você, então me mostre.

Eu pego minha adaga restante e ataco, a ponta da minha lâmina cortando o couro cobrindo as panturrilhas de Des.

Ele faz uma pausa, seus olhos passando para os rasgos em seu equipamento de proteção. De repente, um sorriso surge em seu rosto.

— Muito bem! — Diz ele, deslizando sua arma de volta em sua bainha. — Eu vou fazer de você uma guerreira ainda. — Ele pega minha mão. — O treinamento está oficialmente encerrado para o dia.

Eu dou a sua mão um olhar cético antes de pega-la, meio pensando que

esse é outro truque. Mas não é. Aparentemente, eu termino de treinar cedo se eu fizer algum progresso. Ponto pra mim.

— Aww, vocês já terminaram? — Temper pergunta, se aproximando com Malaki.

Como se ela se importasse comigo terminando o treino. Ela está apenas chateada que seu encontro improvisado com o Senhor dos Sonhos está chegando a um fim rápido.

— Não pareça tão triste, Temperance, — diz Des. — Eu tenho planos para vocês duas.

Para nós duas?

Eu lhe dou um olhar confuso, minha barriga apertando desconfortavelmente.

— Vocês duas vão passar o dia se preparando para o Solstício.

— FODA-SE ESSA MERDA, — Temper diz para mim.

Nós duas estamos trancadas na loja da costureira real, uma série de fadas fazendo nossas medições e segurando amostras de tecido em nossos rostos. O ar é denso com o cheiro de sândalo e óleo ardente.

Já estamos com nossas unhas (ou, no meu caso, garras) feitas e nossos cabelos aparados.

— É sério, foda-se.

A fada que está medindo Temper dá uma bufada.

Eu mal consigo conter meu sorriso ao total desprezo de Temper.

— Eu pensei que você gostasse de se arrumar, — eu digo. Deus sabe que Temper está sempre falando sobre melhorias que eu poderia estar fazendo no meu próprio guarda-roupa.

— Sim, eu gosto quando faço isso sozinha. Leva apenas cinco minutos e, o mais importante, eu não tenho que me despir em frente a fadas aleatórias enquanto elas me espetam.

— Ow! — Temper grita quando a tal fada aleatória a fura com um alfinete. — Vadia, você fez isso de propósito? — Ela dá a fada um olhar capaz de destruir alguém.

— Talvez se você parasse de se mexer… — a mulher diz.

— Eu fiquei parada por uma hora. Eu não sou uma maldita estátua.

Outra fada intercede. — Minha senhora, lamentamos muito o inconveniente. Estamos trabalhando o mais rápido possível.

Ignorando a segunda fada, Temper diz a primeira: — Me fura novamente e eu vou acabar com sua pequena bunda pixie.

O alfaiate trabalhando em mim dá um tapinha no meu braço. — Tudo pronto, — ele sussurra, me deixando sair do pedestal que eu estava.

— Ah, nem pensar, — Temper grita quando ela vê que eu acabei. — Sério? Você está pronta antes de mim? Como isso é justo? Eu não sou nem uma parte importante dessa merda de solstício.

— Calma, Temper, — eu digo, indo para as nossas coisas. — Você vai acabar logo, e eu vou estar bem aqui.

— Na verdade, minha senhora, — interrompe o alfaiate, — o rei pediu que você se juntasse a ele assim que terminasse.

— Você *não* está me deixando, — exige Temper.

Eu encolho meus ombros, pegando minhas coisas. — Ordens do rei, — eu digo. — Eu não posso desobedecê-las. — Eu vou para a porta.

— Callie...

Saio da loja de costureiras antes que ela possa terminar de fazer suas exigências.

Eu me sinto mal por correr de Temper?

Não tanto quanto me sinto mal pelas fadas que precisam terminar de arrumá-la. Ela pode ser um dragão quando quer ser.

Lá fora, um soldado espera por mim. — Minha senhora. — Ele se curva. — Estou aqui para acompanhá-la ao rei.

Eu quase reviro meus olhos. De toda a pompa.

Nós dois nos arrastamos pelos terrenos do palácio, em direção a uma das torres. O soldado para em uma porta de madeira esculpida com ornamentos de bronze.

Ele bate duas vezes na porta e depois de se curvar para mim novamente, fica em posição contra a parede do corredor.

Silenciosamente, a porta se abre e eu entro. É outra biblioteca - uma biblioteca em uma torre, a julgar pelas paredes curvas de livros. Várias mesas ocupam o centro da sala e em uma delas está uma pilha de livros, uma tela parcialmente pintada, um conjunto abandonado de tintas e um pincel.

Mas nenhum Rei da Noite.

Eu vou até a mesa, meus passos ecoando pela sala.

Curiosa, eu pego a tela. A princípio, tudo o que vejo é a curva de uma cintura, um umbigo e o começo de um mamilo escuro. Mas então noto o antebraço deitado languidamente perto do canto da pintura, distinto por suas fileiras e fileiras de escamas douradas.

Eu quase deixo cair a pintura.

Essa sou eu. *Nua*. Claro, não mostra meu rosto, mas não precisa.

Há apenas uma pessoa que conheço que tem escamas no antebraço - eu.

Isso é obviamente o trabalho de Des.

Eu pego a pintura de novo e, ai meu deus, tem meu mamilo! Meu *mamilo*. Ele estava no meio de pintá-lo quando foi chamado para longe de seu trabalho.

E o demônio não está aqui para eu confrontá-lo.

Meus olhos se movem para os potes de tintas. Por impulso, pego o pincel e o mergulho em um pote contendo tinta preta. Depois de revestir o pincel, começo a pintar sistematicamente a pintura.

Eu me sinto culpada por arruinar boa arte?

Não tão culpada quanto eu sinto por correr de Temper - o que quer dizer, não me sinto nem um pouco culpada.

Depois que termino, coloco a tela molhada de lado, minhas mãos agora cobertas de manchas de tinta preta.

Satisfeita com a minha própria forma de vingança, passo da tela para a pilha de livros. Uma nota está no topo da pilha.

Callypso, No caso de você querer um pouco de conhecimento extra sobre o Solstício.

— Jerome Demoro um momento para reconhecer o nome, mas finalmente eu reconheço. Jerome foi o bibliotecário que conheci há uma semana.

Curiosa sobre os livros que ele trouxe para mim, eu pego o primeiro da pilha e coloco na mesa. Depois de puxar uma cadeira, abro a capa.

Antes que eu possa olhar para a página de título ou o índice, as páginas começam a se virar, se estabelecendo em um capítulo intitulado "Solstício".

Meus olhos passam pela primeira página e depois a próxima... e a próxima. Eu me perco nas palavras, minha curiosidade sobre o festival só cresce quanto mais eu absorvo.

Pelo que este capítulo diz, o Solstício é uma reunião de todos os quatro principais reinos - Noite, Dia, Flora e Fauna - que ocorre na semana em torno do dia mais longo do ano. É uma celebração de renovação hospedada no Reino da Flora, e todo o seu propósito é celebrar a regeneração da vida. Rivalidades amargas e inimizades antigas são postas de lado durante essa semana para que todos quatro reinos possam se encontrar, discutir questões dos reinos e se divertir juntos.

Aparentemente, de acordo com uma nota lateral que encontrei em um dos livros, não comparecer ao Solstício é um grande tabu, daí o motivo pelo qual Malaki perseguiu Des tão obstinadamente a comparecer.

Assim que termino o capítulo, o livro se fecha.

Tuuuuudo bem.

Eu pego o próximo livro na pilha, esse é sobre o Reino da Flora. Como o último livro, esse vai para uma página específica. Nela está uma pintura de uma bela mulher com cabelos ruivos encaracolados e olhos verdes, videiras de papoulas vermelhas se enrolando no seu braço.

Mara Verdana, a descrição abaixo, *Rainha da Flora, e seu rei consorte, o Homem Verde.*

Meus olhos voltam para a imagem, surpresa cobrindo minhas feições. Há uma segunda pessoa na foto?

Mas agora que eu olho, existe, ele simplesmente se mistura com a folhagem verde ao fundo. Ao lado da Rainha Flora está literalmente um homem verde, sua pele de um tom suave da cor, seu cabelo e barba um tom mais escuro e selvagem. Seus olhos brilham com malícia.

Eu olho para a imagem por um longo tempo. Mara Verdana é toda cores florescentes e brilhantes, como uma flor em seu apogeu, e o Homem Verde é o matagal de arbustos e a suave penugem de grama selvagem; ele é todos os pedaços de plantas que são negligenciados e

subestimados.

Estes são os governantes que hospedarão o Solstício. Os mesmos que escravizam humanos.

O pensamento me perturba muito, particularmente porque esses dois governantes não *parecem* maus ou injustos. Assim como meu pai não parecia com um homem que abusava de sua filha.

Eu empurro o livro para longe.

Onde está Des?

Eu percebo que estou esperando há quase meia hora e ele ainda não apareceu. Distraidamente, enrolo minha pulseira em volta do meu pulso. Meus olhos se movem para as miçangas enquanto um pensamento vem para mim.

Eu não preciso esperar por ele se eu não quiser. Ele tem um cartão de chamadas que é particularmente eficaz.

— Negociador, — eu falo para a sala vazia, — eu gostaria de fazer...

— ...amor? — A voz de Des é como uísque suave, sua respiração se espalhando contra a minha bochecha.

Eu olho por cima do meu ombro para ele. Seu corpo é uma parede de músculo muito atraente, bloqueando as fileiras de livros atrás de nós.

Ele inclina um braço pesado contra a minha mesa, seus olhos mergulhando na minha boca.

— Porque se é isso que você deseja, querubim, eu ficaria feliz em organizar isso.

Ele parece tão emocionado ao me ver, seus olhos brilhando. Eu quase me sinto mal por ser tão impaciente.

— Por que você me trouxe aqui? — Eu pergunto, olhando ao redor da sala.

— Eu presumi que você gostaria de saber mais sobre o Solstício.

Eu olho para ele mais uma vez. — Às vezes é estranho o quão bem você me conhece.

— Eu *sou* o Senhor dos Segredos.

Seus olhos se movem para o restante da pilha de livros. — Ah, você nem chegou aos livros com as informações realmente suculentas, — observa ele.

Seus olhos se movem da pilha para sua tela agora preta.

Ele respira fundo. — Garota malvada, malvada, —diz ele, com os lábios curvados para cima. Ele sacode os dedos, chamando a tela para frente.

Ele a pega do meio do ar, estudando a imagem manchada. — Se aventurando na pintura? — Ele pergunta, levantando uma sobrancelha.

— Você estava *me* pintando, — eu acuso.

Eu esperava fazer com que ele se sentisse culpado? Se assim for, estou latindo para a árvore errada.

Ele coloca a pintura para baixo. —Você sabe, censura é a assassina da criatividade.

— Eu não me importo.

Des nivela seu rosto perto do meu. — Oh, mas se seus gemidos na noite passada foram alguma pista, então eu acho que você se importa com criatividade - em todas as suas formas.

Eu me sinto corar.

Eu olho para a pilha de livros novamente. — Quando vamos partir para o Solstício? — Pergunto.

— Amanhã.

Eu quase caio do meu lugar. — *Amanhã*?

Agora a insistência de Malaki realmente faz sentido. Fale sobre descer ao arame com uma decisão.

Des puxa uma cadeira ao meu lado, deslizando nela e chutando seus calcanhares para cima da mesa.

Ele cruza os braços sobre o peito, suas faixas de guerra brilhando com a luz. — Se você tivesse lido os livros, não ficaria tão surpresa.

— Eu nem sei que *dia* é hoje, — eu digo. Não é como se o Reino da Noite tivesse calendários espalhados pelo palácio. — Na verdade, — eu continuo, — não sei nem quantos dias tem em um ano no Outromundo.

— O mesmo número que no seu mundo.

Eu solto um suspiro exasperado. — Essa não é a questão.

— É 17 de junho, — diz Des.

— Essa também não é a questão.

Ele me dá um olhar indulgente. Sacudindo o pulso, um dos livros desliza para fora da pilha, flutuando no ar e se acomodando nas mãos de Des.

Eu olho para ele, intrigada. — O que você está fazendo?

— Hora da história, querubim, — diz ele. — Você quer respostas, e eu estou me sentindo particularmente indulgente, então, por hoje, eu vou alimentá-las na sua pequena boca pecaminosa.

Eu fecho os lábios, o que só faz com que Des pegue meu queixo e me beije, em seguida, voltando sua atenção para o livro.

Ele abre o livro e as páginas começam a virar rapidamente. — Ah, sim, — diz ele quando as páginas se assentam, — 'Uma Breve História dos Quatro Reinos', — ele lê.

Ele começa a narrar o capítulo para mim, sua voz assumindo um sotaque britânico apenas por diversão enquanto ele explica as velhas rivalidades entre Flora e Fauna, Noite e Dia. Eu olho para ele, totalmente hipnotizada por sua voz e carisma.

— …cada um luta pela fronteira que eles acreditam ser deles, embora a Grande Mãe e o Pai falassem que a terra, o mar e o céu pertenciam a todas as criaturas Faes. A ganância foi semeada na aurora dos tempos, e com o ciclo das estações, cresceu nos corações das fadas.

O que deveria ter sido uma leitura maçante é animada pela narração de Des. Um por um, ele percorre os livros restantes, assumindo vários sotaques enquanto o faz - às vezes é um sotaque irlandês ou russo, outras vezes é alemão ou francês e uma vez (para minha total satisfação)

ele imitou uma garota mimada.

Des estava certo; alguns dos livros que ele lê para mim não precisam de nenhuma narração fantástica; eles são um pouco mais atraentes do que as leituras anteriores.

Desses últimos livros, descubro que o pai do Rei do Dia tinha um harém cheio de homens; que foi considerado um milagre que ele fosse pai de Janus, o atual Rei do Dia, e seu falecido irmão gêmeo, Julios.

Ou que Mara Verdana, Rainha da Flora, não era herdeira do trono a princípio, sua irmã mais velha, Thalia, era. No entanto, antes de ascender ao trono, Thalia se apaixonou por um mago viajante posando como um menestrel. Ele enfeitiçou Thalia a acreditar que os dois eram parceiros, e ela de bom grado deu a ele a maioria do seu poder. Quase destruiu o reino. Eventualmente, o mago foi colocado para a morte, e Thalia, nunca se recuperando da mágoa, caiu em sua própria espada.

Eu endureço quando o texto se move para contos do Reino da Fauna e, mais especificamente, Karnon. Aparentemente, de acordo com o autor do texto, ele era um jovem de coração mole.

— 'O medo se agitou no peito do reino. Almas gentis se transformam em pessimos governantes, especialmente em um reino de bestas', — Des lê.

Distraidamente, meu polegar se move sobre as escamas dos meus antebraços.

— Mas Karnon cresceu para ser tanto suave quanto forte, do mesmo modo que um urso pode ser terno com seus filhotes, mas cruel com os forasteiros. Sob o seu domínio, ele trouxe verdadeira harmonia a um reino que travou muitas guerras civis durante os longos séculos.

Des fecha o livro. Meus olhos passam entre ele e meu parceiro. — Espere, é isso? — Eu digo. — Isso é tudo que diz sobre ele? Nada sobre a loucura dele?

— Sua loucura é recente demais para ser incluída em um livro tão antigo.

— Como eles poderiam dizer que ele era um governante gentil? — Eu pergunto. Ele estuprou e aprisionou mulheres.

— Callie, — Des diz suavemente, — você e eu sabemos que os monstros não nascem monstros, eles são criados.

Eu sei que é verdade, mas agora há um gosto amargo no fundo da minha garganta. — A história deveria se lembrar dele como ele era. — Eu pego uma das minhas escamas, as palavras do livro ficando sob a minha pele.

— E irá.

O calor da minha raiva diminui um pouco com as palavras de Des, mas eu não consigo tirar a imagem dos olhos loucos de Karnon da minha cabeça.

Lindo, lindo pássaro, sua voz ecoa na minha memória.

Agora que penso nele, o mistério que devo resolver volta com tudo.

Karnon *não é* o único culpado; tem mais alguém lá fora fazendo sabe Deus o que com os homens desaparecidos.

E quanto ao Rei da Fauna, e quanto a ele e seu coração enegrecido? O que sua morte fez com o povo?

As mulheres ainda dormiam e seus filhos ainda aterrorizavam outras fadas. Seja qual for o feitiço sombrio que Karnon tenha lançado, sua morte não o quebrou.

— A morte desfaz encantamentos? — Pergunto a Des.

Ele procura meu rosto, provavelmente tentando descobrir onde minha mente está. Apenas alguns segundos atrás eu poderia estar carregando uma tocha e um tridente.

— Ela desfaz, — ele finalmente diz.

— A morte de Karnon não desfez o encantamento.

— Não, — ele concorda.

Voltamos para onde estávamos há uma semana, quando olhei para os olhos das crianças do caixão e não vi nenhuma evidência da paternidade de Karnon nelas.

Só que agora, sabendo que há mais de um perpetrador por aí e ouvindo sobre a gentil disposição do Rei da Fauna...

E se Karnon não *estivesse* por trás do feitiço das trevas?

Apenas o pensamento de tirar qualquer culpa dos ombros de Karnon me deixa nauseada.

Eu empurro através de todo o meu ódio e todas as minhas memórias distorcidas do meu tempo como prisioneira, e eu tento ver através de uma lente mais clara.

Quando visitei o Rei da Fauna, parecia haver sempre dois Karnons, um selvagem estranhamente gentil, e outro que era calculista e sinistro. O primeiro gostava de acariciar minha pele e sussurrar promessas sobre asas e escamas, a outro forçava magia negra na minha garganta. Karnon poderia deslizar de uma versão de si para a outra em um instante, como vestir ou tirar um casaco.

Eu poderia ter sido perturbada pelo selvagem Karnon, o estranhamente delicado governante que ainda era muito insano, mas temia o sinistro Karnon; ele era cruel *e* lúcido.

Eu sempre presumi que esses lados dele eram dois aspectos do mesmo homem, mas talvez... talvez houvesse outra coisa acontecendo aqui. Poderia ser possível que Karnon não fosse duas personalidades diferentes residindo dentro da mesma carne, mas dois seres diferentes ocupando espaço em um corpo? Talvez Des tivesse matado o homem primitivo e selvagem que me deu escamas e garras, mas não o homem que estava tentando me subjugar com sua magia negra...

Eu mal posso seguir meus próprios pensamentos, principalmente porque a idéia de dois seres diferentes residindo em um corpo é tão impossível para mim.

Mas *impossível* não é um termo que as fadas entendem.

Eu olho para minhas escamas e garras. Inferno, essas características deveriam ser impossíveis. As pessoas não apenas transmutam como eu fiz.

Quanto mais eu olho para minhas características animalescas, mais outro pensamento traidor borbulha. Escamas, garras e asas são características *sirênicas*.

Mesmo quando eu as odiava, minha sirene não. Ela se sentiu mais poderosa do que nunca. E o homem que colocou essas características em mim não era o rei que estava tentando me sugar para baixo com sua magia, ele era o único que acariciava minha pele e murmurava coisas sem sentido sobre minhas asas latentes.

Eu sinto minha respiração ficar mais lenta.

— O que foi? — Des pergunta, lendo minha expressão.

Eu olho para ele. — E se… e se Karnon não estivesse tentando me punir naquele dia em sua sala do trono? E se... — eu não posso acreditar que estou prestes a dizer isso — ...ele estivesse tentando me salvar?

É um pensamento maluco.

Des se inclina para frente, colocando os pés para fora da mesa para apoiar seus antebraços em suas coxas. — Explique, — ele comanda.

— Eu estava prestes a morrer naquele dia. Eu podia sentir isso.

O dia todo está se rearranjando para se adequar a essa nova possibilidade.

— Karnon me transformou e sim, quase me matou - mas também fez você ir até ele. E se ele soubesse o que estava fazendo? E se ele soubesse que algo estava errado com ele? E se ele deliberadamente tivesse o atraído para ele?

Os olhos de Des se estreitam. — Eu não estou entendendo.

Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo. Meus pensamentos estão todos confusos. — Eu sempre pensei que havia duas versões de Karnon, mas e se não houvesse duas versões dele - e se houvesse uma entidade completamente separada dentro dele?

Ok, dizer isso em voz alta soa muito mais ridículo do que na minha cabeça.

Des se inclina para trás.

Segundos passam. Ele não está dizendo nada, e estou começando a pensar que minha teoria é uma porcaria do tipo A.

— Você acha que é por isso que o feitiço não se desfez? — Pergunta ele. — Algo ou outra pessoa estava morando dentro de Karnon, e escapou com a sua morte?

Quando ele coloca assim...

Eu levanto um ombro, me sentindo como uma adolescente ingênua de novo. Eu não conheço nada sobre a magia fae e seus limites.

Hesitante, Des acena com a cabeça, as sobrancelhas franzidas. — É possível.

Eu não sei se estou mais aliviada ou assustada com a concordância

dele. Porque, por um lado, estou feliz por ele não achar que sou louca, mas por outro lado... se o que eu sugeri é verdade, então há uma criatura fae malévola que pode pular de corpo em corpo... e ainda está por aí.

Ainda caçando, ainda matando, ainda *vivendo*.

Capítulo 20

NO DIA SEGUINTE, o palácio está uma agitação. Fadas em todo o território real parecem estar limpando, enfeitando e empacotando - tudo, eu suponho, em homenagem ao Solstício.

— Que diabos está acontecendo? — Temper diz quando ela coloca a cabeça para fora de sua suíte, observando as fadas correndo pelos corredores. Seu cabelo está uma bagunça amarrotada, e parece que ela dormiu muito pouco.

Eu examino ela um pouco mais. — O que você fez ontem à noite…?

— Você quer dizer depois que você me abandonou para os lobos? — Ela balança a cabeça. — Garota, aquilo foi baixo.

Eu reviro meus olhos. Se alguém é um lobo, é Temper. — Você matou alguém? — Eu pergunto.

— Não, mas eu dei aquela fada desagradável me medindo pontas duplas e caspa.

Aprenda com Temper como ser cruel e incomum. No ensino médio, ela tinha um caderno inteiro de pequenas ideias criativas de pragas.

— Temper, ela estava apenas fazendo o trabalho dela.

Ela solta um suspiro. — Ela estava me espetando como se eu fosse um boneco de vodu! Eu queria dizer a ela: "Vadia, minha família *inventou* bonecas de vodu." Mas, enfim... — Ela me olha novamente. — O que está acontecendo? — Seu olhar volta para o corredor movimentado.

— Solstício, — eu explico.

— O que tem ele? — Ela abafa um bocejo.

— Começa hoje.

— *O quê?* — Ela grita.

— Estamos saindo em, hm… — Eu vou para pegar meu celular antes de lembrar que estamos no Outromundo, onde os eletrônicos são inexistentes. Se eu quiser desvendar o tempo, terei que aprender a mapear as estrelas.

Ugh.

— Estamos saindo em breve.

— Quanto tempo é em breve?

Eu dou de ombros. — Estou indo me trocar.

— Trocar? Vai colocar o que? — Temper está olhando ao redor do quarto como se as roupas fossem se materializar do nada.

— Um saco de farinha... Uma roupa né, o que você acha? — Eu me afasto. — Eu tenho que ir. Apenas se prepare e me encontre no pátio.

Ela solta um grunhido frustrado e fecha a porta.

Volto para o quarto de Des, me sentindo estranhamente nervosa com a semana que está por vir. De tudo o que aprendi sobre o Solstício, haverá bailes, encontros e conversas, nenhum dos quais me atrai. E então há o fato de que eu vou ter que socializar com fadas que acreditam que humanos não são nada além de trabalho escravo.

Isso vai ser super divertido.

Quando eu deslizo de volta para dentro dos aposentos de Des, há um pacote esperando por mim na cama, meu nome rabiscado em um papel.

Hesitando apenas um instante, eu abro a tampa. Descansando dentro da caixa está um vestido diferente de tudo que eu já vi antes. Eu não sou muito feminina, mas eu tenho uma apreciação saudável por roupas legais, e isso é muito mais do que apenas legal.

O material pálido brilha - *brilha* - uma cor azul suave. O decote rendado mergulha em um profundo V. Eu corro meus dedos sobre o material, e é incrivelmente macio e bastante delicado. Aninhados ao lado do vestido há dois ramos enrolados e floridos, que também emitem o mesmo brilho pálido que o vestido.

Des sai do banheiro, mexendo em sua própria roupa, que, como a minha, é feita do mesmo material luminoso.

Ele está muito longe do rei rabugento que estou acostumada a ver, vestido com calças justas, botas de cano alto e uma camisa e um terno que se moldam amorosamente a seus ombros largos e cintura fina. Além de tudo isso está o seu círculo de bronze martelado.

Antes de colocar os olhos nele, eu teria assumido que tal vestimenta faria Des parecer menos perigoso, mas ao invés disso, serve para aguçar a inclinação de seus olhos e o dolorosamente belo corte de sua mandíbula e maçãs do rosto.

Aqui está o monstro que todos aqueles contos de fadas me alertaram. Um homem lindo demais para ser real, alguém que cavalga em noites escuras para pegar donzelas rebeldes.

— Você gostou? — Pergunta ele.

Eu aceno para ele, estupidamente, pensando que ele está se referindo a si mesmo, até eu perceber que ele está apontando para o pacote.

Eu arrasto minha atenção de volta para o vestido, notando o canto de sua boca se contrair um pouco.

— É... de tirar o fôlego, — eu digo, olhando para o meu próprio traje. E eu quero dizer isso. Eu esfrego o pano luminescente entre meus dedos. — O que é isso?

— Luz do luar, — Des diz, parecendo satisfeito com a minha reação.

— Luz do *luar*? — Eu repito. Estou tentando entender o fato de que no

Outromundo isso é perfeitamente normal. —E eu vou usar isso?

Seus lábios se contraem novamente. — Essa é a ideia, querubim.

Ele se aproxima e afasta o cabelo do meu rosto. — Eu esperei anos para ver você vestida como as rainhas do meu mundo se vestem, — diz ele.

Eu toco as lapelas do seu terno. — Às vezes, eu esqueço que você é uma fada, — eu admito.

É ridículo pensar que isso acontece comigo; não há nada sobre Des que seja particularmente humano, mas ele tem uma natureza desarmante sobre ele que me faz esquecer. É só agora, quando o vejo vestido com seu traje Fae que me lembro.

— Eu sei, — ele diz suavemente.

Há tantas coisas nessas duas palavras que ele não fala. Não pela primeira vez, gostaria que ele divulgasse mais de seus segredos.

Eu me viro e me afasto dele. — Você vai me ajudar a colocar o vestido? — Agora que eu tenho asas, colocar as roupas são uma luta.

Suas mãos deslizam pelas minhas costas. Em resposta, as roupas que eu uso atualmente escorregam do meu corpo, me deixando apenas de calcinha. De todos os truques de mágica de Des, estou começando a achar que esse é um dos seus favoritos.

Meu vestido levanta da caixa, flutuando acima de mim. De repente escorrega para baixo, o material caindo em cascata sobre o meu corpo, como água. Eu nem preciso levantar meus braços; ele se encaixa perfeitamente em mim.

As mãos de Des alisam o material rendado que cobre meus braços.

— Conte-me um segredo, — eu digo baixinho.

Eu posso ouvir o sorriso na voz de Des quando ele diz, — Coisinha gananciosa. Eu posso ver que você não ficará satisfeita até saber todos os meus segredos.

Eu sorrio um pouco, principalmente porque o que ele diz é verdade. Eu quero saber todos os seus segredos, simplesmente porque eles são parte dele.

Suas mãos deslizam pelos meus braços. — Tudo bem, aqui está um para uma parceira exigente: normalmente, você teria uma comitiva de mulheres para te vestir e dar banho em você.

— Como isso é um segredo? — Eu pergunto, virando para encará-lo.

— Eu dispensei essa tradição no momento em que você veio ao meu reino para que eu pudesse cuidar de você eu mesmo.

Homem mau. Não que eu esteja reclamando.

Mas agora que penso nisso...

Eu levanto minhas sobrancelhas e olho por cima do meu ombro. — Você me *banharia*?

Os olhos prateados de Des se aprofundam. A resposta está escrita em todo o rosto dele. — Você gostaria de um banho?

Jesus, eu juro que essa sala ficou dez graus mais quente.

Eu limpo minha garganta. — Deixa pra próxima — É um *acordo*.

Um arrepio corre pelas minhas costas. Eu esqueço que este homem faz acordos obrigatórios com a linguagem comum.

Não muito tempo depois de Des me ajudar com o meu vestido, nós dois saímos de seus aposentos.

Eu olho para minha roupa enquanto eu sigo Des através de seu palácio, Malaki e mais guardas se juntando a nós. O corpete apertado e rendado flui para dentro de uma saia fina e larga que rasteja atrás de mim enquanto andamos.

Aquelas videiras florescentes e luminescentes que vieram com o vestido agora envolvem meus pulsos e antebraços, um estranho cruzamento entre luvas e joias. As flores que desabrocham são as mesmas que vi em toda a Somnia. Eu corro um dedo sobre as pétalas delicadas. Eles parecem reais. Mais uma vez, magia Fae impossível fazendo seu trabalho.

Nós saímos do castelo e atravessamos os extensos jardins do palácio, cada um iluminado por luzes de fadas flutuantes e aquelas estrelinhas envoltas em vidro.

— Callie, há algo que eu preciso de você, — Des diz ao meu lado.

— Isso vai te custar, — eu respondo sem perder o ritmo.

Ele andou direto para isso.

Seus olhos brilham. — Você é uma coisa picante. Você claramente aprendeu meus truques. Ele não parece chateado com isso. — É uma barganha então.

— O que você quer que eu faça? — Eu pergunto.

Des olha para a frente e eu sigo seu olhar. Esperando em uma linha ordenada e arrumada que serpenteia pelos terrenos do palácio há filas de soldados a pé e montados em cavalos. Todos os soldados usam uniformes pretos bordados com o mesmo fio luminoso de que todo o meu vestido é feito.

Atrás deles, sentados sobre os cavalos, estão todos os tipos de fadas, desde guardas reais, até assessores políticos, até o que deve ser os nobres do reino. Alguns deles seguram instrumentos, enquanto outros carregam lanternas em altos bastões, e outros sustentam faixas com a imagem de uma lua crescente, que eu suspeito ser o brasão real.

— Eu quero que você deixe sua sirene sair e a mantenha do lado de fora até que você seja apresentada a Mara, a Rainha da Flora, — Des diz, chamando minha atenção para longe da vista na nossa frente.

Seu pedido imediatamente me deixa no limite. — Eu não posso controlá-la.

— Você não precisa controlá-la, querubim. Você é a parceira do Rei da Noite. Nós representamos todos os atos feitos melhor no escuro.

A maneira como ele diz isso faz meu estômago se apertar.

Tudo bem, então o cara está me dando liberdade para deixar minha sirene sair. Eu olho para todos os homens e mulheres Faes à nossa frente,

grata pelo menos por uma vez que meu encanto não pode controlar outras fadas. Porque se pudesse, minha sirene consideraria essa temporada de caça.

— Eu vou concordar com uma condição, — eu digo.

Des sorri, parecendo apreciar completamente a negociação que estou fazendo. — O que você quer? Você já tem minhas bolas...

— Tire minha sobriedade.

Isso limpa a diversão do rosto dele. — Não.

— Então esqueça a sirene, — eu digo com falsa bravata.

Des para e me puxa para perto. — Cuidado como você joga sua mão, pequena parceira. — Ele acaricia minhas costas. — Por mais tentador que seja isso, você está esquecendo uma verdade simples.

— E o que é?

— Eu poderia simplesmente persuadir sua sirene a sair, — diz ele, com a voz baixa.

Se o Rei da Noite decidir me seduzir, não tem muita coisa que possa impedir meu corpo de ceder a ele. Sendo uma sirene, eu não sou programada para resistir a propostas sexuais, especialmente quando elas vêm do meu parceiro.

— Você se arrependeria, — eu digo, minha voz igualmente baixa.

Ele me olha, pesando minhas palavras. — Tudo bem, — ele finalmente diz, um pouco de diversão voltando aos seus olhos. — Eu concordo com seus termos. Você pode beber álcool - por enquanto. — Ele me dá um beijo rápido nos meus lábios, e quando ele faz isso, eu sinto um fio de sua magia sair de mim.

Eu posso beber de novo. Siiiiiiim.

Ele se afasta dos meus lábios, suas pálpebras pesadas enquanto ele olha para a minha boca. — Sua vez, querubim, — diz ele.

Não é preciso muito para eu usar minha própria magia. Minha pele começa a brilhar quando a sinto assumir. Eu rolo meus ombros um pouco, meu olhar se movendo de Des para as fadas à nossa frente.

Aqueles que me observam parecem cativados. É um olhar diferente do que os humanos usam, cujos olhos sempre parecem um pouco vidrados, suas mentes dispostas a serem dobradas. Essas fadas não parecem estar sendo arrastadas pelo meu encanto; elas apenas parecem fascinadas pela minha aparência.

Eu relaxo mais, soltando a sirene de uma forma que raramente faço na terra. Eu começo a andar novamente, um balanço extra nos meus quadris, meu corpo inteiro agora brilhando. Um sorriso pecaminoso puxa os cantos da minha boca.

Esta noite vai ser *divertida*.

Muitas pessoas esperam por nós - muito mais do que eu imaginava que viessem. Eu sinto seus olhares fixos em mim enquanto nosso grupo se junta aos deles. Eu sinto minhas garras afiarem e minhas asas se animarem um pouco.

A mão de Des cai nas minhas costas e agora minha atenção vai para ele, minhas pálpebras se abaixando. Se há uma pessoa que, mesmo agora, tem poder sobre mim, é ele.

Seu cabelo branco está varrido de seu rosto, a cor dele quase combinando com sua roupa. Parece que alguém arrancou a lua do céu, transformou-a num homem e depois o entregou a mim. Tudo que eu quero fazer é me encher dele. Eu *vou* me encher dele.

Ele percebe meu interesse. — Me dê só essa noite, Callie. Então tudo o que você quiser, eu vou te dar, — ele promete.

— Tudo o que eu quiser? — Meus olhos se movem para sua boca, e eu faço um *click* com minha língua. — Você sabe melhor do que fazer um negócio cego assim.

Seus olhos brilham. — Estou ansioso para ver o que você vai fazer com isso.

Somos interrompidos por barulho de cascos. Um soldado segura as rédeas de dois cavalos pretos e elegantes.

— Suas montarias, — ele anuncia.

— Nós vamos andar a *cavalo*? — eu digo.

O cavalo mais próximo de mim bate a cabeça no meu ombro, fungando meu cabelo.

— Você tem uma objeção? — Des pergunta.

Eu olho para a besta novamente, sentindo a sirene começando a desaparecer. Aparentemente, nenhum sexo e nenhuma violência significa nenhum serviço.

É uma tarefa incomum, tentar mantê-la do lado de fora; estou tão acostumada a reprimi-la sempre que posso. Eu luto com meu estranho poder, finalmente conseguindo ter controle sobre ela.

— Está tudo bem, — eu digo.

Com isso, Des me pega pela minha cintura e me ajuda a montar meu cavalo. Eu espero que ele relinche nervosamente, mas isso nunca acontece. Ou esses são cavalos excepcionalmente bem treinados, ou corcéis do Outromundo são feitos de coisas mais resistentes.

Ao meu lado, Des se balança suavemente sobre sua própria montaria, e o resto dos homens mais próximos de Desmond também o fazem.

Nossos cavalos trotam de volta para a linha, entrando em algum tipo de formação. Eu olho para trás, avistando Temper montada em outro cavalo, o vestido que ela usa uma cor vinho profundo.

Parece que ela encontrou algo para vestir.

Malaki se move até ela em seu próprio cavalo, e o olhar que ele lhe dá... bom Deus, ela oficialmente afundou suas garras nele.

Alguém assobia e os músicos em nossa procissão começam a tocar seus instrumentos, o som suave e etéreo.

Dou uma olhada em volta quando começamos a nos mover, a fila de soldados e corcéis montados em volta do castelo e em direção aos portões da frente do palácio. Acho que não preciso dirigir meu cavalo; ele

se move como um só com o grupo.

À nossa frente, os portões se abrem, e então há todos os residentes de Somnia, batendo palmas para nós quando passamos por eles.

Des se inclina sobre seu cavalo para falar comigo. — As fadas começaram a expor suas asas, — diz ele, acenando para a multidão.

Eu sigo o olhar dele. Ele tem razão. Muitas delas estão com suas asas abertas, suas membranas finas brilhando sob a luz das lâmpadas das ruas.

— Por que elas estão todas de fora? — Eu pergunto. As fadas normalmente só as mostram quando suas emoções estão a flor da pele.

— Porque as nossas estão, — diz ele.

De fato, Des, que uma vez cuidadosamente escondeu suas asas de mim, agora orgulhosamente as mostra. E eu não tenho escolha a não ser mostrar as minhas.

— Por que elas nos imitam? — Eu pergunto.

— Porque somos da realeza.

— *Você* é da realeza, — eu corrijo. — Eu não sou.

Des me dá um olhar ilegível, então acena distraidamente.

A procissão serpenteia pelas ruas da cidade, e justamente quando penso que nossa bonita linha de cavalos e soldados pretendem caminhar para a borda da ilha, voltamos ao palácio.

Eu adoraria desmontar, mas algo me diz que isso não vai acontecer tão cedo.

Minhas mãos brilhantes apertam as rédeas enquanto olho para o Negociador, que observa a multidão como um lobo entre os homens. Ele vai ter que me pagar muito em sexo antes que eu considere isso...

Uma flecha surge do nada, assobiando quando vem em minha direção.

A mão de Des dispara, a pegando a poucos centímetros do meu peito.

Puta merda.

Nós dois olhamos para o frágil pedaço de madeira e pedra que poderia muito bem ter me matado.

Minha respiração falha.

Alguém tentou me matar.

Meu parceiro me *salvou*.

Os olhos de Des se movem rapidamente, traçando a trajetória da flecha de volta à sua fonte. Seu olhar se fixa na figura pulando de um prédio próximo.

— A proteja, — o Negociador comanda aos soldados mais próximos de mim, e então ele desaparece.

Uma fração de segundo depois eu o vejo em um telhado, suas asas bem abertas. Ele pega um homem fae e o puxa para perto, pressionando uma lâmina em sua garganta. Leva apenas um momento para eu notar a plumagem de penas crescendo no lugar do cabelo de seu cativo e o arco e aljava ainda preso em seu corpo.

Um Fae da Fauna tentou me matar.

Minhas asas estão se abrindo enquanto a adrenalina aflora atrasada através de mim.

Des gira o homem para que ele enfrente a multidão. E então, na frente de centenas de seus súditos, meu parceiro arrasta sua lâmina pela garganta da fada. Uma cachoeira de sangue cascata da ferida.

Porra de Matusalém, essa é uma maneira de lidar com seus inimigos.

Com um pé, Des chuta a fada do prédio.

A multidão embaixo se parte enquanto o homem morto cai pelo ar, aterrissando no chão com um barulho nauseante.

Por vários segundos, o Negociador permanece no telhado, com o peito arfando. Ele embainha sua arma, então pula no céu, suas asas se espalhando ao redor dele. A multidão arfa quando eles observam as asas com pontas de garra - asas de dragão, asas de *demônio* - pairam sobre eles.

Ele desliza sobre a procissão parada, pousando suavemente em sua sela, suas asas se dobrando atrás dele.

Os gritos anteriores da multidão foram substituídos por um silêncio sinistro. O único que não parece afetado por isso é Des. Ele estica a mão para mim, e me puxa para um beijo selvagem.

Des tem gosto de sangue e amor e morte. Ele me beija como se estivesse roubando a minha boca, e eu não me importo nem um pouco. Eu o beijo de volta com avidez, bebendo a essência do meu Rei da Noite.

Ele pode ser a morte com asas, mas ele me salvou.

Bem no meio do nosso beijo, um aplauso sobe pela multidão. É um pouco mais feroz, um pouco menos indulgente do que os rugidos anteriores da nossa audiência.

Des se afasta dos meus lábios, sua mão no meu pescoço ainda me segurando perto. Em seus olhos, vejo uma centelha de medo, uma pitada de adoração - mas, acima de tudo, vejo um poço profundo e infindável de fúria. Aqui está o monstro por trás dos punhos de guerra e tecido bonito, o monstro que eu não quero domar, o que eu quero *soltar*.

Eu sou a escuridão, seus olhos parecem dizer, *e você é meu lindo pesadelo. E ninguém vai tirar isso de nós.*

Ele pisca e o caos rodopiante em seus olhos morre. — Você está bem?

Eu concordo.

— Que bom.

Ele me libera, e meu corpo já sofre com a ausência de seu toque violento e seus olhos malévolos.

Soldados se aproximam de nós, fazendo perguntas, enquanto outros estão empurrando a multidão de volta. Onde a fada da Fauna caiu, agora há um aglomerado de fadas lutando entre si. As coisas estão ficando feias e a multidão está ficando aquecida.

Afastando os homens e mulheres que vêm falar com ele, Des solta um apito, sinalizando a procissão a voltar. Rapidamente, homens e mulheres voltam à linha, alguns montando seus corcéis, outros retomando sua

posição como soldados de infantaria.

Desta vez, quando o comboio se move, ele não serpenteia. Meu corcel começa a galopar, suas patas faiscando contra a estrada de pedra enquanto corre pelas ruas, seguindo a linha de cavalos e soldados de volta para o palácio.

Ao meu lado, o rosto de Des está definido em linhas inflexíveis. Não é até que nós estamos através dos portões que a expressão dele relaxa - embora suas mãos ainda segurem suas rédeas como se ele estivesse a sufocando.

Eventualmente, nosso grupo se dirige para um prédio que eu nunca vi antes. O anexo circular é enorme, com suas grandes portas duplas abertas em convite. Nossa procissão não diminui quando se aproxima dele.

Excitação e um fio de medo se movem através de mim. Não consigo ver nada além da entrada sombria da estrutura de mármore, mas posso dizer que há muitos cavalos e muitas fadas para caber no prédio.

Ninguém mais parece compartilhar essa preocupação. Nem mesmo Des, que ainda está pensando de onde está ao meu lado.

Os primeiros soldados de infantaria que encabeçam nosso comboio entram pelas portas, seus corpos desaparecendo por dentro. Então a próxima linha desaparece e depois a próxima.

E então os primeiros guardas montados se dirigem para dentro. Restam dez metros entre mim e a porta, depois 5, depois dois...

Des e eu passamos pelas portas duplas, os cascos dos nossos cavalos ecoando quando entramos. Eu só tenho tempo para ver o ar ondular como um tecido à nossa frente antes de Des esticar a mão e pegar a minha.

Um portal, percebo. *Claro*.

Segundos depois, estamos correndo, meu estômago afundando enquanto meu corpo é forçado através do tempo e do espaço.

Meu cavalo bate no chão do outro lado do portal, sem perder um único passo.

Eu pisco várias vezes, olhando para a luz brilhante em que estou de repente mergulhada. *Luz do sol*. Eu aproveito dela como se fosse sexo ou carnificina, sentindo minha magia inchar.

Eu fecho meus olhos novamente, aproveitando o prazer dela. Eu quase esqueci como era. Quando abro os olhos, meu olhar vai para os intermináveis campos ondulantes que se estendem em todas as direções, as pequenas flores silvestres que os salpicam balançando com a brisa. É só a nossa frente que as colinas dão lugar a montanhas arborizadas e a picos púrpuras.

— Bem-vinda ao Reino da Flora, — Des diz ao meu lado, soltando minha mão. Sua fúria anterior desapareceu completamente.

Mesmo que tenhamos deixado o perigo de volta em Somnia, o meu cavalo não diminui. Toda a nossa procissão se move a toda velocidade.

Até os soldados de infantaria estão correndo, e não posso deixar de pensar que todos os desejos do mundo não poderiam me convencer a correr com um bando de cavalos galopando nas minhas costas.

Mas talvez seja só eu.

O sol começa a se pôr enquanto cavalgamos, o céu dando à minha pele uma tonalidade rosada e fazendo meu vestido brilhante dançar em todos os tipos de cores.

Depois de algum tempo, as pastagens dão lugar a bosques, as colinas cada vez mais íngremes quanto mais longe percorremos. Eventualmente, nosso grupo desacelera, meu cavalo passando de galope para um trote vagaroso.

Algumas curvas na estrada depois, percebo porquê.

Até agora, as árvores têm sido grandes, mas à minha frente, elas dominam completamente o cenário, com seus troncos muito maiores do que as sequoias gigantes que vi na Califórnia.

E quanto mais eu olho, mais percebo que essas árvores são *casas*. Uma escadaria se ergue em uma, e outras duas são conectadas por pontes intricadamente feitas de galhos e trepadeiras. Construídas em torno e dentro dos troncos dessas árvores, estão elaboradas estruturas Faes. Atualmente, centenas de Faes da Flora se reúnem ao longo das pontes e varandas das copas das árvores ou nas bordas da trilha para observar nossa procissão passar por eles.

O caminho que seguimos se curva e as árvores se separam. À nossa frente, um castelo feito de pedras cinzentas e coberto em grande parte em trepadeiras floridas está em meio a diversas arvores.

O palácio da Flora.

Quanto mais nos aproximamos, mais fadas se reúnem ao longo dos lados da estrada. Muitos de seus olhares estão presos a Des, o Rei da Noite, montado em seu corcel escuro, mas um bom número deles está focado em mim, seus olhos observando minha pele brilhante, meu rosto, minhas asas.

Deixe-os saber que isso é o que significa ser humana, sussurra a sirene*. Não é para brincarem comigo.*

Não há portões para dividir os terrenos do palácio do resto do reino, mas quando cruzamos o terreno do palácio, por uma fração de segundo o ar parece viscoso, como se eu estivesse me movendo através do mel. Qualquer que seja essa barreira mágica, é para manter a maioria das pessoas do lado de fora.

Do outro lado, a multidão que nos espera é perceptivelmente mais rica. Suas roupas são mais ornamentadas, seus cabelos com penteados mais elaborados, suas joias mais intrincadas. Muitos deles tocam os dedos na testa quando passamos, o que estou assumindo ser um sinal de respeito.

No pé do castelo, nossa procissão para, e a música que nosso grupo tem tocado até agora desaparece.

Ao meu lado, Des desaparece de seu cavalo, ganhando vários suspiros

da multidão de espectadores. Ele reaparece ao lado do meu cavalo.

— Hora de desembarcar, Callie, — diz ele.

Des estica os braços para mim, me ajudando a sair do cavalo. Ele está completamente inconsciente de si mesmo - sua beleza, sua força, seu magnetismo. No entanto, ele não está alheio a *mim*. Ele me segura por uma batida mais longa do que o necessário, seus olhos se movendo dos meus olhos para os meus lábios.

— Eu ainda estou segurando você na sua promessa, —eu digo baixinho, meu encanto fazendo música das minhas palavras.

Um sorriso secreto ilumina seu rosto enquanto ele se lembra de sua promessa de me dar tudo o que eu queria. — Eu não esqueci.

Ele finalmente me libera, e nós dois avançamos com nosso grupo mais uma vez, desta vez a pé, enquanto nossos cavalos são levados embora. Nós atravessamos enormes portas duplas feitas de madeira pesada.

Eu tento não olhar quando entramos no palácio, mas é difícil.

A floresta parece ter entrado no castelo. Os pisos estão cobertos de capim selvagem e pontilhados de flores da primavera. Videiras cruzam as paredes de pedra, cada fio pesado com flores. Até mesmo o candelabro pendurado sobre nossas cabeças é uma extensão do mundo natural, a moldura feita quase inteiramente do que parece ser madeira viva e musgo. A única coisa que não é viva parece ser as velas pingando que pontilham o candelabro.

Nós cruzamos a entrada e todos, exceto alguns dos soldados de Des, se afastam, se alinhando em ambos os lados da porta que leva mais para dentro do castelo.

Des pega minha mão. — Hora das apresentações, — ele explica calmamente.

Agora, a parte mais curiosa da noite inteira.

Todos nós usamos máscaras bonitas, máscaras bonitas que escondem pensamentos depravados. Os meus estão escondidos atrás de uma pele brilhante e uma voz melódica. Os de Des se espreitam nas sombras. O que essa rainha e seu rei consorte irão me mostrar?

Nosso grupo, agora muito menor, passa pela porta à nossa frente. Do outro lado está uma sala do trono, essa cheia de Faes de todas as formas e tamanhos. A maioria se parece com fadas normais, mas há algumas que mais parecem plantas do que pessoas, algumas que tenho certeza que são hobgoblins e uma que tem uma estranha semelhança com um troll. Todos eles estão vestidos em trajes pomposos. Claramente, esses são os cidadãos mais privilegiados do Reino da Flora - os mais privilegiados e provavelmente os mais inconstantes, sua lealdade tão flexível quanto meu corpo sob o toque de Des.

O Negociador e eu andamos pelo corredor, nossos corpos ainda brilhando - no meu caso, em parte por causa da roupa e em parte por causa da minha pele. Eu sinto os olhos de algumas pessoas no cômodo em mim, seus olhares como um toque. Sua curiosidade, sua inveja, seu

anseio, me enchem.

Estou intrigada com todas essas criaturas alienígenas, criaturas que mal compreendo e que não consigo controlar. Eles, por sua vez, me encaram de volta, os olhos hipnotizados pela minha pele e rosto. Eu sei que pareço um anjo estranho, minhas asas negras brilhando sob mais daqueles estranhos candelabros.

Quando chegamos ao fim do corredor, os guardas à nossa frente se afastam, desvelando a plataforma elevada atrás deles.

Apoiada em um trono feito de videiras e flores, Mara Verdana, a Rainha da Flora.

Seu cabelo vermelho selvagem desce pelos ombros e pelo peito, os olhos da mesma cor verde afiada das plantas em que estamos cercados. Sua pele é pálida como alabastro e sua boca é tão voluptuosa quanto o resto dela parece ser.

Há flores nos cabelos, flores entrelaçadas no vestido e a coroa é simplesmente uma coroa de flores. Mas ela é a flor mais adorável de todas. Acho que quero tocar aquela pele dela e ver se é tão suave como eu imagino que seja.

Ela nos observa com os olhos apertados, um leve sorriso divertido em seus lábios. Ela pode ser a Rainha da Flora, mas assim como Des, ela me parece uma pantera, algo bonito e perigoso que vai atacar quando menos esperarmos. Por toda a sua magnificência, ela deve ser uma coisa perturbada.

Ao lado dela, em um trono visivelmente menor, está seu marido, o Homem Verde. Fiel ao seu nome, ele é verde da cabeça aos pés. Seu cabelo é o tom escuro de sempre-vivas, e sua pele a cor pálida da grama da primavera.

Eu estava esperando um homem barbudo e musculoso, mas comparado ao Negociador, o Homem Verde é mais dândi, seu rosto bonito sem aquela armação dura que Des tem. Ao contrário do retrato que vi dele, ele não tem barba, seu rosto é tão suave quanto seu corpo é ágil.

A sirene em mim descobre que ela não tem interesse nele. Não há poder para persuadir dele e não há perigo para se alimentar. Tudo que sinto em relação ao homem agora é... *pena*. Tal criatura tem todas as armadilhas de uma coisa selvagem e violenta, mas ao lado de sua esposa vibrante ele é dócil, complacente, *derrotado*.

Des e eu chegamos até a beira da plataforma. Eu não sei qual é etiqueta de fae nessa situação, então eu toco meus dedos na minha testa como eu vi outras fadas fazerem conosco.

— Rainha da Flora, Homem Verde, — diz Des, inclinando a cabeça para os dois, — como sempre, é um prazer.

Mara se levanta, seu vestido verde balançando com o movimento. Seu rosto se divide em um sorriso. Sua felicidade é como uma flecha no coração. Eu me pergunto quantas pessoas desistiram de tudo o que elas

prezam para aproveitar o sorriso dessa mulher.

Ela abre os braços. — Bem-vindo, meu Imperador das Estrelas da Noite.

Meu imperador?

Minhas mãos começam a se fechar.

Mara desce os degraus, seus olhos nem uma vez viajando para mim. Meus pelos estão subindo.

Eu não sou alguém para ser ignorada, minha sirene assobia.

Ela chega perto de Des e o beija em cada bochecha. Atrás dela, o Homem Verde desce do seu trono, descendo em seguida, seus olhos âmbar em mim. Apenas pelo jeito que ele está olhando, eu posso sentir o desejo dele. Eu posso sentir *todo* o desejo deles. Pendura no ar como perfume; eu sou algo invejável, algo estranho e tabu.

Quantas mãos desejam acariciar minha carne, quantos rostos desejam se enterrar no meu cabelo...? Mara pode ter seu momento com Des. O Rei da Noite é meu, e os súditos da Rainha Flora podem muito bem estar sob meu feitiço.

— Mara, — diz Des, — esta é minha parceira, Callypso Lillis, uma das últimas das sirenes.

Relutantemente, Mara vira seu olhar de Des para mim. Interesse genuíno cintila nos olhos dela. — Que *beleza*.

O elogio é um bálsamo para a sede de sangue que vibra debaixo da minha pele. A beleza é um dos poucos poderes que ainda possuo neste lugar estrangeiro. Mas em algum lugar dentro de mim, o elogio é azedo.

Não há nada que enfraqueça tanto uma mulher como ser chamada de bonita, minha mente racional sussurra.

Descansando as mãos nos meus braços, Mara me puxa para perto e beija cada uma das minhas bochechas. Atrás de mim, ouço seus súditos sugarem o ar, e tenho a impressão de que Mara acabou de quebrar a etiqueta.

Porque eu sou humana...

Ela me solta e se endireita. — Desmond tem sorte de ter encontrado uma joia. E você tem sorte de ter encontrado um parceiro em um rei.

Mulher traiçoeira, traiçoeira. Suas palavras não são exatamente um insulto, mas elas são formuladas para que elas sigam essa linha.

Eu lhe dou um sorriso lento e curvo. — Você é muito gentil. — Esta é a primeira vez que eu falo diretamente com ela, e a sala fica quieta enquanto eles escutam minha voz harmônica.

Mara acena para algumas das pessoas dela. — Por favor, mostre ao rei e a rainha seus quartos, — ela os ordena, sem se incomodar em deixar o Homem Verde nos cumprimentar. Para mim e para Des ela diz: — A festa começa em uma hora nos Jardins Sagrados. Estou ansiosa para ver vocês dois lá.

Capítulo 21

NÓS DOIS ESTAMOS dentro da suíte em que estamos hospedados, finalmente sozinhos. Quase todas as superfícies ao nosso redor estão cobertas por plantas com flores. Elas crescem a partir de vasos, de grinalda nas paredes e penduradas no teto. O cheiro delas é quase poderoso demais.

A suíte em si está viva, situada dentro de uma das colossais árvores que circundam o castelo. Acima e abaixo de nós estão mais quartos, onde o resto do nosso grupo está hospedado.

Minha pele escurece enquanto eu forço a sirene de volta para suas profundezas, a bloqueando. Eu esfrego meus braços, lembrando de todos os pensamentos egoístas e malvados da sirene.

Des levanta uma sobrancelha. — Eu ainda devo a ela, — diz ele.

Sim, os favores sexuais que ela estava planejando saquear dele.

— Ela vai voltar para coletar de você em algum momento. — Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo, recuperando meu corpo. — Por que você quer que a sirene saia?

— Fadas estão sempre cientes da dinâmica do poder, — diz Des, cruzando os braços enquanto se inclina contra uma mesa lateral. — Eu queria que Mara te conhecesse no seu eu mais malvado.

E quem melhor para enfrentá-la do que a minha sirene?

Eu solto uma respiração instável. Não estamos nem uma hora na visita e já estou sendo avaliada.

Essa é a minha *boas-vindas* ao Solstício. Que as festividades comecem.

QUANDO CHEGAMOS AOS Jardins Sagrados, o céu está escuro e me sinto mais como eu.

— Jardins sagrados, — murmuro enquanto caminhamos sob uma treliça de flores e entramos na clareira arborizada. — Isso soa como algo que eu chamaria minha vagina quando era adolescente.

Ao meu lado, Des sorri. — Sem dúvidas, querubim. — Seus olhos ficam um pouco tristes, e eu me pergunto se, como eu, ele está pensando em

todo o tempo que perdemos juntos entre antes e agora.

Assim que entramos no jardim, que não é tanto um jardim, mas um campo florido cercado por arbustos e árvores, a atenção da multidão se move para nós. Um mar de rostos estranhos olham para mim e para Des, e só há dois que reconheço - os de Temper e Malaki. Os dois devem ter chegado aqui pouco antes de nós.

Des me leva mais fundo no Jardim Sagrado. A área é iluminada por luzes de fadas dançantes e várias fogueiras. Aqui tem cheiro de jasmim e fumaça, e quando o fogo sibila e queima, ele sobe para o céu cheio de estrelas.

Des se inclina para mim, sua respiração fazendo cócegas no meu ouvido. — Seria conveniente você saber...

— Você acabou de dizer 'conveniente'? — Eu o interrompo. — Quantos anos você tem, oitocentos?

— ...que como o Rei da Noite, — ele continua sem perder o ritmo. — É esperado que eu ajude a liderar as festividades dessa noite e, como minha parceira, você deve estar ao meu lado.

— Porque eu tenho tantos outros lugares para estar, — eu digo. Eu vejo uma urna gigante de vinho de fada. Parada *numero uno* quando a festa começar.

Os olhos de Des brilham, seus lábios se curvando em um sorriso satisfeito. — Um aviso, querubim: insolência é um grande atrativo, então se você espera que eu mantenha minhas mãos longe de você e de suas preciosas miçangas, você pode querer trabalhar em ser agradável.

Eu levanto uma sobrancelha. — Se você acha que eu vou ser uma namorada dócil e agradável, você está...

Antes que eu possa terminar, uma mão invisível me empurra para frente, para os braços de Des. Ele ainda tem aquele sorriso arrogante no rosto. — *Parceira* é o termo correto, — diz ele, sua voz baixa sedutoramente baixa. — Eu não sou seu... — ele faz uma careta — ...*namorado* - eu não sou um menino, nem particularmente amigável. — Ele termina seu pequeno discurso me beijando no nariz.

Eu percebo o erro que cometi apenas quando as mãos demoradas de Des finalmente me libertaram. Ele me seduziu, deliberadamente, sabendo que eu iria falar com ele e ele conseguiria sua abertura.

Homem astuto.

Eu olho em volta de nós. O cuspe das chamas e o brilho da luz cintilante brincam com a minha visão. Algumas fadas nos mostram sorrisos doces, algumas nos olham para nós sugestivamente.

A coisa toda é desconcertante, como se Des e eu fossemos um drama que está se desenrolando apenas para o prazer deles.

Mas assim que percebo a atenção não natural, ela é desviada. A multidão fica quieta e da escuridão surge Mara, o Homem Verde em seu braço. A cauda de seu vestido se arrasta atrás dela, deixando um rastro de pétalas de flores em seu rastro.

Seguindo a Rainha e o Rei da Fauna está um grupo de homens lindos, cada um vestido com um casaco verde escuro e calções, e atrás deles há um grupo de músicos, carregando harpas e liras, violinos e flautas.

Mara se separa das fadas ao seu redor para se aproximar para o meio do jardim.

— Bem-vindo, bem-vindo a todos, — diz ela, abrindo os braços, — a primeira noite do Solstício.

Ao nosso redor vejo Faes da Fauna, Flora e Noite. Há apenas um conjunto de fadas que está visivelmente ausente.

— Onde está o Reino do Dia? — Eu sussurro para Des.

— Eles geralmente não vêm até a primeira luz da manhã.

Eu faço um "O" com a minha boca, como se isso fizesse algum sentido para mim, quando na verdade não faz sentido algum.

Tanto faz.

— ...Essa é uma semana de folia, — continua Mara, — quando até a Mãe e o Pai se abraçam profundamente em seus túmulos de barro. Quando água e vinho, solo e sol, homens e mulheres se juntam.

— Essa semana, vamos deixar de lado nossas desavenças e vinganças — alguns Faes da Fauna movem seus olhares para mim e para Des — e nos deixe beber profundamente, comer calorosamente, amar plenamente, e nos divertir completamente.

Um aplauso sobe da multidão, várias fadas assobiando sua aprovação.

Mara espera até que o público se cale antes de continuar. — No fundo do ventre da noite em que nascemos, e no fundo da noite nossos espíritos retornam quando o corpo morre e a carne esfria. E assim começaremos esta semana de festividades com o que veio primeiro, antes do lampejo da primeira luz, a escuridão primordial. Olhem para o Senhor dos Segredos, Mestre das Sombras - Desmond Flynn, o Rei da Noite.

Ela gesticula através da clareira até onde Des e eu estamos. Os olhares da multidão já eram inquietantes antes, mas eles não eram nada para o foco aquecido da população agora.

Minhas asas sobem com a atenção, mas Des está tão calmo como sempre. Colocando uma mão firme nas minhas costas, ele nos leva para Mara e seu palco improvisado.

Isso não é exatamente o que eu tinha em mente quando concordei em ficar ao lado do Negociador esta noite.

Quando chegamos à Rainha da Flora, o olhar de Des varre a clareira. Por um momento, os únicos sons são os chiados crepitantes das fogueiras.

E então Des começa a falar. — Há algumas coisas que todos os Fae nascem sabendo: que a noite é escura e a carne é quente. Que as nossas vidas podem ser longas, mas que algum dia elas devem acabar. Hoje à noite e por todo o Solstício, vamos trazer vida das trevas.

Suas palavras soam antigas, como se esse verso tivesse sido recitado

tempo suficiente para ter uma espécie de magia sobre ele.

— Apenas nas sombras e nos espaços escuros encontramos nossos mais sinceros e mais profundos desejos, — ele continua, a plateia o observando extasiada. Enquanto ele fala, seu polegar desenha pequenos círculos na parte inferior das minhas costas. — Só de noite deixamos nossa civilidade e afrouxamos os laços que nos prendem durante o dia. Só então nos alcançamos a pele macia. Só então nos atrevemos a sonhar.

— Então liberte suas inibições, ceda à minha força, encontre um parceiro disposto e semeie profundamente.

Eu olho para o Des. Ele está sugerindo o que eu acho que ele está sugerindo...?

A música começa a me distrair dos meus pensamentos e as fadas vão para a clareira, agarrando cinturas e mãos. As pessoas começam a girar, e todo aquele cabelo habilmente penteado e todos aqueles corpetes apertados se soltam quando as pessoas são sugadas pela música.

Até eu não sou imune a isso, meus quadris balançam de um lado para outro, minha mão indo para o meu próprio cabelo, que cai em ondas nas minhas costas.

— Você conseguiu me deixar esperando esse ano, Desmond. — A voz de Mara é enganosamente doce quando ela vem atrás de nós. Ela coloca a mão em seu ombro e ele se vira para ela.

— Eu pensei, — ela continua, — que talvez você não fosse aparecer.

— Ah, como é divertido mantê-la adivinhando, — diz Des, seus olhos brilhando com malícia.

Os homens que seguiram Mara agora se aproximam-se dela, uma das mãos vai para o quadril dela e outra segura o braço. Um deles se inclina, sussurrando algo em seu ouvido, seus olhos escuros presos a mim enquanto ele fala. Ela se inclina para trás em seus toques.

A coisa toda tem minha pele se arrepiando desconfortavelmente, especialmente quando ela dá um olhar malicioso a Des. — Aproveite a sua noite, meu rei da noite, — diz ela, e então ela se afasta, para o grupo de homens que a esperam.

Eles se aproximam dela, e um momento depois eu ouço sua risada quando começam a girá-la entre eles.

Giro para Des e agora temos uma conversa inteira com nossos olhos.

Isso foi muito estranho.

Eu sei. Isso só vai piorar.

Des se aproxima de mim. — Você gostaria de...

Antes que ele possa terminar sua pergunta, um Fae nobre o interrompe, o cabelo castanho escuro do homem está trançado em uma série intrincada de tranças que caem nas suas costas. — Desmond, Desmond, Desmond, você é um homem difícil de contatar… — Ele dá um tapinha no ombro do meu parceiro, o virando para um grupo de homens e mulheres igualmente vestidos.

Des resiste, esticando uma mão para mim.

O homem faz uma pausa, me notando pela primeira vez. Ou talvez a fada estivesse ciente de mim, mas ele não queria reconhecer minha presença. Apesar de seu interesse em mim, eu posso sentir as súbitas recusas vindo em minha direção. Nenhuma fada parece terrivelmente ansiosa para elevar uma mera humana a um status de importância, parceira do rei ou não.

— Pode ir, — eu digo para Des. — Eu me encontro com você mais tarde.

Ele franze a testa. — Mais tarde, — ele relutantemente promete, parecendo infeliz sobre a minha decisão de pular fora.

Eu entendo que ele me quer ao seu lado, mas está claro que o público dele quer ele e somente ele. E eu não estou muito ansiosa para ficar ao lado dele e brincar de dócil parceira enquanto o resto das fadas me ignora.

Eu recuo, sentindo que a multidão reunida aqui ainda está me observando. E essa é a ironia da situação. Me puxe para um grupo, e provavelmente serei ignorada na conversa, mas me deixe ficar livre, e todos os olhos estarão fixos em mim.

Ignorando os olhares, eu vou para trás, me movendo na multidão até encontrar a mulher que estou procurando.

— Finalmente, eu conseguir você para mim, — diz Temper.

— Eu estava pensando que teria que enganar alguém para conseguir três minutos de merda com você.

— Eu queria que você tivesse feito isso, — murmuro. Pelo menos eu deixaria de me sentir como a pessoa mais infeliz na festa.

Temper arqueia uma sobrancelha, começando a sorrir. — Bom saber…

— Eu preciso de algo para beber. — Assim que as palavras saem da minha boca, meus olhos se voltam para o vinho das fadas.

— Vadia, eu já estou lá. — Temper pega minha mão e me puxa para a mesa de vinho. — Eu pensei que você não estivesse bebendo, — diz ela por cima do ombro.

Errr, eu nunca admiti que a minha sobriedade era mais ideia de Des do que minha.

— A pausa acabou.

— Louvado seja Jesus negro e todos os anjinhos, — diz ela. — *As coisas são muito mais divertidas com um pouco de rum*, — ela canta, recitando uma música estúpida que ouvimos uma vez em Vegas.

Chegamos à mesa e colocamos um copo de vinho para cada uma de nós, pegando nossa recompensa quando cada uma de nós estamos com um copo cheio. Nós duas ficamos nas bordas da clareira, não totalmente na festa, mas não totalmente fora dela também. Nós ainda somos apenas aquelas duas desajustados que se encontraram na Academia Peel.

— Ahhh, — suspira Temper depois que ela toma seu primeiro gole, — agora essa merda é boa.

Eu tomo um gole e - *hm*. Fadas fazem um excelente vinho. Nós duas

tomamos nossas bebidas em silêncio, observando as pessoas.

— Eu odeio esse lugar, — Temper finalmente diz. Ela acena para as fadas se misturando sobre o campo. — Olha para o jeito que eles olham para nós. É pior que o ensino médio.

Na escuridão, vejo a luz do fogo cintilando em seus olhos não naturais. Seus olhares, de fato, continuam voltando para nós.

— Eles estão olhando para você também? — Eu pergunto, minhas sobrancelhas subindo.

— Desde que chegamos, — diz ela. — Parece até que eles nunca viram um humano antes.

Para ser justo, duvido que eles tenham visto uma feiticeira ou uma sirene com asas.

…Não que essa seja a razão que eles estejam nos encarando.

Aqui estamos nós, os dois enigmas entre eles, as humanas que conseguiram ultrapassar as regras de seu reino para chegar aos mais altos escalões da sociedade das fadas.

— Você notou? — Temper acena para os criados entrando e saindo da multidão como fantasmas.

Eu vejo os humanos, os changelings deste reino. Ou eles, ou seus ancestrais, foram trocados no nascimento por um bebê fae.

— Notei o que? — Eu pergunto, seguindo o olhar dela.

— Olhe para os pulsos deles.

Eu dou outra olhada em um dos criados mais próximos. Leva vários segundos para ver no ângulo certo, mas quando eu vejo…

Eu respiro fundo.

A pele levantada e manchada no pulso está com uma cor de framboesa e tem o formato de uma folha.

— Eles estão marcados.

Capítulo 22

MARCADOS COMO GADO. Estou me recuperando dessa compreensão muito tempo depois de Malaki se juntar ao nosso grupo, seu tapa-olho prata esta noite. Ele só fica tempo o suficiente para convidar Temper para dançar, e então minha amiga se foi, dançando sobre o campo como se ela pertencesse a essas pessoas.

E aqui estou eu, ainda a mesma invisível que eu era no ensino médio.

Eu olho para o meu vinho.

É por isso que eu não deveria beber. Pena não é lisonjeira, não importa o quão bem você a use.

Meus olhos varrem os jardins, absorvendo a comemoração do Solstício.

Isso não é uma festa, é um bacanal. Onde quer que eu olhe, as pessoas estão dançando, suas formas iluminadas pelo luar. Elas estão rindo e girando, seus cabelos soltos chicoteando sobre elas.

Aquelas que não estão dançando, estão na borda da pista de dança, conversando e bebendo. Bem, ou eles estão conversando e bebendo, ou estão escapando. Casais estão desaparecendo na floresta, e eu vi pelo menos uma fada sair com um homem e voltar com outro.

Os olhos de todos estão brilhantes demais, seus sorrisos estão largos demais, suas bochechas coradas demais.

Bêbados demais.

A multidão conseguiu esquecer de suas preocupações pela noite. As únicas pessoas que não conseguiram foram eu e os criados humanos, que mantêm o olhar para baixo a maior parte do tempo.

— Se divertindo?

Eu pulo com a voz, minha bebida derramando da borda do copo e em minhas mãos.

— *Merda*, — eu xingo sob a minha respiração.

O Homem Verde está ao meu lado, e eu não tenho a mínima ideia de quanto tempo ele está lá me observando enquanto eu observava todo mundo.

— Desculpe, — ele diz, seus olhos fixos no meu rosto, — eu não pretendia te assustar.

— Não, está tudo bem, — eu digo, sacudindo a minha mão.

— Nós nunca fomos formalmente apresentados, — diz ele, estendendo a mão. — Eu sou o Homem Verde, rei consorte do Reino da Flora.

Eu pego sua mão, a minha ainda um pouco pegajosa com vinho. Em vez de sacudir, ele leva a minha mão aos lábios e aperta um beijo nas costas dela, seus olhos âmbar fixados em mim.

Seus olhos, eu decido, são muito intensos, muito maliciosos, muito cobiçosos.

Ele solta minha mão. — Então, você está se divertindo?

O homem é muito perspicaz. Ele sabe que me sinto desconfortável e fora do lugar.

— Não, — eu digo, indo com a verdade.

O rosto do Homem Verde se ilumina com a minha admissão. — É um deleite raro encontrar honestidade dentro dessas paredes. — Ele olha ao nosso redor.

Tecnicamente, não há paredes ao nosso redor, mas as que ele está falando são invisíveis. Elas dividem os camponeses da nobreza, os seres humanos das fadas.

Eu lhe dou um sorriso apertado, meu olhar se movendo para a multidão. Eles estão me observando de novo, provavelmente porque o Homem Verde está ao meu lado.

— É horrível, não é? — Ele diz.

Eu olho para ele. — O que?

— Os olhos que tanto veem e ao mesmo tempo não veem nada. A postura. A alegria sem esforço.

Eu escondo quando engulo. Este homem está me lendo, e eu não gosto que ele possa fazer isso tão facilmente.

Eu faço um som evasivo, procurando na multidão por Des. Há um crescente aglomerado de fadas em torno dele, disputando sua atenção. Estou tentada a voltar para o lado dele, mas não quero estar nessa pilha de cachorros mais do que quero estar aqui.

Meus olhos então pousam em Mara, que está rindo entre seu grupo de homens e alguns nobres aduladores. Ela é o sol e eles são todos os planetas girando em torno dela, ansiosos por seu sorriso, seu toque, seu olhar. O único ausente de seu grupo de admiradores é o homem ao meu lado.

— Dança comigo? — O dito homem pergunta.

Isso me faz voltar toda a minha atenção para o Homem Verde.

Fadas em geral, e fadas masculinas em particular, me deixam nervosa. Karnon e seus homens são culpados por isso.

Mas quando olho para o Homem Verde, não vejo um predador, vejo um espírito parecido.

Por que não dançar? Esta noite é um festival, o Homem Verde parece ansioso, e eu serei uma burra se não me divertir.

— Claro, — eu digo.

Ele sorri, e eu recuo com o quão incrivelmente bonito ele é quando está

feliz. Não que eu não tenha percebido isso antes - todas as fadas parecem atraentes. É só que a presença de Mara parece eclipsá-lo.

Ele pega o vinho da minha mão, colocando-o em uma mesa lateral, e me leva para a multidão de corpos dançantes. E então estamos nos movendo, girando como todos os outros casais.

O álcool aquece meu estômago, e a dança joga fora minha última cautela. Acho que, assim que eu movo meus pés, fico presa no ritmo assustador da música.

— Então você é a parceira do Rei da Noite, — o Homem Verde diz, olhando um pouco intensamente demais para mim.

— Hmhm. — É difícil focar nele quando a música, o vinho e a dança querem chamar minha atenção para longe.

— Você tem todo o nosso reino fascinado por você, — diz ele, sua mão se movendo para as minhas costas. — Uma humana que tem poderes sobrenaturais, uma parceira do Rei da Noite. Sem mencionar que você é mais adorável que muitas de nossas mulheres.

Por que estamos falando? E por que sobre isso?

— O que ser adorável tem a ver com alguma coisa? — Eu digo, distraída.

Eu acho que é uma pergunta estúpida para se fazer aqui no Outromundo, onde a beleza é um ponto de fixação e a feiura só se esconde abaixo da superfície.

— Todo mundo achava que o impiedoso Desmond Flynn havia se acorrentado a alguma escrava comum, — Diz o Homem Verde. — Ficamos com pena dele até conhecermos você.

O vinho azeda no meu estômago, a música começa a ranger, a dança começa a me enjoar. Me afasto do Homem Verde, não estou mais interessada em dançar com ele.

— Algo está errado?

Ele diz isso como se ele não tivesse chamado o meu povo de escravos, como se ele não tivesse apenas insinuado que ele os considera tão pouco. É o seu preconceito casual mais do que qualquer coisa que é desconcertante.

— *Eu sou* um ser humano comum, — eu digo enquanto os casais ao nosso redor continuam a girar.

— Não, Callypso Lillis, encantadora dos mortais, — ele diz, — você não é. — Com isso, ele começa a recuar. — Tente se divertir hoje à noite, — ele recomenda. — Você tem uma semana de festividades à sua frente.

Com isso, a multidão o engole e eu estou sozinha mais uma vez, corpos quentes e retorcidos roçando contra mim de todos os lados.

A ideia de uma semana aqui, cercada por essas fadas, é repentinamente tão assustadora.

Na beira da pista de dança, uma espessa camada de escuridão passa pelas fadas brilhantemente vestidas, e bem no centro dela está o Negociador. Ele caminha na minha direção, a noite se agarrando a ele

como um manto.

Eu vou até ele, percebendo que pela primeira vez essa noite, ele está livre de uma audiência.

Seus olhos estão presos a alguém na multidão. — Aquele pequeno tolo está certo, — diz Des quando ele chega em mim. — Você não é comum.

— Você estava ouvindo a minha conversa? — Um dia eu vou ter que descobrir como ele funciona com seus segredos. Não há como Des apenas ter ouvido o que o Homem Verde me disse.

— Você está surpresa? — Ele pergunta, transformando a minha pergunta em uma das suas próprias.

Eu dou de ombros. Agora que ele está aqui, sua presença como uma droga, eu acho que não me importo se ele estava bisbilhotando, ou o fato de que ele pode ter deixado seu fã clube só para ter certeza de que outro cara não estava me caçando.

Eu coloco meus braços em volta do pescoço dele. De repente, eu entendo o que aconteceu com todo mundo. É o cheiro das fogueiras esfumaçadas, o barulho da música, o formigamento do álcool em minhas veias. Está tudo me persuadindo a cair nessa noite e esse homem. Para dar tudo à magia, mesmo que apenas por uma única noite.

Ele cobre minhas bochechas e eu o vejo observando a minha expressão. Imagino que agora devo parecer como todos os outros foliões - bochechas coradas, olhos dilatados, sorriso fácil.

Tomando alguma decisão, ele me beija com força. Ele tem gosto de vinho de fada e pensamentos sujos.

— Dance comigo, — eu digo quando nossas bocas se separam.

Seu polegar acaricia minha bochecha. — Eu não quero dançar com você. — O tom de sua voz bate no meu núcleo.

Ele não quer dançar, mas seus olhos pálidos e esfumaçados querem outra coisa, algo que está acordando minha sirene.

Meus olhos se movem para a borda da clareira, onde as fadas desapareceram e reapareceram a noite toda.

Ele me puxa para mais perto. — Eu faria valer a pena o seu tempo… — Ele sussurra, sabendo onde estão meus pensamentos.

Eu poderia simplesmente aceitar. Quero dizer, por que não?

…Mas eu não deveria. Certo?

Sua mão se move para o meu pulso. — Ou eu poderia simplesmente tomar a decisão mais fácil.

Minha respiração falha quando Des segura meu pulso entre nós, as miçangas pretas parecem sugar a luz ao nosso redor.

— *Verdade ou desafio*, querubim.

Se eu escolher a verdade, nós dois teremos uma conversa de coração para coração, e então voltaremos a dançar e beber. Mas se eu não escolher...

Meu olhar se move do seu corpo para aquele rosto bonito e forte dele.

— Desafio.

Sua mão aperta meu pulso mais apertado por um momento, enquanto um sorriso lento e malicioso se espalha em seu rosto. — Então assim será. — Sua mão desliza para a palma da minha mão, sua magia alisando ao longo da minha pele como mil carícias leves.

O Negociador me avisou sobre isso antes de eu comprar meu primeiro favor dele. Que com uma sirene, ele não iria apenas pedir segredos.

Também haveria sexo.

Naquela época, ele estava dizendo isso para me assustar. Mas agora... agora sendo parceiros, bem, o sexo veio de mãos dadas com o amor.

Des nos puxa para a floresta escura que fica ao redor da clareira, seus olhos prateados ardentes.

Eu posso sentir o olhar astuto de outras fadas enquanto escapamos, e eu não posso evitar o calor crescente nas minhas bochechas. Todos sabem o que estamos prestes a fazer.

Deixamos a música e a dança para trás, a floresta estranhamente silenciosa.

— O que você está pensando? — Des pergunta, sua voz suave como uísque.

Que apenas o pensamento da sua pele pressionada contra a minha está deixando meus joelhos fracos.

— Que você é um demônio astuto, — eu digo ao invés disso.

Sua risada ecoa pela noite, sem restrições, abandonada. Ele me empurra contra uma árvore próxima, o tronco deslizando entre as minhas asas. — Você é tão selvagem quanto eu, Callie. Eu sei o que você deseja - o que sua sirene deseja. — Ele acaricia meu pescoço. — Me deixe te mostrar.

Entre aquele toque suave e suas palavras encantadoras, minha sirene vem à tona, iluminando minha pele.

Eu me arqueio para ele, jogando minha cabeça para trás.

Sim.

Isso é tudo que eu quero. Ele e eu sob o céu escuro. Primal. Apaixonante.

Eu levo minhas mãos para suas calças quando ele leva as deles para as minhas saias, as juntando em suas mãos. Nossas mãos são ágeis e apressadas, nossos movimentos bruscos. Eu posso ouvir minha própria respiração engatando.

Com nossas roupas ainda no meio do caminho, aquela parte dura e deliciosa dele se pressiona contra mim.

— Minha parceira, — ele murmura, seu cabelo fazendo cócegas na minha bochecha quando ele se inclina para mim.

Há uma urgência tanto para a magia que é exigente, exigente, exigente e para nossas próprias paixões febris.

As sombras do Negociador nos cobrem, escurecendo nossa volta até que somos somente ele e eu, um único ponto no universo escuro que ele governa.

Suas asas vêm ao nosso redor, protegendo ainda mais nossos corpos.

Ao lado da minha pele brilhante, vejo os músculos do seu pescoço se apertarem e, com um poderoso empurrão, ele entra em mim.

Uma de suas mãos envolve meu peito através do tecido do meu vestido, e então sua cabeça se afunda, sua boca quente beijando a pele exposta do meu peito. Meus dedos cravam em seus ombros.

Ele está entrando e saindo de mim, nossos corpos quentes e úmidos onde nos juntamos. Eles fazem barulhos molhados quando nos reunimos.

— Queria... que isso fosse mais devagar, — Des rosna É quase doloroso, a força de seus impulsos. Essa união não é algo doce. É selvagem, primal, e chama todos os meus cantos mais escuros.

Enfio meus dedos no cabelo dele e forço sua cabeça para o lado. Minutos atrás, todo o seu cabelo loiro branco estava elegantemente varrido para trás. Agora é vítima do meu toque.

Eu puxo mais o cabelo dele. — Eu não quero *devagar*, — eu digo, encanto entrando na minha voz. — Eu quero tudo o que o Rei da Noite pode me dar - e então eu quero mais.

Com um grunhido, Des me dá exatamente isso.

De novo, e de novo, e de novo.

Capítulo 23

ACORDO COM O farfalhar dos carvalhos e com o frio do orvalho em minha pele. Meu quadril dói de dormir em uma superfície dura, e o cheiro de terra úmida enche minhas narinas.

Onde estou?

Piscando o sono para longe, eu me sento, passando as mãos pelos cabelos e tirando várias folhas e galhos. Meu vestido ainda brilha suavemente, e às minhas costas está a árvore que Des e eu completamente maculamos antes.

Des.

Eu olho em volta, mas ele não está à vista. Esfrego minhas têmporas, tentando lembrar, através do começo de uma ressaca, como a noite terminou e por que estou sozinha agora.

À distância, ouço um galho estralar.

Eu congelo.

Quais são as chances de que esse seja meu Rei da Noite?

Zero, minha mente sussurra.

Eu me levanto, tentando ficar mais silenciosa possível. Não que eu esteja fazendo um ótimo trabalho sendo inofensiva. É difícil passar despercebida quando você está em uma floresta escura usando um vestido brilhante.

Eu começo a refazer meus passos. Acho que consigo descobrir um caminho de volta para minha suíte; eu só tenho que sair dessa floresta.

Outro galho estrala e eu pulo com o som.

Alguém está me seguindo?

E onde está o Des?

Quando tenho certeza de que estou indo na direção certa, a floresta parece se aprofundar em vez de dar lugar aos Jardins Sagrados.

Eu massageio minha testa. Eu realmente entendi tudo errado? A fumaça das fogueiras parece estar mais forte daqui do que de onde eu acordei... mas não há música, nem risadas, nem sons de qualquer folião.

Estou totalmente sozinha.

Atrás de mim, barulho de folhas.

Eu tensiono.

Talvez eu não esteja sozinha...

Lentamente, eu me viro.

À distância, há um homem de ombros largos e cabelos brancos.

— Des! — Eu me sinto instantaneamente relaxada.

Eu começo a ir até ele, primeiro andando, e então, quando ele não se aproxima, eu começo a correr. — Des!

Antes que eu possa chegar até ele, ele desaparece.

Isso me faz parar.

Ele está vindo pegar você... as árvores sussurram.

— Des?

Sinto um metal pressionar contra a minha garganta e, do canto do meu olho, posso distinguir o cabelo loiro branco de Des.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

Se esta é a ideia dele de treino...

Mas não é treino. Não é. Eu posso sentir a intenção maliciosa no aperto áspero que ele tem em mim e a maneira como a lâmina cava em minha carne, como se quisesse que minha pele se dividisse.

Os lábios macios do Negociador roçam na minha bochecha. — Me tema, mortal, — ele sussurra, — pois eu serei sua ruína.

Des escova um beijo contra a minha pele e, em seguida, arrasta sua faca pela minha garganta.

EU ACORDO COM um grito abafado, segurando meu pescoço.

Não estou morta. Apenas um sonho. Apenas um sonho.

Des tem meu corpo embalado em seus braços.

— Callie, — diz ele quando ele vê que eu estou acordada, alivio encobrindo suas palavras. Ele puxa minha cabeça para perto. — Callie, Callie, Callie, — ele murmura – parece que mais para se tranquilizar do que para realmente chegar até mim.

O Negociador e eu estamos enrolados em lençóis macios, nossos corpos nus.

Eu me afasto dele o suficiente para olhar em seus olhos. Ele não tem ideia de que agora eu estou treinando minha mente para não o ver como uma ameaça. A mordida daquela lâmina parecia *tão* real.

Eu engulo em seco.

Um pesadelo, é tudo o que era.

Eu respiro fundo, o último fragmento do sonho se esvaindo.

— Estou bem, está tudo bem.

A luz do amanhecer filtra pela janela do nosso quarto, o sol fazendo o perfume das flores ganhar vida na nossa suíte. Em algum momento da noite passada, nós dois nos esgueiramos para nossos quartos, terminando aqui o que começamos na floresta.

Eu me estico de volta ao longo da cama, arrastando Des para baixo comigo. Relutantemente, ele me deixa puxá-lo para o colchão, me colocando contra o seu lado.

Eu não estou pronta para levantar, mas não tenho certeza se posso voltar a dormir.

— Conte-me um segredo, — murmuro.

Ele brinca com uma mecha do meu cabelo, sem dizer nada por muito tempo.

Finalmente, ele diz, — O cabelo da minha mãe era exatamente dessa cor.

— Era? — Eu pergunto, inclinando a cabeça para olhar para ele.

Ele alisa a mecha de cabelo para baixo. — Às vezes, — ele diz, perdido em seus próprios pensamentos, — quando estou me sentindo particularmente supersticioso, acho que não é coincidência.

Eu não sei o que ele quer dizer com isso, mas a confissão levanta um arrepio nos meus braços. Essa foi a mulher que criou Des, a escrivã cuja morte ele culpa o pai.

— Conte-me sobre ela, sua mãe.

Ele me segura perto. — O que você quer saber, querubim?

Eu desenho círculos em seu peito. — Qualquer coisa - tudo.

— Coisinha exigente, — diz ele com carinho. Seu tom está sóbrio quando ele fala novamente. — O nome dela era Larissa, e ela era alguém que eu amava profundamente...

Eu sinto algo grosso subir na minha garganta. Não é tanto o que ele diz, mas sim *como* ele diz, como se sua mãe tivesse colocado todas as estrelas em seu céu.

Seu peito sobe e desce quando ele engole. — Sempre foi somente minha mãe e eu, desde a minha lembrança mais antiga.

Percebo que ele convenientemente evita qualquer menção ao pai.

— Ela era minha guardiã, minha professora e minha confidente mais próxima. Talvez não devesse ter sido assim - tenho certeza de que ela não queria que fosse assim - mas em Arestys... minha mãe e eu éramos vistos como esquisitices.

Meu dedo faz uma pausa em seu peito.

Des, uma esquisitice? E no Outromundo, de todos os lugares?

— Mesmo pelos padrões de Arestys, éramos pobres, — diz ele. — Nós não poderíamos pagar alojamentos, então vivíamos nas cavernas que mostrei a você. E sob o teto da minha mãe, eu tive que viver de acordo com duas regras rígidas e rápidas: uma, eu nunca devia usar minha magia, e duas, devia controlar meu temperamento.

Eu não sei onde Des está levando essa história, mas seus olhos estão longe. Pela primeira vez, ele não está minando suas palavras.

— Naturalmente, eu trabalhei meu caminho em torno de ambas as regras.

O Negociador entortou as palavras de alguém para atender às necessidades dele? Que chocante.

— Eu não podia usar magia, então aprendi a negociar com criaturas mágicas pela magia delas.

Então é *aí* que vem a afinidade de Des por negócios. Eu nunca tive uma chance contra ele.

— Há poucas coisas que o excluirá no Outromundo tão rapidamente quanto ser pobre e fraco. E crescendo, isso é o que as pessoas pensavam de mim e da minha mãe - que ela era escrivã porque só podia usar quantidades frágeis de magia, e o filho não conseguia exercer nenhuma.

Meu coração está começando a doer. Eu não esperava por isso quando perguntei sobre sua mãe.

— Ser visto como pobre e fraco nos fez alvos, — continua ele. — Para minha mãe, veio na forma de homens maus. Havia várias fadas em nossa ilha que desapareceram depois que encontraram minha mãe. Ela nunca disse uma palavra sobre o que aconteceu, e eu não sabia melhor na época, mas... eu não duvido que minha mãe tenha feito alguma coisa com eles.

— E você? — Eu pergunto.

— O que tem eu? — Des responde.

— Como você escapou de ser um alvo?

Des sorri, mas é um pouco malicioso.

— Eu não escapei, querubim. Acabei contornando a segunda regra da minha mãe.

Regra número dois: Des deveria controlar seu temperamento.

— Crianças fadas amam nada mais do que mexer com os vulneráveis, — diz ele. — Minha mãe não conseguiu parar o bullying e ela não pôde me impedir de me defender, então ela me treinou para saber como lutar e como separar minhas emoções de uma batalha.

Quem era essa mulher que já foi parte do harém real antes de se tornar uma escrivã humilde? Que fez seu filho controlar sua magia e seu temperamento, mas ainda o ensinou a lutar?

— Eu não entendo, — eu digo, — por que esconder seu poder em primeiro lugar?

Des acaricia as minhas costas. — Essa é uma questão para outra hora. Mas por enquanto, vou lhe dizer isto: mães infelizes, pais cruéis e infâncias sem amigos. Você e eu, querubim, realmente compartilhamos tragédias semelhantes.

Capítulo 24

— VOCÊ VAI TER QUE me rolar para fora daqui, — digo a Des.

Nós dois nos estamos sentados em um grande átrio entre uma multidão de outros convidados do Solstício, todos nós tomamos nosso chá, frutas, nozes e bolos matinais enquanto o sol brilha nas grandes janelas de vidro.

Eu me inclino para trás no meu assento, chutando meus pés na borda da mesa antes de perceber que estou usando um vestido.

Ops. É por isso que eu geralmente não uso vestidos. Eles não são terrivelmente versáteis. Além disso, este corpete está totalmente constringindo meu estômago.

Eu puxo meus pés enquanto eu observo as fadas ao nosso redor. Des e eu estamos em nossa mesa particular; seus guardas e os nobres do Reino Noturno se sentam nas mesas ao nosso redor. Mais adiante, membros dos reinos da Flora e da Fauna também comem.

No geral, a multidão parece apenas um pouquinho pior pelo desgaste. Pode haver sorrisos preguiçosos e toques casuais, mas eu vi várias fadas esconderem um bocejo atrás de suas mãos, e as conversas estão um pouco mudas.

Notoriamente ausentes do café da manhã do grupo estão Mara e o Homem Verde. Sua mesa erguida fica no final da sala, parecendo solitária.

Estou prestes a perguntar a Des qual é a do relacionamento dos governantes da Flora quando, do nada, meus couros de treinamento se materializam no ar, caindo na mesa uma fração de segundo depois. Eles derrubam um recipiente de creme e o resto do meu café, a maioria da roupa pousando em uma tigela de mel.

Oh Deus, por favor, me diga que estou alucinando.

— Sério, Des?

Nós dois estamos chamando atenção de outras mesas.

Ele se alonga, completamente despreocupado com os olhares, um pequeno pedaço de seu abdômen aparecendo sob a borda de sua camisa justa.

— O treinamento começa em trinta minutos, — ele anuncia.

Você só *pode* estar brincando comigo.

— Treinamento nazista, — murmuro baixinho.

— O que foi isso? — Pergunta ele.

— Nada.

Uma hora depois, estou com minhas roupas de couro, minhas adagas ao meu lado e uma espada na mão.

Nós dois lutamos em um dos jardins perto da grande arvore que abriga nossos quartos. A árvore monstruosa se ergue acima de nós, as escadas que serpenteiam ao redor dela atualmente cheias de fadas da Noite que estão indo e vindo.

Nos jardins, wistérias e rosas crescem ao longo de treliças, enquanto urzes e lilás crescem em aglomerados grossos abaixo deles. Bem, isso e cerca de um bilhão de outras plantas, algumas que eu reconheço e outras que não.

Eu bato em um canteiro de jacinto enquanto me afasto de Des.

— Tem certeza de que está tudo bem treinar aqui? — Eu bufo. — Eu estou destruindo os jardins da rainha.

Des anda na minha direção, sua espada agarrada em sua mão. Ele sorri, pulando por uma rocha enquanto avança. — Não finja que o que você está fazendo é um acidente.

Tudo bem, então eu não fui muito cuidadosa com os meus pés; eu ainda posso estar um pouco amarga com a maneira proprietária que ela interage com Des.

— E não, — acrescenta ele, — a rainha está bem conosco treinando aqui, com flores destruídas e tudo mais. O único lugar que ela se preocupa em proteger - além de suas casas de hóspedes de madeira de cedro - é o seu bosque de carvalhos sagrados.

Ou seja, o lugar onde transei com Des ontem à noite.

Olho para a borda dos jardins, onde parte do bosque de carvalhos se ergue contra os arredores. À luz do dia, posso ver que a vasta floresta arborizada circunda os terrenos do palácio.

Por que, de tudo aqui, alguns carvalhos comuns são dignos de proteção, eu nunca vou saber.

Des desliza para mim.

Eu grito, pulando para trás para evitar o golpe.

— Solte a sua sirene. — A ordem surge do nada.

— Por quê? — Eu arquejo, mergulhando embaixo de outro giro de sua espada.

— Estou curioso com uma coisa.

Eu giro minha própria lâmina para ele, mas ele se afasta antes que eu possa fazer contato.

— Deixe-a em paz. — Eu digo. Ela teve uma noite movimentada na noite passada. Até vadias malvadas como a minha sirene precisam descansar.

O Negociador desaparece. Um momento depois, seu fôlego bate no meu

pescoço. Eu fico rígida, lembrando do meu sonho.

— Podemos fazer isso da maneira mais fácil, — ele desliza o cabelo do meu ombro, seus lábios roçando minha pele, — ou da maneira divertida.

Ele não sabe o quão efetivo ele está sendo no momento. Não há nada que faça minha sirene se mexer como medo e excitação, e estou sentindo um pouco dos dois no momento.

— Eu poderia te despir lentamente e colocá-la na grama, — ele respira. — Eu abriria as pernas e daria a você o mais sagrado dos beijos.

Um rubor sobe pelas minhas bochechas.

Sua mão se abaixa pelo meu torso. — Eu saborearia essa sua buceta doce até você estar no seu limite, mas eu não daria a você esse orgasmo, — diz ele. — Não até que você envolvesse suas lindas pernas em volta da minha cintura e implorasse pra eu me enterrar em você.

Eu me empurro para longe dele, meu corpo gritando com a distância repentina entre nós. Minha sirene bate contra as paredes de sua gaiola e meu controle sobre ela está sumindo.

— Eu tomaria você aqui mesmo, exatamente onde alguém poderia nos encontrar, assim como meus ancestrais costumavam fazer.

Jesus, isso é sujo.

Ele circula para a minha frente, um lado da sua boca se curva. — Eu gostaria que eles nos encontrassem, me vissem te reivindicando.

Foda-se. Desisto.

Minha sirene emerge, ativada por todas as suas sugestões.

— Aí está ela, — diz ele, recuando, e eu posso ouvir a alegria em sua voz.

Eu começo a andar impaciente, meus olhos fixados nele.

Tudo isso, tudo o que ele acabou de dizer, foi apenas para me libertar. O problema é que não gosto de ser provocada, *manipulada*. Eu gosto de fazer a provocação e a manipulação.

Eu rolo meu pescoço, o poder pulsando através de mim, e eu balanço a espada em meu aperto algumas vezes.

Des levanta sua espada. — Olá, adorável.

Eu aperto meus olhos, e ele deve entender meu olhar porque ele diz, — Você sabe por que eu fiz você sair?

Eu não me incomodo em responder.

— Eu quero que você lute comigo, — explica ele.

Isso não vai ser um problema.

Casualmente, eu ando em direção a Des, minha reticência anterior desapareceu. Foi substituído por uma necessidade primordial de vingança e sede de sangue.

Desta vez, quando me aproximo dele, balanço a lâmina sem a mesma hesitação de antes. Des desvia, em seguida, avança, sua própria espada brandida.

Eu bloqueio o próximo golpe, nossas espadas trancadas juntas. Além delas, os olhos de Des dançam com alegria.

— Te incomoda, amor, quando brincam com você?

Eu mostro a ele um olhar letal, minhas unhas afiando. Rangendo meus dentes, eu empurro sua espada da minha, cortando com minhas garras. Ele gira para fora do caminho, evitando o chute que eu miro em sua virilha.

— Fada boba, — eu digo, zombando dele. — Você sabe melhor do que brincar comigo. Eu sempre farei você pagar no final.

Se alguma coisa, Des parece mais eufórico do que nunca, o que só serve para me irritar mais. Com um grunhido, eu vou para ele novamente.

Nós dois bloqueamos e atacamos, bloqueamos e atacamos. Em algum momento, nossa batalha parece menos uma coleção de passos e balanços e mais como uma dança. Eu me movo com fluidez, meus instintos me guiando, minha coragem tornando cada um dos meus golpes seguros e rápidos.

Quanto mais lutamos, mais ele me faz trabalhar por isso, e quanto mais ele me faz trabalhar por isso, mais eu quero. Sangue. Sexo. Combate. Foder. Qualquer coisa. Tudo isso. Sua violência e sua paixão são minhas para usar. Minhas para explorar. Minhas para saborear.

Eu deslizo para baixo, meu corpo rolando com o movimento. Enquanto eu sigo com o balanço, eu ouço o zumbido da lâmina de Des e, em seguida, um recorte. Uma mecha do meu cabelo escuro cai no chão.

— Oops, — Des zomba, parecendo sem remorso.

Em resposta, sorrio para ele e depois ataco. Eu finjo ir à esquerda, mas depois vou para a direita. Bloqueada. Eu chuto, mirando para o seu peito. Ele se esquiva e se afasta. Indo para frente, eu ataco novamente, apontando para o rosto dele.

Eu não acerto sua mandíbula por centímetros, mas minha lâmina corta uma mecha de seu cabelo loiro branco. Nós dois paramos, observando a mecha flutuar até o chão.

A expressão de Des está em algum lugar entre choque e admiração.

— Você me pegou, — diz ele. — Você realmente me pegou.

Ele se endireita e sorri. — Você sabe o que isso significa, querubim?

Com cautela, dou um passo para trás. Ainda estou na alta da minha pequena vitória, mas ainda não estou muito orgulhosa para saber quando devo me retirar.

— Eu preciso tornar isso mais difícil.

Ele move a arma da mão esquerda para a direita.

Merda.

Eu nem percebi.

Eu ando para trás, indo para a floresta de carvalhos sagrados da rainha. As folhas roçam em mim, sussurrando, sussurrando...

Des vem para mim, parecendo tão ansioso.

Eu me movo mais fundo na floresta, seiva de um carvalho caindo no meu pescoço, e então contra o meu ombro nu.

— Me evitar não lhe fará bem, — diz Des. Um momento ele está em pé

no meio do jardim, a luz do sol iluminando suas feições pálidas, no próximo, ele se foi.

Eu me viro, procurando por ele entre as árvores.

— Procurando por mim? — Sua voz faz cócegas no meu ouvido, mas quando eu me viro para enfrentá-lo, ninguém está lá.

— Você nunca vai me encontrar se você está procurando onde eu deveria estar. — Isso vem de mais fundo no bosque arborizado.

— Saia e lute justamente! — Eu chamo, minha voz etérea.

— Fadas não gostam de jogar de forma justa, — diz ele diretamente acima de mim.

Eu olho para cima a tempo de ver Des agachado em um dos galhos acima de mim, seu corpo pronto para saltar.

Eu tensiono, me preparando para o ataque, saboreando a possibilidade disso. Mas nunca vem.

A expressão do Negociador muda instantaneamente quando ele me observa. — *Callypso...* — Ele desaparece, se materializando na minha frente um momento depois, suas mãos afastando meu cabelo. — Você está sangrando.

Minha pele escurece com a preocupação em sua voz.

Eu estou sangrando?

Minha mão vai para onde seus olhos estão fixados. Imediatamente sinto a umidade quente.

A seiva que pingou em mim.

Exceto, quando eu puxo minha mão para longe e olho para os meus dedos revestidos de carmesim, parece menos com seiva e muito mais com sangue.

— Ugh, — eu digo, limpando meu dedo quando a última parte da minha sirene se esvai. — Não é meu.

— Então de quem é?

— Veio da árvore. — Leva apenas alguns segundos para as minhas palavras se registrarem.

As árvores não sangram.

Des já está dois passos à frente de mim, vasculhando os carvalhos em busca de mais sinais de sangue.

Salpicadas ao redor de várias árvores próximas há manchas escuras no chão, manchas brilhantes que eu supus que fossem seiva. Mas elas são?

Des meche em uma mancha com a bota e depois olha para o dossel da árvore. Eu sigo seu olhar para cima, agora observando os estranhos riachos do líquido escuro correndo pelo tronco da árvore.

O Negociador desaparece, reaparecendo em um galho acima de nós antes de desaparecer novamente. Ele se move cada vez mais para cima.

Menos de um minuto depois, ele está de volta ao meu lado, limpando as mãos.

— Nenhum corpo e nenhum sinal de ataque, — diz ele. — O fluido parece estar vindo da própria árvore.

Eu acho que isso faz eu me sentir melhor.
— Então… é seiva, — eu digo.
Des sacode a cabeça, sua boca em uma linha fina. — Não, é sangue.

Capítulo 25

AS ÁRVORES ESTÃO sangrando.

Eu suprimo um arrepio.

— Isso é normal? — Eu pergunto, limpando o que eu posso do – *me encolho* - sangue de mim quando nós dois saímos da floresta de carvalhos.

Não foi só aquela árvore. Vários outros carvalhos ao redor tinham um pouco de sangue escorrendo de seus troncos.

Des sacode a cabeça, a testa franzida. — Não.

Por que uma árvore sangraria? E foram apenas os carvalhos onde estávamos treinando, ou é em toda a floresta?

Eu penso na última noite, quando Des me pressionou contra outro carvalho. Aquele estava bem...

Um dos guardas de Des vem andando até nós, com os olhos arregalados. — Sua Majestade, — Sua voz corta abruptamente quando ele me vê.

— Você pode falar livremente, — Des comanda.

A atenção do guarda retorna a Des. — Dois dos nossos soldados estão desaparecidos.

Dois soldados estão *desaparecidos*?

Des levanta uma sobrancelha. — É bem depois do meio-dia. Por que estou sendo informado disso só agora? — Des exige.

O guarda sacode a cabeça. — As festividades… eles tiveram a manhã de folga… Eles deviam fazer o check-in para a chamada ao meio-dia. Quando não vieram, vários soldados foram procurá-los. Suas camas ainda estão feitas, suas malas ainda estão cheias. Nós achamos que eles não voltaram da comemoração na noite passada.

A boca de Des aperta. Seu olhar se move brevemente para mim, sua expressão inescrutável.

— Continue procurando os homens, — ele finalmente diz. — Ainda há uma chance de que eles estejam dormindo com os efeitos da noite passada.

O olhar sombrio de Des encontra o meu, e seus olhos dizem o que sua boca não consegue: ainda há uma chance, mas é pequena.

Árvores sangrando e homens desaparecidos.

E nós estamos aqui não faz nem um dia.

O TREINO PARA o resto do dia está cancelado. Des e eu nos separamos no jardim, ele para verificar seus homens e eu para tomar um banho. Desesperadamente, subo a escada que envolve o cedro gigante, passando quarto após quarto.

Vou ter músculos de aço antes dessa semana acabar.

Des e eu estamos em algo como o trigésimo sétimo andar.

Eu paro quando vejo o quarto de Temper na minha frente, me dando um momento para recuperar o fôlego. Quando me inclino contra a grade, apreciando a vista, a porta do quarto da minha amiga se abre.

Eu levanto as sobrancelhas quando vejo Malaki saindo.

Uou. Temper fodeu o Senhor dos Sonhos bem.

Assim que ele me vê, ele abaixa a cabeça, passando a mão pela nuca, claramente desconfortável.

Eu levanto minhas mãos. — Não é da minha conta.

Mas vai ser da minha conta no momento em que Temper me encurralar. Ela adora divulgar todos os detalhes suculentos de suas escapadas sexuais.

Ele limpa a garganta, então acena com a cabeça timidamente quando passa por mim.

Seus passos estão sumindo nas escadas quando penso em algo.

— Espere, — eu me viro, — Malaki.

Ele para nas escadas abaixo de mim e se vira, seu tapa-olho brilhando na luz do sol. À luz do dia, a cicatriz que se estende por baixo do tapa-olho é ainda mais horrível.

— Existe alguma maneira que eu pudesse ver as mulheres adormecidas do Reino da Flora?

Suas sobrancelhas franzem. — Eu poderia perguntar...

Eu chupo meu lábio inferior. — Você poderia?

Ele me estuda por mais um momento. Finalmente, ele concorda. — Considere isso feito.

No final da tarde, Malaki cumpriu sua promessa.

Eu fico em uma das expansivas estufas do Reino da Flora, Temper ao meu lado. O conservatório quente está cheio até a borda com mulheres dormindo, cada uma em seu caixão de vidro. Como no Reino da Noite, existem centenas, senão milhares delas, seus caixões espalhados por todo a construção.

— Essa merda é fodidamente perturbadora, — Temper diz ao meu lado, — e eu vi minha cota de coisas perturbadoras.

Considerando que resolver casos é o que ela e eu fazemos de melhor, e uma Temper ociosa nunca é uma coisa boa, eu a trouxe junto para me ajudar, contando a ela sobre o mistério durante a nossa caminhada até aqui.

Eu aceno com a cabeça, meu olhar se movendo de mulher para mulher. Eu ainda não estou acostumada com a visão, mesmo depois de todo esse tempo. São os pequenos detalhes que me pegam - como as orelhas pontudas de uma chegam ao seu cabelo, como a outra parece que ela pode ter covinhas se ela acordar e sorrir.

Ainda me lembro dos beijos terríveis de Karnon, como ele forçava sua magia negra pela minha garganta. Ser uma *escrava* humilde me beneficiou lá. Seja qual foi o feitiço que ele colocou nessas mulheres, eu escapei.

A porta do conservatório se abre e, a passos largos, o Homem Verde entra.

— Eu ouvi dizer que eu te encontraria aqui, — diz ele, seus passos ecoando por toda a sala.

— O que esse babaca insolente quer? — Temper pergunta baixinho, assistindo o Fae da Flora vir em nossa direção.

Eu dou de ombros. — Acho que ele nos acha interessantes.

— Huum.

O Homem Verde chega ao nosso lado, se apresentando a Temper, que parece menos que impressionada.

— Então, você planeja resolver o mistério? — Ele diz, se virando para mim.

Eu posso ouvir o sutil desprezo em sua voz. Por que ele não ficaria assim? Há dez anos esse mistério assombra o Outromundo, e todos os cavalos do rei e todos os homens do rei não conseguiram impedir que os desaparecimentos voltassem a acontecer - de novo e de novo.

— Eu pretendo tentar.

Seus olhos se movem sobre as mulheres ao nosso redor. — Eu conhecia algumas dessas mulheres... *pessoalmente*.

A maneira como ele diz isso me faz querer fazer uma careta. Eu acho que ele era mais do que apenas amigo de algumas dessas soldadas.

Temper e eu compartilhamos um olhar conhecedor. Deus, eu amo ter minha melhor amiga aqui comigo.

— Onde estão as crianças? — Eu pergunto, voltando minha atenção para o Homem Verde.

— Elas estão dormindo um tipo diferente de sono, — diz ele enigmaticamente.

Minhas sobrancelhas franzem em confusão.

— Mara as matou, — explica ele.

— *Puta merda*, — diz Temper Você sabe que a merda é ruim quando Temper está impressionada com a impiedade disso.

— 'Fruta envenenada' - é como ela os chama, — explica o Homem Verde. — Elas são removidas assim que entram no reino - podridão se espalha rapidamente.

Eu cruzo meus braços no meu peito. — As árvores da rainha também parecem estar apodrecendo - por que elas também não são removidas?

— Pergunto.

O Homem Verde me avalia. — Do que você está falando?

— O bosque de carvalhos sagrados. As árvores estão sangrando.

— Maldito inferno, — Temper diz baixinho.

— Você deve estar imaginando coisas, — diz ele. — Os carvalhos estão bem.

Imaginando coisas?

— Não, eu não estou...

Temper coloca uma mão no meu braço. — Não adianta tentar colocar bom senso na cabeça louca desse idiota. Ele e a esposa *matam* crianças.

A expressão do Homem Verde se torna condescendente quando ele olha entre nós dois. — Não me digam que vocês têm um coração sangrando quando se trata dessas criaturas?

— Parece hipócrita, — eu digo. — Proteger uma planta, mas sufocar uma vida Fae.

— Seria hipócrita *se* as árvores tivessem sido afetadas da mesma maneira que as crianças foram, — diz o Homem Verde.

Ugh, por que eu trouxe isso à tona? Fadas podem ser tão tediosas para conversar.

— Esqueça isso, — eu digo. Eu bato no ombro de Temper. — Não há nada para ver aqui.

Nós nos movemos entre os corredores de caixões, indo para a porta.

— Mesmo que as árvores tenham se deteriorado, elas não começaram assim, — ele diz para as nossas costas, — as crianças começaram. Você pode curar uma doença, não um estado permanente de existência.

Eu o ignoro.

— Eles dizem que um espectro assombra esse lugar, — acrescenta ele, mudando de assunto.

Eu paro.

— Ele está apenas tentando te envolver, garota, — diz Temper, agarrando meu braço e me puxando. — Seja melhor que os truques dele.

Mas estou lembrando de algo que ouvi há um mês, sobre uma sombra observando as crianças no berçário do Reino da Noite.

Eu me viro. — O que você sabe?

Ele sorri. — Os escravos geralmente são aqueles que o veem. Dizem que durante a lua cheia você pode ver ele se movimentar pelos caixões.

— 'Ele'? — Eu digo, dando um passo para frente. — Como você sabe que é um homem?

Ele inclina a cabeça. — Porque há apenas uma pessoa que visita essas mulheres agora...

— O Ladrão de Almas.

Capítulo 26

EU OLHO PARA as estrelas, Des perto de mim, nós dois quietos.

Nós dois fomos atormentados pela preocupação, ele pelos soldados da Noite, que ainda não apareceram, e eu pelo que o Homem Verde me disse.

— O idiota está apenas tentando entrar na sua cabeça, — disse Temper quando saímos. Talvez ele estivesse, e talvez ele não estivesse. Ainda não consegui descobrir os motivos das fadas. Nem mesmo de quem que está deitado comigo.

O Rei da Noite e eu voltamos para os Jardins Sagrados. Ontem à noite, esta parte do terreno do palácio estava cheia de atividades. Agora está totalmente abandonada, a única evidência das festividades da noite anterior é o chão manchado de vinho e as pilhas de cinzas onde as fogueiras queimaram.

Des pega a minha mão. Sem palavras, ele a leva até a boca, pressionando um beijo na pele ali.

— Vou ficar feliz em deixar esse lugar, — diz ele.

Eu suspiro. — Eu também.

Meus olhos se movem de estrela em estrela. As constelações são estranhas para mim, mas não menos bonitas do que na terra.

Do nada, uma das estrelas começa a cair do céu. Eu pisco algumas vezes, só para ter certeza de que estou vendo as coisas corretamente. Em um momento, estava lá no céu, no outro começou a descer, caindo do céu como se a gravidade estivesse a puxando para o horizonte.

Ainda estou tentando entender a estrela cadente quando outra desliza de seu lugar, deixando um rastro fraco e brilhante de luz.

— Des!

— Hmmm? — Ele responde preguiçosamente.

Então outra estrela cai... e outra e outra, cada uma deixando seu lugar acima de nós, cada uma caindo para onde o céu encontra a terra.

— As estrelas estão caindo do céu! — Essa é definitivamente uma frase que eu nunca imaginei dizer.

Agora, dezenas estão caindo dos cosmos, fazendo a noite parecer que está chorando as lágrimas mais requintadas.

Eu me sento, incapaz de afastar meu olhar.

Pouco antes de qualquer uma delas atingir o horizonte, elas alteram sua trajetória, se movendo… *em direção a nós*.

Minhas sobrancelhas franzem. Eu olho para Des, que ainda não respondeu.

Ele também está observando o céu, mas não parece alarmado ou surpreso. Ele levanta a mão para os céus, o ar oscilando um pouco com sua magia.

Então, talvez a coisa mais estranha que eu já vi, as estrelas caídas se juntam uma a uma na mão estendida de Des, parecendo tão minúsculas na palma da mão quanto pareciam no céu acima de nós.

Eu não respiro enquanto ele abaixa o braço, em seguida, estende a mão para mim. Em sua mão está a luz das estrelas. Eu sei que as estrelas não são tão pequenas. Eu estendo a mão e as toco com o dedo. Elas parecem com grãos de areia e são quentes ao toque.

Eu ainda não consigo conter minha surpresa. — Como você…?

— Eu peguei emprestado a luz delas por uma noite, — explica Des, a luz das estrelas refletindo em seus olhos.

Eu solto uma risada surpresa, lembrando da nossa conversa tarde da noite em Phyllia, a Terra dos Sonhos.

Eu roubaria as estrelas do céu para você.

Você não teria que roubá-las.

— Você fez um acordo com as estrelas? — Eu pergunto, incrédula.

— Eu pedi gentilmente. — Ele diz isso como se houvesse alguma distinção.

Agora eu jogo minha cabeça para trás e dou risada. Ele encantou as estrelas para saírem do céu.

Quando meu riso finalmente morre, Des ainda está olhando intensamente para mim. — Eu disse a você que eu te daria as estrelas por essa risada.

E ele fez isso mesmo.

Ele se inclina para frente, levando a mão em concha para o topo da minha cabeça.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, começando a me inclinar para longe.

— Fique parada, querubim.

Relutantemente, faço o que ele pede, meu corpo imóvel.

De repente ele derrama a luz das estrelas no topo da minha cabeça.

Eu levanto as sobrancelhas, ainda não me movendo. — Por que você acabou de fazer isso? — Eu pergunto, com medo do que vai acontecer se eu sacudir meu cabelo.

— As estrelas concordaram que por uma noite elas pendurariam o céu noturno em seu cabelo.

Ele ainda está me dando esse olhar intenso. Isso me faz querer timidamente colocar meu cabelo atrás da minha orelha.

Um pequeno espelho portátil se materializa e cai na palma da mão de Des. Ele entrega para mim, e eu pego, olhando timidamente para o meu reflexo.

Eu respiro fundo.

Centenas de alfinetadas de luz brilham do meu cabelo, a luz das estrelas agrupada em constelações. Eu balanço minha cabeça e a luz das estrelas se move com ela. Realmente parece que estou usando o céu noturno no meu cabelo.

— É lindo, — eu digo, arrancando meus olhos do meu reflexo para olhar para Des.

É mais que lindo. É de tirar o fôlego, surreal. Eu olho para cima, só para ter certeza de que não estou imaginando isso, mas não estou. O céu escuro em cima está faltando suas companheiras cintilantes.

Des se inclina para frente e me beija, apenas pressionando seus lábios macios nos meus, antes de se levantar. Ele ajeita a camisa justa, tirando uma folha de grama perdida. — Eu odeio cortar a noite pela metade, amor, mas devemos ir. Afinal de contas, temos outra dança para assistir.

Capítulo 27

APARENTEMENTE, HAVERÁ DANÇAS a cada dia e noite, cada uma chamada com um nome chique que a distingue dos outros. Há a Celebração Solar, o Baile de Véspera de Verão e, oh, meu favorito, a Fecundidade Formal. Se isso não faz você se encolher, então eu não sei o que vai.

Eu não estou exatamente surpresa com todos os bailes - eu meio que imaginei isso - mas o verdadeiro horror de uma semana de dançar, beber e conversar com fadas está finalmente começando a acontecer.

Sem mencionar o fato de que por sete dias seguidos eu vou ter que usar *saltos*.

Ugh, maldição da minha existência.

O lado bom é que, sendo associada ao Reino da Noite, eu não sou obrigada a participar de algumas das danças e eventos do Solstício hospedados durante o dia. Aparentemente, muitos Faes da Noite gostam de dormir durante esse tempo, então eu estou fora do gancho com os deveres de parceira oficial do Rei da Noite.

Meus sapatos estalam contra a calçada de pedra enquanto Des, sua comitiva e eu entramos no palácio real do Reino de Flora.

Eu toco meu cabelo pela milionésima vez, estranhamente autoconsciente que o céu noturno agora brilha nele. No momento, me sinto como a personificação do cosmos, meu vestido essa noite é o profundo azul da meia-noite dos céus escuros.

Nós descemos degraus após degraus de escadas, e quanto mais avançamos, mais claustrofóbica me sinto.

Quão longe é esse salão?

A resposta: longe o suficiente para tornar minha bunda já dolorida ainda mais dolorida.

Quando finalmente chegamos ao fundo, a sala em que entramos me tira o fôlego. Pode ser subterrânea, mas não parece.

Arcos intrincados e altos sustentam os tetos de catedral, a pedra pálida é facetada. Os pilares espalhados por toda a sala são esculpidos com imagens de donzelas fadas, flores espalhadas em seus cabelos.

Centenas de lanternas de vidro pendem das paredes e de vários

candelabros enormes, as velas iluminando a sala com uma luz brilhante e cintilante.

A maioria das superfícies estão cobertas com plantas e flores, algumas dispostas em vasos, outras crescendo em várias paredes. Mais samambaias cobrem as mesas cheias de comida que revestem os lados do grande salão de baile.

No meio da sala há uma enorme árvore, com o tronco se estendendo até o teto, onde o dossel se estende. Disto, pétalas de alguma flor Fae estranha caem sobre nós.

Des me vê olhando para a árvore. — Dizem que a primeira rainha da Flora está enterrada debaixo daquela árvore. Que ao invés de morrer, ela escolheu ser enterrada viva para que seu corpo e alma pudessem continuar a nutrir sua terra e povo por milhares de anos.

— Isso é fodidamente pesado, — eu digo.

A árvore gigante, as donzelas esculpidas em pedra, os altos tetos de catedral… eu giro em um círculo. — É como seus desenhos, — eu respiro.

De volta à Academia Peel, Des desenhou várias imagens do Outromundo. Pelo menos um era desse grande salão, tenho certeza disso.

— Você se lembra disso? — Ele diz, surpreso.

—Claro. — *Eu me lembro de tudo*. — Eu estava desesperada para saber sobre sua vida.

Ele não responde a isso, mas ele não precisa. Está tudo na sua expressão.

Sou seu para levar.

— Que noite escura, — um dos convidados murmura para seu parceiro quando eles passam por nós.

Aquela pequena frase interrompe o momento que Des e eu estávamos tendo. Uma gargalhada irrompe de mim, e os lábios do Negociador se levantam em um sorriso secreto, seus olhos se enrugam nos cantos. Mal sabem essas fadas que o homem ao meu lado é o responsável pela noite estranhamente escura.

Des me puxa para perto, a ação não passa despercebida. Pelo segundo dia consecutivo, temos a atenção da sala. Não é tão óbvio hoje à noite, mais como algo que sinto ao invés de ver, seus olhares aquecendo minha pele. Eu imagino que há algo particularmente atraente sobre o Rei da Noite, o governante dos segredos, do sexo, dos sonhos e da violência, desfrutando de uma humana.

Des corre um dedo ao longo da minha clavícula exposta. — Você notou? — Pergunta ele.

— Notei o que?

Os olhos de Des passam rapidamente pela sala. — As asas.

Eu volto minha atenção para as fadas ao nosso redor.

Ele tem razão.

Assim como em Somnia, existem vários indivíduos com suas asas para fora. Não muitos, mas definitivamente mais do que ontem à noite.

É quase uma hora depois de entrarmos no salão que Mara finalmente aparece, um grupo de homens ao seu redor, nenhum deles o Homem Verde.

A visão é inquietante, e não consigo entender o porquê até alguns segundos depois, quando ela segura o queixo de um dos homens e o beija.

Minhas sobrancelhas sobem.

— O harém da rainha, — explica Des.

Então as rainhas Faes também têm haréns.

— Mas ela tem um parceiro… — Eu digo, meus olhos fixos nela.

Hoje, seu vestido é de uma cor escarlate vibrante, seu corpete apertado com fitas douradas. Seus lábios são vermelhos, e eles parecem particularmente selvagens quando ela sorri.

— Ela tem. — Des pega duas taças de champanhe de um garçom passando, me entregando uma delas.

Distraidamente, eu pego. — Mas eu assumi…

Eu tinha assumido que almas gêmeas não conseguiam dormir com outras pessoas, mas o que eu tinha feito todos esses anos em que Des e eu estávamos separados? Só porque meu coração não podia seguir em frente não significava que eu evitei namorar outros homens - ou ter intimidade com eles.

Des é gracioso o suficiente para não mencionar isso. Em vez disso, nós dois passamos vários segundos olhando para Mara.

— O que o Homem Verde pensa disso? — Pergunto.

Des levanta um ombro. — Eu imagino que ele não esteja muito interessado em compartilhar sua parceira. Mas ela é a rainha e ele é um covarde.

Ai.

Antes que qualquer um de nós possa continuar, ouvimos batidas rítmicas do lado de fora do corredor, vindo da escada que leva até aqui.

Muito lentamente, a sala se acalma, centenas de olhares vão para as enormes portas duplas que levam ao salão.

Os passos ecoam e as portas do salão do baile são abertas.

Duas fileiras de soldados Fae vestindo uniformes reluzentes de ouro enchem a sala, seus movimentos coreografados e precisos.

Eventualmente eles param e giram, criando uma espécie de corredor improvisado. Outra fada uniformizada segue pelo corredor, parando no final.

— É minha eminente honra apresentar, do céu radiante acima, Sua Majestade Janus Soleil - o Rei do Dia! — Ele anuncia.

Eu cubro meus olhos contra o brilho que flui na entrada do salão do baile enquanto alguém caminha pelo corredor, parando na frente dos soldados. Leva vários segundos para o brilho morrer.

Quando isso acontece...

Tudo o que vejo é cabelo dourado, pele bronzeada e olhos de cor azul

clara, cor das águas do Caribe.

Minha taça de champanhe escorrega da minha mão, se quebrando contra o chão.

Isso quebra qualquer feitiço que tenha sido lançado na sala. As fadas se viram do rei fae para olhar para mim, suas caretas se aprofundando quando percebem que é a humana, aquela que não deveria estar aqui, que está causando a comoção.

Estou muito distraída para me importar, meu olhar fixo na fada.

O Rei do Dia.

Eu começo a tremer, minha mente gritando, gritando.

Des move a mão e, sob sua magia, os pedaços de vidro se juntam, o champanhe enchendo a taça. Devagar, ele olha entre mim e o homem que estava, apenas alguns segundos atrás, brilhando como o sol.

— Ele me levou, — eu sussurro. — Foi ele quem me levou. Da sua casa. Ele me levou para Karnon.

A pessoa que me entregou ao meu agressor, a pessoa que poderia muito bem ser o Ladrão de Almas, é outro rei fae.

Eu me sinto mais do que um pouco enjoada.

O olhar de Des está em mim por um segundo quente, e então, em um piscar de olhos, Des desaparece, ambas as taças de champanhe que ele segurava um segundo atrás caindo mais uma vez no chão. Elas quebram um segundo depois, o copo e o vinho espumante encharcando o chão e a bainha do meu vestido.

Des reaparece na frente de Janus, o ar ao redor dele coberto de sombras, as asas cheias de garras, abertas.

Sombras pairam sobre a sala, começando nos cantos mais distantes e rastejando entre as pernas das fadas como uma neblina escura e sinistra.

A sala ainda está em silêncio, ainda congelada quando Des pega o Rei do Dia pelo colarinho e ergue o braço para trás. Seu punho bate no rosto de Janus com um barulho de algo batendo em um pedaço de carne, o som reverberando.

Seja qual for o estranho devaneio que tomou conta da sala, essa única ação quebra o feitiço. O salão explode em gritos e as pessoas começam a se mexer.

O braço de Des é como uma marreta, esmurrando o Rei do Dia várias vezes. Soldados de Janus se aproximam de Des, enquanto os soldados do Reino da Noite entram na briga.

Antes que eu perceba, soldados atacam soldados, convidados atacam convidados. A sala de repente está em alvoroço enquanto fadas começam a lutar entre si. Os Faes da Fauna apontam para mim, e vários deles começam a tecer através da multidão, vindo em minha direção.

Ahhh, merda, eu quase me esqueci da pequena vingança que o Reino da Fauna tem para mim e para o Negociador.

A uma pequena distância, Malaki, Temper e vários soldados do Reino da Noite estão tentando se aproximar de mim.

Em todas as direções, asas estão se abrindo, cada uma mais bonita que a anterior. Elas brilham em todos os tipos de cores, e seria de tirar o fôlego se não significasse que centenas de fadas estão perdendo a cabeça.

A sala cavernosa já não se parece tão grande, e meu deus, eu estou desenvolvendo um grande caso de claustrofobia.

Eu fiz isso. Eu fiz Des enlouquecer. E mesmo que a parte cruel e perversa de mim saboreie sua retribuição, o resto de mim está horrorizada que eu iniciei esses eventos.

Eu começo a empurrar meu caminho através da multidão, determinada a chegar aos dois reis.

Se alguém vai ter a sua vingança, serei eu, minha sirene ronrona.

Fadas estão indo para o ar, rasgando uma a outra. Enquanto isso, Des e o Rei do Dia ainda estão lutando, um brilhante como o sol, o outro escuro como a noite.

As fadas da Fauna estão quase em mim, e os guardas noturnos que vêm para mim ainda estão longe demais para me oferecer qualquer tipo de proteção.

Vou ter que pegar essas fadas sozinha. O pensamento envia um arrepio de alegria pela minha espinha e me sinto começando a sorrir.

Minhas unhas estão à beira de afiar quando a voz de Mara corta o barulho. — *Não haverá morte em minha casa!*

Todos, exceto Des e Janus, o Rei do Dia, pausam, ninguém disposto a cruzar a rainha que os está hospedando.

O Negociador não parece dar a mínima para o que Mara pensa. Ele tem o Rei do Dia preso embaixo dele e continua martelando a cara do homem.

— *Desmond Flynn, Rei da Noite, pela lei do meu reino, ordeno que você pare*, — a voz de Mara explode.

Braço puxado para trás, Des hesita, sua respiração pesada e irregular. Seu cabelo, que ele usava anteriormente penteado para longe de seu rosto, agora está selvagem. Eu vi meu parceiro quando ele está com raiva, mas eu raramente o vi assim, descuidado com sua raiva. Há algo tão... *cru* sobre isso.

Relutantemente, ele abaixa o punho, sua respiração pesada. Se inclinando perto de Janus, ele sussurra algo no ouvido do Rei do Dia, e então ele se levanta, seus olhos se movendo sobre a multidão. Eles param quando pousam em mim.

Ele parece um furacão contido em um homem. Ele tem manchas de sangue no rosto e uma pequena linha no canto da boca. Mas é a fúria controlada em seus olhos e as sombras profundas que envolvem a sala, que são as verdadeiras indicações de como ele está nervoso.

O Rei do Dia se levanta, dando a Des um olhar assassino.

Mara começa a bater palmas e a atenção repentinamente gira para ela. Ela se vangloria pela sala em direção aos homens, a multidão se separando para ela.

— Senhoras e senhores, — ela diz, — eu apresento a vocês, o primeiro

desafio de parceiro.

Desafio de parceiro?

Todos os outros na sala se agitam, seus olhares avaliadores se movendo entre mim e os homens. Mara segue os olhares, seus olhos encontrando os meus. Ela sorri para mim, seus lábios brilhantes fazendo seu rosto parecer em partes adoráveis e perversos. O resto do rosto dela está cheio de raiva.

— Parabéns para o Rei da Noite e sua parceira sirene, — diz ela. — Agora, todos, guardem sua excitação e por favor, continuem como antes.

Eu não entendo como ela faz isso, mas Mara consegue trazer esse lugar de volta do caos. Uma a uma, as asas das fadas estão desaparecendo e as pessoas estão suavizando suas roupas amarrotadas. Enquanto alguns olhares sujos passam entre os convidados - vários jogados no meu caminho por algumas fadas da Fauna descontentes - a conversa e os risos começam a desabrochar do outro lado do corredor.

Des limpa o sangue de sua boca, encarando o Rei do Dia, que o encara de volta. Mas Mara não terminou com eles. A rainha da Flora conduz os dois reis para longe da sala e sai pela porta lateral.

Meu coração gagueja um pouco com a visão. Sem Des, estou ciente de que sou um cordeiro em um covil de leões.

— Saia do meu caminho. *Saia* do meu caminho - se você pisar no meu vestido, eu juro pelos santos que você não vai ter dedos. — Mesmo entre o barulho crescente da multidão, a voz de Temper se aproxima de mim. — Quem eu tenho que socar para ter um pouco de espaço? *Saiam*!

Malaki segue em seus calcanhares, seu rosto em linhas severas.

— O que no maldito inferno foi isso? — Temper diz quando ela chega ao meu lado, olhando para trás, para onde as duas fadas brigaram há um minuto atrás.

Eu balanço minha cabeça, minha garganta trabalhando.

— Você está bem? — Pergunta Malaki, chegando ao lado de Temper.

Eu aceno, engolindo. Agora que a luta acabou e a adrenalina está diminuindo, isso me atinge - o homem que me levou é um rei Fae, e ele está *aqui*. Vou ter que ficar perto do Rei do Dia o resto dessa visita. Eu posso até ter que interagir com ele. O pensamento envia uma onda de náusea e nervos através de mim.

— Vou ter que dizer isso ao Negociador, — diz Temper, — ele dá um gancho de direita maldoso. Aquele menino bonito foi pra baixo como uma ereção em uma igreja.

Temper, sempre eloquente.

— O que é um desafio de parceiro? — Pergunto a Malaki.

Ele franze a testa. — Se uma fada rival disputa um vínculo, ele ou ela pode desafiar um parceiro para um duelo. É uma tradição antiga, usada principalmente para mostrar o valor do parceiro sendo disputado, ou como um insulto, se uma fada de fora não acha que um dos parceiros é digno do outro. Na maioria das vezes é simplesmente uma maneira de

parceiros - geralmente homens - trabalharem sua agressão e estabelecerem sua reivindicação.

Já mencionei que as tradições Faes são estranhas? Porque elas são.

— Nunca pensei que veria você de novo, — uma voz familiar diz em minhas costas, me sacudindo dos meus pensamentos. O som dela levanta todos os tipos de arrepios agradáveis ao longo da minha pele.

Aetherial.

Eu me viro a tempo de ver uma soldada Fae, vestida da cabeça aos pés em um uniforme dourado amanteigado, um emblema do sol estampado em seu peito. Ela definhara na cela ao meu lado quando éramos prisioneiras de Karnon.

— *Aetherial*! — É chocante vê-la em carne e osso, seu rosto angular brilhando e seu cabelo loiro curto. Eu estava com os olhos vendados quando era escoltada para dentro e para fora da cela, então eu só podia imaginar como ela era quando eu falava com ela. Ela é mais alta e magra do que eu imaginava, seus lábios macios e pequenos quando eu esperava que eles fossem magros e ferozes.

Provavelmente quebrando todos os tipos de boa etiqueta, eu a puxo para um abraço.

Em vez de se afastar, ela me abraça de volta. Quando ela eventualmente me libera, é para me dar uma olhada.

— Eu tenho que admitir, limpa você é ainda mais adorável do que os poucos vislumbres que eu peguei de você, — diz ela. Seus olhos se movem para minhas asas. — Embora eu não me lembre disso. Des lhe deu o vinho?

— O vinho? — Eu franzo minhas sobrancelhas. — Não, isso — minha voz falha, — isso foi Karnon. — Juro que seu fantasma deve estar aqui esta noite porque o rei morto parece estar em tudo e em todo lugar.

— Karnon fez isso? — Ela levanta as sobrancelhas, — Eu acho que não deveria estar surpresa.

Eu quero perguntar a ela o que ela quer dizer com isso, mas uma questão ainda maior me atormenta. — Como você…?

— Sobreviveu? — Ela completa.

Eu concordo. A ultima lembrança que eu tenho, ela estava praticamente catatônica.

Ela dá de ombros. — Aparentemente, eu não tinha passado do ponto de *não retorno* quando eles me encontraram. Eu ouvi que eu tenho que agradecer seu parceiro por isso. — Seus olhos vagam para onde ela viu Des pela última vez. — Ele parece... intenso.

Eu solto uma risada oca.

— Eu ouvi, — ela continua, — que depois que ele destruiu Karnon, não havia nem um dente sobrando do homem.

Memórias indesejadas desse encontro final passam pelo fundo da minha mente.

— Eu ia tentar agradecer ele hoje à noite, — ela admite, suas feições

endurecendo. — Eu sonhei em estripar aquele bastardo com chifres.

— Quem é sua amiga? — Temper, que está do nosso lado, agora se insere na nossa conversa, soando como uma amante ciumenta.

— Aetherial, Temperance - Temperance, Aetherial, — eu digo, fazendo introduções.

Aetherial pega a mão de Temper. — Você deve ser a feiticeira que todo mundo está falando. — Ela dá um beijo nas costas da mão dela. — Encantada.

Não há nada que tire o vento das velas de Temper como um pouco de bajulação.

— Quem é você? — Temper pergunta, soando mais gentil do que ela normalmente teria sido.

— Uma colega ex prisioneira, — diz Aetherial.

Nossa conversa para quando o barulho da sala diminui. Dezenas de Faes olham para o lado da sala. Eu sigo seus olhares a tempo de ver Mara, Des e Janus saírem pela porta lateral em que haviam entrado anteriormente, Des usando uma expressão sombria.

Eu tensiono quando vejo o Rei do Dia atrás dele, minhas palmas começando a suar. Ele pode não ter abusado de mim, mas ele me entregou ao meu agressor. Na minha opinião, dificilmente há uma distinção entre os dois.

— Eu preciso voltar aos meus deveres, — diz Aetherial, desculpando-se. — Temperance, um prazer conhecê-la. — Ela abaixa a cabeça um pouco. — Callie, espero vê-la novamente em breve. — E então ela se derrete de volta na multidão, voltando para o homem que tornou possível que ela e eu nos encontrássemos.

Assim que Des me vê, ele desaparece, reaparecendo ao meu lado. Suas asas se abrem ao meu redor, empurrando para longe todos os que estão por perto - inclusive Temper.

— Vou entrar em guerra com ele por isso, — ele rosna. — Eu juro para você.

Leva um segundo para acompanhar a trajetória dos pensamentos de Des. Guerra. Janus. O Reino do Dia. Vingança pelo meu rapto.

— Eu não vou parar até ter derrubado seu trono e capturado ele, — Des continua. — Eu vou aprisioná-lo nas Catacumbas de Memnos, onde meus monstros vão cortar suas entranhas e alimentá-lo com...

Eu pressiono minha mão contra a boca de Des.

Puta merda. Quero dizer, pu-ta *merda*.

— Ok, isso é super vívido, e eu realmente aprecio de onde tudo isso está vindo...

Ele remove minha mão. — Claramente, eu tenho sido muito mole e você é muito tolerante se você não acredita...

Mão de volta em sua boca. — ...mas eu realmente gostaria de passar a semana sem nenhum outro incidente, — eu termino.

Desta vez, quando Des puxa minha mão de seus lábios, ele é gentil,

apertando minha mão entre as suas. — Eu não posso desfazer o que foi feito, mas eu quero fazer as coisas certas para você. — Sua voz fica baixa. — Eu não quero que você tenha que passar por essa experiência novamente.

Ele realmente vai me fazer chorar.

— Eu não vou, — eu digo, minha voz rouca.

É uma promessa vazia. Nenhum de nós fomos capazes de impedir que meu sequestro acontecesse antes, quem vai prometer que poderemos impedir que isso aconteça novamente?

Mas às vezes você só precisa fazer essas promessas estúpidas e vazias para o benefício de todos. — Eu posso lidar com o Rei do Dia por uma semana.

Uma mentira descarada porque tenho certeza que não posso. Eu sou uma covarde quando se trata de enfrentar os homens maus que me vitimaram.

Mas de alguma forma eu vou ter que lidar com isso - tanto pelo bem de Des quanto pelo meu.

Capítulo 28

NAQUELA NOITE, ME deito nos braços de Des, as estrelas no céu aonde pertencem, o meu cabelo se esparramado à nossa volta. Algumas luzes de fadas pairam no ar acima de nós, dando ao quarto um brilho suave.

Des acaricia minhas costas, seus movimentos fazendo as penas de suas asas se mexerem. Minha bochecha está pressionada contra seu peito quente. Se alguma vez eu tiver um lar, seria bem aqui.

— Me conte sobre o seu pai, — eu digo, meus próprios dedos traçando os músculos que correm por seu torso.

Des solta uma risada desprovida de alegria. — Eu te assustei tanto assim mais cedo?

Eu levanto a cabeça e lhe dou um olhar interrogativo. — Do que você está falando?

Sua mão nas minhas costas faz uma pausa. Quando ele recomeça, é para desenhar imagens ociosas com o dedo. Eu me pergunto, se ele recebesse um lápis e um papel, de que exatamente esses desenhos ociosos seriam.

— Eles dizem que eu tenho o temperamento do meu pai, — ele admite.

— Quem diz isso? — Eu pergunto baixinho.

— Todos sabem que a linhagem real do Reino da Noite é rápida em se irritar, — diz ele, evitando a questão. — É por isso que minha mãe me obrigou a trabalhar tanto para controlar minha raiva, e foi isso que me deixou particularmente implacável quando eu estava com os Anjos da Pequena Morte.

Acho que quero perguntar sobre a irmandade dele, mas guardo as minhas perguntas para mim mesma, com medo de que isso atrapalhe o que realmente quero saber hoje à noite.

— Mesmo agora, — continua ele, — quando eu tive tanto tempo para trabalhar nisso, ainda pode assumir.

Como mais cedo essa noite.

Eu quero dizer a ele que ele não está se dando o benefício da dúvida. Quando penso em Des e controle, penso em todos aqueles meses que passei no colégio tentando saber sobre meu parceiro sem sucesso. Ou como quando ele me encontrou na sala do trono de Karnon,

ensanguentada e quebrada, ele ainda manteve uma coleira em sua raiva até o último momento.

Mas eu não menciono nada disso.

Em vez disso, pergunto, — Seu pai perdia o controle?

A mão de Des se move para o meu cabelo. Ele corre os dedos por ele, deixando deslizar através deles.

— Às vezes - pelo que ouvi, — diz ele. Os olhos de Des se distanciam. — Normalmente, quando algo desagradável o surpreendia.

Eu deito minha cabeça de volta em seu peito. — Você ainda não respondeu a minha pergunta.

Há tanto que eu não sei sobre Des - séculos de memórias que ele não se incomoda em compartilhar. E quero conhecer cada detalhe de sua vida, mas esse detalhe particular, seu pai, parece especialmente importante.

— Então, talvez, — seu dedo bate no meu nariz, — você deveria ser mais precisa com suas perguntas.

— Des.

Eu ouço o suspiro de ar que deixa seus pulmões. — De todas as verdades divertidas e perversas que você poderia me perguntar, você tinha que escolher essa...

Ele está se contorcendo, eu percebo. É muito humano e muito diferente do meu parceiro.

— Eu não gosto de falar sobre ele, — ele admite.

Entendi. Deus, eu entendo isso.

— Ele estava matando seus filhos, — diz Des do nada.

Eu fico tensa em seus braços.

— Quando fui concebido, — continua ele, — ele estava matando todos os seus filhos. Os adultos, as crianças, até os bebês.

Eu não respiro por alguns segundos.

O primeiro pensamento ridículo que eu tenho é que Des uma vez teve irmãos.

O segundo é que agora são todos fantasmas. Cada um deles. Tudo por causa de seu pai.

Eu não consigo envolver minha mente nisso. É muito cruel, muito mal, muito inconcebível.

— Por quê? — Eu finalmente pergunto. Minha pergunta parece ecoar no silêncio do quarto.

Eu não espero uma resposta, não apenas porque Des não gosta de lhes dar, mas também porque descobri, como Detetive Particular, que os casos mais distorcidos dificilmente têm uma explicação. Às vezes as pessoas fazem coisas horríveis só porque podem.

A mão do Negociador desliza do meu cabelo, descendo pelo meu braço.

— Uma profecia que ele recebeu o avisou que seu legado levaria à sua queda.

Parece um drama grego.

— Eu não sei se ele se importava com seus filhos, mas se ele se

importava, o seu poder importava mais.

Agora eu entendo por que, por mais assustadoras que sejam as crianças do caixão e por mais desalmadas que sejam, Des não vai machucá-las.

Nenhuma criança merece ser abatida por causa de sua linhagem.

— Minha mãe era uma das suas concubinas favoritas. Quando ela descobriu que estava grávida, ela fugiu do palácio. Eventualmente, ela acabou em Arestys. Eu não soube até mais tarde, mas durante toda a minha infância, nós estávamos nos escondendo.

Eu me perguntava como Des poderia ter vindo do harém real e ainda ter a vida que ele teve.

Agora eu sei.

Meu rei briguento. Ele não teria existido se sua mãe não tivesse feito o que ela fez.

Tentar imaginar um mundo sem Desmond Flynn é ainda mais difícil de entender do que um mundo em que um pai mata todos os seus herdeiros.

Como seria a vida se não houvesse um Negociador para me salvar do meu passado, nenhum Des para me consolar durante a noite, nenhum parceiro para me reivindicar depois de sete longos anos de espera?

Só de pensar já dói.

Eu passo meus dedos por sua pele. *Isso não aconteceu.* O homem debaixo de mim é mais do que sonhos e desejos. Ele é carne e sangue, pele e osso, músculo e magia.

E ele é meu.

— E se tornou realidade? — Eu pergunto. — A profecia?

Por alguns segundos, tudo que ouço é a respiração de Des. Eventualmente, ele levanta a mão, e as luzes das fadas acima de nós se apaguem.

— Isso é compartilhamento suficiente para uma noite, — diz ele.

Na escuridão, sou deixada só com meus pensamentos. E eu não posso me conter, e imagino...

O que Des ainda está escondendo de mim?

Capítulo 29

OS SONS DE prataria tilintando ecoam no recanto privado de café da manhã de Mara.

— Bem, a noite passada foi mais do que um pouco emocionante, — diz Mara, quebrando o silêncio.

Os três governantes Faes, eu e o Homem Verde estamos todos sentados em torno de uma mesa, desfrutando de um café da manhã desajeitado.

Uma das coisas principais do Solstício são as conversações sobre diplomacia que ocorrem durante essa semana, e aparentemente, a reunião no café da manhã de hoje é a primeira delas.

Para ser honesta, eu não tenho grandes esperanças sobre como as conversações desse ano vão ser. O Rei da Fauna está visivelmente ausente enquanto seu reino está lutando para encontrar um governante substituto. Des e Janus, enquanto isso, olham um para o outro durante toda a refeição, Des enrolando a faca em torno de sua mão como eu o vi fazer com adagas. E Mara olhou para mim algumas vezes, mas ela não foi capaz de criar coragem para me abordar corretamente.

Tudo o que estou tentando fazer é manter o café da manhã dentro do meu estomago e não enlouquecer. Eu não deveria estar docilmente sentada em uma mesa com o homem que me sequestrou da casa de Des. Se ele fosse um homem humano, eu já teria o envolvido em minha vingança, usando meu encanto para obriga-lo a fazer qualquer coisa e tudo que eu quiser. Mas, infelizmente, ele é um rei Fae, imune aos meus poderes e incrivelmente poderoso.

O único que parece estar se divertindo é o Homem Verde. Ele está comendo seus ovos como se fosse uma profissão.

Esta é a reunião de diplomacia mais estranha de todos os tempos.

— Então, me lembre de novo — diz Mara, olhando entre o Rei do Dia e o Rei da Noite — o que foi, mais uma vez, que quase arruinou dois milênios de reuniões pacíficas do Solstício?

Des se recosta na cadeira, dobrando uma perna sobre o outro joelho. — Janus raptou minha parceira.

Janus bate sua prataria na mesa, fazendo os pratos tremerem.

— Pela última vez, eu não a toquei. — Seus olhos se movem para mim.

— Eu nunca a *vi* antes.

Mentiroso.

Eu não sei que jogo ele está jogando, mas eu nunca poderia esquecer a coroa de luz que brilha em torno dele ou daquele seu rosto, que faria escultores chorarem.

Ele deve ler meus pensamentos pela minha expressão, porque seus olhos se desviam em aborrecimento.

O olhar de Mara se move para mim. — Janus te sequestrou? — Ela pergunta, cruzando as mãos sob o queixo.

Demoro um segundo para responder porque, oh meu Deus, ela realmente se dirigiu a mim, uma mera mortal.

Eu abaixo meu garfo. — Sim. — Minha voz é de aço.

Janus solta um suspiro, jogando as mãos para o ar. — Eu *não* sequestrei.

— Então, Janus estava trabalhando com Karnon? — Mara pergunta a sala.

Meus olhos estão fixados no Rei do Dia.

Ninguém responde.

— Então? — ela pressiona, voltando sua atenção para Janus, — é verdade?

— Claro que não é. Eu posso fornecer um álibi - não que eu seja obrigado a isso. — Ele dá a Des outra olhada.

— Bem, aí está, — diz Mara, sorrindo com força. — Ele pode fornecer um álibi. Talvez Callypso aqui estivesse apenas confusa.

— Eu não estava, — eu digo. Só que minha voz soa um pouco defensiva porquê... e se? E se o Rei do Dia pudesse provar que ele não estava na Terra naquela manhã que ele me sequestrou?

E aí?

— Agora, podemos todos seguir em frente? — Mara diz, ignorando a minha resposta. Ela dá a todos um olhar duro – para mim em particular - e eu rapidamente percebo que chegamos ao final de suas boas graças.

Recomponham-se e calem-se, é o que ela está exigindo de nós — *Por favor*, — diz Janus, exasperado.

Sombras começam a penetrar nos cantos da sala. Eu não olho para Des, mas apenas daquelas sombras eu posso dizer que ele não vai concordar com nada.

Des se inclina para trás em seu assento. — Nã...

Engolindo minha covardia, eu coloco uma mão em sua coxa, o parando.

— *Sim*, — eu digo, minha voz rouca.

Des afasta sua atenção de Janus tempo suficiente para me dar um olhar tempestuoso. Seja o que for que ele vê no meu rosto o faz flexionar o queixo. E tão devagar, as sombras recuam.

Dobrando os braços sobre o peito, ele dá um forte aceno de cabeça.

— Fabuloso. — Mara pega sua taça de champanhe. — Agora, para a notícia real: Desmond, você matou Karnon?

Ao meu lado, o Negociador não responde, parecendo selvagem e insolente.

— Desmond. — Mara pressiona. Ela parece quase predatória, aguardando sua resposta.

Sem se importar, ele pega minha mão e brinca com ela, um pequeno gesto que chama a atenção do público. — Sim, eu o matei. Ele machucou minha parceira.

— Hmmm. — Mara toma um gole de sua bebida.

Os olhos dela se movem para mim, calculando, curiosos. — Como foi ser prisioneira de Karnon? — Ela me pergunta.

Meu coração está começando a correr. Eu respiro fundo. — Foi um inferno. Um Inferno absoluto. — Estou orgulhosa que minha voz não vacilou. Eu posso estar me sentindo uma bagunça, mas eu soei certa de mim mesma.

Mara se inclina para frente, uma luz doentia nos seus olhos. — Ele estuprou você?

— *Chega*. — Poder percorre a voz de Des.

A Rainha da Flora se ajeita em seu assento, tomando outro gole de seu champanhe.

Minha pele se arrepia com sua pergunta, em seu interesse perturbador.

— Acredito que Karnon estava por trás do desaparecimento das mulheres, — diz ela, — mas o fato que permanece, é que o feitiço não foi retirado. Alguém ainda está lá fora, puxando as cordas.

Um calafrio percorre a sala.

— Nossa investigação assumiu isso, — diz Des.

— Assim como a minha, —acrescenta Janus.

Os olhos dos dois governantes se encontram. Tenho certeza de que o óleo e a água combinam melhor do que esses dois.

Tenho a impressão de que essa rivalidade é antiga. Luz e escuridão, constantemente lutando entre si.

— O que eu acho interessante, — o Homem Verde corta, — são as crianças do caixão.

Todos os olhos se movem para ele. Até agora, ele não adicionou muito à conversa.

Ele joga seus utensílios no prato limpo. — Aquelas crianças bebem sangue e profetizam - características intimamente associadas ao Reino da Noite.

Ele deixa aquela pequena revelação no ar.

Características intimamente associadas ao Reino da Noite.

Seu significado é claro: quem é que seja o pai dessas crianças era um Fae da Noite, e a única fada da noite poderosa o suficiente para exercer o tipo de magia que Ladrão de Almas usa é...

A boca de Des se curva em um sorriso cruel, todo o rosto dele se tornando sinistro. — Então você acredita que fui eu. Que eu estuprei essas mulheres e sou pai dessas crianças.

A ideia não é apenas ridícula, é abominável.

— Não teria que ser estupro, — Mara diz contemplativamente. Ela olha para Des, seu olhar o despindo. Meus pelos se arrepiam com a visão. — Eu ouvi contos de suas conquistas. Quem pode resistir ao Rei da Noite com todos os seus encantos?

Meus dedos se curvam nas bordas do meu assento, e eu tenho que lutar para manter minha raiva à distância.

— Certamente vocês não podem estar falando sério, — eu digo. — Qualquer uma das mulheres pode lhe dizer - Karnon e somente Karnon as tocaram.

— E, no entanto, o ponto de vista do meu parceiro continua o mesmo, — diz Mara. — As crianças do caixão têm características de Faes da Noite - não de Faes da Fauna...

Este é o mesmo enigma com o qual lidei quando fui ver as crianças na creche real. Eu odeio que agora esteja sendo distorcida para incriminar meu parceiro.

Des, entretanto, não está fazendo nada para dissipar as acusações contra ele. Ele apenas continua a encarar Mara com aquele sorriso malévolo no rosto, não afetado por suas palavras.

— Por que não devemos acreditar que foi você? — Janus diz. — Ouvi dizer que você levou quase uma semana para resgatar sua parceira do palácio de Karnon. Por que tanto tempo, Flynn?

Essa pergunta... essa pergunta dói. Esqueça o fato de que esses governantes estão tirando contos das sombras. *Por que* Des esperou tanto tempo?

Des se recosta na cadeira, olhando arrogantemente para os outros governantes. — E se for eu? E se eu, em meu poder infinito, encenei a coisa toda para que o rei louco pudesse cair? O que vocês fariam? O que vocês *poderiam* fazer? — Mara e Janus compartilham um olhar.

Janus se inclina para frente, com os olhos intensos. —Tudo o que precisar ser feito.

Eu sinto a profundidade do poder de Des, sentado naquela sala. É tão vasto quanto o universo e tão escuro quanto a noite.

Se ele fosse cruel, se ele fosse mal... não haveria como impedi-lo.

Se ele fosse cruel e ele fosse mal, nosso vínculo não importaria de uma forma ou de outra.

Goste ou não, eu ainda seria dele.

Capítulo 30

AS CRIANÇAS DO caixão têm traços do Reino da Noite.

Minha pele se arrepia, mesmo que esteja quente lá fora.

— Por que demorou tanto para você ir atrás de mim quando eu era prisioneira de Karnon? — Pergunto a Des, enquanto ele e eu voltamos para o nosso quarto. Eu não quero parecer magoada ou acusadora, mas uma parte de mim se sente dos dois jeitos.

Des para, se virando para mim. Ele inclina a cabeça. — Você está realmente considerando as palavras deles?

Eu não sei o que dizer, presa entre a minha própria incerteza e os segredos de Des.

— Eu só preciso saber, — eu digo, minha voz tranquila.

A boca de Des se afina em uma careta. Ele olha ao nosso redor, olhando as fadas que passeiam pelos jardins.

Seu significado é claro: isso não é um lugar privado.

Ele acena para o enorme cedro que estamos acomodados, suas asas se desdobrando atrás dele. — Me siga.

Antes que eu possa perguntar o que ele está fazendo, ele pula no ar, suas enormes asas parecendo fora do lugar à luz do dia. Ao nosso redor, as pessoas param e assistem.

Soltando um suspiro, dou um pulo correndo, deixando minhas asas me levantarem no ar.

Des pousa em um dos ramos mais altos do cedro. Desajeitada, eu me junto a ele, quase ultrapassando o galho e caindo. Ele me pega pela cintura, soltando uma risada rouca que eu sinto no meu núcleo.

Ele não pode ser ruim, ele *não pode*. Nós dois podemos ser fodidos, e com certeza, Des matou algumas pessoas, mas ele não pode ser *mau* - mais como... levemente perverso.

Eu me sento no galho para que minhas pernas estejam penduradas, as costas dos meus tornozelos roçam nas minhas asas e meu ombro roça nas de Des. Dessa altura, fadas parecem pequenos insetos.

Eu respiro o ar fresco da floresta, a copa das árvores balançando levemente na brisa.

— Naquela manhã, a manhã em que você desapareceu, — Des começa,

— você não pode nem... — Sua voz quebra, e eu giro minha cabeça para olhar para ele. Ele está muito longe de ser o rei fae presunçoso que estava no café da manhã de Mara. Agora eu posso sentir o calor e a dor em suas palavras.

— No começo, pensei que você tivesse me deixado, — diz ele. — Eu pensei que você tinha pego o caminho que eu peguei tantas vezes quando você estava no ensino médio. Nos dias que se seguiram, *desejei* que você tivesse feito isso.

— Foi a xícara cheia de café que mudou tudo. Estava ali parada na mesa do pátio, ainda cheia. Você, de todas as pessoas, não deixaria uma xícara de café intocada.

Eu sorrio um pouco porque é verdade; eu nunca deixaria um bom café ser desperdiçado.

— Foi quando percebi que você não havia saído; você tinha sido levada.

— A raiva que senti, o medo... — Sua voz falha e ele balança a cabeça. — Eu vasculhei a terra por você e depois vasculhei o Outromundo. A cada minuto que passava, o pavor se aprofundava. E... — Ele passa a mão pelo cabelo, soltando uma risada abafada, — foi muito pior do que aqueles sete anos de espera. Tão imensamente pior.

— Eu recebi o que era equivalente a anos de favores por migalhas de informações, e ainda assim demorei dias para me encontrar no Reino da Fauna Meu coração aperta quando vejo Des recordar aqueles dias que eu estava perdendo. Eu não sabia nada disso.

— Eu deveria ter encontrado você. Eu deveria. A maneira como meu poder funciona... os segredos que ouço - as vozes que me dizem o que preciso saber - estavam sinistramente silenciosas.

Segredos? Vozes?

Ele pega a minha mão, pressionando as costas dela na sua boca. Sinto o menor tremor em seu toque, como se a lembrança ainda fosse visceral para ele.

— E o nosso vínculo? — Eu pergunto. — Você não poderia ter me encontrado através dele?

Eu ouvi histórias de almas gêmeas se rastreando, seu vínculo como uma bússola as direcionando para a localização de seus parceiros.

Des desvia seu olhar do horizonte.

— Há algo sobre o nosso vínculo que eu não admiti para você...

Eu não sei como uma única frase pode me encher com um pressentimento tão ruim, mas esse é o caso. Meu estomago se aperta.

— O que é? — Eu mal posso forçar as palavras para fora.

— Querubim, nosso vínculo... tem problemas.

Capítulo 31

QUANDO EU ENCONTRO Temper de volta em seu quarto, ela está escolhendo o que vestir. Hoje, o cabelo dela está trançado em dezenas de tranças, cristais e espirais de ouro entrelaçados nele.

— O que foi, garota? — Ela diz depois de eu cair na cama dela.

Eu a vejo se trocar, apoiando minha cabeça nas minhas mãos.

— Nada...

Tudo.

— Não vou mentir, essas roupas Faes são fofas pra caralho, — diz ela, jogando uma ao meu lado.

Eu dou uma resposta evasiva.

Por que eu vim aqui? Temper está praticamente cantando em voz baixa. Claramente as coisas entre ela e Malaki estão indo bem. Ela é uma feiticeira na luxúria, o que significa que ela não está com humor para uma história triste.

— O que é? — Ela pergunta quando começa a se despir.

— Nada.

Temper bufa. —Vadia, somos amigas há quase uma década. Para de me rolar...

Eu estremeço — *Enrolar,* Temper. Pare de me *enrolar*.

Ela se vira para mim. — Parece que eu me importo com essa merda? Apenas cuspa o que estiver em sua mente.

— Des e eu não somos oficialmente almas gêmeas. — Isso sai como um sussurro.

Ela faz uma pausa no meio da troca de roupas, seus seios em plena exibição. — Como assim?

Eu pego o sutiã da pilha de roupas ao meu lado e jogo para ela. Distraidamente, ela começa a vesti-lo.

Eu posso ouvir as palavras de Des na copa das árvores.

Querubim, nosso vínculo... tem problemas.

— Quando eu fui prisioneira de Karnon, Des não me encontrou porque, apesar de sermos tecnicamente parceiros ... nossa magia é incompatível.

— Incompatível? — Temper diz, parecendo desnorteada. — Essa é a merda mais estúpida que eu já ouvi. Como pode ser incompatível?

— Eu sou uma humana. Ele é uma fada. Nossa magia vem de mundos diferentes. — É a mesma razão pela qual meu encanto não funciona nos faes, e porque o poder das trevas de Karnon nunca funcionou em mim.

Não é como se a magia humana e Fae fosse completamente incompatível - Des obviamente pode usar seus poderes em mim - mas quando se trata da fusão de nossas duas essências... nosso vínculo é imperfeito.

Temper limpa a garganta. — E ainda assim vocês são almas gêmeas?

Eu aceno com a cabeça, meu queixo esfregando contra as costas das minhas mãos. Essa foi a única coisa que Des enfatizou repetidas vezes.

Você é minha parceira.

— Tudo bem, então, aceite, — diz Temper, escorregando em sua roupa. — Pelo menos você *tem* uma alma gêmea. O resto de nós temos que fazer todo esse negócio de amor da maneira antiga.

Eu pego um dos travesseiros dela e enterro meu rosto nele. — Ugh, você está certa, — eu digo.

— Claro que estou certa. — Ela vê o travesseiro na minha mão. — Oh, você não quer ficar abraçando isso. Tenho certeza que foi usado como adereço ontem à noite quando Malaki...

— Credo! — Eu tiro o travesseiro enquanto minha amiga ri pra caramba.

— Garota, seu rosto estava mais fundo naquele travesseiro do que o pau de Malaki estava em mim.

— Eu não quero ouvir isso por *muitas* razões.

Por. Muitas.

— Ele é *enorme*, — Temper diz, caindo na cama ao meu lado. — Mas você sabe, apenas a quantidade certa de enorme. Nós duas sabemos que existe algo como pau muito grande.

Eu gemo. Sério, por que eu vim aqui?

— E quando ele começa a ir, — ela continua, — o filho da puta é como uma britadeira...

Ok, essa visão é de trinta tipos diferentes de perturbação.

— ...Eu tenho que me segurar pra não cair da cama.

Eu me empurro para fora da cama. — Tudo bem, o tempo da história acabou.

— Não aja como se você não quisesse saber.

— Há sabedoria e então há *saber das coisas*, — eu digo.

Ninguém precisa do nível de detalhes de Temper.

— Você está pronta? — Pergunto quando ela termina de se arrumar.

— Aí, você é tão agressiva, — ela responde. Ela sacode o cabelo e pega suas coisas. — Estou pronta.

Nós duas saímos do quarto de Temper e nos dirigimos para os jardins abaixo de nós. Nós cortamos os jardins do palácio, parando quando chegamos a uma mesa e cadeiras. Nós nos sentamos, e por um minuto depois de nos sentarmos, nós não conversamos, apenas observamos as

fadas que passam.

— Então, — Temper diz, finalmente tirando sua atenção das fadas ao nosso redor, — onde está o criminoso favorito de todos? — Ela pergunta.

— Você vai ter que ser mais específica do que isso. — Ela e eu conhecemos muitos criminosos.

Temper suspira. — O Negociador.

— Ah, em mais reuniões. — Aquelas que são estritamente apenas para governantes. Eu deveria estar lá; eu sei que as discussões incluirão os relatórios dos prisioneiros de Karnon. Mas a tradição me proíbe de entrar, então aqui estou eu, falando nada com nada com Temper.

Uma mulher humana vem até nós carregando um jogo de chá e um prato de pequenos sanduíches, a crosta removida deles. Eu tensiono quando vejo a marca no seu pulso quando ela coloca a bandeja na nossa mesa.

Uma escrava.

Ser servida por ela parece errado. Se ela escolhesse ser uma garçonete, isso seria uma coisa, mas isso é algo totalmente diferente.

Seus olhos estão baixos quando ela começa a colocar xícaras na nossa frente.

Eu tento afastar seus esforços para nos servir. — Tudo bem, — eu digo, — nós nos servimos. Obrigada por trazer isso.

Ela vai olha para mim, nem mesmo quando ela balança a cabeça. E droga, eu me sinto mal sobre tudo o que *estou* fazendo e *não* fazendo agora porque a escravidão transforma tudo em algo feio.

Ela se vira para sair.

— Ei, espere, — Temper diz para a mulher.

A mulher não reage.

— Ei, — diz Temper, — estou falando com você.

A mulher humana faz uma pausa. Então, hesitante, ela se vira de novo.

Temper bate no assento vazio ao lado dela. — Sente-se.

Parece que sentar é a última coisa que ela quer fazer, mas com relutância ela de fato se senta.

— Qual é o seu nome? — Enquanto Temper fala, ela começa a preparar para a mulher um prato de sanduíches e uma xícara de chá.

— Gladiola. — A mulher se agita, olhando ao redor nervosamente.

— Oi, Gladiola, eu sou Temper e essa é Callie, — diz ela, nos apresentando. — Você sabe o que somos?

Tentativamente, Gladiola acena com a cabeça.

— Então você está ciente de que eu posso matar qualquer fada que me irritar, e que Callie aqui pode obrigar você a fazer o que ela quiser, se ela quiser, certo?

Maravilhoso, coagir e assustar uma mulher humana escravizada. Simplesmente como eu imaginava passar o Solstício.

Gladiola acena novamente.

— Oh, bom. Pois bem, agora que isso está esclarecido, vamos desfrutar

de um lanche juntas. — Temper empurra o prato de sanduíches que ela fez para Gladiola um pouco mais perto da mulher. — Então, me diga, qual é a última fofoca?

Seus olhos se voltam para mim. — Eu não deveria falar com você.

— Por que não? — Temper pergunta. — Somos todas humanas aqui.

Ela apenas balança a cabeça.

—Vamos lá, — encoraja Temper, — tudo bem, só queremos saber um pouco de fofoca.

Eu olho cautelosamente para a minha amiga, tentando descobrir o que ela está jogando.

Gladiola solta um suspiro trêmulo. — As fadas estão desconfortáveis que uma mulher humana vai se tornar a próxima Rainha da Noite.

— Eu *não* vou ser rainha, — eu digo.

A mulher olha para as mãos no colo. — Eles não confiam no Rei da Noite também. Ele matou outro rei, e os Faes da Fauna querem vingança. E...

Ela hesita.

— E o quê? — Temper a pressiona.

As mãos de Gladiola se torcem no seu colo. — As pessoas têm dito que o Rei da Noite está por trás dos desaparecimentos.

Meu estômago cai. Essa é a segunda pessoa que me diz uma coisa dessas hoje.

— Elas dizem, — ela continua, — que ele é a última pessoa que eles veem.

O mal-estar corre pelas minhas costas.

É só um boato.

Gladiola olha entre nós dois. — Posso ir?

Antes que Temper ou eu possamos responder, uma série de soldados da Noite vem correndo pelos jardins.

Vários deles passam por nós antes de eu agarrar um deles pelas mangas da camisa.

— O que está acontecendo?

Ele quase não para. Não é até que ele vê quem o pegou que ele faz uma pausa.

Ele respira fundo. — Outro soldado desapareceu.

Capítulo 32

OUTRO SOLDADO DESAPARECEU. Isso é tudo que posso me concentrar naquela noite, enquanto as fadas desfrutam de mais uma dança dentro do castelo do reino da Flora.

Desde que chegamos aqui, três soldados da Noite, quatro soldados da Fauna, um soldado do Dia e dois soldados da Flora desapareceram do palácio. Os números são impressionantes, até mesmo para o Ladrão de Almas.

Quem quer que ele seja, ele está ficando mais ousado - ou mais desesperado.

A coisa toda lança um clima sombrio no festival. Até o baile dessa noite é uma ocasião mais sombria do que os dois últimos. As conversas são subjugadas, e eu juro que vejo fadas olhando por cima dos ombros, como se o bicho-papão pudesse pular para fora e pegá-las quando elas não estivessem olhando.

Esta noite, em vez de se divertir, Des vai de um funcionário para o outro, recebendo atualizações, oferecendo sugestões e ouvindo as preocupações. Até mesmo agora, quando ele deveria estar aproveitando a noite, ele está trabalhando. Eu o observo, seus braços cruzados sobre o peito enorme enquanto ele se inclina para ouvir um Fae da Flora.

— Estou surpreso que ele tenha deixado você sozinha. — Janus se aproxima do meu lado, parecendo o sol da manhã.

Quase imediatamente, sinto meu pânico subir.

Ele não vai me levar, eu tento me acalmar*. Não daqui, pelo menos.*

Um pensamento ainda mais afiado me atravessa.

E se ele estiver por trás dos recentes desaparecimentos?

Claro, ele não estava aqui naquela primeira noite quando dois dos nossos homens desapareceram, mas ele me levou, tenho certeza.

— Estou surpresa que você não esteja ao lado dele oferecendo ajuda e conselhos. — Estou orgulhosa que minha voz não tenha tremido quando falei.

— Eu queria uma bebida, — ele levanta o copo — e uma pausa. — Ele

agita seu vinho. — Além disso, acho o Rei da Noite insuportável - sem ofensas.

Ele olha para mim e eu seguro seu olhar. Tudo sobre ele é feito para ser quente e convidativo, da sua pele bronzeada ao cabelo dourado e aos olhos azuis brilhantes.

E ainda o acho frio, muito, muito frio.

Você me levou. Nós dois sabemos disso.

— Você deve me odiar, — ele diz suavemente, sem desviar o olhar.

— Você está admitindo o que fez? — Não posso acreditar que estou realmente tendo essa conversa.

— Eu *não* capturei você.

— Você e eu sabemos que isso não é verdade, — eu digo.

— Deuses acima, — diz ele, olhando para o céu — é verdade.

Minha pele está rastejando. Cada segundo que fico conversando com esse homem, sinto que estou um passo mais perto da morte.

— Escute, — eu digo, me inclinando, — Eu não sei se você é o Ladrão de Almas, ou se você simplesmente trabalha para ele, mas não vou *acabar* com você, seu filho da puta doente.

Eu estou tremendo, e estou com medo, e estou com adrenalina suficiente para levantar um carro, mas eu apenas olhei meu raptor no olho e disse a ele.

Porra, eu me sinto fodona.

Estou prestes a sair quando ele pega meu pulso. — Espere...

— *Não* me toque, — eu aviso.

De sua conversa do outro lado da sala, a cabeça de Des se levanta, sua atenção se fixando em nós.

Janus solta meu pulso como se eu tivesse o queimado. — Eu estava dando um discurso ao meu povo quando você foi levada. Eu tenho provas.

Sombras sobem pelas bordas da sala.

— Eu não acredito em você, — digo a ele. Mas não pela primeira vez hoje, hesito. Estou me lembrando das coisas erradas?

De repente, nada disso importa porque Des se materializa na minha frente, entre mim e o Rei do Dia.

— Janus, você precisa se afastar da minha parceira. — As asas de Des começam a se desenrolar, suas garras parecendo particularmente letais. — Não fale com ela, — ele dá um passo à frente, — não olhe para ela, — outro passo ameaçador, — não chegue perto dela. — Os dois estão quase nariz a nariz. — Ela não existe para você.

Ao nosso redor, a sala ficou quieta. Tenho certeza que todo mundo está esperando uma repetição da briga de ontem à noite.

Janus não parece impressionado. — Você esqueceu seu lugar, Flynn. Tenho o direito de falar com todos e sobre qualquer assunto aqui, parceiras ou não.

A voz de Des fica mais baixa, de modo que só eu posso ouvir. — Já te

disse como foi fácil matar Karnon? Seus ossos se quebraram como galhos, seu corpo explodiu como fruta madura. — Des sorri, a ação cruel. — Acabar com ele foi a coisa mais fácil de se fazer no mundo. Não cometa o mesmo erro que ele. Fique longe da minha parceira, ou eu vou te matar, assim como eu fiz com o rei louco.

O AVISO DE DES é o suficiente para manter Janus longe.

Esfrego meus braços enquanto vejo Janus se aproximar da multidão, bebendo seu vinho e pegando outra taça de uma mesa próxima.

Lentamente, as asas do Negociador voltam para dentro de si e a escuridão recua.

— Você está bem? — Des pergunta, suas mãos se movendo para meus braços. Ele me olha, como se Janus tivesse feito algum dano para mim enquanto conversávamos.

Eu aceno, tomando uma respiração instável. — Estou bem. Ele só... ele enerva pra caramba, — eu digo, meus olhos vagando para o Rei do Dia, que agora está conversando com Mara e o Homem Verde, os três observando Des e eu cuidadosamente.

O Negociador solta uma risada rouca, parte de seu perigo desaparecendo com ela. — E pensar que eu já me preocupei se um dia você gostaria do idiota.

Me lembro de Des me contando sobre o Rei do Dia, que ele era o amante da verdade, honestidade e beleza, e blá blá blá.

Eu deixo um tremor muito real passar por mim.

A mão de Des segura meu rosto. — Nós podemos ir embora. Nesse exato segundo. Meus homens vão fazer as nossas malas e nos seguir. Janus não pode pisar um pé no meu reino sem que eu saiba, e ele está ciente de que, se o fizer, a morte o aguarda. — Os olhos do Negociador brilham com malícia.

Talvez Des descenda de demônios. Eu vejo algo no fundo do seu olhar que anseia por violência muito mais do que a minha sirene.

— Tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra, — diz ele.

Sua oferta é muito tentadora. Se eu ficar, terei mais alguns dias disso.

Mas se saíssemos...

Se saíssemos, isso faria com que Des parecesse fraco ou pior, culpado.

Eu sacudo minha cabeça. — Vamos ver isso direito.

Ele olha para mim por vários segundos antes de concordar. — Se você mudar de ideia...

— Eu vou te dizer, — eu termino por ele.

A próxima hora é cheia de discussão após discussão enquanto Des e eu nos movemos pela sala. Agora que o Negociador está ao meu lado, eu comecei a conversar com fadas. Blé. Não ajuda que essas são as mesmas fadas que estão desesperadamente tentando ignorar minha existência. Na verdade, seria bastante divertido se não fosse tão irritante.

Eu sou uma humana, não um lixo em forma humana que alguém pegou

no chão. Ninguém tem que fingir que eu não existo.

Apesar dos melhores esforços de Des, acabo conseguindo escapar. Enquanto me afasto dele, ele me lança um olhar que me faz agarrar minha pulseira de miçangas.

Eu acho que vou pagar mais tarde por deixá-lo sofrer seu destino sozinho.

Vou até a mesa, onde fileiras e mais fileiras de taças de vinho estão, prontas para serem tiradas.

Não se importe se eu fizer.

Eu pego uma, suspirando um pouco depois de tomar meu primeiro gole.

Tão bom.

Vários minutos depois da minha fuga, percebo que não tenho nenhuma conversa para participar. Tanto Malaki quanto Temper estão suspeitosamente ausentes. Eu procuro na multidão por Aetherial, me perguntando se ela está aqui esta noite. Se ela está, eu não a vejo.

Eu tomo outro gole da minha bebida. As únicas outras pessoas que eu conheço aqui são os governantes. De jeito nenhum estou falando com Janus, que atualmente está conversando com algumas autoridades faes da Fauna, e Mara está na pista de dança, no meio da coisa mais próxima de uma orgia aberta que eu já vi. Seu harém de homens clamando ao redor dela, as mãos e lábios deles pressionados contra a pele dela. É estranho vê-los todos girando juntos enquanto um quarteto de cordas toca ao fundo, e é ainda mais estranho que eu esteja assistindo.

Eu quero desesperadamente desver isso... mas eu também não consigo desviar o olhar.

Droga, onde está Temper quando você precisa dela? Ela teria um comentário sobre o que está acontecendo.

Mas em vez de Temper, eu recebo o Homem Verde. Ele se aproxima de mim e eu suprimo um gemido.

Ele não.

Ele segue meu olhar para Mara e seu harém.

— Você se acostuma com isso, — diz ele.

Eu tomo um gole saudável da minha bebida.

Jesus, Maria e José, estou feliz por poder beber novamente. As fadas, eu estou aprendendo rapidamente, são mais bem tratadas quando eu estou meio bêbada.

— Faes da Flora não costumam ser monogâmicos - nem mesmo os parceiros, — continua ele.

Não me importo e realmente não quero saber.

— Hmm, — eu digo.

— Os antigos reis do reino da Noite também não eram. Nem mesmo o pai do seu parceiro.

O Homem Verde está um pouco perto demais, e minha mão se contorce com a necessidade de afastá-lo alguns metros.

— Eu sei.

Esqueça esse assunto, Homem Verde. Por favor, pelo amor dos anjos bebês, esqueça esse assunto.

— Eu pensaria que, como futura rainha do Reino da Noite, você mesmo estaria aberta a... buscas hedonistas.

Eu não sei se ele está me propondo, ou apenas tentando tirar alguma informação de mim, mas eca, esse cara é arrepiante.

Eu faço uma careta. — Eu não estou.

Mara agarra um dos homens mais próximos a ela, beijando-o profundamente na pista de dança enquanto outro homem aperta seu seio.

…E o parceiro dela está ao meu lado, vendo a coisa inteira desenrolar.

— Depois que você ultrapassar a natureza incomum, acho que você descobrirá que isso pode ser muito libertador. Eu tive muitas, muitas amantes, embora nunca uma mulher humana.

Tudo bem, isso foi *definitivamente* uma proposta.

Eu tomo o resto do meu vinho, e quando isso não melhora a situação imediatamente (valeu a pena tentar), eu empurro o Homem Verde vários passos para trás. — Você precisa se afastar, amigo.

E eu preciso de mais vinho. Eu preciso de *todo* o vinho.

— Então, o que o Rei da Noite pretende fazer com você, uma mortal? — Ele pergunta, sorrindo para mim, seu peito ainda pressionado contra a minha mão.

Eu olho para o Homem Verde, realmente olho para ele. — Me desculpe? — Que tipo de pergunta é essa? Sou a *parceira* de Des, não uma nova contratação.

— Produzir herdeiros, — o Homem Verde reflete em voz alta, — isso estaria no topo da mente do Rei, especialmente dada a idade dele e sua fertilidade…

Produzir herdeiros?

Produzir - *herdeiros*?

Eu sinto como se estivesse pressionando o botão de avanço rápido no meu cérebro, meus pensamentos correndo em velocidade dobrada até que eles parem em uma realização muito pungente.

Des e eu tivemos relações sexuais sem proteção.

Des e eu tivemos relações sexuais sem proteção.

Oh Deus, oh Deus, oh Deus.

De repente, não há vinho suficiente no mundo para essa conversa.

Minha mão cai do peito do Homem Verde.

Eu não tenho usado pílulas anticoncepcionais. Des não usa preservativos.

Porra. Porra. *Porra*.

Que tipo de perdedora simplesmente se *esquece* dessas coisas?

É uma pergunta complicada, porque obviamente essa puta bem aqui é a perdedora que esquece.

Des e eu nunca conversamos sobre crianças, além de uma confissão que ele tirou de mim semanas atrás, onde eu admiti que queria ter filhos com ele.

Mas não *agora*.

E se, oh Deus, e se... *e se eu estiver grávida*?

A voz do Homem Verde entra em cena. — ...Faes não são particularmente férteis, mas humanos são.

Ahhhhh, esse cara não vai calar a boca sobre isso. Onde está o botão de *ejetar* para fora dessa conversa?

Eu avisto Temper, que está entrando no salão, endireitando conscientemente o vestido.

Lá está a minha fuga.

— Temper - *Temper*! — Eu chamo, o pânico claro na minha voz.

Ela se assusta, procurando na multidão até que ela me vê. Minha melhor amiga dá uma olhada na minha expressão e outra no homem ao meu lado, e deus a abençoe, ela começa a deslizar pela multidão, um olhar determinado em seu rosto.

— Você está bem? — O Homem Verde diz, seus olhos brilhando de excitação ao invés de preocupação.

Como se ele não estivesse ciente do efeito que suas palavras têm em mim.

Meus olhos vasculham a multidão, caindo em Des, de costas para mim. É com quem eu deveria falar sobre isso, mas ele está preso em uma conversa e, mais importante, eu realmente não quero ter *essa conversa*.

Temper aparece na minha frente. — Chega pra lá, Homem Verde, a rainha precisa de mais vinho.

Antes que eu ou o Homem Verde tenhamos uma chance de reagir, Temper desliza o braço pelo meu e me puxa com força para longe.

— Jesus, eu te amo, — eu digo.

— Jesus Negro te ama também, sua vadia louca. — Ela bate no meu quadril com o dela.

— Eu preciso sair daqui, — eu digo, sem me incomodar em comentar o fato de que Temper tem um brilho saudável nela, ou que seu cabelo está um pouco bagunçado pelo sexo.

— O que houve? — Ela pergunta, me olhando de cima a baixo. — Parece que você acidentalmente viu seus avós fazendo *aquilo*.

Eu engulo. — Eu vou te dizer, só que... — Eu olho em nossa volta para todas as fadas lotando o quarto. Abaixando minha voz, eu digo — não aqui.

Ela franze os lábios, me olhando de novo, mas concorda.

Estamos a caminho da porta quando ouço a voz de Mara.

— *Callie!*

Eu fecho meus olhos.

Nós quase conseguimos.

— Quer fingir que não ouvimos isso? — Temper pergunta.

— *Callie!* — Mara chama novamente, mais insistente desta vez.

Eu suspiro e balanço minha cabeça.

Nós duas nos viramos. A Rainha da Flora não está mais na pista de dança, ao invés disso, está bebe um refresco onde eu estava há pouco com o Homem Verde, que agora não está mais à vista.

— Você deve vir aqui. — Ela me chama com a mão, sua multidão de homens me olhando com curiosidade.

— Eu mencionei que eu não gosto dessa mulher? — Temper diz ao meu lado. — Olhe para aquele sorriso arrogante. Ela parece o tipo de vadia que faz amizade com você só para poder roubar seu namorado.

É precisamente por isso que Temper e eu somos amigas. A garota entende.

— Ugh, eu provavelmente deveria ir, — eu digo.

Ser parceira de um rei Fae tem suas desvantagens. Eu passei minha adolescência sendo invisível e os anos seguintes fazendo as pessoas esquecerem que elas se depararam comigo. Mas agora, sendo uma parceira de um Rei Fae, estou tão longe do anonimato quanto possível.

Temper mergulha seu dedo em seu vinho, mexendo-o de forma contemplativa. É um olhar que ela dá logo antes de fazer um feitiço. — Se ela te irritar, me dê um sinal, e eu vou resgatá-la novamente, sem perguntas.

Eu concordo. — Obrigada por estar aqui por mim, T.

— A qualquer momento, oh, e mais tarde eu quero ouvir o que você estava prestes a me dizer, — diz ela enquanto se afasta.

Eu engulo desconfortavelmente, a conversa com o Homem Verde borbulhando de volta.

Eu poderia estar grávida.

Concordo com a cabeça e me separo de Temper, respirando fundo enquanto vou até Mara, que está rindo com seu harém. Seu olhar se move para mim e seus olhos se aguçam.

— Então, me diga, — ela diz, — *como* você e Desmond se conheceram?

Eu olho em volta para os homens nos observando. Todo mundo parece tão malditamente predador. É exatamente por isso que eu queria ficar longe, longe do Outromundo, em primeiro lugar. Essas pessoas vão te comer vivo.

Ela vê onde minha atenção está. — Não se preocupe com eles. Agora, estou morrendo de vontade de ouvir essa história.

Eu tenho uma reação instintiva de mentir, como eu tinha no passado, quando se tratava de como Des e eu nos conhecemos, mas antes que eu possa, eu reavalio meu público.

Você sabe o que? Por que não lhes dar a verdade?

— A primeira vez que encontrei o Rei da Noite foi a noite em que matei meu pai. Ele me ajudou a esconder o corpo.

Por um momento, ninguém fala.

E então, um dos homens começa a rir. Um por um, o resto se junta.

Até Mara dá um sorriso.

— O que eu te disse sobre humanos? — Um dos homens diz para outro, — Eles são pequenas coisas maldosas quando querem ser.

Eu franzo o cenho para o homem antes que a Rainha da Flora tire minha atenção.

— Nossa, — ela diz, — o quanto você e Desmond têm em comum. Não é de admirar que ele esteja tão apaixonado por você. Uma mulher que é igual a ele.

Eu franzo minhas sobrancelhas. — O que isso significa?

Ela acena, tomando outro gole de sua bebida. — Essa não é minha história para contar. Mas, falando em histórias, imagino que você tenha uma boa história para contar do seu tempo com Karnon.

Sim, isso não é exatamente um conto que eu quero compartilhar durante o coquetel no palácio da Rainha da Flora.

— Deve ter sido um choque, — ela diz quando eu não respondo, — vir aqui para o Outromundo - e ser sequestrada, de todas as coisas! Eu não posso imaginar ficar presa no palácio de Karnon. Aquele lugar horrível já estava em ruinas quando você chegou.

Ossos quebrando, sangue escorrendo, agonia sem fim.

Eu lhe dou um sorriso apertado.

Ela se inclina para frente. — Eu ouvi que Desmond chegou na hora *certa*. Parece quase estranho. Eu me pergunto como ele te encontrou tão rápido...

Eu estreito meus olhos para ela, vendo exatamente aonde ela está chegando. Se eu não tivesse conversado com Des sobre isso antes, as palavras dela iriam se infiltrar na minha pele.

Ela toca levemente meu braço. — Bem, não importa agora. Você está segura e, graças a essas asas, Desmond garantiu que você não pode sair do lado dele para voltar à Terra.

Assim que a última frase é registrada, meu coração parece pular uma batida.

Graças a essas asas, Desmond garantiu que você não pode sair do lado dele...

— ...Callypso? — A voz de Mara ecoa, como se estivesse longe.

Eu pisco várias vezes, o rosto da Rainha da Flora entrando em foco. Sua expressão é preocupada, embora eu saiba que é tudo um ato. Assim como a maneira casual que ela conseguiu plantar essas dúvidas em minha mente.

— Você está bem? — Ela pergunta, segurando meu braço.

E então as palavras de Des na copa das árvores retornam para mim. Como, apesar de nossa conexão fraca, ele sentiu minha necessidade e minha dor através do nosso vinculo. Que minha agonia nas mãos de Karnon foi tão intensa que fez o Negociador sentir minha aflição e, através dela, minha localização.

Foi assim que Des me encontrou. *Não* porque ele queria me manter

aqui no Outromundo como um pássaro engaiolado. Ele não pensa assim, mesmo que a Rainha da Flora pense.

No momento em que os dedos de Mara tocam meu cotovelo, eu o puxo para fora de seu alcance.

Ao nosso redor eu ouço alguns suspiros abafados de fadas que devem ter visto a ação. Aparentemente, não deixar uma rainha te tocar é uma espécie de desrespeito.

— Você está errada. — Eu dou um passo para trás. Eu posso sentir minhas asas se arrepiando em agitação. — Tão, tão errada.

Eu preciso me afastar dessas criaturas, com seus sorrisos falsos e palavras de duplos sentidos.

— Calma, espero não ter te chateado, — diz ela.

Uma mentira.

— Eu chamei você porque eu queria lhe dar um presente em homenagem ao seu vínculo com o Rei da Noite.

Eu sinto os primeiros tentáculos de apreensão. Eu aprendi com Des que, quando se trata de presentes de fadas, sempre há algo por trás.

O harém da Rainha da Flora pressiona ao meu redor, me encaixotando enquanto Mara chama alguém por cima do ombro.

Uma criada humana tece através da multidão de convidados carregando uma bandeja de prata. Descansando sobre ele está um delicado copo de vinho de metal cheio de líquido roxo claro. Ela para ao lado da rainha.

Com cuidado, Mara o remove da bandeja. — Você sabe o que é isso? — Ela pergunta.

Eu balanço minha cabeça, perplexa com esse novo rumo das coisas.

— Eu pensei que talvez... não importa. — Ela me entrega a taça, e é só quando ela faz isso que clica. Este é o presente dela – seja lá o que for isso.

Relutantemente, pego a taça de prata, olhando para o líquido com uma leve careta na boca.

Quando eu não faço mais nada, alguns dos homens de Mara riem de mim como se eu fosse uma simplória. Receber uma bebida, mas não a provar!

— Você deve experimentar, — insiste a Rainha da Flora.

De jeito nenhum eu vou experimentar isso. Não uma bebida dada a mim por essa mulher.

Antes que eu possa cometer algum erro, o ar muda e as sombras se aprofundam. Todos os outros devem sentir isso também porque as conversas se tornam silenciosas.

E então, das sombras, Des aparece, como se estivesse saindo de um sonho. Ele é luz e escuridão, das sombras que se curvam ao redor dele até os raios lunares que parecem iluminá-lo por dentro.

Fadas saem do seu caminho, fazendo uma espécie de corredor para ele passar. Silenciosamente, ele se dirige para mim, seu cabelo branco

escovado para longe de seu rosto, sua mandíbula firme. Assim como na primeira vez que o vi, ele me tira o fôlego.

— O que é isso que eu ouvi sobre um presente, — ele diz quando chega ao nosso grupo.

Ele gentilmente pega o delicado cálice da minha mão. — É isso? — Pergunta ele, se afastando a vários metros de distância, as sobrancelhas erguidas.

Ele leva o copo ao nariz.

— Vinho lilás, — diz ele.

Várias pessoas em toda a sala ofegam.

Ele dá a Mara um sorriso de aprovação. — Astuta como sempre, querida rainha.

Tão deliberadamente, ele derruba o líquido, deixando-o derramar no chão enquanto ele anda.

A sala fica totalmente silenciosa.

Eu olho de pessoa para pessoa, tentando descobrir o que está acontecendo.

— Você pisou na minha hospitalidade? — diz ela, raiva entrando em sua voz.

— Talvez você deva pensar duas vezes antes de tentar enganar minha parceira. Alguém pode ter uma ideia errada — Des diz, parecendo sem remorso.

Eu *sabia* que tinha algo de errado com aquela bebida.

Agora Mara sorri. — E talvez você deva explicar a sua parceira humana por que você recusa esse direito mais sagrado e obscuro dos amantes. Ou por que ela vai morrer como uma mortal quando ela poderia viver ao seu lado por eras.

Capítulo 33

— TUDO BEM, O que é vinho lilás? — Eu pergunto.

Nós dois estamos de volta em nossos quartos, a jaqueta de Des lançada ao acaso sobre a mesa, as mangas de sua camisa enroladas para revelar seus antebraços, e meus saltos estão largados, meu cabelo caindo em cascata descontroladamente pelas minhas costas.

Ele se inclina contra a parede, me observando, com os braços cruzados sobre o peito.

— Uma bebida.

Impressionante. Des revelador de segredos se escondeu.

— Você tem que me dar mais do que isso.

Mara e Des quase perderam a cabeça por causa do vinho.

— Ao contrário de sua opinião, na verdade não preciso, — diz ele, seus olhos brilhando no quarto escuro.

Homem frustrante!

— Escute, — eu digo, — se você não me disser, outra pessoa o fará. Essa é sua chance de esclarecer tudo.

Seus braços caem para os lados e ele dá um passo à frente. — Tudo bem, você quer que eu esclareça tudo? Aqui está, direto e claro: eu imaginei dando vinho lilás a você *mil* vezes. — Ele vem até mim, e algo sobre seu humor agitado me faz recuar. — Eu imaginei te dar sem falar nada, assim como Mara fez, a persuadindo a beber quando você não sabia nada.

Minhas costas atingem uma parede e Des me prende com os braços.

— Eu já tinha preparado antes, — diz ele, estendendo a mão e acariciando a coluna da minha garganta com o polegar. — Eu tinha na minha geladeira na Ilha Catalina, e eu tenho ele em mãos no meu palácio.

— O que é isso? — *E por que você tem que me enganar com ele?*

Seus músculos da mandíbula apertam enquanto ele trava alguma guerra interna entre me dizer ou não. Eventualmente, ele cede ao meu questionamento.

— Em algum lugar no tempo, as fadas encontraram uma maneira de imortalizar seus amantes mortais, — diz ele.

Seus olhos parecem penetrantes, *ansiosos*, enquanto ele fala.

— Eles deram a seus amantes humanos vinho lilás, e a carne que deveria ter envelhecido tornou-se eterna, e a magia que uma vez foi imperfeita se tornou perfeita. Duas espécies se tornaram uma.

— Eu não entendo, — eu digo, — por que manter isso em segredo? — Não é como se eu tivesse algo contra o vinho lilás, agora que eu sei sobre ele.

— Talvez eu não quisesse saber sua opinião. Se você quisesse ser imortal, isso significaria que você estava disposta a abandonar todas aquelas coisas que fazem de você tão deliciosamente humana - coisas que eu amo.

Awwwwn.

— Mas se você não quisesse ser imortal, isso significaria que você esperava que eu ficasse do seu lado e te observasse envelhecer - observasse você morrer.

Seu olhar vasculha meu rosto, se aprofundando com tristeza. Porque *eu estou* envelhecendo. Eu morrerei muito antes que ele.

— Então você pensou que me dar o vinho sem eu saber era uma ideia melhor do que ter a minha opinião sobre o assunto?

Veja, é por isso que os casais precisam falar sobre as coisas. Opção saudável versus opção pouco saudável aqui.

— Se você percebeu, eu não te dei *nada*, — diz ele.

— Mas você considerou, — eu digo.

— Quantas coisas você já considerou algo? Considerar é errado? — Seus lábios escovam minha bochecha.

Eu engulo em seco. — O que o impediu de me dar o vinho?

Ele se afasta um pouco, franzindo a testa. — A mesma coisa que me impediu de te levar na noite do seu baile de formatura e fazer você minha para sempre. Eu tenho bastante humanidade quebrada para saber que é errado e tenho autocontrole suficiente para lutar contra a minha natureza inata.

— E qual é a sua natureza inata? — Eu digo, minhas palavras um sussurro suavemente.

— Pegar o que eu quiser, quando quiser e não me desculpar com ninguém por isso.

Eita.

— Você quer saber um segredo? — Ele não espera que eu responda. — Apenas se você beber o vinho lilás, nosso vínculo ficará completo. Só então poderemos compartilhar nossa magia livremente.

Capítulo 34

ESSE VINHO LILÁS está soando melhor e melhor quanto mais eu ouço sobre ele.

— Me lembre de novo porque você não quer que eu beba o vinho? — Eu pergunto.

Des me dá um pequeno sorriso. — Não importa o que eu quero. Eu esperei oito anos por você, querubim, e agora você está aqui, aquecendo minha cama e tirando meus segredos de mim. Isso é mais que suficiente.

— Por que Mara deu vinho lilás para mim? — Eu pergunto, agora curiosa sobre os motivos da Rainha da Flora. É óbvio que ela não é minha fã, então por que me dar tal presente?

Des inclina a cabeça. — Vamos fazer um acordo: eu responderei sua pergunta se você responder a uma das minhas.

Tudo tem que chegar a um acordo com o Negociador.

— Tudo bem, — eu digo. Não é como se ele não pudesse simplesmente pegar uma miçanga e forçar a verdade para fora de mim de qualquer maneira.

Sinto uma mudança sutil de magia no ar quando Des me liga ao acordo.

Seu sorriso se espalha antes que ele o afaste. — Para responder à sua pergunta: Mara provavelmente teve vários motivos quando lhe deu o vinho lilás. Ela queria que a sala a visse sendo generosa com uma humana e aceitando nosso vínculo - isso é bom para a política. Ela também estava fazendo um ponto, que você seria mais aceita se você fosse feita para ser como nós. E finalmente, ela estava investigando nosso relacionamento por fraquezas.

— Por que ela faria isso? — Eu pergunto.

— Vantagem, — responde Des. — É muito fácil controlar as pessoas quando você as entende.

É vertiginoso, as camadas dos esquemas que as fadas estão perseguindo a qualquer momento. Apenas quando eu acho que eu poderia entender essas criaturas, eu ouço algo assim.

— Agora, — diz Des, — eu acredito que seja a minha vez.

Ah, sim, a minha vez de responder a uma pergunta.

— Do que você estava falando com o Homem Verde no início da noite?

— ele pergunta.

Eu sinto meu rosto empalidecer.

Ele percebeu essa conversa?

O homem é muito perspicaz.

Eu engulo em seco. Eu *realmente* não quero ter essa conversa.

Quanto mais eu hesito, mais forte sinto sua magia me puxar. Ela envolve minha traqueia, me forçando a falar.

— Estamos fazendo sexo sem proteção, — finalmente digo.

A magia não me liberta.

Ugh.

Des espera que eu termine.

Eu respiro fundo. — Eu poderia estar grávida, — eu sussurro.

Seus olhos se arregalam com a minha confissão.

Eu esfrego meu pescoço e o observo com cautela enquanto sua magia se dissipa.

Ele me estuda, e juro pela minha vida, eu não posso dizer o que ele está pensando. Finalmente, ele diz, — Isso é sobre o que, querubim?

Hã?

— É sobre isso, Des. Ter um bebê. — Apenas dizendo essas palavras está tornando isso muito mais real. Eu preciso de um teste de gravidez, pra já.

— Eu pensei que você queria ter um filho meu? — Des diz em sua voz perigosa.

Eu quero ter um filho dele; isso não é uma questão de "se", é uma questão de "quando".

— Essa coisa toda está indo rápido demais, — eu digo.

— Indo rápido demais?

Essas, claramente, são as três palavras erradas a serem ditas. Eu vejo isso em seus olhos. Aquela cintilação estrangeira de algo alienígena, algo Fae.

— Você não teve o suficiente de coisas indo *devagar* demais? — Sua mão pressiona suavemente contra o meu estômago, o embalando.

Eu olho para ele, bem consciente de que estou encarando Des Fae, Des sombrio, Des, que anseia por coisas que eu não consigo entender.

O que foi que Phaedron havia mencionado?

Nenhuma fada deixaria sua parceira fugir só porque ela fez um pequeno protesto.

Não tem sido esse o tema da noite? A possibilidade de eu querer coisas que me afastem de Des, em vez de me aproximar dele?

— Talvez eu queira que você tenha meu filho, — diz ele, movendo a mão do meu estômago para o meu bracelete. — Talvez eu queira que a gente comece agora...

Eu engulo, minha boca seca.

De repente, ele solta meu pulso e se afasta, passando as mãos pelos cabelos. Essa faísca perigosa some de seus olhos.

Des se senta pesadamente em uma cadeira próxima, e agora aquele Des nervoso recuou, sinto meus próprios joelhos enfraquecerem com... o quê? Alívio? Desapontamento? O lado selvagem de Des é quase tão atraente quanto assustador. E isso pode me fazer ser doente, mas foda-se, eu sabia que era louca por um longo tempo.

— Me perdoe, — diz ele em suas mãos. — Este vínculo vem com seu próprio conjunto de instintos bárbaros.

Eu aliso meu vestido, me afastando da parede.

— Eu não deveria ter reagido dessa maneira. — Ele esfrega a boca e o queixo. — É apenas... é particularmente difícil para as mulheres conceberem crianças Fae. Nós não os vemos como fardos. *Eu* não vejo isso como um fardo.

Me sinto quente e fria e confusa, como se alguém tivesse puxado o tapete de debaixo de mim.

— E eu esperava, — continua ele, — que você não o visse assim também.

— Isso é parte da razão pela qual você não vai me dar o vinho lilás? — Eu pergunto.

Presumo que minha fertilidade diminuiria no momento em que eu bebesse o vinho, se de fato me tornasse mais como outras mulheres Faes.

Ele ri. — Deuses, não. Já falei as minhas razões para não lhe dar o vinho. E se eu estivesse determinado a te engravidar, querubim, eu não acho que uma pequena coisa como a imortalidade iria atrapalhar.

A maneira como ele está olhando para mim tem meu núcleo aquecendo.

Eu solto um suspiro. — Mas você quer filhos? — Eu pergunto.

Aqueles chocantes olhos prateados encontram os meus. Eles me lembram de luz e escuridão e tudo no meio.

— Com você? — Ele diz. — Claro.

Eu não sei por que isso me afeta, porque o que ele diz e como ele diz me aperta a garganta, mas isso acontece.

Às vezes esqueço que realmente tenho essa vida, com todo o seu horror e beleza. Com todos os seus confusos enredos. Eu posso esticar a pão e pegar o que eu quiser. Mais que isso, Des *quer* que eu estenda a mão e pegue.

Eu vou em direção a Des enquanto enfrento todas as minhas emoções cruas e violentas.

— Eu não acho que você está grávida, — diz ele, inclinando a cabeça para cima de seu assento enquanto me aproximo dele, — mas se você estiver, nós vamos lidar com isso querubim, assim como todo o resto.

Eu tomo seu rosto em minhas mãos e o silencio com um beijo.

Esse amor entre nós é maior que ele, maior que eu.

— Da chama às cinzas, do amanhecer ao anoitecer, pelo resto de nossas vidas, seja sempre meu, Desmond Flynn, — sussurro contra seus lábios, recitando as mesmas palavras que primeiro o levaram para longe

de mim.

Elas ainda possuem o mesmo poder maravilhoso e temível que elas possuíam quando eu as falei pela primeira vez, mesmo depois de pagar meu dízimo por elas.

Des me aproxima, me puxa com mais força.

Eu continuo esquecendo que além de sua arrogância e poder, há uma parte dele que é vulnerável, insegura. Eu disse essas palavras para ele sete anos atrás, mas sete anos é muito tempo para ficar sem ouvi-las - uma eternidade para duas almas gêmeas.

Eu o sinto estremecer contra mim quando ele responde, — Até que a escuridão morra.

Capítulo 35

É FINAL DA MANHÃ quando Des e eu entramos na sala de estar de Mara. Até agora, eu consegui tomar o café da manhã... e então quase vomitei o café da manhã enquanto treinava com o Des.

Ah, as alegrias de se tornar uma arma de destruição em massa.

Mara já está reclinada em um sofá, esperando por nós. Ela parece incrivelmente real, com seu vestido lilás enrolado em volta dela, revelando apenas a quantidade certa de perna de uma de suas fendas.

—Ah, aí está você, — diz ela, levantando as mãos em saudação, como se ontem nunca tivesse acontecido.

Eu ainda estou suada do treino, ingenuamente pegando os couros de treinamento que agora estão se selando na minha pele. Des, por sua vez, parece muito mais fodão, sua roupa se molda ao seu corpo como uma amante.

Estávamos bem no meio de uma luta que eu juro que estava indo na minha direção quando os soldados de Mara nos interromperam, dizendo que a Rainha da Flora solicitou minha presença.

Des se juntou a mim, apesar de não receber um convite. E agora aqui estamos. Completamente fora do lugar nesta delicada pequena sala de estar.

Ao redor de Mara, vários criados se movimentam. Eu vejo a pele vermelha e levantada em seus pulsos.

Humanos. *Escravos*.

Os olhos de Mara seguem os meus e sua expressão parece ficar mais animada quando ela percebe o que estou olhando. Em seu mundo, independentemente de títulos e relacionamentos, no final do dia, eu sou um *deles*. Uma sombra, um criado, uma raça de seres inferior.

A atenção de Mara desliza para Des e ela dá um sorriso malicioso. — Não confia em mim sozinha com sua parceira?

— A última vez que minha parceira ficou sozinha com um governante, ela quase morreu. Não é nada pessoal.

Mara estalou a língua. — *Tão* protetor. — Seus olhos deslizam para mim. — Mas você não precisa de proteção, não é?

Na terra, não.

Na verdade, se Des fizesse algo assim lá, isso me deixaria irritada. Mas aqui, onde meu encanto é inútil e estou cercada por imortais que gostam de esportes que envolvem sangue mais do que minha sirene, sou obrigada a deixar Des ser protetor.

— Sobre o que você queria conversar comigo? — Pergunto em vez disso, tomando a liderança e indo mais fundo na sala. Des segue atrás de mim.

Me sento na poltrona de veludo verde ao lado dela, e Des pega o assento correspondente em frente ao meu.

— Chá? — Mara oferece, apontando para a delicada chaleira à sua frente na mesa de café.

Eu sacudo minha cabeça.

— Não se importe se eu tomar, — diz ela.

As videiras que tomaram conta da sala agora subiram pela mesa de café, envolvendo a chaleira e uma xícara delicada. Elas levantam os recipientes de porcelana para o ar e, em seguida, muito gentilmente, as videiras inclinam a chaleira e o chá começa a derramar na xicara.

— Você gostou da sua estadia até agora? — pergunta Mara, se ajeitando no seu assento.

Eu não consigo arrancar meus olhos da visão de todas aquelas plantas colocando chá em uma xícara.

Magia *nunca* ficará velha.

— Hmhm, — eu digo, observando como mais videiras entram na produção, uma para adicionar um pouco de creme na xícara, outra para adicionar um cubo de açúcar.

— Ouvi dizer que durante a primeira noite de festividades, você e o rei foram para a floresta um pouco.

Agora tiro meu olhar do chá.

Eu coro quando lembro de ter sido pressionado contra aquela árvore, o peito de Des preso contra o meu enquanto ele entrava e saía de dentro de mim.

É claro que a rainha sabe que fizemos amor sob o dossel de sua floresta.

— Oh, não há razão para ficar envergonhada, — diz ela, percebendo minhas bochechas avermelhadas. — Nós celebramos o ciclo das estações nos unindo. É uma honra ter o Rei da Noite e sua parceira santificando a celebração ao se juntar a ela. Eu mesma desapareci na floresta várias vezes naquela noite.

Sério, eu poderia ter vivido sem saber disso.

Meus olhos deslizam para Des.

Ele se recostou na cadeira, um tornozelo jogado sobre o joelho, o polegar esfregando o lábio inferior enquanto ele me observava. A julgar pelo calor em seus olhos, ele está se lembrando vividamente daquela noite também. E, ao contrário de mim, ele não parece nem um pouco envergonhado com isso.

Uma das videiras estende a xícara de chá para Mara. Ela pega, saboreando delicadamente.

— Então, — ela diz, — festividades à parte, eu também ouvi que você está procurando ativamente pelo Ladrão de Almas. —Mara me observa sobre a borda da xícara de chá.

Eu concordo. Quero dizer, tecnicamente, Des e eu estamos investigando isso juntos, mas quando olho para ele de novo, fico com a impressão que ele quer que eu leve total crédito por isso.

— Então você está ciente de que guardas de todos os quatro reinos desapareceram durante as festividades do Solstício. Todos os homens.

Mais uma vez, eu aceno.

— Eu estava esperando evitar essa situação. — Ela toma um gole de chá e balança a cabeça. — Eu queria discutir com você o testemunho das últimas pessoas a verem esses soldados vivos. Eu acho que você vai achar mais interessante.

Deliberadamente, ela se inclina e pega uma colher prateada da bandeja de chá e a mergulha em sua xícara. — Veja, muitos deles dizem que viram seus companheiros pela última vez com um único indivíduo. O *mesmo* indivíduo.

Eu agarro as bordas do braço do sofá, já temendo, *já sabendo*, o que ela vai dizer.

— Quem? — Eu pergunto de qualquer maneira.

— Seu parceiro, Desmond Flynn.

Capítulo 36

DES CONTINUA A sentar languidamente na cadeira à minha frente. Uma sobrancelha se arqueia. — Você pensou em contar a minha parceira sobre isso *sozinha*?

Nada sobre esta situação faz algum sentido. Não o testemunho, que mal consigo entender, e não a reação imperturbável de Des a isso.

Mara o ignora. — Você pode explicar o paradeiro de seu parceiro nas últimas noites?

Espere, sério? Ela quer que eu dê um álibi para Des?

Meus olhos estão se movendo entre Mara e Des - Mara, que parece um tubarão que sentiu cheiro sangue, e Des, que não está me dando nada.

— Sim, — eu digo, minha voz inabalável. — Ele esteve comigo. Você está olhando para o homem errado. Janus foi o único que...

— Desmond estava com você a noite toda? — Mara investiga, me cortando.

Minha sirene acorda com a minha agitação, querendo sair. Se eu estivesse de volta à Terra, eu a reprimiria, mas aqui no Outromundo, onde a minha magia é praticamente inútil, eu não tenho que me preocupar com o meu poder ficando fora de controle. Então eu a deixo sair.

Minha pele começa a brilhar. — Você *realmente* acha que eu deixaria o Rei da Noite sair da minha cama uma vez que ele estivesse nela? — Eu digo, encanto montando minha voz.

Eu *não* sou alguém para ser interrogada.

Do meu lado, Mara sorri um pouco, os olhos arregalados.

Um vidro se quebra, interrompendo o momento.

Uma criada muito jovem me encara com os olhos arregalados, um vaso quebrado a seus pés. Ela se aproxima, com o copo se esmagando nas solas dos sapatos.

Mara revira os olhos. — Coisa insolente, — ela diz baixinho, — limpe isso agora, — ela ordena.

Mas a criada não limpa o vaso. Ela não está ouvindo a Rainha da Flora. Seus olhos estão fixados em mim, completamente sob o meu feitiço.

Meu poder obscuro e sedutor entra debaixo da minha pele.

Finalmente, alguém para se dobrar à minha vontade.

Mara pousa sua xícara de chá, as videiras em volta dela começam a deslizar e se agitam.

— Você quer uma chicotada, mulher? — Ela diz, sua voz ficando estridente.

Sorrio quando a empregada se aproxima, aproveitando o poder, o controle.

— Parabéns, minha rainha, — diz Des. — Você é uma das primeiras fadas a ver o que minha parceira pode fazer com os humanos, — diz Des.

Mara olha para longe da empregada para lançar um olhar perplexo para o Negociador.

Ela então me reavalia, algo como aprovação relutante em seus olhos.

Enquanto isso, sua criada ainda está se dirigindo para mim, seu olhar vítreo fixo no meu rosto.

Eu me viro para encarar a mulher humana. — Limpe o vaso que você quebrou e depois retorne às suas tarefas normais, — eu digo.

Imediatamente, a empregada se vira, voltando para o vidro quebrado e começando a pegar os pedaços maiores.

— *Incrível*, — Mara respira.

Eu franzo a testa enquanto observo a criada, tendo um vislumbre da pele avermelhada perto de seu pulso onde ela foi marcada.

Mara fez isso com ela. Marcou ela.

— Quão fácil controlá-los se tivéssemos alguém como ela, — pondera Mara. — Há mais da espécie dela? — Ela pergunta a Des.

Meus dedos se curvam nos braços da minha cadeira.

Humana. Escrava. *Vítima*. Isso é o que eu fui uma vez, o que essa criada é. E a rainha das fadas ao meu lado é sua sequestradora, sua atormentadora. *Ela* é a única que merece minha ira.

Eu me viro para Mara, me sentindo selvagem. Eu me levanto, a emoção do poder correndo através de mim. Aqui está um mal para vencer, uma rainha para conquistar, uma alma para quebrar e um corpo para sangrar.

Na minha visão periférica, posso ver Des tensionando. Meu inabalável rei está realmente no limite por uma vez. Quão *delicioso*.

Meu corpo rola quando eu me movo para Mara. Lentamente, me abaixo no colo dela.

— Você se importa? — Eu pergunto enquanto eu faço isso. Eu não me importo com a resposta dela.

Sua boca se curva em um sorriso. — Você tem um parceiro, encantadora, — diz ela.

— Ele não está protestando. — *Ainda*.

Ela levanta as sobrancelhas. — Então sinta-se à vontade.

Eu posso ver desejo alimentando em seus olhos. Fadas, eu estou começando a achar, são um pouco mais sexualmente fluidas que humanos.

Eu coloco minhas mãos em cada lado da cabeça dela. Eu me inclino

para perto. — Por que você os mantém? — Meu olhar viaja para o pescoço dela. Seu pescoço delicado. Uma parte tão frágil do corpo dela. Eu não posso controlar essa mulher, mas posso seduzi-la. Eu posso machucá-la.

Minhas unhas afiam, rasgando o tecido do seu assento. Ela não tem idéia de que suas palavras vão determinar o que eu faço em seguida.

— Quem? — Ela pergunta, seus lábios malignos formando um perfeito "O".

— Os escravos, — eu digo. — Você os marca e os mantém. Por quê?

Uma mão pesada vai para debaixo do meu braço. — Isso é diversão suficiente por hoje, amor, — diz Des, me tirando do colo de Mara.

Eu quase luto contra ele. Eu praticamente posso sentir o sangue dela entre meus dedos.

Mais silencioso, ele sussurra, — Salve suas vinganças, querubim.

Em vez de me colocar de volta no meu lugar, Des nos acomoda, me puxando para o seu colo. Minha vingança só é controlada pelos movimentos lentos de sua mão contra o meu lado.

Os olhos baixos de Mara nos observam. — Você já ouviu a história da minha irmã? — Ela pergunta, olhando para mim contemplativamente.

Ela não espera que eu responda.

— Thalia Verdana. — diz ela, — a mais poderosa herdeira da Flora a nascer nesse milênio. Não muito bela, mas o que é beleza comparada a poder? — Os olhos de Mara estão distantes. — Claro, para Thalia, beleza era *tudo*. Ela cobiçava o que ela não tinha.

Os olhos da Rainha da Flora passam por mim e por Des. — Claro, também sabemos que você não precisa de beleza, se você encontrou o amor - e ela o encontrou em um menestrel itinerante, de todas as pessoas. Pelo menos, é isso que assumimos que ele era.

Mara agita a xícara de chá, perdida em pensando. — Nossos pais ficaram escandalizados com o casal, mas isso não impediu que Thalia o visse.

— Você sabia que fadas podem negociar seu poder? — Mara me diz. — Elas podem compartilhá-lo, elas podem presenteá-lo, mas eles não podem passar como legado - a morte destrói todos os negócios.

Ela olha minha pele brilhante. — Ele acabou sendo um encantador - uma fada que poderia convencer outras fadas com um desejo e um beijo. Thalia caiu sob o seu feitiço...

Ela limpa a garganta. — Meus pais o mataram antes que ele pudesse destruir nosso reino. Claro, a essa altura Thalia estava fora de si. Ela o seguiu até o Reino da Morte.

— É assim que me tornei herdeira desse reino.

Mara nos dá um sorriso apertado. — Faz muito tempo desde que encontrei uma encantadora - e nunca humana. Eu acho que apesar de todas as minhas reservas, você me deixa cativada… — Seus olhos brilham de desejo quando ela me observa.

— Sim, Callie tem esse efeito sobre as pessoas, — diz Des, sua voz um toque possessivo. — Agora, sobre o que estávamos falando? — Des olha primeiro para mim, depois para Mara. Ele estala os dedos. — Ah, sim, agora eu lembro. Mara, você estava insinuando que eu estava por trás dos recentes desaparecimentos.

Ela se ajeita em seu assento. — Quando várias testemunhas veem a mesma coisa, é preciso se perguntar...

Esta é a segunda vez em dois dias que outro governante põe em dúvida a inocência de Des.

Eu quero atacar novamente.

— Não é ele, — eu rosno. O som que sai da minha boca é ao mesmo tempo duro e melódico. — Janus me levou. Ou você lança suas suspeitas sobre esses dois reis ou sobre nenhum deles.

A Rainha da Flora estende a mão para uma das videiras, que começa a se enrolar em seu braço. — Nenhuma das outras mulheres capturadas se queixou de que o Rei do Dia as sequestrou, — diz ela. — Só você, a parceira do Rei da Noite. Como eu sei que você não está apenas protegendo ele?

Apenas o aperto de ferro de Des na minha cintura me impede de estrangular a Rainha Fae.

— Além disso, — diz ela, — todas as mulheres capturadas disseram que foram levadas quando cochilaram. O sono, como você sabe, é governado pelo Reino da Noite.

Tudo leva de volta ao Des. Por que tudo isso leva a Des?

Minha pele escurece quando considero esse pensamento preocupante.

— E, no entanto, aqui estamos nós, sentados e conversando como pessoas civilizadas. — Des se inclina para frente. — Você não sancionou meu reino nem me expulsou das festividades. Você não me impediu de participar de qualquer parte da comemoração, embora eu tenha quebrado o acordo de neutralidade duas noites atrás, quando lutei com Janus. Suas ações, ou a falta delas, não me parecem as de uma rainha preocupada.

As videiras ao redor de Mara começam a se agitar. — *Não* finja saber minhas intenções, Desmond Flynn. — A sala se enche com seu poder, o ar nauseantemente grosso com o cheiro de flores.

Os olhos de Des brilham. — Mande eu e minha parceira embora, Mara. Nós vamos embora, o Solstício pode continuar, e você pode testar sua teoria sobre minha culpa, — ele desafia, sua voz hipnótica.

O poder da Rainha da Flora ainda preenche a sala como uma nuvem de chuva prestes a se abrir. Mas ao invés de liberar sua ira, Mara avalia Des.

— Me dê sua palavra de que você é inocente, e isso pode acabar, — diz ela.

O Negociador, um homem que passou metade de sua vida lidando com tolos, não hesita agora. — Eu vou te dar minha palavra em troca da sua.

— O que disse? — Mara diz, parecendo ofendida.

— Te darei minha palavra que sou inocente, se em troca você me prometer cinquenta anos de uma aliança inquebrável entre o Reino da Flora e da Noite.

Uma onda de raiva surge nos fundos dos olhos de Mara, o cheiro floral mais uma vez engrossa o ar. — Você se atreveria a aproveitar das minhas boas graças?

— Eu gostaria que você fosse uma aliada, não uma inimiga.

E pensar que apenas alguns minutos atrás eu estava a cinco segundos de distância de abrir o pescoço daquela mulher.

As palavras de Des parecem apaziguar a maior parte de sua raiva. Ela se inclina para trás em seu assento. — Está bem.

Usando um braço para me segurar no lugar, o Negociador estende a outra mão e Mara a segura.

No momento em que eles apertam as mãos, o ar ao redor deles oscila, ondulando como ondas de água.

— Juro aos Deuses Imortais, não estou por trás dos desaparecimentos.

O corpo da rainha parece relaxar. Ela acena com a cabeça.

— Juro aos Deuses Imortais em nome do meu reino que por cinquenta anos nos aliaremos ao Reino da Noite.

No momento em que as palavras são ditas, a magia ondulando em torno delas implode, sugando-se de volta para as mãos entrelaçadas.

E então acabou.

Capítulo 37

— *APROVEITANDO, ESCRAVA?*

Eu viro, procurando ao redor da floresta escura da Rainha da Flora o homem que falou. Os carvalhos sagrados ao meu redor tremem no ar da noite.

Aquela voz…

Tão familiar.

Mas não há ninguém aqui na floresta, ninguém além de mim.

Eu esfrego meus braços, não sei como eu acabei no bosque sagrado de carvalho da rainha.

Não importa, vou voltar para o meu quarto.

Nas minhas costas, minhas asas se abrem, batendo algumas vezes para se soltarem.

Eu sinto algo pingar no meu braço. Outra gota molhada bate no meu cabelo.

Eu levanto meu antebraço aos meus olhos. Na escuridão, mal consigo distinguir o liquido, só sei que é escuro.

Escuro e quente.

Eu respiro fundo.

Sangue.

Outra gota atinge a minha cabeça. Eu olho para cima de mim, para os galhos. A casca está escorrendo sangue, e quanto mais olho, mais ele flui pelas árvores. Eu posso ouvir gotas batendo nas folhas do chão da floresta. Soa como o começo de uma tempestade, o sangue primeiro caindo em padrões suaves, depois cada vez mais rápido. As gotas atingindo minha pele e minhas roupas.

— A vida e a morte são amantes tão íntimos. — Uma voz corta a escuridão. — Você não concorda?

Um homem sai da floresta, com as írises e o cabelo escuros como a noite.

Ele é tudo que eu sempre imaginei que uma fada fosse antes de conhecer Des. Os olhos maliciosos, a boca carnuda e expressiva, o nariz reto e estreito e as orelhas pontudas. Ele tem a beleza sinistra sobre a qual eu li em contos de fadas.

Os lábios do homem se curvam levemente, seus olhos se iluminando daquele jeito maníaco que os olhos de fada iluminam.

— Mate-a, — outro homem diz atrás de mim.

Aquela voz! Tão dolorosamente familiar. Em qualquer outro momento eu ia me virar, mas meu instinto me diz que a verdadeira ameaça está me encarando, e eu não vou dar as costas para ele.

— A alma dela não é minha para tomar, — o homem de olhos negros diz, ainda olhando para mim com uma intensidade sombria.

Sinto o frio de uma lâmina na minha garganta e, pelo canto do olho, vejo uma mecha de cabelo loiro branco.

— Você está certo, — a voz familiar nas minhas costas diz. — É minha.

Tudo de uma vez a realização bate em mim.

Des. É a voz de Des nas minhas costas.

— Aproveite cada pequena morte que você ainda tem, — ele sussurra em meu ouvido. — Eu estou vindo pegar você.

E então ele corta minha garganta.

EU ACORDO ME ENSGASGANDO, meu corpo emaranhado no lençol, um forte conjunto de braços em volta de mim.

A luz do pré-amanhecer penetra no quarto através da janela, projetando tudo em tons de azul. É muito diferente da escuridão do meu sonho.

Eu olho para os olhos prateados de Des e meu coração quase para.

Minha orelha ainda lateja de onde ele falou comigo segundos atrás, e eu juro que ainda sinto a pontada fantasma da dor em minha garganta, por causa da sua lâmina.

Seus olhos se arregalam com a minha reação. — Querubim, você está com *medo* de mim?

Eu engulo o nó na garganta, não querendo responder.

Foi apenas um sonho, e ainda assim... e ainda assim parecia *real*.

O que Des me disse há algum tempo?

Sonhos nunca são apenas sonhos.

Ele procura meu rosto por algo mais. — Você *está*.

Des passa a mão pela minha pulseira. — Por que você está com tanto medo de mim? — No momento em que ele faz a pergunta, a magia de Des se acomoda sobre meus ombros, e eu não preciso olhar para o meu pulso para saber que mais uma miçanga está agora faltando.

Eu me levanto da cama, arrastando um lençol comigo.

— Foi apenas um sonho. — Eu respondo.

Não é bom o suficiente. A magia ainda está lá, ainda me pressionando.

— E? — Des diz, também ciente de que eu estou sob o controle de sua magia.

Eu agarro minha garganta. — E nele, você me matou. — A resposta é boa o suficiente para me libertar do poder de Des.

Ele se deita de volta em nossa cama, seu rosto pensativo. Meus olhos se dirigem para o seu cabelo loiro e o peito nu. É uma sensação estranha estar assustada e atraída por alguém ao mesmo tempo, mas eu estou.

— Callie, — diz ele, me vendo lutar contra meus impulsos, — venha aqui.

Hesito e juro que essa pausa momentânea quebra algo em meu parceiro.

Sua voz fica mais baixa. — Está tudo bem. Eu nunca... — Sua voz falha. — Eu *nunca* te machucaria, — ele termina.

E agora me sinto como uma idiota. Eu sei que ele nunca me machucaria. Ele é aquela parte da minha alma que vive fora do meu corpo.

Eu vou até ele. Ele se levanta da cama, todo seu um metro e oitenta impressionante, *intimidante*.

Ele se aproxima de mim, então dobra em um abraço. A presença que, em meu sonho, parecia tão odiosa, agora parece imensamente amorosa. Os músculos que foram usados para me matar, agora estão aqui me consolando.

— Me conte tudo sobre o seu sonho, — diz ele.

E eu conto.

Quando termino, meu parceiro inabalável parece... preocupado.

— O que foi? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça, franzindo a testa. — Nada bom. Em sonhos normais eu poderia te acordar deles. Esses... esses não soltam você até que eles estejam prontos. Eu achava que tinha perdido o meu toque pra te acordar, mas agora eu me pergunto…

Eu procuro seu rosto. — O que?

— Controlar sonhos é uma característica do Reino da Noite. É possível que alguém esteja te atacando enquanto você dorme, talvez a mesma pessoa que está levando os soldados.

Ele está vindo pegar você.

— O Ladrão de Almas, — eu sussurro.

Capítulo 38

QUEM É EXATAMENTE O Ladrão de Almas? E por que ele invadiria meus sonhos? Isso é o que eu imagino enquanto nós dois vamos para a sala do trono de Mara.

Se meus sonhos são mais que apenas pesadelos ociosos, então quem era o homem de cabelos negros? E Des-Do-Sonho era outra coisa senão uma ilusão destinada a me assustar? Ou será possível que meus sonhos nada tenham a ver com os desaparecimentos?

Todas essas perguntas estão fazendo minha cabeça doer.

Des e eu entramos no palácio da Flora, as paredes inundadas de plantas vivas e florescentes. Parte do Solstício envolve se sentar com a Rainha da Flora em sua sala do trono enquanto ela realiza uma audiência com seus súditos.

— Que Fae da Noite, além de você, tem poder suficiente para entrar em meus sonhos? — Eu sussurro enquanto nos dirigimos através do castelo.

— Muitos.

Isso é inquietante.

Des sacode a cabeça. — Mas, — continua ele, — ninguém deveria ter poder suficiente para me impedir de acordar você. Se eu tivesse irmãos vivos, talvez eles fossem fortes o suficiente para realizar esse tipo de mágica, mas meu pai os matou.

Isso é interessante de saber - esse poder passou pelas linhagens.

— E seu pai? — Eu pergunto. —Poderia ele...

— Ele está morto, — diz Des, seu rosto estoico.

Uou, acho que isso põe um ponto final nisso.

Eu me calo quando nós dois entramos na sala do trono de Mara e nos juntamos à multidão de outras fadas.

A sala do trono é o mesmo lugar que conhecemos a rainha quando chegamos pela primeira vez.

Eu olho em volta novamente, observando os tetos arqueados, as paredes cobertas de videiras e os candelabros com suas velas pingando enquanto Des me conduz pelo corredor.

Meu estômago cai quando vejo Janus no final da sala, de pé ao lado do trono da rainha, parecendo o sol da manhã.

Como *ele e*ntra nesse mistério?

Assim que os dois reis se veem, sinto a tensão na sala aumentar. Outros devem sentir isso também porque as fadas estão começando a olhar em volta. O ar começa a engrossar com magia, tornando difícil respirar.

Isto é o que acontece quando duas forças incompatíveis se juntam.

Eu toco no braço de Des. — Está tudo bem.

Se ao menos eu fosse tão corajosa quanto minhas palavras. Eu me endireito.

Eu sou o pesadelo de alguém, digo a mim mesma.

Claro, esse alguém é provavelmente o próximo macaron que eu me deparar, mas ei, todos nós começamos em algum lugar.

Nós acabamos ficando perto do Rei do Dia, para a frustração de Des e Janus.

Janus não é a única fada que tem problemas com a gente. Uma dúzia de Faes da fauna diferentes se sentam ou ficam em pé ao longo da sala do trono, e a maioria deles estão jogando olhares sujos na nossa direção.

Acho que eles ainda não superaram o fato de que Des matou seu rei...

Não ajuda que a coisa toda comece quase uma hora depois, e quando começa, é tão interessante quanto assistir a tinta secar.

A única graça salvadora é Des, que está ocupado sussurrando segredos em meus ouvidos sobre os membros da audiência que estão sentados nos bancos.

— *Ele gosta de usar roupas de sua esposa.*

— *Ela está dormindo com toda a guarda real, e todo mundo sabe disso, exceto seu marido.*

— *Ela tem um criado que ela secretamente chama de 'papai', e ela regularmente faz com que ele a castigue.*

Ele se inclina novamente agora. — Toda a manhã eu venho fantasiando com abrir suas coxas macias e transar com você até que você esteja me implorando para gozar.

Eu cambaleio um pouco em meus pés e minha sirene quase explode; tenho que me controlar ao máximo para mantê-la engaiolada.

Os olhos de Mara se voltam para nós antes de retornar ao assunto na frente dela.

Eu lhe dou um olhar incrédulo.

Ele decide falar sujo comigo *agora*?

— Apenas certifique-se de que você ainda está prestando atenção, — diz ele.

Atrás de nós, uma porta lateral se abre e Malaki, junto com dois soldados da Noite, se aproximam de Des, Malaki se inclinando para sussurrar algo no ouvido de Des.

O Negociador concorda e se inclina para mim. — Outro soldado desapareceu.

Outro?

— Eu preciso sair brevemente para conversar com meus homens.

Malaki estará aqui em meu lugar até eu voltar.

Ele me beija brevemente nos lábios, e então ele se foi, saindo pela porta lateral com os soldados da Noite.

Eu pisco para Malaki, que me dá um sorriso apertado antes de encarar Janus abertamente.

Mara dispensa seu último súdito, se recostando contra seu trono, seu cabelo em cascata descendo pelo peito. Hoje, rosas brancas estão emaranhadas nessas mechas brilhantes dela.

Ao lado dela, o olhar do Homem Verde se move para mim, seu olhar intenso.

Ahh, essa fada é enervante.

As portas duplas na extremidade da sala se abrem, e uma mulher algemada é trazida. Seus braços estão expostos, e vejo uma marca espreitar por baixo de suas algemas.

Humana.

Seus olhos estão inchados, mas seu rosto está seco e seu queixo está desafiadoramente levantado.

Todos os olhos a observam enquanto ela anda pelo corredor, seus passos e os de seus guardas ecoando pela sala.

Até agora, as fadas que tiveram uma audiência com a rainha foram nobres brigando por questões insignificantes. Isso, no entanto, eu já posso dizer que será diferente.

Quando ela chega à frente do trono, os guardas Fae a obrigam a ficar de joelhos.

— Quais são os crimes dela? — Mara pergunta preguiçosamente.

— Ela foi pega fornicando com uma fada, — relata um dos guardas.

Espere, *sério*?

A menina está de algemas porque ela transou com um cara com asas?

— Testemunhas? — Pergunta Mara, entediada.

— Duas, — diz o guarda.

As duas testemunhas são trazidas para a frente, ambos humanos julgando por suas orelhas arredondadas. Cada um, por vez, atesta o fato de que eles pegaram a serva nos terrenos do palácio, brincando de esconder o salame com um soldado.

No meio do segundo testemunho, a menina humana começa a soluçar silenciosamente.

Eu mudo de pé. Toda essa situação parece errada para mim. Esta mulher está sendo julgada porque fez exatamente o que Des e eu temos feito.

Ao meu lado, Malaki pigarreia desconfortavelmente.

Ele também é culpado pelo que esta mulher está sendo julgada.

— Você tem alguma palavra para dizer em sua defesa? — Mara pergunta à mulher humana assim que as testemunhas saem.

— Por favor, — ela diz, sua voz áspera com lágrimas, — ele me agarrou. Eu tentei afastá-lo, mas ele me dominou...

Oh Deus.

Meu sangue corre frio. Eu posso sentir minha náusea subir, meu estômago se contorcendo pelas palavras da mulher.

Isso não parece um encontro ilícito na floresta. Isso soa como estupro. E agora essa mulher está sendo punida por isso.

— Onde está esse homem? — Pergunta Mara.

O enjoo profundo que me consumiu um momento atrás está se transformando em algo quente e desconfortável.

Faça alguma coisa.

— Ele está a caminho, — diz o guarda.

— Muito bem. — Mara alisa suas saias. — Dê a escrava vinte chicotadas e, se ela for conceber, aborte a prole.

— *Não*.

Eu não percebo que falei até que todos os ocupantes da sala do trono estejam olhando para mim.

Merda, tudo bem, estou fazendo isso.

— Perdão? — Mara parece meio cética, meio divertida.

— Ninguém está machucando essa mulher, — eu digo, dando um passo à frente.

Eu posso sentir meu poder se construindo embaixo da minha pele. Meu corpo não ilumina, mas eu posso sentir minha magia ali mesmo. Eu não passei pelo inferno apenas para assistir algo assim acontecer de novo com outra mulher.

Os olhos de Mara se movem para Malaki. — General, — diz ela, — lide com a parceira de seu rei.

Minhas mãos se fecham, a sirene se agitando inquietamente. Ela nem sequer está falando comigo, como se eu estivesse abaixo do seu conhecimento.

A atenção da sala gira de mim para Malaki.

Ele cruza os braços sobre o peito. — *Não*.

Uma onda de sussurros surge da multidão.

Meu olhar encontra o de Malaki e acho difícil respirar. O amigo mais antigo de Des está se colocando na linha por mim.

Mara levanta uma sobrancelha. Se virando de nós dois, ela anuncia aos seus homens, — Prossiga com a punição como planejado. Traga o executor.

Uma fada se afasta de um canto da sala, se aproximando da criada com um chicote na mão.

Essa sensação doentia aumenta em mim de novo.

— Mara, você não pode fazer isso, — eu digo.

Outra onda de sussurros se espalha pela sala, mesmo quando a Rainha da Flora me ignora.

O executor se aproxima da garota, se centrando atrás dela. Alguém traz um tipo de banco curvo, e os guardas de cada lado da serva agora forçam seu corpo a se curvar sobre o banco, prendendo suas algemas na base

para que ela fique completamente contida, as costas nuas para o executor e para a multidão além dele. Eu posso ouvi-la soluçar e vê-la tremendo de costas.

O carrasco solta o chicote e, oh Deus, oh Deus, isso não pode ser real.

A ponta de metal do chicote brilha na sala, e é esse detalhe que me força a entrar em ação.

Estou me movendo, a necessidade feroz de proteger essa mulher cantando através de mim. Agora minha pele começa a brilhar e eu posso ouvir os pensamentos escuros e sussurrados da minha sirene.

Derrame seu sangue, faça-os pagar. Proteja a garota.

Eu empurro meu corpo entre a mulher humana e o executor.

— Toque nela e você vai se arrepender, — eu digo, minha voz tão selvagem quanto melódica.

Se eu não tivesse chamado a atenção da sala antes, eu certamente tinha agora.

— Pelo amor dos Deuses Imortais, Callypso, — diz Mara, finalmente dirigindo-se a mim, — remova-se.

— Não.

Malaki dá um passo à frente, presumivelmente para se juntar a mim.

A mão de Mara se levanta para detê-lo. — *Ahm*-ahm, — diz ela. Enquanto ela fala, as videiras na parede atrás de Malaki deslizam para cima e ao redor dele, acorrentando-o no lugar. É o primeiro sinal real de que eu irritei a Rainha da Flora. — Se Callypso será uma governante um dia, — diz Mara, seu olhar voltando para mim, — então ela pode lutar suas próprias batalhas. Você não pode, encantadora?

Tanto Mara quanto o Homem Verde me observam com expressões febris, lambendo minha raiva, esperando que eu reaja.

Eu fico olhando para ela, lamentando que eu não tenha arrancado sua garganta quando tive a chance.

— Qualquer um que for machucar essa mulher terá que passar por mim, — eu digo para a sala.

Mara sorri, a expressão malévola. — Assim seja. — Ela agita o pulso. — Executor, continue com a punição.

Atrás de mim, o executor se move nervosamente. Eu ouço o som escorregadio do chicote se desenrolando, e os suspiros assustados da plateia.

Raiva ardente queima baixo na minha barriga quando eu caio de joelhos, minhas mãos indo para as algemas da mulher. Ela olha para mim com os olhos arregalados e vermelhos enquanto eu trabalho nas fechaduras.

Porra, preciso de uma chave.

O executor toma posição atrás de mim, dando algumas chicotadas no chão como prática.

Eu tremo quando percebo que não vou conseguir libertar essa mulher a tempo. Essas correntes precisam de uma chave, e a chave está nos

bolsos de soldados muito distantes e não estão dispostos a ajudar. Meu único aliado, Malaki, está sendo contido.

Eu estou sozinha, e se eu deixar essa mulher, ela será chicoteada.

Há fogo na minha alma e veneno nas minhas veias.

Se meu encanto funcionasse, eu faria todas as fadas que ficaram paradas pagarem. Mas tudo que tenho é meu corpo e minhas crenças.

Fazendo uma decisão de última hora, eu me arrasto sobre a mulher, minhas costas aladas agora expostas ao executor.

Ela está tremendo com o medo; isso só alimenta minha vingança.

— Eu não vou deixar nada acontecer com você, — eu sussurro, minha voz etérea.

Eu ouço o executor dar um passo para trás. Atrás dele, Malaki está gritando.

Eu olho para Mara, minha ira em meus olhos.

Você pagará.

Ainda estou olhando para ela quando o estalo do chicote ecoa por toda a sala. Eu sinto a laceração uma fração de segundo depois.

Com um rangido doentio, os ossos delicados das minhas asas quebram sob o golpe. Eu suspiro quando a dor inunda meu sistema. Eu mal posso ver através dela.

Várias penas ensanguentadas flutuam para o chão.

Eu tenho que apertar meu aperto sobre a mulher tremendo debaixo de mim para me manter entre ela e o executor quando o ouço puxar o braço para trás novamente.

Abaixo de mim, a criada ainda está tremendo.

— Vai ficar tudo bem, — eu sussurro, encanto grosso na minha voz. Eu não vou deixá-los chegarem até ela.

Eu ouço o chicote assobiar no ar mais uma vez. Desta vez, quando ele divide minha carne e esmaga o osso, eu não posso segurar meu grito, o som horrivelmente harmônico.

Eu sinto o sangue quente escorrer pelas minhas costas enquanto mais penas caem no chão.

Vinte chicotadas. Mais dezoito para suportar.

Nesse ritmo, não terei asas quando o executor terminar comigo. Através da minha dor, começo a rir, sentindo os olhares horrorizados da multidão ao meu redor.

Não é isso que eu queria? Me livrar das minhas asas?

De repente, a sala uma vez iluminada, escurece. As folhas se enrolam e as videiras recuam, como se fossem repelidas pelas sombras. A sala fica mais escura e escura. As videiras que seguravam Malaki agora secam e caem, permitindo que ele quebre suas amarras.

A multidão estava em silêncio antes, mas agora estão quietos como as coisas mortas ficam.

Eu ouço o chicote no ar pela terceira vez.

Ele estala quando bate em carne, e eu recuo, esperando pela dor. Ela

nunca vem.

Eu olho para cima, e lá está Des, o final do chicote em sua mão, uma linha de sangue escorregando de sua palma e abaixo de seu pulso. Ele puxa a arma da mão do executor e a joga de lado.

— Qual é o significado disso? — Ele diz, sua voz enganosamente envolvente. Ele se vira, olhando em volta para a multidão. Seu poder está enchendo a sala, o espaço se tornando mais escuro a cada segundo, e as plantas outrora florescentes estão agora murchando e morrendo.

Eu deslizo para fora do corpo da mulher humana, caindo para o lado. Eu não posso mover nenhuma das minhas asas; parece que elas são uma ferida gigante e aberta.

— Que grande diversão que vocês todos tiveram enquanto estive fora, — diz Des para a sala, seu olhar se demorando em Mara e no Homem Verde, ambos que ainda estão sentados em seus tronos, — permitindo que minha parceira seja esfolada viva.

Ele é minha vingança. Ele é minha violência. Ele é a morte alada para entregar todas essas fadas aos seus destinos. Eu quase sorrio.

— Malaki, — diz ele, — faz um balanço de quem está aqui. Certifique-se de que o Lorde dos Pesadelos lhes envie seus cumprimentos.

— Com prazer, — responde Malaki, tirando a última das videiras mortas que uma vez o prendiam.

— E você... — Des se vira para o executor, seus passos ecoando ameaçadoramente na sala enquanto ele se aproxima dele, — seu bobo estúpido. O que você estava pensando? Certamente você conhece as regras: uma lesão deliberadamente infligida a uma fada pode ser vingada por seu parceiro.

Des agarra o braço do homem, torcendo-o pelas costas. Ele se inclina para perto.

— E eu estou vingando.

Não importa que seja Solstício e haja um acordo de neutralidade. O Negociador está atrás de sangue.

Pela terceira vez em muitos minutos, ouço o estalo repugnante de ossos se quebrando quando Des quebra o braço do executor. Ele não para por aí também. Ele quebra ambos os braços do homem e depois suas pernas. Entre golpes, ele sussurra coisas no ouvido do executor, e elas devem ser horríveis, pois a fada chora mais alto em resposta a elas do que a dor.

Só então, as portas duplas se abrem, e um homem com orelhas pontudas é conduzido para dentro por dois guardas da Flora. Ao contrário da mulher humana que se arrastou mais cedo, este Fae não usa algemas.

Todos os seus três vacilam diante da visão na frente deles - eu com minhas asas quebradas e ensanguentadas, o carrancudo executor e o desumano Des, que paira sobre a fada. E então há a sala cativa que não fala nem se move enquanto assiste a tudo se desdobrar.

— Quem é esse? — Des pergunta, olhando para o homem Fae sendo escoltado.

Minha voz é totalmente humana quando respondo, — Esse é o homem que abusou dessa mulher. — Pelo menos, acho que é. Eles disseram que estavam o trazendo.

Desmond olha para mim por alguns segundos, e eu posso ver como é difícil para ele fazer contato visual. Cada momento que ele me vê assim, com minhas asas esmagadas, sua fúria e ódio parecem dobrar. Seu olhar vai para a mulher acorrentada ao meu lado, e ele deve entender um pouco do que está acontecendo, embora tenha perdido o julgamento em si.

Finalmente seus olhos vão para a fada que estava sendo escoltada.

Existem poucos seres que odeiam crimes contra mulheres tanto quanto eu, mas Des pode ser um deles.

O Negociador se aproxima e agarra o homem pelo pescoço. Os guardas em volta de Des protestam, seus olhares se voltam para Mara. Mas se eles acham que ela vai interceder, eles estão muito enganados. A Rainha da Flora parece contente em deixar os eventos acontecerem como bem entenderem.

Des puxa a fada para perto, novamente sussurrando algo no ouvido de seu alvo mais recente. O que quer que Des diga tem um efeito preocupante no homem. Mesmo a dezenas de metros de distância e distraída pela dor, noto que os olhos da fada se arregalam e seu rosto empalidece com o que quer que meu parceiro esteja dizendo.

E então Des começa a arrastá-lo dos guardas e em direção ao trono.

O Negociador praticamente joga a fada no chão em frente ao trono de Mara.

— Diga a sua rainha o que você pretende, — ele exige.

A fada murmura alguma coisa, a cabeça baixa.

— Mais alto.

— Vou levar as chicotadas restantes da escrava como punição, — diz ele.

Mara se inclina para frente e coloca o queixo na mão. — Como punição pelo que precisamente?

Eu não tenho certeza se Mara está confusa sobre o que esse homem fez com a mulher, ou se ela está apenas brincando com ele.

— Por dorm... — A fada engasga, suas palavras cortando. Eu já tive essa mesma sensação o suficiente para saber exatamente o que - ou melhor, *quem* - está por trás disso.

Eu olho para Des, que está em cima dele, com os braços cruzados e a mandíbula trancada. Beleza perigosa - é isso que ele é.

A fada tenta novamente. — Por ter feito se... — Ele começa a gaguejar, evitando a única palavra que ele vai ser forçado a dizer.

Cinco segundos depois, ele desiste da luta. — Por... estuprá-la.

A sala anteriormente silenciosa agora se transforma em sussurros

escandalizados.

Mara levanta a mão. — Silêncio! — Ela diz, acalmando a sala.

A escuridão varre o salão, apagando velas, sufocando a vida das plantas que crescem ao longo das paredes.

Des nivela sua atenção em Mara. — A única coisa - a *única* coisa - salvando você da morte, é o nosso juramento, — diz ele, com a voz baixa.

Com essas palavras finais, Des se aproxima de mim, suas asas se espalhando atrás dele ameaçadoramente. Com suas botas pesadas e corpo poderoso, ele parece um príncipe escuro que se arrastou para fora do abismo.

Com muito cuidado, ele me pega e caminha pelo corredor e sai da sala comigo em seus braços.

Capítulo 39

DES ESTÁ QUIETO quando saímos da sala do trono, seus passos ecoando nos corredores cavernosos. Nós dois estamos encapuzados em suas sombras. A cada passo que ele dá, as velas próximas a ele se apagam e as preciosas plantas de Mara morrem.

— O que aconteceu. — Ele não pergunta.

Eu posso senti-lo tremendo de raiva, lutando contra algum impulso para rasgar e impossibilitar e destruir. Seu corpo praticamente zumbe com a necessidade.

— Eles iam punir aquela mulher humana. Ela tinha sido estuprada. — Eu tenho que me estabilizar por vários segundos com a dor nas costas antes de continuar. — Eu não podia deixar isso acontecer.

Seus olhos, seus olhos tempestuosos e atormentados se movem para mim, e vejo que uma grande parte dele está lutando para continuar bravo. Que se ele não mantiver sua raiva exatamente onde ele pode ver, então ele terá que deixar entrar todas aquelas outras emoções traquinas.

— Então você levou a punição por ela. — Suas palavras não têm entonação, então eu não tenho ideia do que ele está pensando.

Eu aceno e seu humor continua a escurecer.

Des me leva para fora do castelo, atravessando os jardins do palácio enquanto se dirige para nossa suíte de hóspedes. A escuridão que ele está arrastando junto com ele agora obscurece os terrenos do palácio, escurecendo o céu e sufocando a vida das plantas que toca.

Fadas param o que estão fazendo para nos observar, o irado Rei da Noite e sua parceira, a última, pingando sangue ao longo dos caminhos de pedra.

Minha visão está se tornando um pouco desfocada, estimulada por dor ou perda de sangue, e droga, mas minhas asas doem.

Assim que nos aproximamos do cedro gigante que abriga os nossos quartos, chamamos a atenção de vários soldados da Noite que manejam o perímetro. Uma vez que eles nos veem, eles vêm correndo.

— Chame um curador, — ordena o Negociador.

Tão rapidamente quanto chegam, saem correndo.

Des sobe a escada que serpenteia ao redor da árvore. Quando ele chega

aos nossos quartos, ele chuta a porta da frente da casa de hóspedes, estilhaçando a moldura de madeira. Lá dentro, ele se dirige para a cama, me colocando de bruços, seu toque gentil.

— Nós vamos curar você, amor, — ele me promete, afastando um pouco do meu cabelo do meu rosto.

Eu aceno para ele, engolindo minhas emoções. Me sinto despedaçada e vulnerável e não estou habituada a ser cuidada. Eu tinha esquecido como era bom ser importante para alguém, e quão carinhoso o feroz Negociador poderia ser.

Ele se endireita e, um momento depois, eu o ouço xingar baixinho, presumivelmente depois de dar uma olhada nos danos às minhas asas. E então suas mãos estão em mim, alisando minha pele. Eu sinto sua magia mergulhar em mim, entorpecendo a mordida afiada dos meus ferimentos.

Eu suspiro meu alívio, a agitação no meu estômago assentando agora que o latejar das minhas feridas foi entorpecido.

— Isso vai anestesiar a dor, querubim, — diz ele, — mas eu não tenho afinidade com a cura. — Ele se agacha ao meu lado, pegando minha mão. — O que você fez… — Ele procura no meu rosto, — ninguém vai esquecer. Nem aquela mulher que você protegeu, nem a sala cheia de fadas, nem a Rainha da Flora e seu consorte - e nem eu. Mara pode usar uma coroa, mas todo mundo naquela sala viu quem foi a verdadeira rainha.

Minha garganta aperta. Ele vai me fazer chorar.

— Eu não pude ficar parada enquanto...

Ele me silencia com um beijo.

— Eu sei.

Só então, alguém bate nos restos da nossa porta. Um momento depois eu ouço vários passos quando os soldados entram em nossa suíte, trazendo consigo uma curandeira Fae.

Des desliza para longe de mim para falar com o grupo. Por um minuto, tudo que ouço é murmuração baixa, então o Negociador e o curandeiro voltam para mim.

— Mas ela é uma humana, — a curandeira protesta quando ela me vê.

As sombras na sala se aprofundam. — Ela é. — Des diz como um desafio.

— Certamente você sabe que a nossa magia não funciona em...

— Cure-a, ou considere sua vida perdida, — ele ordena a mulher.

A sala fica em silêncio por alguns segundos, depois ouço uma respiração instável. — Eu farei o meu melhor, Sua Majestade.

Des vem para o meu lado um momento depois.

— Pare de implicar com fadas inocentes, — eu respiro.

— Ninguém aqui é inocente, — diz ele sombriamente.

Eu tremo um pouco, minha pele gelada. Eu não sei se estou com muita perda de sangue ou apenas em choque. Des esfrega meu braço, e sua

magia está trabalhando mais uma vez, tentando me aquecer.

— Você quer saber um segredo? — Ele sussurra, entrelaçando os dedos nos meus.

— Sempre, — eu sussurro de volta. Eu não mencionei o fato de que estamos em uma sala cheia de fadas. Conhecendo meu parceiro, o que ele está prestes a me dizer não é um grande segredo, ou então ele silencia o mundo para nossa conversa.

— Antes de minha mãe ser escrivã, antes de ser uma concubina, ela era uma espiã, — Des admite, alisando meu cabelo para trás enquanto fala.

Eu sei que ele está apenas tentando me distrair, mas funciona. Eu me conformo com a história enquanto a curandeira das fadas começa a passar levemente as mãos pelas minhas asas. Eu posso dizer que ela está endireitando os ossos, mas a magia de Des é tão potente que o que deveria ser agonizante é simplesmente desconfortável. E eu posso ignorar esse desconforto enquanto Des mantém minha atenção nele.

— Como ela foi de uma espiã para uma concubina? — Eu pergunto, minha voz suave.

— Ela impediu uma conspiração contra o rei. — Ele olha para as nossas mãos entrelaçadas.

Eu ainda posso sentir sua raiva em seu aperto trêmulo e vejo isso na obscuridade do quarto, mas não digo nada. O Rei da Noite pode ser assustador para o resto do mundo, mas ele não é para mim.

— Às vezes me pergunto o quanto ela se arrependeu depois de ter feito seu trabalho naquele dia em particular, — diz ele.

— Meu pai a chamou para a sala do trono para agradecer pessoalmente a ela por salvar sua vida. Quaisquer que tenham sido as palavras trocadas, é um mistério, mas ele deve ter ficado muito satisfeito com ela, porque, ao final do encontro, ele a tirou de seu posto e o colocou em seu harém real.

Isso me faz levantar minhas sobrancelhas. — E ela estava bem com isso?

Des solta uma risada ofegante. — Não. Nem um pouco. Ela era o que você chamaria de uma concubina relutante. Mas naquela época no meu reino, as coisas eram diferentes, e meu pai... ele era um governante muito diferente de mim.

Quanto mais eu aprendo sobre a mãe de meu parceiro, mais eu gostaria de conhecê-la. E quanto mais eu aprendo sobre seu pai, mais eu não gosto do homem.

— Depois que ela morreu, nunca imaginei que encontraria outra mulher como ela, — diz Des. — Alguém que tenha passado por muita coisa e ainda inerentemente sabe o que é certo e errado. Alguém forte e corajosa.

Sua mão aperta a minha. — E então eu conheci você.

Eu pisco meus olhos várias vezes, minha garganta grossa.

Des se recompõe, seu aperto na minha mão se apertando. — Quando

eu vi você deitada lá, suas asas quebradas… — ele balança a cabeça, — trouxe de volta lembranças daquela noite na sala do trono de Karnon, e aquela noite... aquela noite trouxe de volta memórias da morte da minha mãe.

Eu não fazia ideia.

Não admira que ele seja tão feroz em punir aqueles que atacam mulheres; ele foi esculpido por suas experiências.

O tempo de história termina pouco depois disso, e meia hora depois, Des sai do meu lado, com seus passos pesados andando de um lado para o outro no quarto.

Suas botas param. — Bem? — Ele finalmente exige.

A curandeira que está sobre mim se endireita, jogando mais um trapo sangrento no lavatório.

— Isso é o melhor que posso fazer, — diz ela. Ela conseguiu fundir meus ossos das asas e selar parcialmente a pele rachada da minha asa, mas é óbvio que a lesão não está nem perto de ser curada.

As sombras na sala mudam e engrossam. Hoje está realmente desafiando o humor de Des.

Eu não sei o quão vazia foi a ameaça anterior de Des, quando ele ordenou a fada para me curar mais cedo, mas ela fez o seu melhor. Não é culpa dela que magia Fae e humana não sejam terrivelmente compatíveis.

— Temper, — murmuro.

Des vem para mim. — O que foi, querubim?

— Chame temper. Ela pode ajudar.

Você não acreditaria que uma feiticeira tão inclinada ao mal como Temper seria boa em curar, mas ela é. Prova de que o destino é um babaca irônico.

Acontece que não precisamos dizer nada a Temper; a porta já quebrada da nossa casa de hóspedes tem suas dobradiças arrancadas antes que Des tenha deixado o meu lado.

— *Callie*. — Poder percorre a voz de Temper.

Com cuidado, levanto uma das minhas mãos e aceno com fraqueza.

Ela entra tempestivamente dentro do quarto, com os olhos selvagens. — Quem eu tenho que matar?

Des cruza os braços. — Você vai ter que entrar na fila para isso.

Ela vem para o meu lado, seus olhos pousando nas minhas costas.

Ela inala bruscamente. — Garota, *o que aconteceu?* — Sua voz muda de raiva para pânico. Nunca é um bom sinal quando Temper pega leve com você. Eu devo parecer pior do que acho que pareço para Temper ter esse tipo de reação.

Des vem atrás dela. — Eu preciso que você a cure. — E agora ele também tem uma ponta de pânico em sua voz.

— Não me diga, — diz ela, colocando as mãos nas minhas asas. Ela fecha os olhos, sussurrando baixinho.

Quase imediatamente sinto a magia de Temper trabalhando. Onde a magia de Des é uma escuridão abafada e sombras ondulantes, a dela é como o calor de uma fornalha.

Quando ela abre os olhos novamente, eles brilham. Ela continua a cantarolar, as notas baixas de sua voz soando estranhas.

— Negociador, — diz ela, — me diga o que aconteceu.

Ele e eu compartilhamos um olhar. A última vez que Temper ficou puta por minha causa, ela explodiu um portal.

— O que você já sabe? — Des pergunta.

— Só o que Malaki me disse...

Malaki contou a Temper sobre isso? Essa fada está oficialmente amarrada.

— ...que Callie estava ferida e que poderíamos estar indo em bora em breve — Uou, — eu digo, começando a me sentar. — Podemos estar *indo em bora* em breve?

Temper me empurra com firmeza de volta para baixo. — O que mais eu perdi? — Ela pergunta.

Antes que Des possa explicar, eu interrompo. — Eles queriam chicotear uma humana que tinha sido estuprada, — eu começo.

Continuo contando a Temper o restante da história, desde o momento em que Des saiu pela primeira vez da sala do trono até o momento em que ele me levou para fora dela.

Quando termino, Temper já consertou completamente minhas asas quebradas. Elas coçam onde o novo crescimento de pele e osso ocorreu, mas, coceira de lado, elas podem muito bem ser novas.

— Onde está aquela vagabunda *fodida*? — Ela exige, referindo-se a Mara. — Vou matá-la.

Suas palavras fazem Des sorrir abertamente, e oh meu Deus, a única coisa pior do que esses dois sendo inimigos é eles sendo amigos.

Uma batida no batente da porta, agora sem porta, interrompe o discurso de Temper.

Lá fora, um criado humano espera, com a cabeça baixa. Em suas mãos está um buquê de flores silvestres.

— Sim — diz Des, movendo-se para a porta.

— Eu tenho um presente para a parceira do Rei da Noite, — diz ele, levantando as flores um pouco enquanto fala.

Eu me empurro para fora da cama. — Callie, — eu digo, atravessando o quarto. Eu pego o buquê dele. — E obrigada pelas flores.

Sua cabeça hesitantemente se levanta e eu olho em seus frios olhos verdes. — Obrigado, pelo que *você* fez, — ele diz suavemente. — Nós nunca iremos esquecer.

Ele não precisa esclarecer quem somos *nós*.

Ele abaixa a cabeça novamente, e então ele sai, descendo os degraus.

— Espere! — Eu grito, entrando no corredor além da suíte.

Ele se vira de volta para mim. — Você não tem que viver assim, — eu

digo. — Nenhum de vocês. Há lugares para todos vocês na terra.

Ele sorri. — Nós apreciamos você e seus modos estranhos. Talvez um dia nós iremos embora. Até então... — Ele inclina a cabeça e recomeça a andar mais uma vez.

Eu sinto meus ombros se abaixarem. Roma não foi construída em um dia, mas ainda assim, é uma pílula difícil de engolir, sabendo que esses humanos continuarão a viver aqui, onde eles têm poucos direitos preciosos.

— Então, — Temper diz quando eu entro no meu quarto, — Eu proponho que nós explodimos algumas coisas, e então vamos embora.

Des não parece completamente contra isso.

Eu sinto todo o meu desespero e toda a minha dor me enchendo, sufocando a vida para fora de mim. De repente, eu não aguento.

Relâmpago aquece minhas veias. Talvez, se você passar por todo o meu sofrimento, todas as minhas inseguranças insignificantes, toda a minha frustração e fadiga, você atingirá um núcleo indestrutível.

Algo que não pode ser quebrado por ganância ou luxúria ou violência. Algo que não é muito mágico, mas ainda assim é poderoso.

— Não, — eu digo, encarando Temper. — Eu *não* estou fugindo desse lugar.

O começo de um sorriso puxa os lábios do meu parceiro quando encontro seus olhos.

— É hora do Outromundo entender o quão forte uma escrava pode ser.

Capítulo 40

NAQUELA NOITE, eu olho para o belo vestido esperando por mim. É uma cor profunda, tão escura que é quase preta. Os sapatos que o acompanham não passam de couro e fitas — sapatos para dançar.

Eu respiro fundo.

Hora de vestir minha armadura de batalha e ver essas fadas novamente. Eu ainda posso sentir o eco daquelas chicotadas contra as minhas asas.

Des vai até o armário que o vestido está pendurado e fecha as portas.

Eu olho para ele em confusão.

— Hoje à noite não estamos participando, — diz ele.

— Mas...

Ele cobre minhas bochechas e me interrompe com um beijo. Seus lábios se movem contra os meus até que eu esqueça exatamente o que estou falando.

Minhas mãos caem para seus antebraços, deslizando sobre sua pele exposta. Eu posso sentir arrepios ao longo de sua carne ao meu toque.

Ter tal efeito no Rei da Noite! Às vezes eu esqueço que ele é tão movido por mim quanto eu sou por ele.

Seus lábios se separam dos meus, mergulhando logo abaixo da minha orelha. — Minha parceira *não ficou* satisfeita o suficiente desde que chegamos aqui.

Meu núcleo aquece com suas palavras. O que, exatamente, o Negociador planejou?

A respiração de Des toca contra minha pele, bem na junção onde meu pescoço encontra meu queixo. Ele dá um beijo ali.

— Que alma gêmea ruim eu sou, para negar isso a ela.

Des começa a me empurrar para trás, para trás, para trás, até minhas asas roçarem contra a parede, efetivamente me prendendo.

Uma de suas mãos se move dos meus braços para a bainha do vestido fino Fae que eu uso. É elaboradamente amarrado na frente, amarrando no colarinho escavado.

O Negociador desliza um dedo ao longo desse colarinho, agarrando o final de uma das fitas. Seus olhos encontram os meus quando ele puxa a

fita, desfazendo o nó. A parte de cima se afrouxa, a amarração se desenrola centímetro por centímetro.

Des empurra o material pelo meu torso, expondo meus seios. Ele pressiona um beijo no vale entre eles.

— Deuses, você é extraordinária, — diz ele, sua voz abafada.

O mesmo pode ser facilmente dito sobre ele.

Eu removo a pulseira de couro que segura seu cabelo na altura dos ombros e corro minhas mãos através dele.

Ele me ajuda a tirar sua camisa, jogando a peça de roupa no chão. Eu aliso minhas mãos sobre seus grandes peitorais.

— Faça algo mágico, — eu sussurro.

Os lábios de Des se contorcem, como se ele achasse meu pedido engraçado e cativante.

— Nomeie seu preço, querubim.

Agora é minha vez de reprimir um sorriso. Há sempre um preço com ele, mas hoje em dia nem sempre é desagradável.

Em vez de nomear meu preço, deixo meu vestido falar por mim, deslizando o resto do caminho pelo meu corpo.

O Negociador engole em seco quando ele me observa. Tudo o que sobra minha calcinha, e a julgar pela maneira como meu parceiro está de olho nela, ela não vai continuar em mim por muito tempo.

Eu sinto o toque da magia de Des enquanto ela sai do corpo dele.

Um momento depois, os vasos de flores que estão empoleirados ao redor da sala são virados para baixo todos de uma só vez, e a água e as flores dentro de cada um agora escorregam. Mas, em vez de cair no chão, começam a flutuar no ar como se estivessem em gravidade zero. O efeito é deslumbrante.

— Mágico o suficiente para você? — Des pergunta, seus olhos em mim.

— Um pouco.

Ele sorri. — Coisinha exigente. — Ele me beija de novo, e quando ele faz isso, minha calcinha desliza pra fora dos meus quadris, mais um pouco da magia de Des em jogo.

Ele se afasta o suficiente para passar a mão pelo meu torso. — Minha corajosa parceira, minha parceira feroz. Nenhuma fada jamais esteve com tanto orgulho de sua mulher.

Suas palavras me movem. Estar aqui, no Reino de Flora, deixou bem claro que os humanos não são vistos como iguais. Mas se há uma coisa que Des sempre garantiu, é me fazer sentir como se eu fosse seu par de todas as formas.

Ele alisa sua mão sobre a minha pele até que as pontas dos seus dedos passem pelo meu núcleo. Em resposta, minha pele se acende. Nos encaramos, algo sobre esse ato íntimo se tornou ainda mais vulnerável porque não desviamos o olhar.

Eu movo meus quadris contra o seu toque, forçando seus dedos a deslizar para dentro, em seguida, para fora, dentro em seguida para fora.

Eu já estava molhada quando ele me despiu, mas agora minha parte interna das coxas estão escorregadias.

O resto de suas roupas sai dele.

Eu mencionei que eu realmente amo magia?

Seu pênis está pressionado entre nós, tão duro que está pulsando.

Eu me movo contra ele e ele geme com a fricção.

— Não posso resistir a você… — Então ele me levanta, me abaixando lentamente logo em seguida. Eu sinto a cabeça de seu pênis empurrar contra a minha entrada, e então ele está deslizando para dentro, me enchendo centímetro por centímetro.

Ele bebe na minha expressão quando minhas costas se arqueiam, meus lábios se abrem enquanto ele empurra todo o caminho até o talo.

Ele pega minhas mãos nas suas e as pressiona na parede em ambos os lados da minha cabeça. A única coisa que me prende é o seu peito e os quadris.

— Nada nunca foi tão bom, — diz ele, — tenho certeza disso.

Ele desliza para fora, o som denso e úmido, depois entra de novo. Eu suspiro com a sensação, arqueando para ele, minhas pernas apertando em torno de sua cintura.

— Mais rápido, — eu respiro contra ele.

Mas, sendo a fada teimosa que é, ele não se move mais rápido. Ele vai devagar e profundamente, me deixando louca. Suas asas se espalharam ao meu redor, nos envolvendo em um casulo feito por ele mesmo.

— E se eu quisesse que você fosse minha rainha? — Ele pergunta enquanto empurra dentro e fora de mim, seus olhos brilhando na escuridão que ele criou sob suas asas.

— Hmm, — eu fecho meus olhos contra ele, curtindo a sensação.

Ele continua a desacelerar, o ritmo se tornando cada vez mais agonizante.

Eu me movo contra ele, meus olhos se abrindo. — *Des,* — eu reclamo.

Ele olha para mim, seus olhos sérios. — O que você diria sobre isso?

Sobre quê?

Ele pressiona seus lábios no meu ouvido. — Me dê a resposta que quero e lhe darei o que você quer.

O que ele me perguntou? Algo sobre ser sua rainha...

Eu deveria saber melhor do que ceder às barganhas de Des; elas são sempre em seu benefício. Mas presa à parede, com seu pênis enterrado dentro de mim, eu não sou exatamente uma especialista estratégica.

E as estocadas de Des praticamente pararam.

— Sim, — eu respiro, ansiosa para retomar de onde paramos. — Parece bom.

Qualquer coisa para fazê-lo se mover novamente.

Ele sorri, parecendo o gato que comeu o canário. — Bom, — diz ele.

Suas estocadas aumentam e, *queridos anjinhos,* isso é tudo.

Des solta minhas mãos para me segurar contra ele. Ele nos puxa para

longe da parede e nos move através do quarto. Flores e gotículas de água que ainda flutuam no ar agora roçam minha pele enquanto passamos por elas. Parece que o tempo parou no quarto.

— Minha futura rainha, — diz Des enquanto ele olha para mim.

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço, segurando-o perto.

— Mais rápido, — eu sussurro.

— Sempre exigente, — diz ele.

Pressionando minhas costas na parede mais uma vez, o Rei da Noite balança contra mim, cada golpe mais forte que o anterior. Ele se dirige cada vez mais fundo, suas asas se abrindo mais uma vez.

— Estou prestes a gozar, — eu digo.

— Espere.

Esperar? Não tenho certeza se posso. Meu clímax está subindo e subindo, e exige ser liberado.

Suas mãos apertam em mim. — *Agora*.

Esse é todo o incentivo de que preciso.

Eu me sinto despedaçada, meu orgasmo me castigando. A sensação fica ainda mais intensa quando ouço Des gemer, seu pau engrossando dentro de mim enquanto ele libera sua própria liberação.

Parece que dura a vida toda enquanto onda após onda de prazer passa por mim.

Não é até vários minutos depois, quando Des desliza para fora de mim e nós dois caímos na cama em um emaranhado de membros que eu lembro de suas palavras.

E se eu quisesse que você fosse minha rainha?

Me dê a resposta que eu quero e lhe darei o que você quer.

Com o que, exatamente, eu acabei de concordar?

Capítulo 41

EU RELAXO NOS braços de Des, sentindo suas mãos acariciarem minhas asas. Eu nunca fui fã de carinhos depois do sexo, mas isso foi antes do Negociador se tornar meu.

Agora estou descobrindo que realmente tenho uma apreciação por isso.

As flores e a água estão de volta em seus vasos, mas agora pairando acima de nós está uma folha grossa de pergaminho e cinco pincéis separados, todos pintando ao mesmo tempo. Onde Des encontrou os pincéis, ou o pergaminho, ou os cinco pequenos potes de cerâmica que repousam sobre uma mesinha ao lado da cama, não tenho ideia.

Assim como estava quando ele começou a fazer sua arte para mim, estou completamente encantada.

A pintura está se formando rapidamente, embora eu demore minutos para descobrir de que exatamente é a imagem. Eventualmente, no entanto, percebo que estou olhando para penas, muitas e muitas penas iridescentes.

— Você está pintando minhas asas, — eu sussurro.

— Hmhm, — diz ele em resposta, passando a mão sobre elas novamente.

Um dos pincéis se afasta do pergaminho, flutuando até a mesinha lateral ao meu lado. Ele mergulha suas cerdas em um dos potes de tinta e, assim que está revestido com tinta preta, flutua sobre meu corpo.

Antes de voltar ao pergaminho, um pedaço da tinta cai no meu ombro.

— Des!

Ele ri, totalmente consciente do que acabou de acontecer.

— Você fez isso de propósito!

— Talvez, — diz ele evasivamente, um sorriso em sua voz.

Ele leva a mão até meu ombro e, usando o polegar, esfrega a tinta na minha pele.

Eu respiro o cheiro dele, seu cheiro misturado com o meu. — Eu acho que devemos pular mais eventos, — eu sussurro.

Ele vira o rosto para mim, seus lábios roçando minha testa. — Agora *isso*, — ele diz, — é uma ideia absolutamente brilhante.

Eu sorrio um pouco enquanto corro meus dedos sobre o peito dele, onde o suor dele ainda escorrega. Eu desenho redemoinhos em sua pele antes de ir mais para cima, meu toque traçando as tatuagens que envolvem seus braços. Um dia vou memorizar os designs de coração.

Ele termina a pintura em silêncio, nós dois assistindo a conclusão. Uma vez terminado, ela e os pincéis se abaixam para a mesa lateral.

— Eu tenho um segredo para compartilhar. — Des murmura, sua boca pressionada perto do meu cabelo.

Eu congelo.

Ele compartilhou segredos no passado, mas só depois que eu implorasse. Para ele oferecer um... Quando ele fez isso no início do dia, enquanto eu estava sendo curada, eu pensei que era um evento único destinado a me distrair da situação. Mas agora, é possível que ele esteja simplesmente se abrindo mais para mim, *confiando* mais em mim.

Eu inclino minha cabeça para olhar para ele.

Onde minutos atrás ele estava despreocupado e contente, agora ele parece sombrio.

— Quando fecho os olhos, tudo que vejo é a forma do seu rosto e o brilho do seu sorriso. Você é as estrelas no meu céu escuro, querubim.

Isso não é o que eu esperava sair de sua boca, nem um pouco. Meu coração, eu estou achando, simplesmente não é grande o suficiente para manter tudo que sinto por esse homem.

Des engole gentilmente. — Você e eu compartilhamos muitas tragédias. Mães que morreram cedo demais. Pais terríveis…

Ele disse algo semelhante dias atrás.

Ele respira fundo. — Meu pai estava matando todos os seus herdeiros quando minha mãe descobriu que estava grávida, — Des começa. — Ela fugiu do palácio antes que alguém pudesse descobrir esse fato em particular.

— O reino simplesmente achou que ela havia abandonado seu rei - uma ofensa que já é grave o suficiente. E a ofensa não passou despercebida. De tudo o que aprendi, minha mãe foi a concubina favorita do meu pai. Deve ter ferido o ego dele.

— Ele passou anos procurando por ela, mas ela fez carreira como espiã; ela sabia como se esconder. Ela me criou em Arestys, protegendo a verdade de nossas identidades e a extensão de nosso poder do mundo. Ela fez um bom trabalho nos escondendo, mas... eu nos expus. — Ele diz isso com tanta culpa.

— Assim que ele descobriu nossa existência, meu pai veio atrás de nós, e - ele a matou.

Eu sinto horror fechando minha garganta.

Os olhos de Des estão longe, como se ele estivesse vendo a memória se desdobrar novamente. Ele passa a mão no rosto. — Eu tinha quinze anos quando vi minha mãe morrer.

Eu não consigo nem imaginar...

— Des, eu sinto muito.

Alguma vez na história do mundo, um *sinto muito* melhorou uma situação como essa? E ainda assim, não posso *não* dizer isso.

Ele pisca várias vezes, saindo do passado. — Eu matei meu pai.

Meus olhos se voltam para os dele. Por vários segundos eu não respiro.

Des… matou o pai dele?

Tantas emoções borbulham. Surpresa, horror, medo… *ligação*.

Você e eu compartilhamos muitas tragédias.

Agora eu entendo. Seu pai e o meu ambos morreram por nossas mãos. Isso me faz pensar novamente o que ele viu naquele primeiro dia em que ele me conheceu. Eu sempre assumi que minha depravação tinha chocado ele um pouco. Eu não imaginava isso.

— Foi um acidente? — Eu pergunto.

Ele ri. — Não, — ele diz, com a voz amarga, — foi bastante deliberado.

Minha pele se arrepia. — Por que você está me contando isso?

Sua mão desliza ao redor da minha cintura, me prendendo ao seu lado. — Às vezes eu vejo você, e o passado está vivo. Ele se sobrepõe a quem você é e o que você faz. — Ele me aperta mais perto, quase ao ponto da dor. — Eu me lembro das minhas velhas feridas e sinto... sinto minha vingança subindo.

— Não posso mudar meu passado e não posso mudar o seu. Eu não posso nem te impedir de se machucar... mas eu posso fazer os outros se desculparem pela sua dor. — Ele diz essa última parte tão silenciosamente, tão malévolo que um arrepio me escapa.

Isso é um mau presságio.

— O que você está pensando, Des? — Eu pergunto a ele. Porque está claro para mim que ele está planejando algo.

Ele olha para mim, seus cabelos brancos e olhos prateados parecendo mais do Outromundo que nunca.

— Nada, querubim. Nada.

Capítulo 42

— VOCÊ OUVIA AS NOTÍCIAS? — Temper pergunta na manhã seguinte. Nós duas tomamos o café da manhã no mesmo grande átrio que eu comi na minha primeira manhã aqui.

Essa manhã, quando acordei sozinha na minha cama, fui até o quarto de Temper e a levei para o café da manhã.

Eu estava determinada a mostrar aqueles aqui no Solstício que eles não tinham me visto pela última vez ontem.

— Que notícias? — Eu pergunto agora, arrancando um pedaço de um strudel e empurrando-o na minha boca.

Dezenas de outros convidados no átrio ficam olhando para mim e minhas asas consertadas, suas vozes baixas enquanto sussurram nos ouvidos dos amigos.

Acho que quero estrangular cada um deles - até mesmo aqueles que não estavam na sala do trono de Mara comigo. Como alguém pode estar bem com o que está acontecendo com os humanos aqui?

Enquanto isso, os garçons continuam encontrando motivos para vir à minha mesa, alguns para sussurrar um agradecimento silencioso, outros para discretamente deixar um doce extra aqui e outra bebida quente ali.

— Vadia, você está perdendo todas as fofocas mais suculentas, — diz Temper, me puxando de volta para a conversa. É fofoca que ela é indubitavelmente coagiu dos humanos daqui.

— Não vou estar perdendo se você me disser. — Eu chuto meus calcanhares em cima da mesa, a ação me ganhando mais sussurros.

Temper se inclina para frente. — A fada que estuprou sua mulher humana ontem?

A comida na minha boca fica sem gosto. Eu me forço a engolir. — O que tem ele?

— Ele desapareceu em algum momento durante a noite. Aparentemente, a única coisa que sobrou dele foi um dedo, apesar de algumas pessoas dizerem que não era um dedo - que era o pau dele.

Eu faço uma careta. — Ugh, Temper, você não poderia ter esperado eu terminar o café da manhã?

A última coisa que eu quero pensar é sobre os pedaços cortados de um

predador sexual.

— Isso não é tudo.

Eu levanto as sobrancelhas, pegando minha xícara de chá e tomando um gole.

— Aparentemente, o harém da rainha desapareceu – supostamente, eles foram tirados da cama da rainha, embora ninguém tenha visto nada.

Eu quase engasgo com o chá.

Um estuprador e todo o harém da rainha desaparecem na mesma noite?

Há apenas uma pessoa com o motivo e o poder para fazer uma coisa dessas, e ele não estava na minha cama esta manhã quando acordei.

Temper rouba uma fatia de bacon do meu prato. — As pessoas estão dizendo que Des fez isso.

Assim como elas o culparam pelos desaparecimentos dos soldados. Só que agora… agora não sei por onde começar e acabar de defendê-lo.

— Onde ele está afinal? — Temper pergunta.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu não sei.

Ela se encosta nas costas cadeira, com um sorrisinho presunçoso no rosto. — Aquele bastardo atrevido fez isso, não fez? — Ela diz. — Eu acho que gosto dele.

Eu sinto o laço mágico de Des ao meu redor, puxando eu e meu banco para trás.

Falando de bastardos atrevidos...

— Merda, — eu xingo sob a minha respiração, agarrando as bordas da mesa enquanto meus tornozelos cruzados deslizam para fora dela. A cadeira em que eu estou sentada começa a se afastar da mesa com movimentos e arranques bruscos.

Temper faz uma pausa. — O que é isso?

Meu sangue acelera. — Des está de volta.

Capítulo 43

NÃO É SÓ que Des está de volta, é que ele quer que eu treine mais uma vez, daí a corda mágica que está praticamente me arrastando para um dos jardins da rainha. É só quando chego que a magia do Negociador se dissipa.

Eu vejo o homem inclinado contra uma árvore. Na frente dele, ele segura o pomo de uma espada como se fosse uma bengala, com sua roupa hoje cem por cento humana, da camiseta do KISS até a calça de couro e botas pretas de bico de aço.

— Bom dia, querubim, — ele diz, entrando na luz do sol, parecendo muito esperto para o seu próprio bem. Ele me joga a espada.

— Bom dia, — eu digo de volta com cautela, pegando a arma com facilidade. Estou usando um frágil vestido Fae e sandálias finas de couro e fitas. Só pelo meu traje, posso dizer que essa sessão de treinamento será mais dura que as outras.

Eu vejo Des quando ele se dirige para o lado dos jardins e arranja outra espada para si.

— O quê? — Ele diz, de costas para mim.

Há muito tempo parei de me perguntar como ele pode descobrir minhas expressões quando ele nem sequer está olhando para mim.

Não faz sentido ficar de enrolação. — Os rumores são verdadeiros? — Pergunto.

— Que rumores? — Ele balança a espada em sua mão enquanto se aproxima de mim, afrouxando seu pulso.

Apenas quando ele está a poucos metros de distância que a arma cai ao seu lado para que ele possa me puxar para um beijo rápido.

Eu fecho meus olhos com a agitação que ele envia através de mim. Ele tem gosto de segredos e decepções, meu rei astuto.

Eu me afasto, minhas pálpebras levantando devagar. — Você é responsável pelo desaparecimento do harém da rainha?

Ele olha para mim por um longo momento, aqueles olhos prateados sempre enigmáticos.

— Essa pergunta vai lhe custar, — ele diz baixinho.

Minha respiração deixa meus pulmões de uma só vez.

Ele fez isso. Droga, ele fez isso.

— Espada para cima, amor, — diz ele, se afastando de mim, — fique em sua posição de batalha.

Eu faço o que ele pede, mesmo que meu coração esteja batendo forte com sua evasão.

— Por quê? — Pergunto enquanto ele toma posição. Ele e eu sabemos que não estou me referindo às instruções dele.

Nós dois começamos a circular um ao outro.

— Eu acho que você sabe o porquê, — diz ele, tudo, menos confirmando que os rumores são verdadeiros.

Ele avança para mim, sua espada erguida.

Eu giro para longe, minha saia atrás de mim.

— É tudo o que você vai fazer, Callie? Correr de mim? — Ele pergunta enquanto eu me movo entre os caminhos alinhados pro rosas. Ele está bem atrás de mim. Eu sei que se ele quisesse, ele poderia aparecer bem na minha frente, mas por enquanto, ele está contente em me perseguir assim.

De repente, eu giro para encará-lo, levantando minha espada para encontrar a dele.

— Eles estão mortos? — Eu pergunto.

O canto da boca dele se levanta. — Defina *mortos*.

Jesus.

Nossas espadas brilham quando eu arrasto a minha para baixo e para longe da dele. Eu giro por baixo de seu ombro, chegando para um ataque por trás. O Rei da Noite se vira a tempo, desviando do meu ataque.

— Por quê? — Pergunto de novo.

— *Ninguém* chicoteia a minha parceira. — A veemência com que ele diz isso me tira o fôlego, tanto que ele quase me acerta o próximo golpe. Em vez disso, ouço um rasgo quando a lâmina dele corta camadas de tecido frágil.

— Se defenda, Callie, — Ele rosna.

Eu me movo para trás. —Mas... como? — Eu pergunto, me referindo à sua resposta anterior — Você concordou em ficar em paz com a rainha.

Ele vem até mim como uma força da natureza.

— E eu terei paz. Há muitos homens bonitos que ela pode colocar na cama dela.

Mas nenhum seria réplicas dos homens com quem ela teve relações. Des não tinha prejudicado o parceiro dela, mas ele tirou os homens com quem ela se distraia.

— Como você vai manter a paz? Ela não sabe que foi você?

— Querubim, você considerou a possibilidade de que *não foi* eu? — Ele diz, trazendo sua arma para baixo como uma bigorna.

Eu desvio o golpe, atacando-o com a minha espada. — É você que está sequestrando os soldados?

Ele desvia do meu ataque. — E se eu estiver? — Pergunta ele. — Você

vai me amar menos? Me odiar mais?

A resposta é estranhamente parecida com a que ele deu a Mara quando ela fez a mesma pergunta.

Eu empurro para longe dele, recuando. — Droga, Des, — eu sussurro, — eu não sou uma rainha Fae para você enganar com suas palavras. Apenas seja honesto comigo.

O mundo parece ficar em silêncio, os pássaros e o sussurro das árvores ficando quietos.

Ele vem até mim, balançando a espada ameaçadoramente para a esquerda e para a direita, a lâmina cruzando seu corpo.

Assim que ele me alcança, tudo que posso fazer é bloquear e fugir de sua enxurrada de ataques.

Nossas lâminas travam novamente.

— Você confia em mim? — Pergunta ele.

Tudo o que eu ouço é o farfalhar do meu vestido ao vento e as nossas suaves exalações.

Eu confio no Des, o homem que me salvou do meu pai, quem me amou de longe por anos? O homem que me resgatou de mim mesma, e me colocou em chamas uma e outra vez.

— *Sim,* — eu respiro.

Seus olhos suavizam. — A resposta para sua pergunta é não, — diz ele, seus olhos de lobo perfurando dentro de mim. —Parceira da minha alma, eu não tive nada a ver com os desaparecimentos daqueles soldados.

Eu sinto a verdade de suas palavras, como um golpe no centro do meu peito. Todas as confissões de Des têm um peso nelas, como se ele estivesse entregando um pouco de si mesmo no processo, mas essa particularmente teve mais peso.

— Você acredita em mim? — Ele pergunta, nossas espadas ainda trancadas juntas.

Eu aceno, chupando minhas bochechas. — Eu acredito.

Seu corpo relaxa e sinto minha abertura. Abaixo minha espada, indo para o lado de Des, depois giro, trazendo minha espada ao redor de mim.

A ponta dela roça em seu antebraço, uma linha de sangue brotando em seu rastro.

No momento em que eu percebo que eu realmente o machuquei, deixo cair a minha espada, encarando a ferida com horror.

Ele me deixou feri-lo de propósito?

Com a mesma rapidez, respondo a minha própria pergunta.

Não. Isso não foi planejado.

Des para de lutar para encarar o corte em estado de choque.

— Você me *atingiu*. Você conseguiu dar um golpe. — Ele joga sua espada de lado, a batalha totalmente esquecida. Um segundo se passa e então ele começa a rir. — Você fez isso. Você finalmente conseguiu.

Ele ficou louco!

Des me pega em seus braços, me girando. — Você sabe o que isso

significa? — Ele pergunta, olhando para mim.

Eu não sei.

—Você finalmente está pronta.

Capítulo 44

ESSA NOITE, O BAILE do Solstício não sai como planejado.

Enquanto Des e eu descemos para o salão de baile, sinto o peso reconfortante de minhas duas adagas, que atualmente estão amarradas a um conjunto de coldres internos na minha coxa e escondidas sob meu vestido escuro e iridescente. Solstício é um festival pacífico? Sim, em teoria. Eu planejo usar essas armas? Não a menos que me provoquem. Mas depois dos eventos de ontem e do encorajamento de Des, decidi vir a essa festa armada.

E eu não vou mentir, eu me sinto como uma vadia fodona essa noite, o que eu estou gostando demais.

Des e eu mal entramos no salão de baile subterrâneo quando Mara está na nossa frente, e apenas com um olhar, a Rainha da Flora está em busca de sangue.

Ela agarra a lapela do Negociador. — Onde estão eles? — Mara rosna. Ela o sacode como uma louca, o aroma floral de seu poder enchendo o ar — Desmond Flynn, onde *estão* eles?

— Do que você está falando? — Ele diz, sua voz baixa.

— Você sabe muito bem do que estou falando. Juro pelos Deuses Imortais que farei tudo o que estiver ao meu alcance para quebrar nosso juramento de paz, se você não me disser onde está meu harém.

O Negociador tira as mãos dela da sua roupa. — Recomponha-se, Mara, seus súditos estão assistindo.

Eles estão de fato nos observando, atraídos pelo mais recente drama entre os governantes.

Muitos deles, percebo, têm suas asas em exibição. Aparentemente, o Rei da Noite e sua parceira humana tiveram algum efeito na moda do Outromundo, apesar de - ou talvez por causa do - nosso relacionamento tabu.

Eu olho para Des, o observando com fascinação. Estou meio convencida por sua performance de que ele realmente não tem ideia de onde estão os consortes da rainha. Mas é claro, ele já admitiu para mim que não é inocente.

— Você não tem sido nada além de problemas desde que entrou no

meu reino. — Mara rosna, — desde atacar Janus a sua esposa *humana* questionar minha autoridade diante de meu próprio povo.

Com isso, a sala começa a escurecer, sem dúvida porque Des está se lembrando exatamente do que aconteceu quando questionei sua autoridade.

— Sem mencionar, —continua ela, — que os Fae da Fauna querem você morto, e várias pessoas acham que você está por trás dos soldados desaparecidos. E agora meus homens...

O Homem Verde se junta a nós nesse momento, escovando carinhosamente o cabelo da Rainha da Flora de seu ombro enquanto se aproxima. Ela estremece ao toque, não tão sutilmente afastando as mãos dele. Seu olhar vai para ele, e ela dá ao Homem Verde um sorriso apertado.

Ok, toda essa interação *não* foi normal. Parceiros não são repelidos pelo toque um do outro, e eles não apenas suportam a companhia um do outro.

O Homem Verde sorri para Mara, depois para nós, completamente alheio à reação de sua rainha. — Por que não levamos isso para algum lugar mais privado? — Ele diz.

— *Tudo bem,* — Mara sussurra, girando em seus calcanhares.

— Eu não vou a lugar nenhum com nenhum de vocês, — eu digo. Não depois dos acontecimentos de ontem.

Mara me lança um olhar incrédulo. — Perdão?

— Eu não gaguejei, — eu digo.

Os grupos ao nosso redor ficam em silêncio, chocados com minhas palavras.

— Você pode ser a rainha deles, — eu digo, apontando para a sala, — mas você não é a minha.

Eu ouço algumas inalações rápidas de respiração.

Deus, como é bom dizer isso a essa mulher.

— Desmond, — a Rainha da Flora diz, — diga a sua parc...

Eu dou um passo na frente de Des. — *Não*, — eu digo. — O Rei da Noite não é um mensageiro, e eu posso entender suas palavras com clareza, então se você tem algo a dizer para mim, diga na minha *cara*.

O salão de baile fica sereno durante cinco segundos. Então o poder de Mara começa a se formar, sacudindo as próprias paredes de seu palácio. As plantas na sala ganham vida, se torcendo e quebrando.

— Seu estúpido desperdício de...

Desmond vai para o meu lado. — Cuidado, rainha. Qualquer ofensa dada a minha parceira, é uma ofensa dada a mim. E não tolero insultos.

Esse é o mais próximo que Des vai admitir que ele está por trás do desaparecimento dos homens de Mara. A Rainha da Flora lê nas entrelinhas de qualquer maneira. Seus olhos brilham quando ela observa o Negociador.

— Seu filho da...

O Homem Verde põe as mãos nos ombros de Des e Mara. — *Privacidade,* — ele enfatiza.

A sala continua a escurecer. Eu posso sentir a magia de Des se enrolando em mim, me deixando na sombra. Ao nosso redor, os convidados ficaram em um silêncio absoluto.

— Diga, — Des incita ela, um sorriso puxando as bordas de seus lábios para cima. — Termine a sua frase.

Um frio desliza sobre minha pele.

— Diga, — diz ele, mais baixo.

As plantas estão chicoteando, e os olhos verdes afiados de Mara estão duros. — Seu filho de uma prostituta. Você nunca será mais do que um rei bastardo e sua parceira, uma escrava. Você e sua laia envergonham meus corredores.

Des sorri e o mundo fica escuro.

Capítulo 45

EXPECTATIVAS DO SOLSTÍCIO: todas as pessoas deixarão de lado suas discussões durante essa semana, darão as mãos e cantarão kumbaya.

Realidade do Solstício: todos devem chegar a um centímetro de distância da morte pelo menos uma vez.

Fadas em todos os lugares na sala começam a entrar em pânico quando a escuridão encobre nossos arredores.

Eu sinto a respiração de uma centena de tipos diferentes de magia tentando iluminar a sala apenas para ser apagada pelo poder de Des. Ao longo das paredes, ouço o som de plantas sussurrando. Leva vários segundos para eu perceber que elas estão murchando, *morrendo*.

— Antes que houvesse plantas, antes que houvesse animais, antes que houvesse luz, havia escuridão, — diz Des, sua voz suave e sedosa. — Daquela escuridão, todos os nossos desejos mais profundos e medos mais secretos nasceram. E eu conheço todos os seus. Talvez eu deva compartilhá-los…

Juro que ouço Mara respirar fundo.

— Ou talvez eu devesse simplesmente te machucar bem aonde você está.

— A trégua… — ela diz.

— Sim, — responde Des, — essa trégua condenável, a mesma que você conseguiu contornar quando se tratou da minha parceira. Você acha que isso vai salvar alguém agora? Com certeza você percebe que posso contornar essa promessa tão bem quanto você pode.

As plantas ainda estão murchando ao nosso redor; eu posso ouvir seus chocalhos de morte sobrenaturais.

Ela não diz nada, mas o cheiro de flores podres é espesso no ar.

— Ou talvez eu faça tudo. Derrame seus segredos e então quebre seu lindo trono. Devo começar com o quanto você odeia o toque de seu parceiro?

O ar sibila através dos dentes de Mara, mas ela não nega a acusação.

— Eu sei que você deseja meu toque - e da minha parceira Aquela última parte da confissão de Des é recebida com sussurros no escuro. Eu acho que querer que uma mulher humana acaricie suas partes é

extremamente escandaloso.

— Há outras coisas que aprendi. Eu deveria continuar?

Ela não vai dizer não. Eu sei disso, Des sabe disso, e ela deve saber também. Há tanto orgulho e aparências para manter. Ela não pode se curvar a vontade de um Fae visitante. Mas também sei que Des está desenterrando verdades que ela prefere deixar enterradas.

Acontece que ela não precisa se preocupar em responder ao Negociador.

Da escuridão vem a luz. É fraca no início, mas a cada segundo que passa, fica cada vez mais clara, transformando-se em homem - em Janus.

Seu corpo inteiro irradia luz, lançando a sala em um brilho dourado fraco.

Ele segue para o nosso grupo, seus guardas o acompanham - um deles, Aetherial. Ele faz um gesto para seus soldados recuarem antes de virem para os nossos lados.

— Meus amigos, — diz ele, agarrando tanto Des quanto Mara nos ombros, — por que não encontramos um lugar tranquilo para pular nas gargantas um do outro?

Metade de mim acha que a presença de Janus só vai agitar Des mais, mas meu parceiro olha ao redor da sala, parecendo despertar de qualquer estado em que ele esteja. Sempre tão devagar, a escuridão recua, e Des esfrega a boca, concordando com relutância.

As fadas no salão do baile piscam quando a luz retorna, seus olhares nos encontram rapidamente. E então os sussurros começam. Eles olham para Des com mais do que um pouco de medo.

Agora não são apenas os Fae da Fauna que desconfiam dele; é todo mundo aqui.

Os olhos prateados do Negociador encontram os meus. — Divirta-se amor. Eu vou sair só um minuto.

Ele sinaliza para alguns de seus soldados, que vêm ficar do meu lado, e então, com um beijo de despedida, desliza para longe com os outros governantes.

Eu vejo os quatro recuarem, seu poder sufocante saindo com eles.

Depois que eles saem, Aetherial se aproxima de mim, deixando todos os meus guardas no limite. Eu aceno para eles.

— Seu parceiro está realmente tendo problemas com todo esse negócio do vínculo, — diz ela, olhando para a porta pela qual saíram.

Eu olho para ela. É isso que está acontecendo? Ele mencionou seus instintos levando o melhor sobre ele, mas o Desmond que eu conheço sempre foi o epítome do controle.

— Ouvi dizer que os governantes da Noite entendem isso muito bem, — continua ela. — Algo sobre o sangue ancestral deles aparentemente os tornar hiperagressivos.

Des mencionou que ele descendia de dragões ou demônios. Eu suponho que qualquer das criaturas poderia causar mudanças no humor.

Seu olhar desliza para mim. — Eu também ouvi rumores de que um homem de cabelos brancos estava pegando soldados das festividades do Solstício.

Eu gemo. — Ah, você também não.

— Então você não acredita?

— Que minha alma gêmea está capturando soldados? — Eu digo. — Não, eu não acredito.

E eu quero dizer isso. Por mais cruel que seja, ele não é um monstro, não é como o Ladrão de Almas.

Eu me aproximo de Aetherial. — A verdade é que desde que eu coloquei os olhos em seu rei, eu presumi que ele é o único envolvido com os desaparecimentos.

A cabeça de Aetherial vira para mim. — Sério? Por quê?

Eu franzo a testa. — Quando fui entregue a Karnon, vi o homem que me capturou - era o *seu* rei.

— Impossível — diz ela.

— Por que você acha que Des atacou seu rei na noite em que todos vocês chegaram?

Aetherial procura por algo em meu rosto. — Você está dizendo a verdade, — ela murmura. Ela sacode a cabeça. — Mas é impossível. Eu vi a verdade do meu rei também. Ele não teve nada a ver com esses desaparecimentos.

Eu levanto um ombro, minha atenção se movendo para onde nós vimos pela última vez os governantes Fae.

Estamos todos nos voltando uns contra os outros - essa pessoa apontando o dedo para aquela pessoa, aquela pessoa apontando o dedo para outro indivíduo. A verdade é que todos nós estamos sendo manipulados pelo Ladrão de Almas, quem quer que ele seja.

O Ladrão de Almas...

Eu me viro para Aetherial. — Você não saberia a última localização conhecida dos soldados do Dia que desapareceram durante o Solstício, não é?

Ela sacode a cabeça. — Eles desapareceram por todo o palácio - principalmente fora dos jardins reais.

Principalmente fora dos jardins reais.

Os relatórios que recebi corroboram isso; eles mencionaram os homens desaparecendo nos arredores do palácio.

A única coisa além dos jardins é a floresta de carvalho sagrado da rainha, que circunda a totalidade da propriedade. Eu estive naquela floresta de carvalhos uma vez ou duas, mas mais do que isso, eu sonhei com o lugar, uma e outra vez.

O que o Negociador me disse semanas e semanas atrás?

No Outromundo, os sonhos nunca são apenas sonhos. Eles são outro tipo de realidade.

Minha pele vibra, como se fosse eletricidade passando por ela. É a

sensação que tenho como Detetive Particular sempre que me sinto particularmente perto de resolver um caso.

— Eu tenho que ir, — eu digo.

Aetherial me dá um olhar interrogativo. — Você não acabou de chegar aqui?

Eu aceno a pergunta. — Eu volto já.

O Ladrão de Almas tem caçado durante o Solstício, e agora eu sei exatamente onde encontrá-lo.

Capítulo 46

ANDO PELA FLORESTA de carvalhos sagrados da Rainha Flora, franzindo a testa para os soldados que me perseguem.

— Não é seguro para nenhum de vocês estar aqui.

Se eu tivesse pensado por um momento quando deixei o salão de baile para considerar o fato de que um punhado de soldados da Noite estaria me protegendo, eu tentaria passar por eles. No mínimo, eu teria solicitado soldadas mulheres, considerando que o Ladrão de Almas não está tentando capturá-las nos dias de hoje. Dos seis soldados que me cercam, apenas um é do sexo feminino.

— O rei ordenou que a protegêssemos, — diz um deles.

É a mesma resposta que eles me deram nas últimas vezes em que tentei me livrar deles.

Eu volto para a floresta à minha frente. Além de algumas gotas quentes de sangue na minha pele, não encontrei nada suspeito ou perturbador sobre este lugar.

Luzes de fadas pairam entre os galhos das árvores, lançando a floresta em um brilho etéreo.

— Você poderia voltar ao baile, — sugere um dos soldados.

Ugh. De volta para as fadas fofoqueiras e planejadoras? De volta a Mara com seus insultos encobertos e sorrisos frágeis, ou o Homem Verde e seus olhares?

— Me dê mais alguns minutos.

Só de pensar nos governantes da Flora, estou esfregando minha pele. Há algo de errado com esses dois.

— *Callypso…*

Eu paro. — Você ouviu isso? — Eu pergunto aos soldados.

Dois deles concordam, com os rostos sombrios. Um deles agarra meu braço.

— Hora de voltar ao baile, minha senhora.

Claro que eles estão certos, mas eu ainda hesito. Finalmente algo um pouco assustador acontece aqui, e agora eu vou ser levada para a segurança.

Eu deixo eles me conduzirem de volta para os jardins de qualquer

maneira, o que eu mal posso distinguir à essa distância.

— *Encantadora*...

Minha espinha fica rígida. Eu olho para trás, para a origem da voz. Por uma fração de segundo, vejo um choque de cabelos louros brancos na escuridão.

— Des? — Eu sussurro, antes que eu possa me impedir.

Assim que eu respiro seu nome, meus guardas hesitam, olhando de volta para a floresta atrás de seu rei. Mas onde ele estava uma vez, agora está escuro como sempre.

Um dos meus guardas grita.

Eu me viro. — O que aconteceu?

Eles olham um para o outro, cada um tão perplexo quanto o último. Demora alguns segundos para nós descobrirmos, o que exatamente está diferente nessa situação.

Um segundo atrás, havia seis soldados ao meu lado.

Agora existem apenas cinco.

— CORRA, CORRE, CORRE!

Os soldados não param para procurar pelo seu companheiro. Eles me agarram e começam a correr em direção aos jardins.

Eles não são rápidos o suficiente.

Nós mal demos dez passos quando uma enorme quantidade de videiras cai das copas das árvores, pegando um dos soldados.

Isso acontece em menos de um segundo.

Elas envolvem seus braços e ombros e o empurram para cima da copa.

— Oh, *merda*, — eu amaldiçoo.

Eu nunca vi *isso* antes.

Os pés do soldado chutam o ar vazio quando a copa das árvores o engole.

Minhas asas se abrem em reflexo.

Não vou perder outro soldado.

Antes que qualquer um dos outros possa me parar, pulo no ar. Minhas asas batem furiosamente, me levantando em direção ao guarda. Ele ainda está enrolado em videiras e elas ainda prendem seu corpo ao tronco da árvore.

Usando minhas garras, eu atravesso as plantas. Mas tão rapidamente quanto eu as atravessei, mais se formam, se enrolando em volta do soldado.

Que diabos?

Consigo soltar uma das mãos dele e, com isso, ele puxa a própria espada e começa a cortar as videiras.

Um dos ramos pegajosos se lança, envolvendo seu pulso e apertando, *apertando*. Eu ouço o barulho de seus ossos se quebrando. O soldado grita, sua arma caindo inutilmente no chão da floresta abaixo de nós.

Eu rasgo as plantas, liberando seu pulso agora mutilado. Ao fazer isso,

sinto as trepadeiras serpenteando em volta do meu próprio corpo, contorcendo meu torso.

Merda.

Eu sou empurrada para longe do guarda, meu corpo jogado no chão. Eu caio em minhas mãos e joelhos e por vários segundos eu apenas descanso lá, respirando pesadamente.

Os quatro soldados restantes se aproximam ao meu redor, me ajudando a ficar de pé.

Vários deles já têm suas asas para fora. Sem dúvidas preste a se juntarem a mim no dossel.

Eu olho para cima. Enquanto observo, as videiras enrolam completamente o soldado, levando-o à árvore.

E então – o horror dos horrores - com um rasgo molhado, o tronco da árvore se parte ao redor da fada e começa a sugá-lo.

— *Puta* merda**.**

Mais uma vez, minhas asas se abrem, mas os soldados restantes me seguram rápido.

— Precisamos sair, — diz um deles.

Mas eu não posso desviar o olhar.

Leva apenas alguns segundos para o tronco da árvore envolver completamente a fada e depois alguns segundos para que ela seja selada, começando pelos pés do soldado e subindo, deixando uma linha fina de sangue em seu rastro.

E então acabou.

Uma árvore acabou de engolir um soldado diante dos meus olhos.

Eu fiz isso. Eu conduzi esses guardas para essa floresta sinistra e agora dois homens se foram.

Eu passo vários segundos olhando para as copas das árvores e me repreendendo enquanto eles me levam embora antes que eu me lembre.

Eu sou a parceira do Rei da Noite. Eu não sou uma vítima, sou uma sobrevivente, uma lutadora.

Eu sou o pesadelo de alguém.

— Me solte, — eu digo calmamente.

Os soldados me ignoram.

— Eu disse, *m*e solte*.* — Desta vez, quando falo, sai como um comando.

— Minha senhora... — um deles protesta.

Eu começo a brilhar. — Não é assim que você trata a parceira do seu rei. Você *vai* me ouvir e *seguirá* minhas ordens.

Agora eles me ouvem. Suas mãos caem para os lados.

Eu me viro, voltando para a árvore, minhas saias balançando ao redor dos meus tornozelos. — Homens, — eu falo por cima do meu ombro, — deixem esse lugar e vão encontrar o seu rei. Não é seguro para vocês aqui.

Desta vez, eles não seguem minha ordem. Segundos depois de ordena-los, todos os quatro soldados restantes vão para o meu lado. — Nós não

estamos deixando você, — um deles diz, eu quero rosnar para eles. Certamente, eles sabem o quanto isso é perigoso para eles.

Eu empurro minha preocupação e frustração de lado. Eu só posso me concentrar em uma coisa de cada vez.

Vários metros de distância encontra-se a espada do soldado capturado. Eu agarro e enfrento a árvore que comeu um dos homens de Des.

Este foi um dia ruim para me irritar.

Eu puxo a espada para trás como um taco de beisebol, bem ciente de que não é assim que você segura uma espada.

Um dos soldados às minhas costas diz: — É contra a lei cortar...

Eu balanço a lâmina, a encaixando no tronco da árvore. Com um puxão rápido, eu tiro a espada para fora.

— Eu não estou cortando a árvore, — eu digo por cima do meu ombro.

Eu bato no tronco novamente.

— Estou salvando um dos meus guardas.

Novamente eu arranco a lâmina da casca, a madeira se despedaçando enquanto eu faço isso.

— Há uma diferença.

Na verdade, não há diferença. Claro, meu objetivo não é cortar a árvore, mas provavelmente vou cortar a filha da puta para salvar esse soldado.

A árvore geme, e eu posso ouvir os vizinhos assobiando para mim, alguns de seus galhos se abaixando e passando para o nosso grupo.

Tenho certeza que acabei de fazer inimigos com os carvalhos.

Eu olho por cima do meu ombro para os guardas nas minhas costas. — Bem, vocês todos vão ficar aí, ou vão me ajudar a salvar seu camarada?

Esse é todo o incentivo de que precisam.

O que resta dos meus guardas e eu revezamos para serrar o tronco da árvore, pedaços de casca se partindo a cada batida. A árvore começa a gritar, o som ímpio passando pela floresta.

Fazemos isso até vermos uma faixa de pele.

O soldado da Noite ainda está envolto de videiras, seu corpo enrolado dentro do núcleo da árvore.

Isso não é uma visão que você vê todos os dias.

Largo minha espada e junto com meus guardas tiramos o soldado tossindo do coração da árvore.

Ele arfa, arrancando raízes finas e esguias que parecem ter se encaixado *de baixo* de sua pele e em suas veias.

— Obrigado, — ele chia para seus companheiros, apertando um deles no ombro. Seus olhos se movem sobre o grupo até que eles me encontram.

O guarda resgatado se levanta, tirando a terra e cascas fora de si mesmo. Ele se ajoelha diante de mim, pegando minha mão e a pressionando contra sua testa. — Eu te devo mais do que apenas minha lealdade, minha rainha. Eu juro que, enquanto eu viver, meu escudo e

minha espada irão protegê-la. Minha vida é sua.

Capítulo 47

O CARVALHO QUE NÓS destruímos está fazendo barulhos estranhos e ofegantes, e seus vizinhos se acalmaram por enquanto. As videiras que outrora prenderam o soldado agora se acumulam no núcleo da árvore, murchando.

Os soldados, enquanto isso, estão cuidando de seu companheiro, me deixando para avaliar exatamente o que aconteceu.

Uma voz me chamou, vi a semelhança de Des e depois dois soldados desapareceram, um que recuperamos, o outro que ainda está desaparecido. A sequência de eventos é assombrosamente semelhante aos contos que foram contados.

Eu me viro para as outras árvores que nos cercam. Nunca estive tão enjoada da cor verde na minha vida.

Mas o verde não é a única cor nesta floresta. Sangue escuro escorre por muitos dos galhos ao meu redor, transformando a madeira sagrada em algo macabro que eu provavelmente veria em Memnos, a Terra dos Pesadelos.

Um pensamento ímpio me atinge.

Os homens que estão desaparecidos…

Eu vou até onde eu deixei cair a espada do soldado. Pegando de novo, eu me dirijo a uma árvore particularmente sangrenta a vários metros de distância. Mais uma vez eu levanto a arma.

— Minha senhora, — a mulher falar atrás de mim, — derrubar uma árvore para salvar um soldado já é ruim o suficiente. Cortar outra será visto como um ato de guerra.

Muito ruim para Mara, ela já fez um juramento de paz com o reino de Des.

— Eu não dou a mínima para como a Rainha da Flora verá isso.

Eu rolo meu pescoço e depois puxo a espada para trás e dou um giro. A lâmina se encaixa no tronco grosso, algo quente e úmido saindo da ferida.

A árvore grita - o som é como um porco gritando - quando eu a corto.

Eu arranco a lâmina da casca. Do corte, o sangue escorre.

Árvores sangrando. Que visão horrível e medonha.

Ninguém mais se atreve a se juntar a mim, apesar de todos eles assistirem avidamente.

Eu ataco de novo e de novo, ignorando a tensão em meus braços. Cada golpe sucessivo quebra um pouco mais a casca, espalhando pedaços de madeira e pedaços de sangue. A árvore continua a gritar, seu dossel sussurrando.

Estou coberta de sangue. Ele salpica meu cabelo e pinta meu rosto, me lembrando daquela fatídica noite anos e anos atrás, quando enfrentei meu padrasto... o enfrentei e o observei morrer.

Lentamente, mas seguramente a casca endurecida do carvalho dá lugar ao seu núcleo macio. Começo a usar minhas garras para rasga-lo, ignorando cuidadosamente o fato de que minhas mãos agora estão cobertas de sangue. Com um rasgo final, desenterro exatamente o que eu temia.

No coração da árvore, coberto de sangue e uma teia de raízes está um homem adormecido.

É ABSOLUTAMENTE ASSUSTADOR, olhar para o rosto de um homem que está desaparecido por quem sabe quanto tempo, os braços cruzados sobre o peito, como se alguém tivesse o deitado.

Ao contrário do soldado da Noite que acabamos de recuperar, esse homem parece estar aqui há um tempo particularmente longo. As videiras enroladas em volta dele agora se fundiram e seu longo cabelo está emaranhado na pele.

Qualquer que seja a cor que seu uniforme original tenha, agora está carmesim mergulhado em sangue. Mas eu não preciso distinguir a cor do uniforme dele para descobrir a qual reino ele pertence. Os chifres de íbex curvos indicam que ele é um soldado da Fauna.

— Há uma festa de corte de árvores e eu não fui convidado? — Uma voz familiar diz nas minhas costas.

Eu me viro.

Des se inclina contra um carvalho vizinho, me observando com aqueles olhos que veem tudo, seus cabelos brancos se mexendo na brisa.

Seus braços estão cruzados sobre o peito, seus bíceps parecendo maciços e suas tatuagens particularmente ameaçadoras. Eu tenho que me lembrar que as três faixas de bronze em seu outro braço são valiosas porque, agora, mesmo vestindo trajes fae, ele simplesmente parece o Negociador, o homem que faz acordos para ganho próprio e quebra ossos por insultos contra mim.

— Se a minha parceira quer violar a lei, ela deveria *pelo menos* me convidar, — diz ele, se afastando da árvore.

O rosto dele muda segundos depois, quando ele observa a cena.

— O que aconteceu? — Des pergunta, todo o humor desapareceu de sua voz.

Eu limpo minhas mãos ensanguentadas no meu vestido. — Acho que encontrei os soldados desaparecidos.

Capítulo 48

DES DESAPARECE, SE MATERIALIZANDO ao meu lado um momento depois. Ele examina o homem dormindo na árvore.

— *Mara*, — ele sussurra.

Mara, a vaidosa Rainha da Flora, tem escondido homens em sua floresta de carvalhos sagrados, um dos lugares onde é proibido derrubar uma árvore.

Não é de se admirar que ninguém tenha encontrado os soldados - eles estavam escondidos no único lugar que não podia ser perturbado. Apenas uma forasteira como eu seria ignorante e corajosa o suficiente para profanar este bosque.

Eu sinto a respiração da magia de Des um segundo antes de atingir as videiras. A árvore grita enquanto escurece e se deteriora, as videiras que seguram o homem rapidamente agora se desenrolam.

Movendo com a mão, a magia do Negociador arrasta o soldado adormecido para fora da árvore. As videiras gemem e se rompem quando o homem é solto.

Seu corpo está coberto de sangue como se fosse um bebê novo, quando a magia de Des o coloca na grama. E de certa forma, isso é um renascimento sombrio.

— As árvores sangrando, — eu digo para Des. Cada uma deve abrigar um soldado desaparecido, seu corpo encapsulado dentro dela.

O Negociador concorda. — Eu sei, querubim. — Seus olhos encontram os meus.

As plantas não estão apodrecendo de uma doença - elas são caixões.

Des se inclina sobre o soldado adormecido, seus olhos vasculhando o homem. — Ele está como as mulheres. — Um músculo em sua bochecha mexe.

As árvores começam a farfalhar e a tremer quando o vento começa a subir. Levantando meu cabelo e o chicoteando.

— Mara está vindo, — diz Des, sua voz ameaçadora.

Minha pele se arrepia. Esse tempo todo foi a Rainha da Flora que estava por trás dos desaparecimentos dos homens.

O vento aumenta a velocidade, começando a arrancar as folhas dos

galhos.

Eu sinto mais do que ouço sua proximidade, sua magia engrossando o ar com aromas de pinheiros e madressilvas.

Quando eu finalmente a vejo, o vestido dela está chicoteando atrás dela, seu cabelo vermelho brilhante ondulando ao redor dela como uma coroa de fogo. Nas suas costas, um regimento de guardas a segue, seus rostos solenes.

— *Quem golpeou uma das minhas árvores?*

Golpeou - como se fosse um homem e não uma planta. Talvez para ela fosse. Talvez essas árvores sejam muito mais amadas do que os homens que dormem dentro delas.

Eu me endireito quando ela se aproxima do nosso grupo.

Os olhos de Mara se movem para a árvore que acabo de demolir, e seu gemido baixo se mantém no vento, subindo cada vez mais alto até se tornar um grito agudo.

— Meu carvalho sagrado!

Por um momento, somos esquecidos. Ela corre para a árvore e cai de joelhos ao pé dela, as mãos indo para o tronco ensanguentado.

Agora, provavelmente, não é a hora de dizer a ela que derrubamos dois carvalhos, não um.

Ela não dá nem um olhar ao soldado adormecido deitado perto dela.

— Eu nunca pensei que seria você, — Des diz silenciosamente, ameaça montando sua voz.

Suas asas estalam, as garras brancas como ossos brilhando na escuridão. As sombras estão se juntando em volta dele.

A cabeça de Mara ainda está curvada. — Você entrou no palácio do Rei da Fauna e o corrompeu. Eu te convidei para o meu reino e você se atreveu a fazer o mesmo. Primeiro com meu harém e agora com minha floresta sagrada.

Em torno de nós, ouço raízes e galhos começarem a estalar e mexer.

— Você pensou que prometer paz entre nossos reinos lhe daria imunidade. — Seu cabelo começa a chicotear sobre ela enquanto seu poder aumenta, o perfume floral agora se misturando com o cheiro enjoativo de podridão. — Você. Pensou. E*rrado*.

Mara grita e cem raízes e trepadeiras diferentes se lançam em nossa direção. Des pisa na minha frente, e sombras explodem dele, apagando as luzes das fadas e bloqueando os céus acima. As raízes murcham e morrem antes que possam fazer mais do que acariciar minha pele.

Tudo está escuro como tinta. Eu não posso diferenciar cima de baixo, à esquerda da direita.

Não há solo, nem floresta, nem soldados, nem céu. Nada além da noite primordial.

Da escuridão, eu ouço Des rir. — Ah, Mara.

O ar se enche de poder, e a rainha das fadas grita.

BOOM!

A terra treme enquanto Mara solta outra onda de sua magia.

— Isso é o melhor que você tem? — Des provoca um momento depois.

Eu não posso dizer o que está acontecendo, só posso supor que os dois governantes estão lutando.

A magia no ar se eleva de novo - e de novo e de novo.

— *Callypso…*

Os cabelos da minha nuca estão arrepiados. A voz de Des me chama de uma direção totalmente diferente de onde eu supus que ele estava.

— *Encantadora...*

Eu giro ao som de sua voz.

Do nada ao meu redor, uma figura aparece à distância. Des me observa de longe, não chegando mais perto.

E, no entanto, juro que posso senti-lo ainda se envolvendo com a Rainha da Flora em algum outro lugar na escuridão.

Des me chama em direção a ele. Quando eu não me movo, ele se vira e se aprofunda na escuridão.

O que está acontecendo? Isso é uma ilusão? Isso é real? O que acontece se eu o seguir?

O que acontece se eu não seguir?

Por impulso, começo a me mexer, olhando por cima do ombro. Eu não sei porque me incomodo. Além de Des, não há nada aqui além de escuridão sem fim. Eu entendo agora porque um dos títulos de Des é o Rei do Caos. Este mundo de noite perpétua poderia enlouquecer uma pessoa.

Lentamente, no entanto, as sombras dão lugar à floresta mais uma vez. Não é até que eu possa ver as luzes de fada no alto que eu olho atrás de mim. Uma onda de escuridão ainda envolve a floresta. Dela posso ouvir gritos e grunhidos fracos.

Quando eu giro de volta, meu parceiro espera por mim ao longe, cercado por aqueles carvalhos sangrentos.

— Des, — eu digo, confusa.

Como ele pode estar em dois lugares ao mesmo tempo?

— Quão bonita você é, — diz ele.

Novamente meu arrepio se ergue. Algo sobre a voz dele está... errado. Mas o que?

— Callypso Lillis, a encantadora, — diz Des, caminhando para a frente.

— Des, o que está...? — Minhas palavras morrem quando ele se aproxima.

Aquele cabelo, aqueles olhos - é uma imagem cuspida de Des. Mas a forma de seu rosto é um pouco mais quadrada, e a curva de sua boca é um pouco mais cruel.

Não é Des!

Eu dou um passo atrás.

— Eu queria conhecê-la faz algum tempo.

Meu coração está trovejando, meu olhar se movendo das orelhas

pontudas da fada para o cabelo branco e a estrutura esculpida.

Não é Des, mas similar.

O corpo deste homem é um tom mais compacto do que o meu parceiro, a sua estrutura é um pouco mais magra.

Apesar das incongruências, eu o reconheço dos meus sonhos.

…Sonhos nunca são apenas sonhos…

— Quem é você?

Ele desaparece, apenas para se materializar atrás de mim.

— Um fantasma.

EU ME VIRO, esperando vê-lo nas minhas costas, mas não há ninguém lá. Eu giro em um círculo completo, mas o homem que poderia ser o sósia de Des se foi.

— Então o Bastardo de Arestys encontrou uma parceira humana. — A voz do homem vem de cima de mim. — E aqui estava eu, pronto para ter pena dele.

O Bastardo de Arestys… eu ouvi isso de algum lugar…

— Mas você não é nada de comum, — continua ele. — Uma humana com asas e escamas. Uma sirene que consegue enlaçar os mortais apenas com a voz dela.

— Até mesmo eu poderia ter feito uma exceção para uma mortal como você.

Eu olho para o dossel acima de mim, tentando rastrear sua voz.

— Como você me trouxe aqui? — Eu pergunto. *Como ninguém sentiu você?* Des governa a escuridão e tudo nela.

A fada ri. — No momento em que seu parceiro estava aprendendo truques na escuridão, eu já as dominava.

Eu olho em volta de mim, tentando identificar a voz do homem. Maldito, ele continua se movendo.

— O imprudente governante da Noite é tudo o que ele é por minha causa - mas não por muito tempo.

A fada reaparece na minha frente, brandindo uma adaga.

— Merda. — Eu recuo apenas quando ele passa a lâmina em meu peito. Seda rasga quando sua lâmina corta meu vestido, e uma linha de sangue floresce em seu rastro, penetrando no material desgastado.

A dor aguda e a adrenalina são o suficiente para chamar minha sirene. Minha pele se ilumina e, *simmmm*, sinto minha maldade aumentar.

O homem se afasta, seus olhos me absorvem. — É uma pena matá-la quando eu podia mantê-la como animal de estimação.

Suas palavras são exatamente o que preciso para me empurrar para o limite.

Eu vou até ele, sentindo o poder caótico e selvagem com o qual nasci.

Homens como ele morrem pelas minhas mãos.

Eu ataco ele. Esquerda, direita, meus instintos agora reforçados pelo

meu treinamento.

Ele evita os golpes, seus olhos brilhando como o de Des sempre brilha quando fica excitado.

A fada desaparece.

Eu giro apenas quando ele aparece nas minhas costas, me atacando com sua adaga.

Oh Deus, ele não só se parece com Des, ele luta como ele também, desaparecendo e se manifestando à vontade.

Eu levanto meu braço, bloqueando o ataque, e então eu agarro seu pulso, torcendo com todas as minhas forças.

Ele pisca para fora da existência, mas não antes de soltar sua arma.

Eu a pego do chão enquanto ele se materializa nas minhas costas. Eu consigo me esquivar do punho dele por pouco, mas não consigo evitar o seu chute nas minhas costas.

Eu gemo, me espalhando pela grama. Adaga ainda na mão, eu luto para ficar de pé, incapaz de me rolar por causa das minhas asas desajeitadas.

Antes que eu possa me levantar, eu sinto o punho do meu atacante se enrolar no meu cabelo. Ele puxa minha cabeça para trás. Com um grito, eu me viro, me contorcendo e batendo com minha lâmina roubada. A adaga corta o ar, acertando o lado do meu atacante.

Assobiando no ar, ele solta meu cabelo e se afasta.

Eu giro para encará-lo, meus pulmões arfando.

Quase atordoado, ele toca o lado dele. Ele olha para os dedos ensanguentados, chocado.

A sede de sangue surge em mim.

Eu me levanto, minhas asas ondulando em uma demonstração de poder.

O rosto da fada se transforma, tornando-se sinistro. — Você me cortou.

Eu sorrio para sua raiva e suas palavras.

Vou tomar e tomar e tomar até que essa fada não seja nada além de celulose e ossos.

Meu entorno escurece.

— Querubim, — Des diz, aparecendo ao meu lado e arrastando a escuridão junto com ele, — o que você está fazendo aqui...?

Suas palavras morrem quando ele avista meu atacante. — *Você*.

Em frente a nós, a boca cruel da fada se curva.

— Olá, meu filho.

Capítulo 49

FILHO?

Mas o pai de Des deveria estar...

— Você morreu pela minha espada, Galleghar, — diz Des. Ele olha para a fada como se fosse um fantasma. Pelo que parece, ele *é* um fantasma.

Seu pai - *Galleghar* - inclina a cabeça. — Eu morri?

Meus olhos se movem entre os dois homens. As semelhanças entre eles são inquietantes. Não é de se admirar que houvesse tantos rumores de que Des fosse a última pessoa vista com os soldados desaparecidos. Seu pai tem assombrado esses bosques.

— *Desmond*! — Mara grita de algum lugar à distância. — *Covarde*! *Volte e termine a luta*. — Ela parece uma mulher quebrada.

Galleghar usa a distração momentânea para desaparecer. Um segundo depois, o ar atrás de mim se agita. Esse é todo o aviso que recebo.

Os braços da fada se envolvem em volta de mim. Um segundo depois, estou de pé e vou para o céu. Ele nos impulsiona alto no ar da noite.

— O que você acha que seu parceiro deseja mais - amor ou vida? — Ele sussurra em meu ouvido enquanto meu parceiro vem atrás de nós.

Eu luto contra ele. Mais alto e mais alto, nós dois vamos para o céu.

— Por que não descobrimos? — Diz o pai de Des.

Seus braços se abrem e, abruptamente, escorrego deles.

Eu ouço Des gritar enquanto giro no céu.

No momento, minhas asas podem muito bem ser inúteis. Eu não consigo me orientar, e o bosque de carvalho está ficando cada vez maior abaixo de mim.

De repente, eu estou fora do ar e nos braços de Des.

— Eu peguei você, — diz ele.

Assim que ele fala, Galleghar aparece nas costas do Negociador, com as mãos apoiadas nas asas de Des. Ele as puxa bruscamente e ouço o estalar dos ossos.

Ele quebrou as asas do meu parceiro!

Des grita em agonia e raiva, aquelas asas enormes se dobrando em um ângulo não natural. E seu pai, seu maldito pai, ri, desaparecendo tão rapidamente quanto apareceu.

O Negociador enfia as asas quebradas ao meu redor enquanto nós dois caímos, tentando me proteger do dano, apesar de ele estar ferido.

Vários segundos depois, nós batemos nas copas das árvores, e Des grunhe quando ele recebe toda a força da queda. Nós dois caímos de galho em galho até finalmente atingir a terra abaixo.

Eu gemo enquanto olho para Des. Seus olhos estão desfocados com a dor, mas ele se levanta sem hesitar, me puxando com ele.

— Indo tão cedo? — Galleghar aparece em um galho diante de nós.

Mesmo maltratado e quebrado, sinto a fúria de Des. Meu parceiro normalmente contido está perdendo seu longo controle praticado.

As sombras se juntam e se espalham pela floresta.

O homem acima de nós pode ter criado meu parceiro, ele pode até saber alguns truques que Des não sabe, mas agora a escuridão está se curvando a vontade do Negociador, não do pai.

Todo o corpo de Des treme com raiva reprimida. Eu posso *sentir* essa ira sobrenatural se agitando sob sua pele.

— Como você escapou da morte? — Des exige.

Galleghar dá ao filho um olhar indulgente. — Como o Senhor dos Segredos, você deveria saber melhor do que perguntar. — Ele pula para fora do galho, e eu tenho a minha primeira boa olhada nas asas espalhadas atrás dele.

Elas podem ser cópias de carbono das próprias asas de Des, exceto que as garras de Galleghar parecem um pouco maiores, sua envergadura pode ser um pouco mais estreita, e a pele de suas asas é de fuligem negra, não de prata. Elas se dobram atrás dele quando seus pés batem no chão e ele começa a caminhar em nossa direção.

— Como eu ansiei por essa reunião, — diz ele. — Como eu vou saborear matar você. — Seus olhos pousam em mim. — Talvez eu seja misericordioso e mantenha sua parceira para o meu novo harém - vou salvá-la apenas para meus atos mais indescritíveis. Reis têm suas necessidades.

Ok, esse filho da puta precisa ser *destruído*.

Des me liberta lentamente, dando um passo à frente. Escuridão escorre dele em ondas.

Galleghar desaparece no instante seguinte, reaparecendo bem na frente de Des, seu braço inclinado.

O Negociador evita o golpe e, em seguida, agarra o colarinho da camisa de Galleghar e enfia o punho no rosto de Galleghar. Antes de ele acertar o golpe, os dois homens desaparecem. Eles se materializam no céu acima de mim, lutando enquanto caem. E então eles desaparecem mais uma vez, piscando para dentro e para fora da existência de novo e de novo.

Meu coração já tremendo se aloja na minha garganta. Meu parceiro é poderoso, mas ele está lutando contra o único homem que pode ser seu par. E, ao contrário de seu pai, as asas de Des estão quebradas.

Eu ouço os dois leviatãs rugindo enquanto eles lutam, o mundo

tremendo com as palmas de poder enquanto suas magias se encontram.

Nunca me senti tão inútil como me sinto agora, enquanto eu olho para o céu.

— Ele vai ficar bem.

Eu pulo quando o Homem Verde sai da floresta escura, sua pele verde brilhando suavemente ao luar.

— O que você está fazendo aqui? — Eu pergunto, recuando um pouco.

Eu entrei na floresta procurando por respostas. Até agora, só encontrei mais perguntas.

Ele vem até mim, estendendo a mão para acariciar minha pele escurecida.

—Você é totalmente singular, — ele diz, seu dedo se movendo sobre as escamas que cobre meus braços. Seus olhos se movem para os meus. — Acho que me tornei bastante... *fascinado* por você.

Eu me afasto dele, fazendo uma careta. — Onde está Mara? — Eu pergunto, olhando por cima do ombro dele.

Algo sobre esta situação está estranha, mas o que?

— De luto sobre suas amadas árvores, — diz ele, não tirando os olhos âmbar de mim. — Eu admito, fiquei totalmente excitado quando você derrubou aqueles carvalhos. — Ele balança a cabeça. — Essa sua lógica humana bruta de fato agita as coisas por aqui.

O Homem Verde estica a mão para mim novamente. Eu dou um tapa na mão dele. Eu recebo um sorriso nefasto. — A única esposa que eu não pude ter, a única alma que eu não pude reivindicar.

Minha pele fica fria. —Do que você está falando?

— Você sentiu minha falta enquanto eu estava fora? — Ele começa a andar ao meu redor. — Esperei ansiosamente conversar com você desde o nosso último pequeno encontro no Reino da Fauna.

Capítulo 50

EU LEVEI DES e eu para uma armadilha. Uma que eu não consigo entender.

O pai de Des de volta dos mortos e o Homem Verde alegando ter memórias que ele não deveria.

O Homem Verde alisa sua camisa, olhando para seu corpo. — Esse maldito sanguinário morreu há *muito* tempo.

Eu engulo, começando a ir para trás.

— Nas profundezas da floresta, o Homem Verde encontrou um estranho que queria colher a fruta mais peculiar. — O Homem Verde - ou seja lá quem for esse cara - ri. — O fraco tentou me derrubar. — Ele me lança um sorriso malicioso. — Mas eu sou uma coisa difícil de matar.

— Ele morreu, eu vivi e de fato colhi a fruta mais magnífica. — Ele levanta as mãos, apontando para as árvores ensanguentadas ao nosso redor.

Ele era responsável pelos desaparecimentos?

Estou com vontade de alcançar debaixo da bainha do meu vestido e pegar minhas adagas. Lentamente, minha mão se move para as minhas saias. Eu começo a subir o material devagar.

Mantenha-o distraído.

— Como você escondeu isso de Mara? — Eu pergunto.

Não é de se admirar que a Rainha da Flora estivesse totalmente desinteressada em seu parceiro. Quem quer que seja esse homem, não parece que ele é o verdadeiro Homem Verde. O que significa que ela está vivendo com um impostor por quem sabe quanto tempo.

Ele ri. — Você quer dizer as árvores dela sangrando? Ela pensou que eles estavam morrendo com a podridão - o que elas estão - e ela tentou escondê-las de seu reino. Fato pouco conhecido: árvores morrem quando os governantes da Flora são muito fracos para sustentar seu reino. Ela temia que estivesse perdendo o controle de seu reinado.

Eu continuo a recolher o tecido da minha saia na minha mão.

— E Karnon? —Eu pergunto. — Como você se infiltrou no reino dele?

Os olhos do Homem Verde brilham. — Ah, Karnon. Aquele rei louco e esperto foi minha maior conquista até agora. Entrar em uma pele ainda

não morta... Foi um esforço, para dizer o mínimo.

Minha pele se arrepia. Como eu não pude ter percebido antes o *erro* persistente nesse homem?

— Mas, como você viu, os corpos vivos têm suas desvantagens. Eu lutei com a mente dele pelo domínio do corpo, e nem sempre ganhei.

A personalidade dividida de Karnon! O rei louco ainda estava lá quando este ladrão de corpos tomou conta.

Mas… *como?*

O Homem Verde continua falando, inconsciente dos meus pensamentos. — Aquele animal fez você do jeito que ele queria para escapar de mim. Ele buscou um fim para sua vida provocando o Rei da Noite, e que melhor maneira de fazer isso do que prejudicar a parceira do Rei da Noite?

Eu subi quase toda a minha saia. Tão perto das minhas adagas.

— O que você *é*? — Eu pergunto.

Por um segundo, seu corpo se transforma. Cabelo e olhos pretos substituem os do Homem Verde. Sua pele empalidece, suas feições se tornando sinistras.

Aqueles olhos, aquela boca carnuda e cabelos entrançados. Eu já vi esse rosto antes! É o do homem de cabelos negros do meu pesadelo mais recente.

— O que realmente é um corpo? — diz ele. — Algo que o limita, algo que perece.

A ilusão se dissipa e ele é o Homem Verde mais uma vez.

— Eu tenho mil olhos e ainda mais almas. Eu sou o que acontece quando até a escuridão morre. Olhe para mim e veja a verdade.

Eu olho para ele. Eu não consigo tirar meus olhos dele. Esse é o homem que escondeu milhares de soldados e estuprou mais milhares de mulheres.

O Ladrão de Almas.

Capítulo 51

EU DESESPERADAMENTE AGARRO uma das minhas adagas. O metal faz um som liso quando eu o puxo para fora do coldre da minha coxa.

Ele sorri com a visão. — Vamos lá, Callypso. Não te avisei que me matar é inútil?

— Fique longe de mim, — eu o aviso, levantando a arma.

— Infelizmente, eu não posso. Você, meu doce, me apresentou um problema único, — ele esfrega sua mandíbula enquanto fala. — Uma profecia exige que você morra para que eu consiga o que eu quero, mas se você morrer, você estará além do meu alcance.

Acima de nós, o céu estremece enquanto meu parceiro batalha com o pai.

— O que é que você quer?

Ele sorri novamente, a visão me perturbando. — É, você gostaria de saber. Resolva essa chara: — ele diz, — por que um ladrão como eu roubaria tantos soldados igual eu roubei?

Essa é uma das muitas coisas que eu nunca consegui descobrir sobre esse mistério.

— Pense nisso, encantadora.

— Não me chame assim.

— Você prefere escrava? — Pergunta ele. — Pessoalmente, acho que você parece inadequada para o título, mas se é isso que você deseja...

Eu começo a ir para trás. — Eu não entendo, o que Galleghar tem a ver com isso? — Pergunto. Mesmo agora o céu troveja com os sons do pai e do filho.

O Ladrão de Almas agora sorri. — Há uma profetisa antiga que pode responder a essa pergunta - por um preço. De um jeito ou de outro, você vai descobrir.

Eu luto contra a próxima pergunta que sai dos meus lábios. Eu sei que não adianta perguntar; nenhuma resposta será boa o suficiente. Eu pergunto de qualquer maneira.

— Por que você está fazendo isso?

Seus olhos parecem dançar. — Talvez seja hora de você aprender mais sobre mim, como eu aprendi sobre você. — Ele estende a mão para mim

novamente, segurando minha bochecha.

Toda a minha confusão, todo o meu medo e raiva, puxa a sirene de suas profundezas.

Enquanto minha pele se ilumina, eu ataco o Homem Verde com minha adaga, saboreando o momento em que a lâmina encontra a carne.

Uma fada normal teria se encolhido da dor, mas ele não reage. Nem se incomoda em mexer a mão dele. Ele apenas continua falando. — Eu tenho um problema, encantadora. Embora eu te ache requintada, você está além do meu controle. Há, no entanto, um remédio para isso.

Movendo-se tão rápido que mal posso o seguir, ele agarra meu braço que segura a adaga e o torce.

Eu solto um grito, meio de dor, meio de raiva. Levanto meu calcanhar e bato meu pé no peito dele, jogando-o para longe.

Ele ri, o som como unhas em um quadro negro. Ele segura minha adaga.

— Perdeu alguma coisa?

MERDA.

Apressadamente, eu alcanço minha adaga restante. Meu vestido já está sangrando e rasgado. Eu pareço um fantasma, um que veio assombrar esses bosques amaldiçoados.

Minha mão se fecha no cabo de labradorite da arma e eu a puxo para fora.

Des e seu pai continuam a duelar em cima, o ar denso com a magia deles.

Eu mudo meu peso, jogando minha adaga de mão em mão. Em algum lugar ao longo do caminho, fiquei confortável com a arma.

O Ladrão sorri e, em seguida, ele avança.

Ao contrário do pai de Des, o Ladrão de Almas não pode aparecer e desaparecer à vontade. Ele pode, no entanto, aproveitar o poder do Homem Verde.

Os carvalhos começam a assobiar e sacudir, seus grandes corpos se curvando para mim.

Eu me esquivo e evito os ataques enquanto eu fico de frente com meu oponente, meu corpo vibrando com energia.

Eu posso fazer isso o dia todo.

Quando chego ao alcance de um braço, ataco o Ladrão com a adaga, que passa pelo seu peito. Eu sigo o ataque com minhas garras, cortando sua bochecha.

Seu sangue parece gritante contra sua pele verde pálida.

Mais. Eu quero mais.

Eu tenho sede de vê-lo sangrar. Para vê-lo morrer.

A visão de todo esse líquido escuro me deixa em um frenesi. Eu me movo com uma graça fluida, parando os golpes do Ladrão com minha

lâmina, cortando e chutando com o resto do meu corpo.

Leva alguns minutos para cobrir a fada em seu próprio sangue.

Isso é poderoso.

Tolo da parte dele em lutar comigo.

— Você vai ter que lutar um pouco mais, se você realmente quer me machucar, — eu provoco o Ladrão.

Ele sorri. — Isso pode ser arranjado.

Momentos depois, Mara entra na nossa clareira, parecendo um pouco pior pelo desgaste. As flores no cabelo dela estão murchas, ela tem manchas de sujeira na bochecha e suas roupas estão quase tão manchadas e rasgadas quanto as minhas.

Leva-lhe dois segundos para estudar a cena. O Homem Verde - seu parceiro - coberto de sangue, duelando com a mulher humana que golpeou suas amadas árvores.

— *Você*, — ela praticamente rosna para mim.

As videiras vêm até mim de todos os lados, e tudo o que posso fazer é destruí-las com minhas garras e adaga. E ainda assim, mais vem para mim.

Já não estou lutando contra o Ladrão de Almas, só estou me defendendo dos ataques de Mara. Bem no meio da confusão, ele caminha na minha direção.

O Ladrão corre a lâmina pela minha bochecha, depois pelo meu braço. — Tão sanguinária. Eu *não* fazia ideia.

Eu tento o atacar, e ele se esquiva facilmente.

— Parceiro, — Mara chama o ladrão, — o que você está fazendo?

— Exigindo nossa vingança, — diz ele por cima do ombro.

Isso parece apaziguá-la. As plantas ao meu redor continuam me prendendo no lugar, me apertando devagar.

O Ladrão de Almas arrasta minha adaga pela minha outra bochecha, cortando a carne. Sinto uma breve picada e depois a sensação quente de sangue escorrendo pelo meu queixo. — O único problema é que, no momento em que eu realmente te machucar, seu parceiro estará em cima de mim. — Ele bate a parte lisa de sua lâmina contra o meu nariz. — Mas eu acho que eu achei uma solução.

Eu poderia muito bem ser uma mosca presa em sua teia. As videiras me dominaram completamente. Meus braços estão presos ao meu lado. Eu ainda seguro minha lâmina remanescente, mas não consigo me mexer o suficiente para arrumar um jeito de sair das minhas amarras.

Ele se inclina para perto. — Por que eu não explico exatamente o que planejo para você?

— Neste momento, minha magia é incompatível com a sua, e isso estraga toda a minha diversão. Mas não tem que ser assim - não se você beber uma certa coisa.

— Você já ouviu falar que o vinho lilás, o mais raro dos elixires das fadas, pode não apenas dar longevidade aos mortais, mas também curar

os feridos?

Eu afino meu olhar.

— É uma cura de todos os tipos, e se você beber, bem, então, você seria *capaz* de ser vítima do meu poder, e sua alma... sua alma poderia ser minha para ser tomada.

Esse doente.

— Eu poderia apenas dar o vinho para você aqui e agora, mas — ele parece muito vertiginoso — Eu tenho uma idéia ainda melhor.

Ele levanta minha lâmina para os olhos, a inspecionando. Seu olhar chicoteia para o meu.

— Isso pode doer.

Com um movimento rápido, ele enterra a faca no meu intestino.

Capítulo 52

EU ENGASGO, MINHA pele brilhando ainda mais.

Muita dor!

Atrás de nós, Mara ofega, suas videiras se afrouxando. — O que você está fazendo? —Ela pergunta, horrorizada.

Em vez de responder, o Ladrão puxa a adaga para cima. Meu corpo estremece quando ele corta videiras, carne e órgãos. Eu solto um grito, meu encanto fazendo o grito soar lírico.

À distância, Des rugi, o som eclipsando todos os outros. Em um instante, ele está lá na floresta conosco, ensanguentado, quebrado e com raiva.

Ele arrasta o Ladrão de Almas para longe de mim, jogando-o no chão com um grito enfurecido.

Sinto as videiras de Mara me soltarem e caio de joelhos.

O ambiente ao meu redor está escurecendo, e eu não sei dizer se é o Negociador que está fazendo isso, ou se estou tão perto de desmaiar.

Não posso apagar.

Vagamente, estou ciente de que Mara está observando a cena se desenrolar e que Galleghar, onde quer que esteja, não se juntou ao nosso grupo. Mas mais do que tudo, estou ciente do meu parceiro e do Ladrão de Almas.

O Negociador pisa na panturrilha do Ladrão, quebrando o osso.

— Eu poderia te escalpelar vivo, ou remover suas entranhas e fazê-lo comê-las, — diz Des enquanto ele quebra a outra panturrilha do Ladrão. — Ou talvez eu deva começar com seus dentes e unhas?

Mara grita. — Por favor, Des, não!

— Ele machucou minha parceira, — Des rosna. — Por lei, eu tenho direito a retribuição - e eu farei isso! — Suas asas quebradas tremem.

O Negociador parece um deus sombrio; nunca pareceu tanto do Outromundo igual agora. E eu mal posso vê-lo através da minha visão sombria.

Eu agarro o corte no meu estômago, o sangue saindo dele. Eu posso me sentir enfraquecendo a cada respiração que tomo.

Mortalmente ferida. Eu posso ter alguns minutos.

E a agonia! Eu aperto meus olhos e engulo minha bile.

Des circula a fada, olhando para o Ladrão. Ele levanta a mão, a terra escurecendo.

Eu sei o que acontece agora. É a mesma coisa que aconteceu quando Karnon enfrentou meu parceiro.

Aniquilação total.

— *Pare!* — Mara chora.

Ela também sabe disso. Ela está muito longe da rainha arrogante que conheci há uma semana, suas roupas arruinadas, seu rosto confuso, seu orgulho em farrapos.

Eu me levanto, segurando meu estômago. Cada passo é pura agonia, mas eu me forço para frente. Eu envolvo minha mão ao redor do cabo da adaga enterrada dentro de mim.

Não pense nisso.

Os olhos de Des se arregalam quando ele vê o que estou prestes a fazer. — *Callypso, não...*

Eu puxo a lâmina para fora, engasgando com a dor, a náusea e os gritos que devem estar saindo de mim. Uma torrente de sangue jorra da ferida, me fazendo balançar em meus pés.

Algumas das sombras - *as sombras de Des* - estão retrocedendo, mas um tipo diferente de escuridão puxa as bordas da minha visão.

Morte.

Meu parceiro está ao meu lado em um instante, renunciando à sua vingança por amor. Ele pressiona a mão no meu estômago. Em poucos segundos, seus dedos estão cobertos com o meu sangue.

— Querubim, o que você está fazendo? — Ele pergunta, sua voz rasgada.

Eu encontro seu olhar esmagado. Ele é um homem que está assistindo tudo pelo o que ele viveu escorregar pelos seus dedos.

Até ele teme que eu vou morrer.

Eu posso vê-lo desesperadamente se apegando à sua raiva, porque se ele a deixar ir... é um longo caminho para cair, e o abismo que o engoliria - iria arruinar o mundo.

— Me solte, Des. — Há aço nas minhas palavras.

Sem palavras, c*om relutância*, ele me libera.

Eu cambaleio para frente, até onde o Ladrão está esparramado no chão. Ele conseguiu se virar de costas. Seus olhos se movem para o meu ferimento.

Eu me ajoelho ao lado dele. — Você roubou milhares de soldados de suas vidas. Você roubou eles e suas famílias e seus amigos. — Todos aqueles soldados que se tornaram vítimas como eu, seus corpos enterrados no coração das árvores ou colocados para descansar dentro de caixões de vidro.

Ele engole, um pouco de sangue escorrendo pelo canto dos lábios. —

Você não vai...

Em um movimento rápido, eu puxo meu braço para trás e enfio minha adaga profundamente no coração do Ladrão de Almas.

Mara grita em algum lugar atrás de mim, soando como se, com aquele único golpe, eu a esfaqueasse também.

O Ladrão de Almas ri, mesmo quando o sangue escorre de sua ferida. — Você não pode me matar, — diz ele.

Seu rosto muda do Homem Verde, ganhando outro grito de Mara. A rainha nem sabia que o homem com quem ela dormia não era seu marido.

O cabelo escuro e os olhos pretos escuros substituem o cabelo verde e as írises âmbar do Homem Verde.

— Quer saber um segredo? — Ele sussurra. — Janus tinha um gêmeo, um gêmeo que morreu. A primeira vez que você o conheceu, você estava realmente me conhecendo.

Eu vou para trás. Quer seja por dor ou perda de sangue, não consigo entender as palavras dele.

— Pergunte a si mesma, — ele diz, — os mortos realmente morrem?

Eu olho para o monstro que já arruinou tantas vidas, sentindo minha própria força vital se esvaindo de mim.

Ele alcança uma mecha do meu cabelo. — Totalmente singular… — ele respira.

Ele sorri para mim. — Este é o nosso joguinho - e acredite em mim, encantadora, está longe de acabar.

Uma rajada de vento varre a floresta, um demônio de poeira se elevando ao redor dele.

— Eu ainda vou atrás de você, — ele me promete. — Sua vida é minha.

Capítulo 53

OS OLHOS DO LADRÃO se fecham, o corpo dele parado.

É apenas quando sua vida sai dele, que suas características voltam para as do Homem Verde.

Agora que o Ladrão não anima mais o corpo do Homem Verde, o governante caído parece benevolente, gentil.

Mara passa por mim, caindo ao lado de seu parceiro morto. Ela chora sobre o Homem Verde, segurando o peito como se a perda a machucasse fisicamente.

Eu me levanto com as pernas trêmulas, uma das minhas mãos ainda pressionada contra o meu estômago.

Eu sinto minha própria vida se esvaindo de mim. Aquela escuridão horrível se arrasta das bordas da minha visão.

Eu cambaleio, depois caio. Des me pega antes que eu atinja o chão.

— Ele era o Ladrão...

—Ssshhh, — diz ele, me colocando no chão antes de tirar a camisa.

Efetivamente, ele a rasga em tiras, fazendo um tipo de torniquete para minha ferida.

É tarde demais para isso. Eu sei que o Ladrão destruiu coisas vitais quando me apunhalou. O soldado em Des também sabe disso.

Eu toco seu rosto cansado da batalha, olhando em seus olhos insondáveis. Eles são como um farol, me chamando para a vida. Mas as sombras estão se aproximando de mim...

— Eu te amo, Des.

— Você *não* está me deixando, Callie, —diz ele ferozmente.

Minha mão fria desliza de seu rosto, e eu me sinto começando a descer na escuridão final e eterna.

Capítulo 54

DESMOND FLYNN

Ela não vai morrer.

Ela não pode morrer.

Mas talvez ela morra...

Assim como minha mãe.

É isso que acontece com as mulheres corajosas. Mulheres fortes. Se você é digno o suficiente, elas vão sangrar por você.

Eles vão morrer por você.

Eu sinto minha garganta trabalhando.

Por favor, não de novo. Nunca mais.

E não *ela*. Minha parceira.

A vida era desoladora o suficiente sem minha mãe. Mas com Callie, com Callie tudo mudou. A vida era mil vezes mais doce do que eu imaginava.

Se ela morrer... não haverá como sobreviver.

Eu acaricio sua bochecha fria e úmida, desesperado para levar a vida de volta para ela. Ela olha para mim e há uma verdade tão brutal em sua expressão.

Ela sabe o que está acontecendo com ela.

Eu sinto meu coração se esmagando. Eu quase não consigo respirar com a dor. Muito pior que meus ferimentos.

Não foi assim que pensei que tudo acabaria. Mas tudo o que Callie é, tudo o que compõe sua essência, está desaparecendo.

Eu corro minha mão sobre o bracelete dela.

O bracelete dela! Enquanto ela vive, ela ainda está vinculada por seus votos.

Não sou contra explorá-los.

— Você *não* vai morrer, — eu comando.

Minha magia flui para fora de mim e uma miçanga começa a desaparecer... depois outra e outra. Ela dá em um suspiro trêmulo.

— Des, o que você está fazendo? — Ela pergunta, sem fôlego.

— Salvando você.

E pelos deuses, está funcionando.

Fileira após fileira de miçangas desaparecem.

Pegue todos elas, apenas traga ela de volta para mim.

As miçangas começam a desaparecer mais devagar e mais devagar até que finalmente param de desaparecer completamente.

Apenas um pouco mais de uma linha permanece.

Sua respiração ainda é tão superficial, e sua ferida não parou de sangrar.

Eu não sou curador, mas se a magia durar, então algo deve melhorar.

Mas isso não acontece.

E então, com um *whoosh*, a coisa toda se inverte.

A magia bate de volta no meu corpo, me balançando para trás, e as miçangas começam a se reformar uma a uma.

Nããããão!

Não consigo completar o feitiço.

Além do meu controle.

Os olhos de Callie se arregalaram, como se ela também sentisse isso.

Eu puxo o corpo dela para mais perto de mim, a balançando em meus braços, minha cabeça inclinada sobre a dela.

Eu nunca desmoronei na frente de Callie. Nem mesmo quando ela estava à mercê de Karnon. Mas agora eu desmorono.

Porque isso é real.

— Até a escuridão morrer, amor, — diz ela, sua voz fraca.

— Não. — Eu estou balançando a cabeça. — Mesmo quando isso acontecer, *não*. — A noite poderia morrer, e ela ainda seria minha.

Sempre minha.

Seus olhos se fecham.

— *Não*. — Eu digo mais enfaticamente.

Eu olho para cima, olhando cegamente ao redor. Este é o momento que eu temia desde que conheci minha parceira. O momento em que eu a perco.

Eu prefiro fazer algo imperdoável para mantê-la viva do que deixá-la cair silenciosamente na morte.

Algo imperdoável...

— Mara, onde está o vinho? O... O vinho lilás.

A rainha da Flora olha para cima de seu próprio parceiro morto, seus olhos opacos. — A adega real, — ela murmura, como se estivesse em transe. E então a atenção dela volta para o Homem Verde.

A adega real. Eu estive lá várias vezes ao longo dos séculos.

Demora um instante para deixar o lado de Callie e se materializar lá, e depois vários segundos preciosos para localizar as garrafas de vidro roxo.

Agarrando uma, eu desapareço, voltando para o lado da minha parceira.

Com um puxão rápido eu tiro a rolha do pescoço estreito da garrafa. Já

sinto um cheiro fraco e revelador do vinho.

Eu prometi a minha parceira que eu a protegeria deste lado de mim mesmo, o lado egoísta e imoral.

Eu menti.

A coisa é que sou uma fada e o filho de um rei tirano; eu sou descendente, sem dúvida, de demônios. Maldade está no meu sangue.

Pela primeira vez eu vou ceder aos pensamentos depravados que giram em torno da minha parceira.

O rosto de Callie está pálido, sua pele já fria. Seu pulso está fraco e palpitante.

Eu vou tirar a mortalidade da minha parceira como eu sempre imaginei.

Levando a garrafa aos seus lábios, inclino o vinho lilás na boca que não responde. Usando um pouco da minha magia, eu forço sua garganta a engoli-la.

Eu derramo tudo, até a última gota, minha mão nunca vacilando.

E então eu espero.

Eu penteio o cabelo dela para trás, depois acaricio suas asas iridescentes.

Nunca deveria tê-la trazido aqui. Nunca deveria ter reacendido o que tínhamos. Nunca deveria ter entrado em sua vida em *primeiro* lugar.

É um tipo peculiar de agonia, sabendo que o amor da sua vida estaria vivo se não fosse por você. A amar o suficiente para querer essa vida para ela, mesmo que isso signifique apagar tudo o que vocês tiveram juntos. Porque então, pelo menos, ela ainda estaria viva.

Movimento chama minha atenção para o pulso dela. Onde um minuto atrás minhas miçangas pretas reapareceram, fileiras e mais fileiras agora desaparecem mais uma vez.

Apenas a morte ou o pagamento podem cumprir um negócio. Morte ou pagamento.

Morte.

Medo - o medo verdadeiro, esmagador de coração e indutor de suor flui através de mim.

Ela realmente está me deixando.

Um abismo dentro de mim se abre, e está sendo preenchido com toda a minha dor, todo o meu medo, todo o sofrimento que eu tenho suportado ao longo desses longos séculos.

Solto um grito sufocado e passo a mão pelo rosto de Callie, a pele úmida de onde o vinho lilás se derramou.

Minha pele começa a formigar, coçando bem no meu peito. Minha magia se acumula ali, a pressão se acumula em tal intensidade que é quase dolorosa.

Do nada, sai de dentro de mim. Eu gemo, minhas costas se curvando com a sensação.

E então... e então sinto meu poder se fundir. Fundir com o poder de

outra pessoa.

Eu me inclino sobre o corpo de Callie, tomando várias respirações irregulares.

Eu procuro por suas feições. Eu estive em volta de magia arcaica por tempo suficiente para saber quando está trabalhando - como agora.

Segundos depois, o peito de Callie sobe, depois desce, sobe e depois desce.

Funcionou.

Mãos de Deus, *funcionou*.

Callie está viva.

Seu corpo se arqueia, seus pulmões arfando respiração após respiração. Diante dos meus olhos, a ferida se costura.

Eu olho para o céu acima de mim e rio uma vez, um som maníaco e selvagem. A noite, em todo o seu caos infinito, se move ao meu redor e através de mim.

Ela está viva e ela é *minha*. Realmente, verdadeiramente, inteiramente minha.

Eu esfrego meu peito, exatamente onde meu coração embala nossa conexão *completa*.

Minhas asas quebradas tentam se abrir com o meu triunfo, e eu nem mesmo registro a dor com toda a minha euforia.

Ela não é mortal, não mais, mas *eterna*.

Sua magia e a minha cantam juntas através do nosso vínculo.

Nada - *nada* – se sentiu tão bom assim.

Eu fiz dela uma de nós. É verdade que ela nunca será uma fada no sentido mais honesto do termo - suas orelhas arredondadas ainda são a prova disso - mas ela é imortal como nós, forte como nós, e sua mágica agora é compatível com a minha.

Eu olho para o pulso agora vazio de Callie, todas as miçangas dela sumiram.

Apenas a morte ou o pagamento podem cumprir um negócio. Morte *ou* pagamento. Minha exigência de que Callie vivesse, o vinho lilás que eu derramei em sua boca - cumpriu o fim da barganha.

— Você deu a ela o vinho, — murmura Mara de onde ela está agachada.

Eu aceno, não me incomodo em desviar o olhar da minha parceira.

— Algum arrependimento? — Ela pergunta.

— Eu faria isso de novo mil vezes.

Os erros podem ser perdoados. É da morte que não se pode retornar.

As últimas palavras de Mara permanecem no ar entre nós...

— Vamos rezar para que ela sinta o mesmo.

Capítulo 55

MEUS OLHOS SE abrem e eu pisco ao meu redor. Eu estou na mesma suíte que Des e eu ficamos durante todo o Solstício.

Eu estou *viva*.

Estranho. Eu pensei - pensei que tivesse morrido.

Mas eu não me sinto morta. Eu nem sinto a morte se aproximando, o que geralmente é o caso depois que eu tive minha bunda chutada várias e várias vezes.

Minha mão se move para o meu estômago. O Ladrão de Almas, a adaga no estômago - eu acabei de sonhar tudo?

Apressadamente, afasto as roupas que me cobrem. Lá, abaixo no meu abdômen, está uma fina cicatriz branca.

Não foi um sonho.

Eu me sento na cama.

Como eu poderia me recuperar de tal ferida?

Eu não me sinto muito diferente, considerando todas as coisas. Isso é, exceto…

Minha mão vai ao meu coração. Eu suspiro quando sinto um puxão que não tem nada a ver com a batida dele.

Os laços de alma gêmea são sempre descritos como se fossem cordas amarrando duas pessoas juntas. Agora eu entendo. Eu posso sentir o elo sob minhas costelas, estendendo a mão pelo mundo e me conectando com Des.

É só então que percebo a terceira esquisitice do dia...

Eu dormi de costas.

Eu levo minha mão as minhas costas para tocar minhas asas, mas elas se foram.

Como assim?

Para onde elas foram?

Eu olho para os meus antebraços e unhas. Ambos são total e completamente humanos.

Frenética, eu forço minhas escamas para fora. Para minha surpresa, sinto um puxão na minha conexão. Um momento depois, a pele do meu antebraço libera uma tonalidade dourada quando centenas de escamas

brilhantes tomam forma.

Isso não deveria ter acontecido.

Eu as afasto, e com outro puxão no laço que compartilho com Des, elas desaparecem, minha pele voltando ao normal.

Essa é a magia de Des. Eu posso sentir isso vibrando através de mim.

De alguma forma, ele me salvou e, no processo, nossa magia se unificou - nosso *vínculo* se unificou. Pelo menos, essa é a melhor teoria que tenho no momento.

Para testar, levanto o braço e tento usar minha magia emprestada para levitar o vaso de flores ao lado da cama. Além de vibrar um pouco, não faz nada.

Ok, talvez eu esteja errada.

— Nem saiu da cama direito e minha pequena querubim astuta já está explorando seu lado do vínculo.

O próprio homem aparece no limiar do nosso quarto, encostado na porta. Ele está vestindo uma camisa Def Leppard, calças e suas botas de couro, o cabelo loiro branco amarrado em um pequeno rabo de cavalo.

Minha roupa favorita.

Ao vê-lo, meu corpo floresce de excitação. — Des - estamos *conectados*...

Seu rosto inteiro se quebra em um sorriso. — Nós estamos.

Eu toco meu abdômen. — E você me curou. — Tudo em mim treme com vida. Eu me sinto nova e poderosa da maneira mais requintada. — Como você fez isso?

Temper? Ela me curou e arrumou nosso vínculo no processo? Eu não suspeitei que ela pudesse fazer uma coisa dessas.

— Eu tenho meus jeitos.

Des se afasta da parede, vindo para o meu lado. Toco o lado do rosto dele e ele encosta a bochecha na minha mão, fechando os olhos para saboreá-la.

— O que aconteceu?

— Enquanto eu lutava com meu pai, você lutava contra o Homem Verde.

— O Ladrão de Almas… — eu murmuro. Mesmo agora, o pensamento dele envia um arrepio através de mim.

Ele ainda está lá fora.

E o pai de Des... — Mas eu pensei que seu pai...

— Estava morto? — Ele termina por mim. Sua expressão escurece. — Eu também. — Os olhos de Des se distanciam.

— Onde ele está? — Pergunto — Lambendo suas feridas consideráveis, eu imagino, — diz o Negociador.

O que quer que tenha acontecido entre pai e filho, é claro o suficiente para ver que Des ganhou essa rodada. Também é claro que a vitória dele não lhe dá alegria.

Ele flexiona sua mandíbula. — Onde quer que ele esteja, uma coisa é

clara: ele está em aliança com o Ladrão de Almas.

Apenas de ouvir o nome do Ladrão volta minha atenção para minha situação imediata.

A ferida de faca no intestino. Toda aquela carne que o Ladrão rasgou quando ele arrastou sua lâmina pelo meu estômago. O frio que se instalou quando meu sangue saiu do meu corpo...

Eu me lembro de Des exigindo que eu ficasse viva. Eu ainda posso sentir os dedos fantasmas de sua magia tentando me impedir da morte.

Mas não funcionou. Eu lembro disso. Eu senti quando sua magia me libertou.

E ainda assim, aqui estou eu, *viva*.

Meu olhar vai para meu bracelete. Tudo o que me olha de volta é meu antebraço nu.

Por oito anos eu i usei e agora se foi.

Eu corro minha mão pelo meu pulso. — Cadê?

— Você cumpriu o resto do seu pagamento na noite passada. — Vivendo, ele quer dizer.

— Mas não funcionou.

— Eu encontrei outra... alternativa. — Ele diz isso quase desafiadoramente.

Eu esfrego meu braço, apreensão subindo pelas minhas costas. — Que alternativa?

Seu olhar prateado procura o meu.

Você já ouviu falar que o vinho lilás, o mais raro dos elixires das fadas, pode não apenas dar longevidade aos mortais, mas também curar os feridos, as palavras do Ladrão de Almas ecoam em minha mente.

— Só havia um caminho, — diz Des.

Eu já estou balançando a cabeça, uma onda de pavor me inundando. — *Não*, — eu sussurro.

É uma cura de todos os tipos, e se você beber... sua alma poderia ser minha para ser tomada.

— Eu te dei vinho lilás. — O Negociador normalmente sem remorso está me suplicando com os olhos para entender. — Eu não poderia deixar você morrer.

Os mortos realmente morrem?

Foi uma armadilha. Uma que o Ladrão de Almas planejou, e Des, o mestre dos truques, caiu direitinho.

Bebi o vinho e escapei da morte - por um preço.

Este é o nosso joguinho - e acredite em mim, encantadora, está longe de acabar.

Toda aquela magia negra que o Ladrão usa agora pode ser usada contra mim. Estou mais vulnerável como uma imortal do que como uma humana normal.

E o Ladrão de Almas sabe disso.

Eu ainda vou atrás de você, sua vida é minha.

Epílogo

NO FUNDO DA floresta de carvalhos sagrados da rainha, as árvores reais sangram, apodrecendo de dentro para fora. O som do cortar e os uivos sobrenaturais dos carvalhos enchem o ar. Árvore após árvore é cortada e os corpos de homens adormecidos são arrancados deles.

A Rainha da Flora está trancada em uma de suas torres, chorando por seu parceiro caído, seu harém desaparecido, seus carvalhos morrendo.

Um por um, cada grande Reino das fadas deixa o palácio da Flora, indo para casa do Solstício e levando consigo os camaradas adormecidos.

Todos estão sombrios, todos estão solenes.

Dias sombrios estão à frente.

Por todo Outromundo, estranhas crianças fatais esperam, seus olhos vidrados olhando para algum ponto distante.

Um oceano de caixões de vidro repousa em quatro terras distintas. As mulheres dentro deles imóveis, seus corpos embainhados em seus uniformes, suas armas colocadas em seus peitos. Meses e anos podem ter passado, mas a pele delas é tão flexível quanto no dia em que elas fecharam os olhos.

Elas dormem nas areias do tempo, esperando, esperando…

Está chegando.

Algo está chegando.

Dedos tremulam. Músculos se contraem.

Não está morto, mas também não está vivo - *ainda* não.

Os carvalhos sagrados gemem, seus galhos balançando enquanto uma rede de videiras recua de suas membranas internas.

Uma rachadura se forma ao longo de um dos caixões de vidro, formando uma teia de aranha na superfície transparente. A madeira lasca-se no centro de um carvalho. Uma criança diabólica sorri.

E então, como um, milhares de olhos se abrem.

A hora chegou.

Glossário

Arestys: Uma terra rochosa estéril que pertence ao reino da noite; conhecida por suas cavernas; a menor e mais pobre das seis ilhas flutuantes localizadas no Reino da Noite.

Barbos: Também conhecida como a cidade dos ladrões; a maior das ilhas flutuantes localizadas no Reino da Noite; ganhou uma reputação por seus salões de jogos, gangues, enseadas contrabandistas e tabernas.

Fronteiras: Área onde o dia encontra a noite; a fronteira entre o Reino do Dia e o Reino da Noite **Changelings:** Uma criança trocada ao nascer; pode alternativamente referir-se a uma criança fae criada na Terra ou a uma criança humana criada no Outromundo.

Fada das trevas: Uma fada que abandonou a lei.

Desmond Flynn: Regente do Reino da Noite; também conhecido como o Rei da Noite, Imperador das Estrelas Vespertinas, Senhor dos Segredos, Mestre das Sombras e Rei do Caos.

Fae: Um termo que denota todas as criaturas nativas do Outromundo.

Fada: As faes mais comuns no Outromundo; pode ser identificada por suas orelhas pontudas e, na maioria dos casos, asas; conhecida por seus truques, natureza secreta e temperamentos turbulentos.

Encanto: Hipnose mágica; torna a vítima suscetível a influência verbal; considerada uma forma de controle mental; empunhado por sirenes; eficaz em todos os seres terrestres; ineficaz em criaturas de outros mundos; proibido pela Casa das Chaves por causa de sua capacidade de tirar o consentimento de um indivíduo.

Homem verde: Rei consorte de Mara Verdana, Rainha da Flora.

Casa das Chaves: O corpo governante global do mundo sobrenatural; sede localizada em Castletown, Ilha de Man.

Ilha de Man: Uma ilha nas Ilhas Britânicas localizada entre a Irlanda a oeste e o País de Gales, Inglaterra e Escócia a leste; o epicentro do mundo sobrenatural.

Janus Soleil: Governante do Reino do Dia; também conhecido como o Rei do Dia, Senhor das Passagens, Rei da Ordem, Contador da Verdade e Portador da Luz.

Karnon Kaliphus: Governante do Reino da Fauna; também conhecido como o Rei da Fauna, Mestre dos Animais, Senhor do Coração Selvagem e Rei das Garras.

Reino do Dia: Outro reino que preside todas as coisas referentes ao dia; reino transitório; viaja pelo Outromundo, arrastando o dia com ele; localizado em frente do Reino da Noite; as onze ilhas flutuantes dentro dele são as únicas massas de terra que podem reivindicar residência permanente dentro do Reino do Dia.

Reino da Morte e da Terra Profunda: Reino do Outromundo que preside todas as coisas que morreram; reino estacionário localizado no subsolo.

Reino da Fauna: Outro reino que preside todos os animais; reino estacionário.

Reino da Flora: Outro reino que preside toda a vida vegetal; reino estacionário.

Reino de Mar: Outro reino que preside todas as coisas que residem em corpos de água; reino estacionário.

Reino da Noite: Outro reino que preside todas as coisas referentes à noite; reino transitório; viaja pelo Outromundo, arrastando a noite com ele; localizado em frente do Reino do Dia; as seis ilhas flutuantes dentro dele são as únicas massas de terra que podem reivindicar residência permanente dentro do Reino da Noite.

Linha ley: Estradas mágicas dentro e entre mundos que podem ser manipulados por certas criaturas sobrenaturais **Lephys:** Também conhecida como a cidade dos amantes; uma das seis ilhas flutuantes dentro do Reino do Dia; acredita-se que seja uma das cidades mais românticas do Outromundo.

Mara Verdana: Governante do reino de Flora; também conhecida como Rainha da Flora, Senhora da Vida, Senhora da Colheita e Rainha de Tudo Que Cresce.

Desafio do parceiro: Um duelo entre dois rivais pela mão de um parceiro; geralmente ritualístico, pois os laços de parceiro não podem ser transferidos.

Outromundo: Terra dos faes; acessível da terra através de linhas ley; conhecido por suas criaturas cruéis e reinos turbulentos.

Academia Peel: Internato sobrenatural localizado na Ilha de Man.

Phyllia e Memnos: Ilhas irmãs ligadas por ponte; localizado dentro do Reino da Noite; também conhecida como a Terra dos Sonhos e Pesadelos.

Pixie: Fae alado que são aproximadamente do tamanho de uma mão humana; como a maioria dos fae, são conhecidos por serem intrometidos, secretos e travessos.

Politia: A força policial sobrenatural; jurisdição global.

Portal: Portas ou pontos de acesso a linhas ley; pode se sobrepor vários mundos.

Sete Sagrados: Também conhecidos como os dias proibidos; os sete dias que cercam a lua cheia quando os shifters se afastam da sociedade; costume estabelecido devido a incapacidade de shifters para controlar sua transformação de humano para animal durante os dias mais próximos da lua cheia.

Somnia: Capital do Reino da Noite; também conhecida como a Terra do Sono e da Pequena Morte Vidente: Um sobrenatural que pode prever o futuro.

Shifter: Um termo geral para todas as criaturas que podem mudar de forma.

Sirene: Criatura sobrenatural de extraordinária beleza; exclusivamente feminina; pode encantar todos os seres terrestres para fazer o seu lance; propensa a tomar más decisões.

Comunidade sobrenatural: Um grupo que consiste em todas as criaturas mágicas que vivem na Terra.

Ladrão de Almas: O indivíduo responsável pelos desaparecimentos de guerreiros faes.

Lobisomem: Também conhecido como um licantropo ou shifter; um humano que se transforma em lobo; governado pelas fases da lua.